

KRISTIN CASHORE

GRACELING

O DOM EXTRAORDINÁRIO

ROCCO
JOVENS LEITORES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Créditos



Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

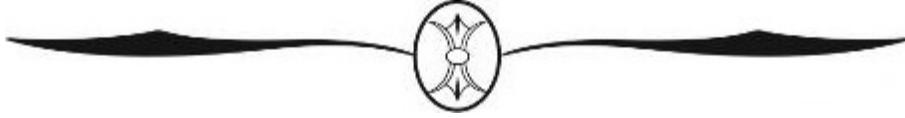
Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações Orkut -
<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>
Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>
Twitter - http://twitter.com/tradu_digital
Skoob – <http://skoob.com.br/usuario/mostrar/83127>

Para minha mãe, *Nedda Previtera Cashore* Que tem uma almôndega sublime, E meu pai *J. Michael Cashore*, Que é abençoado com a perda (e o encontro) de seus óculos.

Parte ❶



(A Lady Assassina)

Capítulo Um



Nestas masmorras a escuridão era completa, mas Katsa tinha um mapa em sua mente.

Um que tinha provado até agora estar correto, como os mapas de Olls tendem a ser. Katsa correu sua mão ao longo das paredes frias e portas e passagens enquanto ela ia. Virando quando era a hora de virar, parando finalmente antes de uma abertura que conteria uma escada ascendente.

Ela se agachou e sentiu a frente com suas mãos. Havia um degrau de pedra, úmido e escorregadio com musgo, e outro abaixo dela. Então esta era a escadaria de Oll. Ela só esperava que quando ele e Giddon a seguissem com suas tochas, eles vissem o musgo, fossem com cuidado, e não acordando os mortos pelo precipitado ruído dos passos.

Katsa esgueirou-se pela escada. Uma virada a esquerda e duas viradas a direita. Ela começou a ouvir vozes enquanto entrava em um corredor onde a escuridão tremeluzia com o laranja da luz de uma tocha fixada em uma parede. Do outro lado da tocha estava outro corredor onde, de acordo com Oll, em qualquer lugar dois a dez guardas deveriam estar vigiando, diante de uma determinada cela no fim do corredor.

Estes guardas eram a missão de Katsa. Foi para eles que ela tinha sido enviada primeiro.

Katsa arrastou-se em direção a luz e ao som das risadas. Ela podia parar e escutar, para ter a melhor noção de quantos ela enfrentaria, mas não havia tempo. Ela puxou seu capuz para baixo e oscilou em um canto do corredor. Ela quase tropeçou em suas

primeiras quatro vítimas, que estavam sentadas no chão em frente um do outro, suas costas contra a parede, pernas esticadas, o ar espesso com qualquer que fosse a bebida forte que eles tinham trazido aqui embaixo para passar o tempo enquanto eles vigiavam. Katsa chutou e golpeou as têmporas e pescoços, e os quatro homens caíram juntos no chão antes que o espanto tivesse se registrado em seus olhos.

Havia apenas mais um guarda, sentando antes das barras da cela no fim do corredor. Ele ficou de pé e deslizou a espada de sua bainha. Katsa andou em direção a ele, certa que a tocha às suas costas escondia sua face, e particularmente seus olhos da vista dele. Ela mediu seu tamanho, o modo que ele se movia, a firmeza do braço que segurava a espada em direção a ela.

“Pare aí. Está bem claro quem você é.” Sua voz era firme. Este era corajoso. Ele cortou o ar com sua espada, em aviso. “Você não me assusta.”

Ele disparou em direção a ela. Ela se abaixou debaixo da lâmina dele e girou o pé para fora, agarrando sua têmpora. Ele caiu no chão.

Ela passou por cima dele e correu para as barras, olhando para a escuridão na cela. Uma forma encolhida contra a parede atrás, uma pessoa muito cansada ou sentindo muito frio para se importar com a luta acontecendo. Braços envolvidos ao redor das pernas, e cabeça enfiada entre os joelhos. Ele estava tremendo – ela podia ouvir sua respiração. Ela se deslocou e a luz pairou sobre sua forma encurvada. Seu cabelo era branco e cortado rente a cabeça. Ela viu o brilho do ouro em sua orelha. O mapa de Oll os tinha servido bem, este homem que era um Lienid. Ele era a quem eles estavam procurando.

Ela puxou o trinco da porta. Trancada. Bem, isso não era uma surpresa, e não era seu problema. Ela apitou uma vez, baixo, como uma coruja. Ela estendeu o guarda corajoso em suas costas e jogou alguns de seus comprimidos em sua boca. Ela correu até o corredor, virou os quatro infelizes em suas costas, ao lado um do outro, e deixou cair uma pílula em cada boca.

Quando ela estava começando a se perguntar se Oll e Giddon tinha se perdido nas masmorras, eles apareceram no canto do corredor e deslizaram até ela.

“Quinze minutos, não mais.” Ela disse.

“Quinze minutos, minha senhora.” A voz de Oll era um retumbar. “Vá em segurança.”

As luzes de suas tochas se espalhavam nas paredes enquanto eles se aproximavam dela.

O homem Lienid gemeu e puxou seus braços para mais perto. Katsa pegou um vislumbre de suas roupas rasgadas e manchadas. Ela ouviu o cadeado tinir contra si mesmo. Ela teria gostado de esperar para vê-los abrirem a porta, mas ela era necessária em outro lugar. Ela enfiou um pacote de comprimidos em sua manga e correu.

Os guardas da cela informariam ao guarda da masmorra, e o guarda da masmorra informaria ao guarda da prisão. O guarda da prisão informaria ao guarda do castelo. O guarda noturno, ao guarda do rei, o guarda da muralha, e a guarda do jardim também informariam para a guarda do castelo. Tão logo um guarda percebesse a ausência do outro, o alarme seria acionado, e se Katsa e seus homens não estivessem longe o suficiente, tudo estaria perdido. Eles seriam perseguidos, haveria um derramamento de sangue, eles veriam seus olhos, e ela seria reconhecida. Então ela tinha que pegar todos eles. Oll tinha adivinhado que seriam vinte. Príncipe Raffin tinha feito para ela trinta comprimidos só no caso.

A maior parte dos guardas não deu a ela nenhum problema. Se ela pudesse se esgueirar sobre eles, ou se eles estivessem juntos em pequenos grupos, eles nunca saberiam o que os acertou. A guarda do castelo era um pouco mais complicada, por que cinco guardas defendiam seu escritório. Ela girou através deles, chutando e dando joelhadas e batendo, e a guarda do castelo pulou de sua guarita, explodindo através da porta e correndo para a luta.

“Eu conheço um Graceling quando eu vejo um.” Ele golpeou com sua espada, e ela rolou para fora do caminho. “Deixe-me ver a cor de seus olhos garoto, Eu irei cortar eles fora. Não pense que eu não vou.”

Deu a ela algum prazer em acertar ele em sua cabeça com o punho de sua faca. Ela agarrou seu cabelo, puxando ele para trás, e largou uma pílula em sua língua. Todos eles diziam isso, quando eles acordavam em suas dores de cabeça e sua vergonha, que o culpado tinha sido um garoto Graceling, agraciado com a luta, agindo sozinho. Eles assumiriam que ela era um garoto, porque em suas calças simples e capuz ela parecia com um, e por que quando as pessoas eram atacadas nunca ocorria a ninguém que poderia ter sido uma garota. E nenhum deles tinha vislumbrado Oll ou Giddon. Ela tinha visto isso.

Ninguém pensaria nela. Quem quer que seja a agraciada Lady Katsa pudesse ser, ela não era uma criminosa que se escondia por aí em pátios escuros a meia noite, disfarçada. E, além disso, ela supostamente estaria na rota leste. Seu tio Randa, rei dos Middluns, tinha a visto sair àquela manhã, a cidade inteira assistindo, com o capitão Oll e Giddon, lorde de Randa, escoltando-a. Apenas um dia de uma difícil cavalgada na direção errada tinha trazido a corte do rei Murgon.

Katsa correu através do pátio, passando os canteiros de flores, fontes e estátuas de mármore de Murgon. Era um pátio bem agradável, realmente, para um rei tão desagradável; ele rescendia a grama e ao solo rico, e a doçura do orvalho das flores. Ela correu através do pomar de maçãs de Murgon, uma trilha alongando de guardas drogados atrás dela. Drogados, não mortos, uma importante distinção. Oll e Giddon, e a maioria restante do conselho tinha desejado que ela os matasse. Mas na reunião para planejar esta missão, ela tinha argumentado que matar não ganharia mais tempo.

“Se eles acordarem?” Giddon tinha dito.

Príncipe Raffin tinha ficado ofendido. “Você duvida de minhas medicações. Eles não irão acordar.”

“Seria mais rápido matar eles,” Giddon tinha dito, seus olhos castanhos insistentes.

Cabeças no salão escuro tinham concordado.

“Eu posso fazer isso no tempo previsto,” Katsa tinha dito, e quando Giddon começou a protestar, ela levantou uma mão.

“Chega. Eu não vou matar eles. Se você os quer mortos, você pode mandar outra pessoa.”

Oll tinha sorrido e batido nas costas do jovem senhor. “Apenas pense, Lorde Giddon, será mais divertido para nós. O roubo perfeito, passar por toda a guarda de Murgon, e ninguém ferido? É um bom jogo.”

O salão tinha irrompido em risadas, mas Katsa não tinha nem mesmo um sorriso torto. Ela não mataria, não se ela não tivesse que fazê-lo. Um assassinato não podia ser desfeito, e ela tinha assassinado o suficiente. A maioria por seu tio. O rei Randa achava que ela era útil. Quando bandidos na fronteira estavam dando problemas, por que enviar um exército se você podia enviar um único representante? Era muito mais econômico. Mas ela tinha matado para o conselho também, quando não podia ser evitado. Dessa vez podia ser evitado.

Na extremidade do pomar ela esbarrou num guarda que era velho, tão velho, talvez, quanto o Lienid. Ele estava em um bosque de árvores sombrentes, inclinado sobre sua espada, suas costas para trás e dobradas. Ela passou de fininho por ele e parou. Um tremor sacudiu as mãos que descansavam no cabo de sua espada.

Ela não considerava bem um rei que não aposentava seus guardas ao conforto quando eles tinham ficado muito velhos para segurar uma espada firmemente. Mas se ela o deixasse, ele encontraria os outros que ela tinha abatido e acionaria o alarme. Ela o golpeou uma vez, forte, na nuca, e ele caiu e soltou uma arfada de ar. Ela o pegou e o deslizou ao chão, tão gentilmente quanto ela podia, e então largou um comprimido em sua boca. Ela levou um instante para correr seus dedos ao longo do calombo se formando no crânio dele. Ela esperava que sua cabeça fosse forte.

Ela tinha matado uma vez por acidente, uma lembrança presa em seu subconsciente. Era como sua graça tinha anunciado sua natureza, a uma década atrás. Ela tinha sido uma criança, mal tinha oito anos. Um homem que era algum tipo de primo distante tinha visitado a corte. Ela não tinha gostado dele – seu perfume forte, o modo que ele olhava atravessado às garotas que o serviam, o modo que seu olhar lascivo as seguia em torno da sala, o modo em que as

tocava quando ele pensava que ninguém estava olhando. Quando ele começou a prestar atenção em Katsa, ela tinha aumentado a cautela.

“Que belezinha,” ele tinha dito. “Os olhos dos graceling podem ser tão sem atrativos. Mas você, garota de sorte, parece bem. Qual é a sua graça, minha doçura? Contadora de histórias? Leitora de mentes? Eu sei. Você é uma dançarina.”

Katsa não sabia qual era sua graça. Algumas graças demoravam mais do que outras para vir à tona. Mas mesmo se ela soubesse, ela não teria se importado em discutir isso com seu primo. Ela tinha olhado com cara feia para o homem e se virado. Mas então a mão dele tinha deslizado em direção a sua perna, e a mão dela havia voado e batido no rosto dele. Tão forte e tão rápido que ela empurrou os ossos de seu nariz para o seu cérebro.

As senhoras da corte tinham gritado; uma tinha desmaiado. Quando eles o levantaram da piscina de sangue no chão, e acontecer dele estar morto, a corte cresceu em silêncio, recuando.

Olhos assustados – e não apenas as senhoras agora, mas aqueles dos soldados, dos lordes – todos dirigidos a ela. Era bom comer a comida do chefe do rei, que foi agraciado com a culinária, ou enviar seus cavalos ao agraciado veterinário. Mas uma garota agraciada com o assassinato.

Isto não era seguro.

Outro rei teria banido ela, ou a assassinado, mesmo se ela fosse a filha de sua irmã. Mas Randa era inteligente. Ele podia ver naquele tempo que sua sobrinha poderia servir a propósitos práticos. Ele a enviou para seus aposentos e a manteve lá por semanas como castigo, mas isso foi tudo. Quando ela surgiu, todos eles saíam de seu caminho. Eles nunca tinham gostado dela antes, por ninguém que fosse agraciado, mas pelo menos eles toleravam sua presença. Agora não havia nenhum fingimento de amizade.

“Cuidado com o olho azul e olho verde,” eles sussurrariam para os convidados. “Ela matou seu primo, com um golpe. Por que ele cumprimentou seus olhos.” Mesmo Randa saía de seu caminho. Um cão assassino poderia ser útil para ele, mas ele não queria que ele dormisse aos seus pés.

Príncipe Raffin era o único que procurava sua companhia.

“Você não vai fazer isso de novo, vai? Eu não acho que meu pai vai deixar você matar qualquer um que você quiser.”

“Eu nunca quis matar ele.” Ela disse.

“O que aconteceu?”

Katsa lembrou. “Eu senti como se estivesse em perigo. Então eu bati nele.”

Príncipe Raffin balançou a cabeça. “Você precisa controlar uma graça,” ele disse.

“Especialmente uma graça assassina. Você deve, ou meu pai vai nos impedir de nos ver um ao outro.”

Essa era uma idéia assustadora. “Eu não sei como controlá-la.”

Raffin considerou isto. “Você pode perguntar a Oll. Espiões do rei sabem como ferir sem matar. É como eles conseguem informações.

Raffin tinha onze, três anos mais velho que Katsa, e pelo seu nível jovem, muito sábio. Ela tomou seu conselho e foi a Oll, o grisalho capitão do rei Randa e seu principal espião. Oll não era tolo; ele sabia do medo da garota silenciosa com um olho azul e um verde. Mas ele também tinha alguma noção. Ele imaginou, como não tinha ocorrido a ninguém imaginar, se Katsa não tinha estado tão chocada quanto todos os outros pela morte de seu primo. E quanto mais ele pensava sobre isso, mais curioso ele se tornava sobre o potencial dela.

Ele começou seu treinamento impondo regras. Ela não podia praticar nele, e ela não praticaria em nenhum dos homens do rei. Ela praticaria em manequins que ela fez de sacos, costurados juntos e preenchidos com grãos. Ela praticaria em prisioneiros que Oll traria para ela, homens cujas mortes já estavam decretadas.

Ela praticou todos os dias. Ela aprendeu sobre sua própria velocidade e sua força explosiva. Ela aprendeu o ângulo, posição e intensidade de um golpe assassino versus um golpe mutilante. Ela aprendeu como desarmar um homem e como quebrar sua perna, e como girar o braço dele tão fortemente que ele iria parar de lutar e implorar para ser solto. Ela aprendeu como lutar com uma espada e com facas e adagas. Ela era tão rápida e focada, tão criativa, ela

podia descobrir um modo de vencer um homem desprevenido com os dois braços amarrados. Tal era sua graça.

Com o tempo seu controle aprimorou, e ela começou a praticar com os soldados de Randa – oito ou dez de uma vez, e em armaduras completa. Seu treino era um espetáculo: homens crescidos rosnando e fazendo barulho em torno de uma desajeitada, e desarmada criança, rodopiando e girando entre eles, os derrubando com uma joelhada ou uma mão que eles pareciam não ver vindo, até que eles já estivessem no chão. Às vezes, alguns membros da corte vinham para assistir seus treinos. Mas se ela pegasse seus olhares, os olhos deles desciam e eles se afastavam.

Rei Randa não se importava em sacrificar o tempo de Oll. Ele pensava no essencial. Katsa não seria útil se ela permanecesse descontrolada.

E agora, na corte do rei Murgon, ninguém podia criticar seu controle. Ela se movia através da grama ao lado dos caminhos de cascalho, rapidamente, silenciosamente. Por agora Oll e Giddon deveriam ter quase alcançado o muro do jardim, onde dois dos servos de Murgon, amigos do conselho, guardavam seus cavalos. Ela estava quase lá, ela via uma linha escura a frente, negra contra o céu negro.

Seus pensamentos divagaram, mas ela não estava sonhando acordada. Seus sentidos estavam alerta. Ela captava a queda de cada folha no jardim, o farfalhar de cada galho. E então ela se espantou quando um homem saiu da escuridão e agarrou-a pelas costas. Ele envolveu seu braço ao redor de seu peito e segurou uma faca na sua garganta. Ele começou a falar, mas nem por um instante ela amorteceu o braço dele, arrancou a faca de sua mão e jogou a espada no chão. Ela o arremessou a frente, sobre seus ombros. Ele aterrissou em pé.

Ele se virou para enfrentar ela. Seus olhares um no outro, cautelosamente, cada um não mais do que uma sombra do outro. Ele falou. “Eu ouvi falar de uma lady com esta graça em particular.”

Sua mente voou. Ele era agraciado, um lutador. Isso estava claro. E a menos que ele não tivesse sentido na mão que tinha tocado seu peito, ele sabia que ela era uma mulher.

A voz dele era grave e profunda. Havia uma cadência em suas palavras, não era um sotaque que ela conhecesse. Ela devia aprender quem ele era, então ela poderia saber o que fazer com ele.

“Eu não posso imaginar o que essa lady estaria fazendo tão longe de casa, correndo através do pátio do rei Murgon à meia noite.” Ele disse.

Ele se mexeu ligeiramente, colocando-se entre ela e a parede. Ele era mais alto do que ela era, e suave em seus movimentos, como um gato. Enganadoramente calmo, pronto para saltar.

Uma tocha no caminho captou o vislumbre de pequenos aros de ouro nas orelhas dele. E seu rosto era sem barba, como um Lienid.

Ela se deslocou e moveu, seu corpo pronto, como o dele. Ela não tinha muito tempo para decidir. Ele sabia quem ela era. Mas se ele era um Lienid, ela não queria matá-lo.

“Você não tem nada a dizer, senhora? Certamente você não acha que eu a deixarei passar sem uma explicação?” Havia algo de divertido em sua voz. Ela olhou para ele, calmamente. Ele esticou seus braços em um movimento fluído, e os olhos dela desfiaram as faixas de ouro que brilharam nos dedos dele. Isso foi o suficiente. Os aros em suas orelhas, os anéis, a cadência em suas palavras – eram o suficiente.

“Você é um Lienid” ela disse.

“Você tem uma boa visão,” ele disse.

“Não boa o suficiente para ver as cores de seus olhos.”

Ele riu. “Eu acho que eu sei as cores dos seus.”

O bom senso disse a ela para matá-lo. “Você é um que fala de estar longe de casa,” ela disse. “O que é que um Lienid faz na corte do rei Murgon?”

“Eu lhe direi minhas razões, se você me disser as suas.”

“Não vou te dizer nada e você deve me deixar passar.”

“Devo?”

“Se não eu irei forçar você.”

“Você acha que pode?”

Ela fintou a sua direita, e ele oscilou, facilmente. Ela fez novamente, mais rápido. De novo, ele escapou dela facilmente. Ele era muito bom. Mas ela era Katsa.

“Eu sei que eu posso,” ela disse.

“Ah,” A voz dele era divertida. “Mas isso pode levar horas.”

Por que ele estava brincando com ela? Por que ele não acionava o alarme? Talvez ele fosse um criminoso, um criminoso agraciado. E se isso, isso o fazia um aliado ou um inimigo? Um Lienid não aprovaria o resgate dela a um prisioneiro Lienid? Sim – a menos que ele fosse um traidor. Ou a menos que este Lienid nem mesmo soubesse o conteúdo das masmorras de Murgon – Murgon que tinha mantido o segredo tão bem.

O conselho diria para ela o matar. O conselho diria a ela que ela os poria em risco se ela deixasse um homem vivo que soubesse sua identidade. Mas ele não era como qualquer outro bandido que ela tenha encontrado. Ele não parecia brutal ou estúpido ou ameaçador.

Ela não podia matar um Lienid enquanto resgatava outro.

Ela era uma tola e provavelmente se arrependeria, mas ela não faria isso.

“Eu confio em você,” ele disse, de repente. Ele saiu do seu caminho e acenou para ela ir em frente. Ela achou ele muito estranho, e impulsivo, mas ela viu que ele tinha relaxado sua guarda, e ela não era uma que perdia uma oportunidade. Em um instante ela impulsionou seu chute e acertou ele na testa. Os olhos dele se alargaram em surpresa, e ele caiu no chão. Um fio de sangue escorria por sua testa, passando a sua orelha. O pescoço de sua camisa estava aberta, e a luz da tocha oscilava ao longo da linha de sua clavícula.

Ela o afastou, seus membros em um sono pesado. “Mas eu não sei o que pensar de você, e eu já arrisquei o suficiente, deixando você vivo.” Ela escavou seus comprimidos de sua manga, largando um na boca dele. Ela virou seu rosto para a luz da tocha. Ele era mais jovem do que ela pensava, não mais velho do que ela, dezenove ou vinte no máximo.

Que tipo estranho. Talvez Raffin soubesse quem ele era.

Ela se mexeu. Eles estariam esperando.

Ela correu.

Eles cavalgaram com dificuldade.

A estrada era difícil. Eles amarraram o velho no seu cavalo, pois ele estava tão fraco que não se firmaria. Eles pararam uma vez apenas, para envolvê-lo em mais cobertores.

Katsa estava impaciente para continuar. “Ele não sabe que estamos em pleno verão?”

“Ele está congelando, minha senhora.” Oll disse. “Ele está tremendo, ele está doente. Não vai adiantar se nosso resgate matar ele.”

Eles falaram em parar; fazer uma fogueira, mas não havia tempo. Eles tinham que alcançar a cidade de Randa antes do dia terminar ou eles seriam descobertos.

Talvez eu devesse tê-lo matado, ela pensou enquanto eles disparavam na floresta escura.

Talvez eu devesse tê-lo matado. Ele sabia quem eu era.

Mas ele não parecia ameaçador ou suspeito. Ele tinha sido mais curioso do que outra coisa. Ele tinha confiado nela.

Então de novo, ele não sabia da trilha de guardas drogados que ela tinha deixado em seu rastro; e ele não confiaria nela mais uma vez, assim que ele acordasse daquela marca de um golpe em sua cabeça.

Se ele disse ao rei Murgon de seu encontro, e se Murgon dissesse ao rei Randa, as coisas poderiam ficar muito complicadas para Lady Katsa. Randa nada sabia do prisioneiro Lienid, muito menos de Katsa fazendo bico como salva-vidas.

Katsa sacudiu-se em frustração. Esses seus pensamentos não ajudariam, e isto estava feito agora. Eles precisavam levar o avô em segurança e calor, para Raffin. Ela se contraiu em sua sela e instigou seu cavalo para o norte.

Capítulo Dois



Era uma terra de sete reinos. Sete reinos, e sete reis completamente imprevisíveis. Por que em nome de tudo o que era razoável, alguém iria seqüestrar o príncipe Tealiff, o pai do rei Lienid? Ele era um homem velho. Ele não tinha poder, não tinha nenhuma ambição, ele nem mesmo estava bem. A verdade era que ele passou a maior parte de seus dias sentado junto ao fogo, ou ao sol, olhando para o mar, brincando com seus bisnetos, e sem incomodar a ninguém.

O povo de Lienid não tinha inimigos. Eles vendiam seu ouro a quem quer que tivesse as mercadorias para o comércio por eles; eles plantavam seus próprios frutos e criavam sua própria sorte; eles mantinham a si mesmos em sua ilha, um oceano os removeu dos outros seis reinos.

Eles eram diferentes. Eles tinham uma aparência distinta de cabelos escuros e costumes distintos, e eles gostavam de seu isolamento. Rei Ror de Lienid era o menos problemático dos sete reis. Ele não fazia tratados com os outros, mas ele não fazia guerra, e governava seu povo de forma justa.

Esta rede de espões do Conselho tinha localizado o pai do rei Ror nas masmorras do rei Murgon em Sunder, que nada respondeu. Murgon tendia a não criar problemas entre os reinos, mas com suficiente freqüência ele era uma parte do problema, o agente de outro criminoso desde que o dinheiro fosse bom. Sem dúvida, alguém tinha pagado para prender o avô Lienid. A pergunta era, quem?

O tio de Katsa, Randa, rei dos Middluns, não estava envolvido neste problema em particular. O Conselho podia estar certo disso, para Oll que era o espião de Randa e seu confidente. Graças a Oll, o Conselho sabia tudo o que havia para se saber de Randa.

Na verdade, Randa freqüentemente cuidava de não se envolver com os outros reinos. Este reino era situado entre Estill e Wester em um eixo e entre Nander e Sunder no outro. Era uma posição muito frágil para alianças.

Os reis de Wester, Nander e Estill eram a fonte de maior parte dos problemas. Eles foram lançados no mesmo molde de cabeças quentes, todos ambiciosos. Todos irrefletidos e sem coração e inconstantes. Rei Birn de Wester e rei Drowden de Nander poderiam formar uma aliança e aniquilar o exército de Estill na fronteira do norte, mas Wester e Nander jamais poderiam trabalhar juntos por muito tempo. Subitamente um ofendia o outro, e Wester e Nander tornavam-se inimigos de novo, e Estill se juntaria a Nander para esmagar o exército de Wester.

E os reis não eram melhores para seu próprio povo do que eles eram um com o outro.

Katsa se lembrava dos agricultores de Estill que ela e Oll tinham tirado secretamente de suas prisões temporárias em um estábulo uma semana antes. Os agricultores estillan que não podiam pagar o tributo para seu rei, Thigpen, por que o exército de Thigpen tinha pisoteado seus campos no seu caminho para atacar uma aldeia Nanderan. Thigpen deveria ter sido o único a pagar aos fazendeiros; mesmo Randa teria admitido isso, que o seu próprio exército tinha feito o dano. Mas Thigpen tencionava tardar os fazendeiros ao não pagamento do tributo. Sim, Birn, Drowden, e Thigpen mantinham o conselho ocupado.

Não havia sido sempre assim. Wester, Nander, Estill, Sunder, e os Middluns – os cinco reinos internos – tinham uma vez sabido como coexistir pacificamente. Séculos atrás todos eles tinham sido de uma mesma família, governada por três irmãos e duas irmãs que tinham conseguido negociar suas ambições sem recorrer à guerra. Mas qualquer reconhecimento do antigo vínculo familiar tinha se perdido agora. Os povos dos reinos ficavam a mercê da natureza daqueles

que passaram a serem seus governantes. Era uma aposta, e a geração atual não podiam fazer uma mão vencedora¹.

O sétimo reino era Monsea. As montanhas colocavam Monsea separada dos outros, como o oceano fazia com Lienid. Leck, o rei de Monsea, era casado com Ashen, a irmã do rei Ror de Lienid. Leck e Ror compartilhavam o desagrado pelas disputas dos outros reinos. Mas isso não forçava uma aliança, para Monsea e Lienid que eram muito distantes um do outro, tão independentes, muito desinteressados nos feitos dos outros reinos.

Não se sabia muito sobre o reino de Monsea. Rei Leck era muito querido pelo seu povo e tinha uma ótima reputação pela bondade com as crianças, animas e todas as criaturas indefesas.

A rainha de Monsea era uma mulher gentil. O que se dizia era que ela tinha parado de comer no dia em que ela ouviu falar do desaparecimento do avô de Lienid. É claro, o pai do rei Lienid era seu pai também.

Tinha sido Wester ou Nander ou Estill que tinham raptado o avô Lienid. Katsa não podia pensar em outra possibilidade, a menos que o próprio Lienid estivesse envolvido. Uma idéia que poderia parecer ridícula, se não fosse o homem Lienid no pátio de Murgon. Suas jóias eram ricas.

Ele era um nobre de algum tipo. E qualquer convidado de Murgon garantia a suspeita.

Mas Katsa não achou que ele estivesse envolvido. Ela não podia explicar isto, mas era o que ela sentia.

Por que o avô Tealiff tinha sido roubado? Que importância concebível ele poderia ter?

Eles alcançaram a cidade de Randa antes que o sol o fizesse, mas não realmente. Quando os cascos dos cavalos bateram nas pedras das estradas da cidade, eles diminuíram seu ritmo.

Alguns da cidade já estavam acordados. Eles não podiam irromper através das ruas estreitas, não podiam se tornar notáveis.

Os cavalos os levaram pelos barracos de madeira e casas, fundições de pedra, lojas com suas janelas fechadas. Os prédios eram organizados, e a maioria deles tinham sido recentemente

pintados. Não havia miséria na cidade de Randa. Randa não tolerava miséria.

Quando as ruas começaram a voltar à vida, Katsa desmontou. Ela passou suas rédeas para Giddon e pegou as rédeas do cavalo de Tealiff. Giddon e Oll desceram uma rua que levava ao leste da floresta. Um avô a cavalo e um garoto ao seu lado subindo o castelo, tinha menos possibilidade de serem notados do que quatro cavalos e quatro cavaleiros. Oll e Giddon cavalgariam para fora da cidade e esperariam por ela nas árvores. Katsa iria entregar Tealiff ao príncipe Raffin, através de uma entrada em uma seção extinta das muralhas do castelo, cuja existência Oll mantinha cuidadosamente longe da atenção de Randa.

Katsa puxou os cobertores do velho mais firmemente ao redor de sua cabeça. Ainda estava bastante escuro, mas ela podia ver os aros nas orelhas dele, então outros poderiam ver eles também. Ele deitado sobre um cavalo, uma forma amontoada, se dormindo ou inconsciente ela não sabia. Se ele estivesse inconsciente, então ela não podia pensar em como eles iriam conduzir a última parte da jornada, acima em uma escada desmoronando na muralha de Randa, onde o cavalo não podia ir. Ela tocou seu rosto. Ele se mexeu e começou a tremer novamente.

“Você deve acordar, príncipe,” ela disse. “Eu não posso carregá-lo pelos degraus do castelo.”

Uma luz cinza refletiu em seus olhos enquanto eles se abriam, e sua voz tremia com o frio.

“Onde eu estou?”

“Esta é a cidade de Randa, em Middlun,” ela disse. “Nós estamos quase em segurança.”

“Eu não acho que Randa é o tipo que conduz missões de resgate.” Ela não esperava que ele fosse tão lúcido.

“Ele não o faz.”

“Humph. Bem, eu estou acordado. Você não precisará me carregar. Lady Katsa, não é?”

“Sim, príncipe.”

“Eu ouvi falar de você, que tem um olho verde como a grama de Middluns e o outro olho azul como o céu.”

“Sim, príncipe.”

“Eu ouvi falar que você pode matar um homem com a unha do seu dedo mínimo.”

Ela sorriu. “Sim, príncipe.”

“Faz mais fácil?”

Ela olhou de soslaio para sua forma encurvada na sela. “Eu não te entendo.”

“Por ter olhos bonitos. Será que alivia a carga de sua graça, saber que você tem olhos bonitos?”

Ela riu. “Não, príncipe. Eu ficaria feliz em fazer sem ambos.”

“Acho que lhe devo minha gratidão,” ele disse, e então caiu em silêncio.

Ela queria perguntar, para quê? Para que nós resgatamos você? Mas ele estava doente e cansado e ele pareceu dormir novamente. Ela não quis importuná-lo. Ela gostou desse avô de Lienid. Não havia muitas pessoas que queriam falar sobre sua graça.

Eles subiram os telhados sombreados e as portas. Ela estava começando a sentir a noite sem dormir, e ela não descansaria de novo por horas. Ela repetiu as palavras do avô em sua cabeça. Seu sotaque era como o do homem, o homem Lienid no pátio.

No final ela o carregou, quando a hora chegou, ela não pode acordá-lo. Ela passou as rédeas do cavalo para uma criança agachada ao lado da muralha, uma garota cujo pai era um amigo do Conselho. Katsa tombou o velho em seu ombro e titubeou, um passo de cada vez, acima dos destroços da escadaria. O trecho final era praticamente na vertical. Apenas a ameaça da iluminação do céu a mantinha continuando; ela nunca tinha imaginado que um homem que parecia que era feito de pó pudesse ser tão pesado.

Ela não teve fôlego para produzir o baixo assobio que era para ser seu sinal para Raffin, mas não importou. Ele ouviu sua aproximação.

“A cidade inteira deve ter ouvido sua aproximação,” ele sussurrou. “Honestamente, Kat. Eu não esperava que você fosse capaz de tal algazarra.” Ele se inclinou e relaxou a carga sobre seus ombros finos. Ela se inclinou contra a parede e tomou seu fôlego.

“Minha graça não me dá a força de um gigante,” ela disse. “Sua falta de graça não entende. Você acha que se nós temos uma graça, nós temos todas elas.”

“Eu provei de seus bolos, e me lembro das costuras a mão que você costumava fazer. Eu não questiono o bom número de graças que tem te ignorado.” Ele riu para ela à luz cinza, e ela sorriu de volta. “Foi como planejado?”

Ela se lembrou do Lienid no pátio. “Sim, a maior parte.”

“Vá agora,” ele disse, “e em segurança. Eu vou tomar conta desse aqui.”

Ele se virou e se arrastou para dentro com seu pacote vivo. Ela correu pelos degraus quebrados e deslizou para o caminho que conduzia ao leste. Ela tirou seu capuz e correu em direção ao céu cor de rosa.

Capítulo Três



Katsa correu passando as casas e barracões, lojas e pousadas. A cidade estava acordando, as ruas cheiravam a pão. Ela passou o leiteiro, meio dormindo em sua carroça, seu cavalo suspirando diante dele.

Ela se sentia leve sem seu fardo, e a estrada inclinava-se abaixo. Ela correu silenciosamente e rápido para os campos ao leste e manteve-se correndo. Uma mulher carregando baldes de uma fazenda, as alças penduradas em uma canga equilibrada em seus ombros.

Quando as árvores começaram, Katsa diminuiu. Ela tinha que se mover cuidadosamente agora, para não quebrar os galhos ou deixar pegadas e criar uma trilha direta para o local de encontro. O caminho já parecia um pouco utilizado. Oll e Giddon e os outros do conselho nunca eram tão cuidadosos quanto ela, e é claro que os cavalos não podiam impedir a criação de um caminho. Eles precisariam de um novo lugar de reuniões em breve.

No momento em que ela rompeu adentro da mata cerrada que era seu esconderijo, já era dia. Os cavalos pastavam. Giddon deitado no chão. Oll encostado contra uma pilha de alforjes.

Ambos estavam dormindo.

Katsa abafou seu aborrecimento e passou para os cavalos. Ela cumprimentou os animais e levantou suas patas, uma a uma. Para checar por rachaduras e cascalho. Eles tinham feito bem, os cavalos, e pelo menos eles sabiam bem não cair no sono na floresta, tão perto da cidade e a tal distância de onde Randa supunha que eles estavam. Sua montaria relinchou e Oll agitou-se atrás dela.

“E se alguém tivesse descoberto você, ” ela disse, “dormindo na beira da floresta quando vocês deveriam estar a meio caminho da fronteira a oriente?” Ela falou em sua sela e arranhou o ombro de seu cavalo. “Qual explicação você teria dado?”

“Eu não queria dormir, minha senhora.” Oll respondeu.

“Isso não alivia.”

“Nós não temos sua resistência, minha senhora, especialmente aqueles que têm cabelo grisalho. Vamos agora, nenhum dano foi feito.” Ele balançou Giddon, que respondeu cobrindo seus olhos com as mãos. “Acorde, meu senhor. É melhor nós irmos.”

Katsa não disse nada. Ela pendurou seus alforjes e esperou pelos cavalos.

Oll trouxe os alforjes restantes e se apressou colocando-os no lugar. “Príncipe Tealiff está a salvo, minha senhora?”

“Ele está seguro.”

Giddon tropeçou, coçando sua barba castanha. Ele desembrolhou um pedaço de pão e o estendeu para ela, mas ela sacudiu sua cabeça. “Eu vou comer mais tarde.” Ela disse.

Giddon cortou um pedaço e o entregou a Oll. “Você está zangada por que nós não estávamos executando exercícios de força quando você chegou Katsa? Nós deveríamos estar fazendo ginástica nos topos das árvores?”

“Você poderia ter sido pego, Giddon. Vocês poderiam ter sido vistos, e então, o que seria?”

“Nós teríamos pensado em alguma história,” Giddon disse. “Você teria nos salvo, como você faz com todo mundo.” Ele sorriu, seus olhos quentes iluminando seu rosto que era confiante e bonito, mas não conseguiu agradar Katsa no momento. Giddon era mais jovem do que Raffin, forte, e um bom cavaleiro. Ele não tinha desculpas por dormir.

“Vamos meu senhor.” Oll disse. “Vamos comer nosso pão na sela. Caso contrário, nossa senhora irá partir sem nós.”

Ela sabia que eles brincavam com ela. Ela sabia que eles pensavam que era muito crítica.

Mas ela também sabia que não teria sido permitido a ela dormir quando era inseguro fazê-lo.

Então, novamente, eles nunca teriam permitido um Lienid agraciado vivo. Se eles soubessem ficariam furiosos, e ela não seria capaz de oferecer qualquer desculpa racional.

Eles traçaram seu caminho por uma das passagens da floresta que ficava em paralelo com a estrada principal e dispunha ao oriente. Eles puxaram seus capuzes e guiaram seus cavalos com dificuldade. Depois de alguns minutos, o martelar dos cascos a cercaram. A irritação de Katsa diminuiu. Ela não podia estar preocupada por muito tempo quando ela estava se movendo.

As florestas ao sul de Middluns davam passagem a colinas, baixos morros primeiro que cresciam enquanto eles se aproximavam de Estill. Eles pararam apenas uma vez, ao meio dia, para trocar seus cavalos em uma pousada que tinha oferecido seus serviços ao Conselho.

Com cavalos novos eles fizeram um bom tempo, e ao cair da noite eles se aproximaram da fronteira Estillan. Com um início cedo eles poderiam alcançar o estado Estilan que era seu destino, no meio da manhã, fazer seu negócio para Randa, e então retornar. Eles podiam viajar em um ritmo razoável e ainda retornar para cidade Randa antes do anoitecer do dia seguinte, que era quando eles eram esperados. E então Katsa saberia se o príncipe Raffin tinha descoberto alguma coisa com o avô Lienid.

Eles fizeram acampamento contra um enorme penhasco que fendia através da base de uma das colinas a leste. Houve uma friagem à noite, mas eles decidiram por não, contra uma fogueira. Mischief escondia-se nas colinas ao longo da fronteira Estillan, e apesar de estarem seguros com dois homens armados e Katsa, não havia razão para atrair problemas. Eles comeram uma ceia de pão, queijo, e água de seus cantis, e então subiram em seus sacos de dormir.

“Eu dormirei bem esta noite,” Giddon disse, bocejando. “É sorte que a pousada apresentou-se ao Conselho. Nós teríamos cavalgado os cavalos até arruiná-los.”

“Isso me surpreende, os amigos que o Conselho está encontrando.” Disse Oll. Giddon se apoiou sobre seu cotovelo. “Você

esperava isso Katsa? Você achava que o seu Conselho se espalharia como tem feito?”

O que ela esperava quando ela iniciou o Conselho? Ela tinha imaginado a si mesma, sozinha, deslizando através de passagens e em torno de esquinas, uma força invisível trabalhando contra a falta de inteligência dos reis. “Eu nunca imaginei ele se espalhando além de mim.”

“E agora nós temos amigos em quase cada reino,” Giddon disse. “Pessoas abrindo suas casas. Você sabia que os senhores das fronteiras de Nanderan trouxeram um vilarejo inteiro atrás de suas paredes, quando o Conselho soube de um grupo Westeran invasor? A vila foi destruída, mas cada um deles sobreviveu.” Ele deitou ao seu lado e bocejou novamente. “Isso é animador.

O Conselho faz bem.”

Katsa deitou-se de costas e escutou a respiração estável dos homens. Os cavalos também dormiam. Mas não Katsa. Dois dias de cavalgada difícil e uma noite em claro no meio, e ela estava acordada. Ela observou as nuvens voando através do céu, apagando as estrelas e as revelando novamente. O ar da noite soprava e fazia a grama sussurrante.

A primeira vez que ela tinha ferido alguém por Randa tinha sido em uma vila de fronteira, não muito longe deste acampamento. Um senhor de Randa tinha sido exposto como um espião a serviço do rei Thigpen de Estill. A acusação era traição, e a punição foi a morte. O senhor fugiu em direção a fronteira Estillan.

Katsa tinha apenas dez anos de idade. Randa tinha vindo a um de seus treinos e observado ela, um sorriso desagradável em seu rosto. “Você está pronta para fazer algo útil com sua graça, garota?” Ele gritou para ela.

Katsa parou seu chute e girou e ficou imóvel, impressionada pela idéia de que sua graça poderia ter qualquer uso benéfico.

“Hmm,” Randa disse, sorrindo para seu silêncio. “Sua espada é a única coisa brilhante em você. Preste atenção, garota. Eu estou enviando você atrás deste traidor. Você vai matá-lo em público, usando suas mãos, sem armas. Apenas ele, e ninguém mais. Eu

estou certo que todos nós esperamos que você tenha aprendido a controlar sua sede de sangue até agora.”

Katsa se encolheu de repente, pequena demais para falar, mesmo se ela tivesse algo a dizer. Ela entendeu sua ordem. Ele recusou a ela o uso de armas por que ele não queria que o homem morresse de forma limpa. Randa queria um sangrento espetáculo angustiante, e ele esperava que ela o fornecesse.

Katsa se dispôs com Oll e uma escolta de soldados. Quando os soldados pegaram o lorde, eles o arrastaram para a praça da vila mais próxima, onde um semicírculo de pessoas assistiam assustadas. Katsa instruiu aos soldados que fizessem o homem se ajoelhar. Em um movimento partiu o seu pescoço. Não houve sangue, não houve mais do que um instante de dor. A maioria da multidão nem percebeu o que tinha acontecido.

Quando Randa ouviu o que ela tinha feito, ele ficou zangado, zangado o suficiente para ele a chamar em sua sala do trono. Ele olhou abaixo para ela e se levantou de seu lugar, seus olhos azuis e duros, seu sorriso nada mais do que os dentes descobertos. “Qual é o ponto de uma execução pública,” ele disse. “se o público perde a parte onde o companheiro morre? Eu posso ver que quando eu der ordens, eu terei que compensar por sua inaptidão mental.”

Depois daquilo suas ordens incluíram especificações: sangue e dor, por este ou aquele período de tempo. Não havia outro modo que ele quisesse. O mais, Katsa fez o melhor que ela conseguia. E Randa conseguiu o que desejou, sua reputação se espalhou como um câncer.

Todos sabiam o que vinha para aqueles que cruzassem o caminho do rei Randa de Middluns.

Depois de um tempo Katsa esqueceu o desafio. Tornou-se muito difícil de imaginar.

Em muitas de suas viagens para executar as tarefas de Randa, Oll disse a garota as coisas que os espões de Randa descobriam quando atravessavam outros reinos. Jovens garotas haviam desaparecido de um vilarejo Estillan e reapareciam semanas depois em um bordel Westeran. Um homem preso em um calabouço Nanderan como punição pelos assaltos de seu irmão, pois seu irmão

estava morto, e alguém tinha que ser punido. Um imposto que o rei de Wester tinha decidido impor aos vilarejos de Estill – um imposto que os soldados de Wester coletavam, matando os aldeões de Estillan e esvaziando seus bolsos.

Todas essas histórias os espiões de Randa informavam ao seu rei, e todas elas Randa ignorava. Agora, um lorde de Middluns que tinha escondido a maioria de sua colheita, a fim de pagar um tributo menor do que ele devia? Aqui era uma notícia que valia a pena, aqui estava um problema relevante para os Middluns, Randa enviou Katsa para rachar a cabeça do lorde.

Katsa não podia dizer de onde a percepção tinha vindo, mas uma vez que ela empurrou o seu caminho dentro de sua mente, ela não sairia. O que ela poderia ser capaz de fazer – se ela agisse por vontade própria e fora do domínio de Randa? Era algo que ela pensava, algo que a distraía enquanto ela quebrava dedos para Randa e girava o braço de homens em suas juntas. E quanto mais ela considerava a questão, mais urgente isso se tornava, até ela pensar que arderia e queimaria na frustração de não fazê-lo.

Em seu décimo sexto ano, ela trouxe a idéia para Raffin. “Poderia funcionar,” ele disse. “Eu ajudarei você, é claro.”

O próximo foi Oll. Oll era cético, até mesmo alarmado. Ele costumava trazer suas informações para Randa, então Randa poderia decidir que ação tomar. Mas ele viu o lado dela eventualmente, lentamente, uma vez que ele entendeu que Katsa estava determinada em fazer esta coisa com, ou sem ele, e, uma vez que ele se convenceu de que não faria mal ao rei não saber cada movimento que seu chefe de espionagem dava.

Em sua primeira missão, Katsa interceptou uma pequena companhia de salteadores a meia-noite, que o rei de Estillan tinha posto em seu próprio povo, e enviou-os fugindo para as colinas. Foi o mais feliz e emocionante momento em sua vida.

O próximo, Katsa e Oll resgataram alguns garotos Westeran escravizados em uma mina de ferro de Nanderan. Uma ou duas mais escapadas e as notícias de suas missões começaram a chegar a canais úteis. Alguns dos companheiros espiões de Oll se juntaram a

causa, e um ou dois lordes da corte de Randa, como Giddon. A esposa de Oll, Bertol, e outra mulher do castelo.

Eles estabeleceram encontros regulares que tiveram lugar em salas isoladas. Havia uma atmosfera de aventura nos encontros, de perigosa liberdade. Parecia como um jogo, muito maravilhoso, para ser real, Katsa pensava às vezes. Só que era real. Eles não apenas falavam sobre subversão, eles a planejavam e a executavam.

Inevitavelmente ao longo do tempo eles atraíram aliados fora da corte. Os honestos, entre os senhores das fronteiras de Randa, que estavam cansados de ficar sentados enquanto as vilas vizinhas eram saqueadas. Senhores de outros reinos, e seus espiões. E pouco a pouco, o povo – donos de hospedarias, ferreiros, fazendeiros. Todos que estavam cansados de reis tolos. Todos que estavam dispostos a tomar um pequeno risco para diminuir os danos de suas ambições, desordem e ilegalidade.

Esta noite, em seu acampamento na fronteira Estillan, Katsa piscou para o céu, bem acordada, e pensou sobre como o Conselho tinha se tornado grande, quão rápido ele tinha se espalhado, como uma das vinhas na floresta de Randa.

Estava fora de seu controle agora. As missões eram efetuadas em nome do Conselho em lugares que ela nunca tinha estado, sem sua supervisão, e tudo isso se tornou perigoso. Uma descuidada palavra falada por uma criança de algum hospedeiro, um encontro infeliz no mundo entre duas pessoas que nunca tinham se encontrado e tudo viria abaixo. Suas missões terminariam, Randa veria. E então, mais uma vez, ela seria não mais do que o braço forte do rei.

Ela não deveria ter confiado no estranho Lienid.

Katsa cruzou seus braços sobre seu peito e olhou para as estrelas. Ela gostaria de pegar seu cavalo e correr ao redor das colinas em círculos. Isso acalmaria sua mente a esgotando. Mas esgotaria seu cavalo também, e ela não iria deixar Oll e Giddon sozinhos. E, além disso, não era de fazer essas coisas. Não era normal.

Ela bufou, e então escutou para ter certeza de que ninguém acordou. Ela não era normal.

Uma garota agraciada com o assassinato, uma criminosa real? Uma garota que não queria os maridos que Randa tinha empurrado para ela, homens perfeitamente lindos e cuidadosos, uma garota que entrou em pânico com o pensamento de um bebê em seu peito ou agarrado aos seus tornozelos.

Ela não era natural.

Se o Conselho fosse descoberto, ela escaparia para um lugar onde ela não seria encontrada. Lienid ou Monsea. Ela viveria em uma caverna, em uma floresta. Ela mataria quem a encontrasse e a reconhecesse.

Ela não abdicaria da pequena quantidade de controle que ela tinha sobre sua vida.

Ela deveria dormir.

“Durma Katsa”, ela disse a si mesma. “Você precisa dormir, para manter suas forças.”

E subitamente o cansaço varreu sobre ela, e ela estava dormindo.

Capítulo Quatro



De manhã eles se vestiram como eles mesmos, Giddon em roupas de viagem compatíveis com um lorde de Middluns, e Oll em seu uniforme de capitão. Katsa se trocou para uma túnica azul com seda laranja da corte de Randa, e calças combinando que ela usava para as tarefas de Randa, uma vestimenta que ele consentiu só porque ela estava cansada de qualquer dos vestidos que ela usava enquanto cavalgava. Randa não gostaria que sua assassina agraciada distribuísse punições em saias rasgadas e lamacentas. Era indigno.

Seus negócios em Estill era com um senhor de fronteira Estillan que providenciou a compra das florestas ao sul dos Middluns. Ele tinha pagado o preço acordado. Randa queria o pagamento do adicional da madeira, e ele queria que o lorde fosse punido por alterar o acordo sem a sua permissão.

“Eu dou a vocês este alerta,” Oll disse enquanto eles tiravam do acampamento os seus pertences. “Este senhor tem uma filha agraciada com a leitura de mentes.”

“Por que você deveria nos alertar?” Katsa perguntou. “Ela não é da corte de Thigpen?”

“O rei Thigpen a enviou para casa de seu pai.”

Katsa puxou com força as tiras que prendiam sua bolsa a sua sela.

“Você está tentando derrubar o cavalo, Katsa,” Giddon disse, “ou apenas arrancar sua bolsa da sela?”

Katsa olhou com cara feia. “Ninguém me disse que estaríamos encontrando uma leitora de mentes.”

“Eu estou dizendo a você agora, minha senhora,” Oll disse, “e não há motivo para preocupação. Ela é uma criança. A maioria do que ela diz são besteiras.”

“Bem, o que há de errado com ela?”

“O que há de errado com ela é que a maioria do que ela fala são bobagens. Ou inútil, irrelevante, e ela revela tudo o que ela vê. Ela está fora do controle. Ela estava fazendo Thigpen ficar nervoso. Então ele a mandou para casa, minha senhora, e disse a seu pai para a enviar de volta quando ela se tornar útil.”

Em Estill, como na maioria dos reinos, agraciados eram dados para o uso do rei por lei. As crianças cujos olhos fixavam-se em duas diferentes cores por semanas, meses, ou em raros casos por anos depois de seu nascimento, eram enviadas a corte do rei e criadas em enfermarias do rei. Se esta graça se tornasse útil para o rei, a criança permaneceria a seu serviço. Se não, a criança seria enviada para casa. Com as desculpas da corte, é claro, por que era difícil para uma família encontrar o uso de uma graça. Especialmente uma com uma graça inútil, como subir em árvores ou segurar a respiração por um tempo impossivelmente longo ou falar de trás para frente.

A criança poderia passar bem em uma família de fazendeiros, trabalhando entre os campos sem que ninguém a visse ou soubesse. Mas se um rei enviou uma agraciada para casa da família de um dono de uma estalagem ou de um armazém em uma cidade com mais do que uma estalagem ou loja para se escolher, o negócio era obrigado a sofrer. Não fazia diferença qual a graça a criança tinha. As pessoas evitavam o lugar, se elas pudessem, caso fosse provável que elas encontrassem uma pessoa com olhos que eram de duas cores diferentes.

“Thigpen é um tolo por não manter uma leitora de mentes por perto,” Giddon disse, “só porque ela não é útil ainda. Eles são muito perigosos. Como seria se ela caísse sob a influência de alguém?”

Giddon estava certo, é claro. O que quer que um leitor de mentes possa ser, eles eram quase sempre ferramentas valiosas para um rei exercer influência. Mas Katsa não podia entender o porquê de alguém querer manter eles por perto. O chefe de cozinha

de Randa era agraciado, e seu domador de cavalos, e seu produtor de vinhos, e uma de suas dançarinas da corte. Ele tinha um malabarista que podia equilibrar qualquer número de itens sem derrubá-los. Ele tinha vários soldados, não páreos para Katsa, mas agraciados com a luta de espadas. Ele tinha um homem que predizia a qualidade da próxima safra. Ele tinha uma mulher brilhante com os números, a única mulher trabalhando na contabilidade do rei, em todos os sete reinos.

Ele também tinha um homem que poderia dizer seu estado de humor apenas colocando as mãos sobre você. Ele era o único agraciado de Randa que repelia Katsa, a única pessoa na corte, além do próprio Randa a quem ela tinha o cuidado de evitar.

“O comportamento tolo da parte de Thigpen nunca é particularmente surpreendente.” Oll disse.

“Que tipo de leitora de mentes ela é?” Katsa perguntou.

“Eles não tem certeza, minha senhora. Ela é tão sem forma. E você sabe como os leitores de mente são, suas graças sempre mudam, então é difícil apontar. Antes adultos tem crescido em sua potência máxima. Mas parece como se esta lesse seus desejos. Ela sabe o que as outras pessoas querem.”

“Então ela saberá que eu irei querer a fazer perder os sentidos se ela olhar muito para mim.” Katsa falou as palavras na crina de seu cavalo. Elas não eram para ser ouvidas por seus companheiros, para eles incitarem e fazer uma piada.

“Há alguma coisa que eu precise saber sobre esse lorde?” ela perguntou alto enquanto ela pisava no estribo. “Talvez ele tenha uma guarda de cem lutadores agraciados? Um urso treinado para protegê-lo? Algo mais que você esqueceu-se de mencionar?”

“Não há necessidade de ser sarcástica, minha senhora,” Oll disse.

“Sua companhia esta manhã está agradável como sempre, Katsa,” Giddon disse.

Katsa esporeou seu cavalo para frente. Ela não queria ver o rosto sorridente de Giddon.

A propriedade do senhor era atrás das muralhas cinza de pedra, na crista de uma colina de pasto ondulante. O homem que os conduziu através do portão, e levou seus cavalos, disse a eles que

seu senhor estava em seu café da manhã. Katsa, Giddon e Oll andaram diretamente para a grande sala de estar sem esperar por uma escolta.

O cortesão do lorde avançou para bloquear sua entrada na sala de café. Então ele viu Katsa. Ele limpou sua garganta e abriu as grandes portas.

“Alguns representantes da corte do rei Randa, meu senhor” ele disse. Ele deslizou para trás deles, sem esperar por uma resposta de seu mestre e fugiu.

O lorde assentado diante de um banquete com porco, ovos, pão, frutas e queijo, com um servo em seu cotovelo. Ambos olharam acima enquanto eles entravam, e ambos congelaram.

Uma colher bateu da mão do lorde sobre a mesa.

“Bom dia, meu senhor,” Giddon disse. “Nós pedimos desculpas pela interrupção de seu café da manhã. Você sabe por que nós estamos aqui?”

O lorde pareceu lutar para encontrar sua voz. “Eu não tenho a menor idéia.” Ele disse, com sua mão em sua garganta.

“Não? Talvez lady Katsa pode ajudá-lo a lembrar,” Giddon disse. “Lady?”

Katsa foi à frente.

“Tudo bem, tudo bem.” O lorde ficou de pé. Suas pernas bateram na mesa e um copo virou. Ele era alto e de ombros largos, maior do que Giddon ou Oll. Desajeitado com suas mãos flutuando, e seus olhos que voavam ao redor da sala, mas sempre evitando Katsa. Um pouco de ovo agarrava-se a sua barba. Tão tolo, um homem grande, tão assustado. Katsa manteve seu rosto inexpressivo, para que nenhum deles soubesse o quanto ela odiava isso.

“Ah, você se lembrou,” Giddon disse. “Não é? Você se lembrou do por que nós estamos aqui?”

“Eu acredito que eu devo a você dinheiro,” o lorde disse. “ Eu imagino que vocês vieram recolher seu débito.”

“Muito bom!” Giddon falou como se fosse uma criança. “E por que você nos deve dinheiro?”

O acordo era para quantos acres de terra? Lembre-me capitão.”

“Vinte acres, meu senhor.” Oll disse “E quantos acres o senhor removeu, capitão?”

“Vinte e três acres, meu senhor.” Oll disse.

“Vinte e três acres!” Giddon disse. “Essa é mais que uma robusta diferença, você não concorda?”

“Um erro terrível,” a tentativa do lorde de um sorriso foi lamentável. “Nós nunca percebemos que nós precisaríamos de tanto. É claro que eu irei pagar a você imediatamente. Apenas dê o seu preço.”

“Você causou ao rei Randa um não pequeno inconveniente.” Giddon disse. “Você destruiu três acres de sua floresta. As florestas do rei não são ilimitadas.”

“Não. Claro que não. Um terrível erro.”

“Nós também temos viajado a dias para resolver este problema.” Giddon disse. “Nossa ausência da corte é um grande incômodo para o rei.”

“É claro,” o lorde disse. “É claro.”

“Eu imagino que se você dobrasse seu pagamento inicial, isso diminuiria a tensão da inconveniência para o rei.”

O lorde lambeu seus lábios. “Dobrar o pagamento inicial. Sim Isso parece bastante razoável.”

Giddon sorriu. “Muito bom. Talvez seu servo pudesse nos levar a sua contabilidade.”

“Certamente,” O lorde gesticulou para o servo ao seu lado.

“Rápido, homem. Rápido!”

“Lady Katsa,” Giddon disse, enquanto ele e Oll se viravam em direção a porta, “por que você não fica aqui? Mantenha a companhia de sua senhoria.” O servo guiou Giddon e Oll a porta.

As grandes portas se fecharam atrás deles. Katsa e o lorde estavam sozinhos. Ela olhou para ele.

Sua respiração era superficial, seu rosto pálido. Ele não olhou para ela. Ele parecia que estava prestes a entrar em colapso.

“Sente-se,” Katsa disse. Ele desabou em sua cadeira e deixou sair um pequeno gemido.

“Olhe para mim,” ela disse. Seus olhos piscaram em seu rosto, e então deslizaram para suas mãos. As vitimas de Randa sempre

olhavam para as mãos dela, nunca para seu rosto. Eles não podiam encará-la. E eles esperavam um golpe de suas mãos.

Katsa suspirou.

Ele abriu sua boca para falar, mas nada veio além de um grasnar.

“Eu não consigo te ouvir,” Katsa disse.

Ele limpou sua garganta. “Eu tenho uma família. Eu tenho uma família para tomar conta.

Faça o que você quiser, mas eu lhe imploro que não me mate.”

“Você não quer que eu te mate por amor a sua família?”

Uma lágrima correu por sua barba. “E para o meu próprio bem. Eu não quero morrer.”

Claro que ele não queria morrer, por três acres de madeira.

“Eu não mato homens que roubam três acres de hectares de madeira do rei,” ela disse, “e então pagam caro por isso em ouro. É mais o tipo de crime que garante um braço quebrado ou uma remoção de um dedo.”

Ela se moveu em direção a ele e puxou sua adaga de sua bainha. Ele respirava pesadamente, olhando para os ovos e frutas em seu prato. Ela se perguntou se ele vomitaria ou começaria a soluçar. Mas então ele moveu o prato para o lado e desvirou o copo e sua prataria.

Ele estendeu seus braços sobre a mesa diante dele. Ele abaixou sua cabeça e esperou.

Uma onda de cansaço a inundou. Era mais fácil seguir as ordens de Randa quando eles imploravam ou gritavam, quando eles davam a ela nada a se respeitar. E Randa não se importava com suas florestas; ele só se importava com o dinheiro e o poder. Além de que, florestas cresceriam de volta um dia. Dedos não cresciam de volta.

Ela deslizou a adaga de volta a sua bainha. Seria o braço dele então, ou sua perna, ou talvez a clavícula, sempre um osso doloroso para se quebrar. Mas seus próprios braços estavam tão pesados quanto ferro, e suas pernas não pareciam querer se impulsionar a frente.

O lorde puxou uma respiração trêmula, mas ele não se moveu ou falou. Ele era um mentiroso, um ladrão e um tolo. De algum modo

ela não conseguia se importar.

Katsa suspirou fortemente. “Eu admito que você é corajoso,” ela disse, “embora você não parecesse da primeira vez.” Ela saltou sobre a mesa e o golpeou na têmpora, como ela tinha feito com os guardas de Murgon. Ele desmoronou e caiu de sua cadeira.

Ela se virou e foi esperar na grande sala de pedra por Giddon e Oll retornar com o dinheiro.

Ele acordaria com uma dor de cabeça, mas nada mais. Se Randa ouvisse o que ela tinha feito, ele ficaria furioso. Mas talvez Randa não ouvisse. Ou talvez ela pudesse acusar o lorde mentir, para salvar sua cara. Neste caso, Randa insistiria que ela retornasse com a prova no futuro. Uma coleção de dedos das mãos e pés enrugados. O que isso faria para a reputação dela...

Não importa. Ela não tinha forças hoje para torturar uma pessoa que não merecia isso.

Uma pequena figura veio tropeçando dentro do salão. Katsa sabia quem ela era antes mesmo que ela visse os olhos da garota, um amarelo como uma abóbora que crescia ao norte, e um castanho como uma mancha de lama. Esta garota ela feriria, esta garota ela torturaria se isso a parasse de tomar os pensamentos de Katsa.

Katsa capturou os olhos da criança e olhou para ela. A garota engasgou e afastou alguns passos, então se virou e correu da sala.

Capítulo Cinco



Eles fizeram um bom tempo, embora Katsa se exasperasse com o ritmo deles.

“Katsa entenda que cavalgar um cavalo para nada além que uma velocidade arriscada é um desperdício do cavalo.” Disse Giddon.

“Eu só quero saber se Raffin descobriu alguma coisa do avô Lienid.”

“Não se preocupe, minha senhora.” Oll disse. “Nós vamos chegar à corte amanhã à noite, desde que o tempo se mantenha.

O tempo se manteve através do dia e da noite, mas às vezes antes do amanhecer, nuvens apagavam as estrelas acima de seu acampamento. De manhã eles levantaram o acampamento rapidamente e saíram com alguma apreensão. Pouco tempo depois, enquanto eles cavalgavam no terreno de uma estalagem que mantinha seus cavalos, gotas de chuva caíram subitamente em seus braços e rostos. Eles tinham acabado de chegar aos estábulos quando o céu se abriu e a água se derramou. Correntezas formadas se precipitando entre as colinas ao redor deles.

Isso se tornou uma discussão.

“Nós podemos cavalgar na chuva,” Katsa disse.

Eles ficaram no estábulo, a pousada a dez passos de distância, mas invisível através da parede de água.

“Um risco para os cavalos,” Giddon disse. “Risco de alcançar as nossas mortes. Não seja tola, Katsa.”

“É só água.” Ela disse.

“Diga isso a um homem se afogando.” Giddon disse. Ele olhou para ela, enquanto ela o encarava de volta. Uma goteira de uma

rachadura no telhado espirrou no nariz dela, e ela a enxugou furiosamente.

“Minha senhora,” Oll disse. “Meu senhor.”

Katsa respirou fundo, olhou para seu rosto paciente, e se preparou para o desapontamento.

“Nós não sabemos quanto tempo vai durar a tempestade,” Oll disse. “Se durar um dia” – ele levantou sua mão quando Katsa ia começar a falar. “Não há razão para darmos ao rei sem que ele pense mal de nós. Mas talvez dure apenas uma hora. Neste caso, nós iremos perder apenas uma hora.”

Katsa cruzou seus braços e se forçou para respirar. “Não parece o tipo de tempestade que dura uma hora.”

“Então eu vou informar ao taberneiro que estamos precisando de comida,” Oll disse. “e quartos para noite.”

A estalagem era a alguma distância de qualquer das cidades nos montes de Middluns, mas ainda assim, no verão, ela tinha um número habitual de comerciantes e viajantes. Era uma estrutura quadrada simples, com cozinha e sala de refeições abaixo, e dois andares de quartos acima. Simples, mas limpa e útil. Katsa teria preferido que nenhuma algazarra tivesse sido feita por sua presença. Mas é claro que a estalagem não estava acostumada a habitação de realezas, e toda a família se jogou em excitação em uma tentativa de fazer a sobrinha, um lorde, e o capitão do rei, confortáveis. Contra os protestos de Katsa um comerciante se transferiu de seu quarto, então ela poderia ter a vista de sua janela, uma vista invisível agora do que ela imaginava que pudesse ser as mesmas colinas que eles tinham estado vendo a dias.

Katsa queria pedir desculpas ao comerciante por desalojá-lo. Ela enviou Oll para fazê-lo na refeição do meio-dia. Quando Oll se dirigiu a atenção do homem a mesa de Katsa, ela levantou seu copo para ele. Ele levantou seu copo de volta e acenou sua cabeça vigorosamente, seu rosto branco e os olhos arregalados como pratos.

“Quando você envia Oll para falar por você, você parece tão terrivelmente superior, vossa senhoria,” Giddon disse, sorrindo em sua boca cheia de ensopado.

Katsa não respondeu. Ele sabia perfeitamente bem por que ela enviou Oll. Se o homem era como a maioria do povo, assustaria por estar próximo da lady.

A criança que os servia era terrivelmente tímida. Ela não falava, apenas concordava ou balançava sua cabeça em resposta aos seus pedidos. Diferente da maioria, ela era incapaz de manter seus olhos afastados do rosto de Katsa. Mesmo quando o belo Lorde Giddon se dirigia a ela, seus olhos deslizavam para os de Katsa.

“A menina acha que eu vou comer ela,” Katsa disse.

“Eu acho que não,” Oll disse. “Seu pai é um amigo para o Conselho. É possível que tenha falado de você de forma diferente nesta casa do que em outras, minha senhora.”

“Ela ainda deve ter ouvido histórias,” Katsa disse.

“Possivelmente,” Oll disse. “Mas eu acho que ela está fascinada por você.”

Giddon riu. “Você fascina Katsa.” Quando a menina veio outra vez, ele perguntou o nome dela.

“Lanie,” ela sussurrou, e seus olhos voaram para Katsa mais uma vez.

“Você vê nossa lady Katsa, Lanie?” Giddon perguntou. A garota assentiu.

“Ela te assusta?” Giddon perguntou.

A garota mordeu o lábio e não respondeu.

“Ela não machucaria você,” Giddon disse. “Você entende isso? Mas se alguém mais machucar você, Lady Katsa provavelmente machucaria essa pessoa.”

Katsa colocou seu garfo abaixo e olhou para Giddon. Ela não tinha esperado por essa gentileza dele.

“Você entendeu?” Giddon perguntou a garota. A criança concordou. Ela espiou Katsa.

“Talvez você gostasse de apertar as mãos dela,” Giddon disse.

A garota parou. Então ela se inclinou e estendeu sua mão para Katsa. Algo brotou dentro de Katsa, algo que ela não podia nomear. Uma espécie de felicidade melancólica por esta criaturinha que queria tocar ela. “É um prazer conhecê-la, Lanie.”

Os olhos de Lanie se esbugalharam, e então ela soltou a mão de Katsa e correu para a cozinha. Oll e Giddon riram.

Katsa virou-se para Giddon. "Estou muito grata."

"Você não faz nada para dissipar sua reputação de bicho papão." Giddon disse. "Você sabe disso, Katsa. Não é de se estranhar que não tenha mais amigos."

Tinha que acontecer. Era bem dele, tornar um gesto gentil em uma de suas críticas sobre seu caráter. Ele adorava, mais do que qualquer coisa, apontar suas falhas. E ele não sabia nada sobre ela, se ele pensava que ela desejava amigos.

Katsa atacou sua refeição e ignorou suas conversas.

A chuva não parou. Giddon e Oll se contentavam em se sentar no salão principal e falar com os comerciantes e o estalajadeiro, mas Katsa achava que a inatividade faria ela gritar. Ela foi para os estábulos, só para assustar um menino, um pouco maior do que Lanie, que estava em um banquinho em uma das cocheiras e escovava um cavalo. Seu cavalo, ela viu, enquanto seus olhos se ajustavam na luz fraca.

"Eu não queria assustá-lo," Katsa disse. "Eu estou procurando por um espaço para praticar meus exercícios."

O garoto levantou-se do seu banco e fugiu. Katsa jogou suas mãos para o ar. Bem, pelo menos ela tinha o estábulo para si agora. Ela moveu fardos de feno, selas, e rastelou para limpar um lugar paralelo as cocheiras e começou uma série de chutes e golpes. Ela girava e se arremessava consciente do ar, do chão, das paredes ao redor dela, os cavalos. Ela focava em seus oponentes imaginários, e sua mente se acalmou.

No jantar, Oll e Giddon tinham interessantes novidades.

"Rei Murgon anunciou um roubo," Oll disse. "Três noites atrás."

"Ele?" Katsa absorveu a fisionomia de Oll, e então a de Giddon. Ambos tinham o olhar de um gato que encurralou um rato. "E o que ele disse que era o roubo?"

"Ele só disse que um grande tesouro da corte foi roubado," Oll disse.

"Grandes céus," Katsa disse. "E disseram quem roubou dele esse tesouro?"

“Alguns dizem que foi um garoto agraciado.” Oll disse, “alguma espécie de hipnotizador, que colocou a guarda do rei para dormir.”

“Outros falam de um homem agraciado do tamanho de um monstro,” Giddon disse, “um lutador que superou os guardas, um por um.” Giddon gargalhou, e Oll sorriu para seu jantar.

“Que notícia interessante,” Katsa disse. E então, esperando soar inocente, “Vocês ouviram algo mais?”

“Sua busca foi adiada por horas”, Giddon disse, “por que primeiro eles presumiram que alguém da corte era o culpado. Um visitante que aconteceu de ser um lutador agraciado. “Ele baixou sua voz. “Você acredita nisso? Que sorte a nossa.”

Katsa manteve sua voz calma. “O que ele disse, esse agraciado?”

“Aparentemente nada útil,” Giddon disse. “Ele alegou não saber de nada.”

“O que eles fizeram com ele?”

“Eu não tenho idéia,” Giddon disse. “Ele é um lutador agraciado. Eu duvido que eles fossem capazes de fazer alguma coisa.”

“Quem é ele? De onde ele vem?”

“Ninguém disse.” Giddon a acotovelou. “Katsa, vamos lá... você está saindo do assunto.

Não faz diferença quem ele seja. Eles perderam horas interrogando este homem. No momento em que eles começaram a procurar pelos ladrões, era tarde demais.”

Katsa achava que ela sabia mais do que Giddon ou Oll poderiam, por que Murgon tinha passado tanto tempo interrogando este agraciado em particular. E também por que ele não tinha tornado público de onde esse agraciado veio. Murgon não queria que ninguém suspeitasse que o tesouro roubado fosse Tealiff, que ele mantinha Tealiff em suas masmorras em primeiro lugar.

E por que o Lienid agraciado não disse nada a Murgon? Ele a estava protegendo?

Esta maldita chuva tinha que parar, então eles poderiam voltar para a corte, e para Raffin.

Katsa bebeu, então baixou seu copo a mesa. “Que golpe de sorte para os ladrões.”

Giddon sorriu. "Certamente."

"E vocês ouviram falar de alguma outra notícia?"

"A irmã do estalajadeiro tem um bebê de três meses." Oll disse. "Eles tiveram um susto outra manhã. Eles pensaram que um de seus olhos tinha escurecido, mas foi só um truque de luz."

"Fascinante," Katsa derramou molho de carne em sua refeição.

"A rainha de Monsean está sofrendo terrivelmente pelo avô Tealiff," Giddon disse. "Um comerciante de Monsean falou sobre isso."

"Eu ouvi dizer que ela não estava comendo," Katsa disse. Parecia-lhe uma maneira tola de se lamentar.

"Há mais," Giddon disse. "Ela e sua filha se trancaram em seus quartos. Ela não permite ninguém além de sua serva que entre, nem mesmo o rei Leck."

Aquilo pareceu não só tolice como peculiar. "Ela permite que sua filha coma?"

"A serva traz as refeições," Giddon disse. "Mas elas não deixam seus quartos."

Aparentemente o rei está sendo muito paciente sobre isso."

"Vai passar," Oll disse. "Não há nada dizendo que o pesar faça a uma pessoa. Vai passar quando seu pai for encontrado."

O Conselho manteria o velho escondido, para a própria segurança dele, até que eles descobrissem qual a razão de seu seqüestro. Mas talvez uma mensagem pudesse ser enviada a rainha de Monsean, para diminuir seu estranho pesar? Katsa determinou em considerar isso. Ela traria isso à tona a Giddon e Oll, quando eles pudessem falar em segurança.

"Ela é Lienid," Giddon disse. "Eles são conhecidos por serem pessoas estranhas."

"Parece muito estranho para mim," Katsa disse. Ela nunca tinha sentido pesar, ou se ela tinha, ela não se lembrava. Sua mãe, a irmã de Randa, tinha morrido de uma febre antes que os olhos de Katsa tivessem se fixado, a mesma febre que tinha tido a mãe de Raffin, a rainha de Randa. Seu pai, um lorde da fronteira norte de Middluns, tinha sido assassinado em um ataque a fronteira. Havia sido um ataque Esteran a um vilarejo Nanderan. Não tinha sido da sua

responsabilidade, mas ele tomou a defesa de seus vizinhos, foi morto no processo. Ela nem mesmo tinha começado a falar na época. Ela não se lembrava dele.

Se seu tio morresse, ela não achava que sofreria. Ela olhou para Giddon. Ela não gostaria de perder ele, mas ela não achava que sofreria sua perda. Oll era diferente. Ela sofreria por Oll. E sua serva, Helda. E Raffin. A perda de Raffin machucaria mais do que um dedo cortado fora, ou um braço quebrado, ou uma faca em seu lado.

Mas ela não se trancaria em seu quarto. Ela iria para fora e encontraria quem tivesse feito isso, e então ela faria que a pessoa sentisse dor como ninguém nunca sentiu uma dor antes.

Giddon estava falando com ela, e ela não estava escutando. Ela se sacudiu. "O que você disse?"

"Eu disse, senhora sonhadora, que eu acredito que o céu esteja limpando. Nós seremos capazes de partir ao amanhecer, se você quiser."

Eles alcançariam a corte antes do cair da noite. Katsa terminou sua refeição e correu para seu quarto para arrumar seus alforjes.

Capítulo Seis



O sol estava bem a caminho através do céu, quando seus cavalos bateram com os cascos sobre o piso de mármore do pátio interno de Randa. Em torno deles, de todos os lados, as muralhas brancas do castelo subiam e ficavam brilhantes contra o mármore verde do chão.

Passagens com varanda alinhavam-se nas paredes acima, então as pessoas da corte poderiam olhar abaixo o pátio, enquanto elas se moviam de uma seção do castelo para outra, e admirar o grande jardim de Randa de vinhas rastejantes e árvores rosáceas. Uma estátua de Randa ficava no centro do jardim, uma fonte de água fluindo de uma mão estendida e uma tocha na outra. Era um jardim atraente, se ninguém se debruçasse sobre a estátua, e um pátio atraente - mas não um tranquilo e privado, com uma corte inteira vagando pelas passagens acima.

Este não era o único pátio do castelo, mas era o maior, e era o ponto de entrada de qualquer residente importante ou visitante. O piso verde era tão brilhoso que Katsa podia se ver e a seu cavalo refletidos na superfície. As paredes brancas eram feitas de uma rocha que brilhava, e elas cresciam tão altas que ela tinha que suspender seu pescoço para encontrar os topos das torres acima. Era muito grande, muito impressionante. Como Randa gostava.

O barulho de seus cavalos e seus relinchares trouxeram as pessoas para os balcões, para ver quem tinha chegado. Um serviçal veio para saudá-los. Um momento depois, Raffin veio voando dentro do pátio. "Vocês chegaram!"

Katsa sorriu para ele. Então ela olhou mais de perto – ficando nas pontas dos dedos, por ele ser tão alto. Ela agarrou um punhado do cabelo dele. “Raff. O que você fez consigo mesmo? Seu cabelo está positivamente azul.”

“Eu estava tentando um novo remédio para dor de cabeça,” ele disse. “para ser massageado no couro cabeludo. Ontem eu senti uma dor de cabeça vindo, então eu o tentei. Aparentemente ele torna o cabelo azul”

Ela sorriu. “Ele curou a dor de cabeça?”

“Bem, se eu tive uma dor de cabeça, então ele curou, mas eu não estou convencido que eu tenha tido uma para começar. Você tem dor de cabeça? “Ele perguntou esperançoso. “Seu cabelo é tão preto, ele não o tornaria tão azul.”

“Eu não. Eu nunca tive. O que o rei acha do seu cabelo?”

Raffin deu uma risadinha. “Ele não está falando comigo. Ele disse que é um comportamento pavoroso para o filho do rei. Até que meu cabelo volte ao normal de novo eu não sou seu filho.”

Oll e Giddon saudaram Raffin e estenderam suas rédeas para um menino. Eles seguiram o mordomo do rei para o castelo, deixando Katsa e Raffin sozinhos no pátio, próximo ao jardim e a fonte de Randa. Katsa abaixou sua voz e fingiu prestar atenção nas cordas que amarravam seus alforjes a seu cavalo. “Alguma novidade?”

“Ele não acordou,” Raffin disse. “Nem uma vez.”

Ela ficou desapontada. Ela manteve sua voz baixa. “Você ouviu falar de um nobre Lienid agraciado com a luta?”

“Você o viu, não é?” Raffin disse, e ela girou seus olhos para o rosto dele, surpreendida.

“Quando você entrou no pátio? Ele tem se ocultado por aí. Difícil de olhar para ele não é? Ele é o filho do rei de Lienid.”

Ele estava lá? Ela não tinha esperado por isso. Ela prestou atenção em seus alforjes mais uma vez. “Herdeiro de Ror?”

“Grandes colinas, não. Ele tem seis irmãos mais velhos. Seu nome é o mais ridículo que eu já ouvi para o sétimo herdeiro ao trono. Príncipe Greening Grandemalion.” Raffin sorriu. “Você já ouviu algo como isso?”

“Por que ele está aqui?”

“Ah,” Raffin disse. “É bem interessante, realmente. Ele alega estar procurando pelo seqüestrador de seu avô.”

Katsa olhou acima de suas sacolas, em seus sorridentes olhos azuis. “Você não...”

“É claro que não. Eu estive esperando por você.”

Um menino veio ao seu cavalo, e Raffin se lançou em um monólogo sobre os visitantes que ela tinha perdido, enquanto ela tinha estado fora. Então um camareiro se aproximou de uma das entradas.

“Ele está vindo por você,” Raffin disse, “por que eu não sou mais o filho de meu pai no momento, e ele não envia servos para mim.” Ele riu, então a deixou. “Eu estou feliz com sua volta,” ele falou para ela, e desapareceu em um arco.

O camareiro era um dos secos de Randa, um homenzinho desdenhoso. “Lady Katsa,” ele disse. “Bem vinda. O rei deseja saber se seu negócio no leste foi bem sucedido.”

“Você pode dizer a ele que foi um sucesso.” Katsa disse.

“Muito bom, minha senhora. O rei deseja que você se vista para o jantar.”

Katsa estreitou seus olhos para o camareiro. “O rei deseja mais alguma coisa?”

“Não, minha senhora. Obrigado, minha senhora.” O homem se inclinou e se apressou para longe de seu olhar o mais rápido possível.

Katsa ergueu suas sacolas para seu ombro e suspirou. Quando o rei desejava que ela se vestisse para o jantar isso significava que ela tinha que vestir um vestido e arrumar seu cabelo e usar jóias em suas orelhas e ao redor de seu pescoço. Isso significava que o rei planejava sentar ela ao lado de algum lorde que desejava uma esposa, embora ela não fosse provavelmente a esposa que ele tinha em mente. Ela facilitaria os temores do pobre homem rapidamente, e talvez pudesse alegar não se sentir bem o suficiente para se sentar durante toda a refeição. Ela poderia alegar uma dor de cabeça. Ela desejou poder pegar o remédio para dor de cabeça de Raffin e tornar seu cabelo azul. Isso daria uma trégua dos jantares de Randa.

Raffin apareceu de novo, um andar acima dela, sobre uma das varandas que davam para sua sala de trabalhos. Ele se inclinou sobre a murada e chamou ela baixo. "Kat!"

"O que é?"

"Você parece perdida. Se esqueceu do caminho para seu quarto?"

"Eu estou me retardando."

"E por quanto tempo vai ser? Eu gostaria de lhe mostrar algumas das minhas novas descobertas."

"Foi me dito para eu ficar bonita para o jantar."

Ele sorriu. "Bem, nesse caso, você vai levar anos."

Seu rosto se dissolveu em uma risada, e ela arrancou um botão de uma de suas malas e arremessou-o para ele. Ele gritou e se jogou no chão, e o botão bateu direto na parede onde ele tinha estado. Quando ele espreitou por cima da murada, ela estava no pátio com as mãos sobre seus quadris, rindo. "Eu errei de propósito." Ela disse.

"Metida! Venha se você tiver tempo." Ele acenou e se virou para sua sala.

E foi com isso que a presença em um canto do olho de Katsa tomou forma.

Ele estava em pé um andar acima dela, a sua esquerda. Ele inclinou seus cotovelos sobre o parapeito, o pescoço de sua camisa aberta, e olhou ela. Os aros de ouro em suas orelhas, e os anéis em seus dedos. Seu cabelo escuro. Uma pequenina marca de um golpe em sua testa, bem ao lado de seu olho.

Seus olhos, Katsa nunca tinha visto tais olhos. Um era prateado, e o outro, dourado. Eles brilharam em seu rosto escurecido pelo sol, sem igual, e estranho. Ela ficou surpresa que eles não tivessem brilhado na escuridão do seu primeiro encontro. Eles não pareciam humanos. Ela não podia parar de olhar para eles.

Um camareiro da corte veio a ele e falou. Ele se endireitou, se virando para o homem, e disse algo em resposta. Quando o camareiro se afastou, os olhos do Lienid cintilaram de volta a Katsa. Ele apoiou seus cotovelos sobre a varanda de novo.

Katsa sabia que ela estava em pé no centro do pátio, olhando para este Lienid. Ela sabia que ela deveria se mover, mas ela achou que não poderia.

Então ele levantou sua sobrancelha, e sua boca se moveu em uma alusão de um sorriso malicioso. Ele acenou para ela, só um pouco, e isso a libertou de sua magia.

Afetado, ela pensou. Afetado e arrogante, este aí, e isso era tudo o que havia nele.

Qualquer que fosse o jogo que ele estava jogando, se esperava que ela se juntasse a ele, ele ficaria desapontado. Greening Grandemalion, de fato.

Ela arrancou seus olhos para longe dele, atando as suas sacolas mais alto, e empurrando-se para entrar no castelo, o tempo todo consciente dos olhos estranhos queimando em suas costas.

Capítulo Sete



Helda tinha vindo trabalhar nas creches de Randa em torno do tempo em que Katsa começou a distribuir as punições de Randa. Era difícil saber o porquê ela tinha tido menos medo de Katsa do que os outros tinham. Talvez fosse porque ela tinha tido uma criança agraciada. Não uma lutadora, só um nadador, uma habilidade que não tinha nenhuma utilidade para o rei. Então o garoto tinha sido enviado para casa, e Helda tinha visto como os vizinhos o evitavam e o ridicularizavam só por que ele podia se mover através da água como um peixe. Ou por que ele tinha um olho preto e o outro azul. Talvez este fosse o porquê de quando os servos tinham alertado Helda para evitar a sobrinha do rei, Helda tivesse guardado sua opinião.

É claro, Katsa era muito velha para as creches quando Helda chegou, e as crianças na corte mantinham Helda ocupada. Mas ela tinha vindo às sessões de treinamento de Katsa, quando ela podia. Ela se sentava e assistia a criança bater no recheio de um boneco, grãos arrebatando das rachaduras e rasgões no saco e batendo no chão como sangue. Ela nunca tinha permanecido por muito tempo, por que ela sempre tinha que retornar a creche, mas ainda assim Katsa tinha notado ela, como ela notava qualquer um que não tentava a evitar. Havia notado e a notou, mas não tinha se incomodado com a curiosidade. Katsa não tinha tido nenhum motivo para interagir com uma serva.

Mas um dia Helda tinha vindo quando Oll estava fora e Katsa estava sozinha na sala de treinos. E quando a criança tinha parado

para montar um novo boneco, Helda tinha falado. “Na corte eles dizem que você é perigosa, minha senhora.”

Katsa considerou a velha mulher por um momento, seus cabelos e olhos cinza, e seus braços suaves, dobrados sobre um estômago suave. A mulher sustentou seu olhar, como ninguém outro além de Raffin, Oll e o rei faziam. Então Katsa deu de ombros, suspendeu um saco de grãos em seus ombros, e o pendurou em um gancho sobre um poste de madeira em pé no centro do chão da sala de treinos.

“O primeiro homem que você matou minha senhora,” Helda disse. “Aquele primo. Você quis matar ele?”

Era uma pergunta que ninguém tinha feito a ela. De novo a garota olhou para o rosto da mulher, e de novo a mulher sustentou seus olhos. Katsa sentia que esta pergunta era inapropriada vinda de uma serva. Mas ela estava tão desacostumada a ser perguntada que ela não sabia direito como proceder.

“Não,” Katsa disse. “Eu só não queria que ele me tocasse.”

“Então você é perigosa, minha senhora, para pessoas que você não gosta. Mas talvez você estivesse em segurança com um amigo.”

“É por isso que eu passo meus dias nesta sala de treino,” Katsa disse.

“Aprimorando sua graça,” Helda disse. “Sim todos agraciados devem fazê-lo.”

Esta mulher sabia algo sobre as graças, e ela não tinha medo de dizer a palavra. Era à hora de Katsa começar seus exercícios de novo, mas ela parou, esperando que a mulher dissesse algo mais.

“Minha senhora,” Helda disse, “eu posso fazer uma pergunta curiosa?”

Katsa esperou. Ela não podia pensar em uma pergunta mais curiosa do que uma que a mulher já tinha perguntado.

“Quem são seus servos, minha senhora?” Helda perguntou.

Katsa imaginou se a mulher estava tentando embarçar ela. Ela se endireitou e olhou a mulher diretamente no rosto, sua ousadia em gargalhar ou rir. “Eu não mantenho servos. Quando uma serva é designada para mim, ela geralmente escolhe sair do serviço da corte.”

Ela não gargalhou ou riu. Ela meramente olhou de volta para Katsa, estudando ela por um momento. "Você tem alguma encarregada, minha senhora?"

"Nenhuma."

"Alguém falou para você dos sangramentos de uma mulher, minha senhora ou como é com um homem e uma mulher?"

Katsa não sabia o que ela queria dizer, e ela tinha a sensação que esta velha poderia dizer. Ainda assim, Helda não riu ou gargalhou. Ela olhava Katsa de cima a baixo.

"Qual a sua idade, minha senhora?"

Katsa levantou seu queixo. "Eu tenho quase onze."

"E eles estão deixando você aprender isso por sua própria conta," Helda disse, "e provavelmente romper através do castelo como uma coisa selvagem por que você não sabia o que atacou você."

Katsa levantou seu queixo outro tanto. "Eu sempre sei o que me ataca."

"Minha criança," Helda disse, "minha senhora, você me permite servir você, às vezes? Quando você precisar do serviço, e quando minha presença não for requerida nas creches?"

Katsa pensou que devesse ser muito ruim trabalhar na creche, se esta mulher desejava a servir. "Eu não preciso de servos," ela disse, "mas eu posso transferir você da creche se você estiver infeliz lá."

Katsa achou que ela viu a insinuação de um sorriso. "Eu estou feliz na creche," Helda disse. "Perdoe-me tal contradição a você, minha senhora, mais você precisa de um serviçal, uma serva. Por que você não tem mãe ou irmãs."

Katsa nunca tinha tido necessidade de uma mãe ou irmãs ou ninguém mais, também. Ela não sabia o que faria com uma serva contraditória; ela achava que Randa ia se enfurecer, mas ela temia suas próprias fúrias. Ela prendeu sua respiração, cerrou seus punhos, e ficou imóvel como o poste de madeira no meio da sala.

A mulher podia dizer o que quer que fosse. Eram apenas palavras. Helda se levantou e alisou seu vestido. "Eu irei a seu quarto de vez em quando, minha senhora."

Katsa fez uma careta como uma rocha.

“Se você desejar uma pausa dos jantares de Estado de seu tio você pode sempre se juntar a mim em meu quarto.”

Katsa piscou. Ela odiava os jantares, com todo mundo olhando de lado, e as pessoas que não queriam sentar perto dela, e a voz alta de seu tio. Ela poderia escapar deles? Poderia a companhia desta mulher ser melhor?

“Eu devo retornar a creche, minha senhora,” Helda disse. “Meu nome é Helda, e eu venho do lado ocidental de Middluns. Seus olhos são muito bonitos, minha querida. Adeus.”

Helda saiu antes que Katsa pudesse encontrar sua voz. Katsa olhou para a porta que se fechou atrás dela.

“Obrigada,” ela disse, embora não houvesse ninguém para ouvir, e embora ela não estivesse certa do por que sua voz parecia estar grata.

Katsa se sentou na banheira e desatou os nós no emaranhado do seu cabelo. Ela ouviu Helda no outro quarto, murmurando através dos baús e gavetas, desenterrando brincos e colares que Katsa tinha jogado entre suas roupas de seda e do horrível espartilho da última vez que foi requerido usar eles. Katsa ouviu Helda murmurando e grunhindo, de joelhos provavelmente, olhando debaixo da cama pela escova de Katsa ou seus sapatos de jantar.

“Qual vestido deve ser esta noite, minha senhora?” Helda chamou.

“Você sabe que eu não ligo,” Katsa falou de volta.

Houve mais resmungos em resposta para isso. Um momento depois Helda veio a porta carregando um vestido brilhante como os tomates que Randa importava de Lienid, os tomates que se agrupavam na vinha e tinham gosto tão rico e doce quanto os bolos de chocolate do chefe. Katsa levantou suas sobrancelhas.

“Eu não vou vestir um vestido vermelho,” ela disse.

“É da cor do sol,” Helda disse.

“É da cor do sangue,” Katsa disse.

Suspirando, Helda carregou o vestido para a sala de banhos. “Ele ficaria deslumbrante, minha senhora”, ela falou, “com seu cabelo preto e seus olhos.”

Katsa arrancou um dos nós mais difíceis em seu cabelo. Ela falou para as bolhas que se reuniam na superfície da água. "Se há alguém que eu deseje deslumbrar no jantar, eu irei bater na cara dele."

Helda veio pela porta novamente, desta vez com os braços cheios de uma seda verde suave. "Isso é tedioso o suficiente para você, minha senhora?"

"Eu não tenho cinzas ou marrons?"

Helda endureceu seu rosto. "Eu estou determinada que você use uma cor, minha senhora."

Katsa fez uma careta. "Você está determinada que as pessoas me notem." Ela puxou um emaranhado de cabelo diante de seus olhos e o puxou, selvagemmente. "Eu gostaria de cortar ele todo," ela disse. "Não vale o incômodo."

Helda pôs o vestido de lado e veio se sentar no canto da banheira. Ela cobriu seus dedos de sabão, e pegou o cabelo emaranhado das mãos de Katsa. Ela trabalhou os cachos separados, pouco a pouco, gentilmente.

Katsa bufou. "Giddon daria umas boas risadas disso. Minhas tentativas de me embelezar."

Com o nó desembaraçado, Helda se moveu para outro. "Você não acha que lorde Giddon acha você bonita, minha senhora?"

"Helda," Katsa disse, "quanto tempo você acha que eu gasto imaginando qual dos cavalheiros me acha bonita?"

"Não o suficiente," Helda disse, concordando enfaticamente.

Um soluço de risada subiu na garganta de Katsa. "Querida Helda", ela via o que Katsa era, e o que ela fazia, e Helda não negava que Katsa era essa pessoa. Mas ela não podia imaginar uma lady que não quisesse ser bonita, que não queria uma legião de admiradores. E ela acreditava que Katsa era ambas essas pessoas, embora Katsa não pudesse imaginar como ela as conciliou em sua mente.

No grande salão de jantar, Randa presidia uma longa, e alta mesa que poderia muito bem ter sido um palco a frente da sala. Três mesas baixas foram arranjadas em torno do perímetro para completar os lados de um quadrado, dando aos convidados uma visão desobstruída do rei.

Randa era um homem alto, mais alto do que seu filho, e largo nos ombros e no pescoço.

Ele tinha o cabelo loiro de Raffin e olhos azuis, mas eles não eram os olhos sorridentes de Raffin.

Eles eram olhos que presumiam que você faria o que ele mandasse você fazer. Olhos que ameaçavam te trazer infelicidade se ele não conseguisse o que ele queria. Não era que ele fosse injusto, exceto talvez para aqueles que erravam com ele. Era mais como que se ele quisesse as coisas do seu jeito, e se as coisas não fossem daquele jeito, ele poderia decidir que ele tinha sido enganado. E se você fosse a pessoa responsável – bem, você teria uma razão para temer seus olhos.

No jantar ele não era apavorante. No jantar ele era arrogante e grosseiro. Ele trazia quem quer que ele queira para sentar com ele à alta mesa. Muitas vezes Raffin, embora Randa falasse acima dele, nunca se importava em escutar o que ele teria a dizer. Raramente Katsa. Randa mantinha sua distância dela. Ele preferia olhar abaixo sua lady assassina e lhe chamar, porque seu grito trazia a atenção da sala inteira para sua sobrinha, sua valiosa arma. E os convidados seriam assustados, e tudo seria como Randa gostava.

Hoje a noite ela sentou a mesa à direita de Randa, sua posição habitual. Ela usava a seda verde suave e lutava com a urgência de rasgar as mangas que afrouxariam seus pulsos e pairavam em suas mãos que arrastavam sobre seu prato se ela não fosse cuidadosa. Pelo menos este vestido cobria seus seios, a maior parte. Nem todos eles faziam. Helda não prestava nenhuma atenção quando ela lhe dava ordens sobre seu guarda-roupa.

Giddon sentado a sua esquerda. Um lorde a sua direita, a quem ela supunha ser um solteirão merecedor, era um homem não velho, mas mais velho do que Giddon, um homem pequeno cujos olhos esbugalhados e boca estreita lhe davam a aparência de um sapo. Seu nome era Davit e ele era um senhor de fronteiras do canto nordeste, na fronteira de Nander e Estill.

Sua conversa não era ruim, ele se importava com sua terra, suas fazendas, seus vilarejos, e Katsa achava fácil lhe fazer perguntas que ele estava ansioso para responder. Primeiro ele se sentou o mais

distante da beira de sua cadeira e olhava para o ombro dela, seu ouvido e seu cabelo enquanto eles falavam, mas nunca em seu rosto. Mas ele ficou mais calmo enquanto o jantar progredia e Katsa não o mordida; seu corpo relaxou, ele se sentou em sua cadeira, e eles falaram facilmente. Katsa o achou uma rara boa companhia para o jantar, este lorde Davit do nordeste. De qualquer forma, ele tornou mais fácil para ela resistir a arrancar os grampos que escavavam seu couro cabeludo.

O príncipe Lienid era também uma distração, não importasse o quanto ela desejasse que ele não fosse. Ele se sentava em paralelo a ela na sala e estava sempre no canto de seu olho, embora ela tentasse não olhar para ele diretamente. Ela sentia os olhos dele nela às vezes. Ele era, ousado, e completamente diferente do resto dos convidados, que cuidadosamente fingiam que ela não estava lá, como eles sempre faziam. Ocorreu a ela que não era apenas a singularidade dos olhos dele que desconcertava ela. Era que ele não tinha medo de sustentar os dela. Ela olhou para ele uma vez, quando ele não estava olhando. Ele levantou seus olhos para encontrar o seu olhar. Davit tinha feito a mesma pergunta duas vezes antes que Katsa o ouvisse e se afastasse do olhar inigualável do Lienid para responder.

Ela supôs que teria que enfrentar aqueles olhos em breve. Eles teriam que conversar; ela teria que decidir o que faria com ele.

Ela achou que lorde Davit estaria menos nervoso se ele soubesse que não havia chance de Randa oferecer a ele a sua mão.

“Lorde Davit,” ela disse. “Você tem uma esposa?”

Ele balançou sua cabeça. “É a única coisa que falta a minha propriedade, minha senhora.”

Katsa manteve seus olhos em sua carne de cervo e nas cenouras. “Meu tio está muito desapontado comigo por que pretendo nunca me casar.”

Lorde Davit parou, e então falou. “Eu duvido que seu tio seja o único homem que ache isso decepcionante.”

Katsa considerou o rosto pontudo dele, e não pôde deixar de sorrir. “Lorde Davit,” ela disse, “você é um perfeito cavalheiro.”

O lorde sorriu em retorno. "Você acha que eu não quis dizer isso, minha senhora, mas eu quis." Então ele se inclinou e abaixou sua cabeça. "Minha senhora," ele sussurrou, "eu desejo falar com o Conselho."

As vozes dos convidados do jantar eram altas, mas ela o ouviu perfeitamente. Ela fingiu estar interessada em seu jantar. Ela mexeu sua sopa. "Haja como se nós estivéssemos só conversando. Não sussurre, para atrair atenção."

O lorde se encostou a sua cadeira. Ele levantou seu dedo para uma garota servindo, que trouxe a ele mais vinho. Ele comeu alguns pedaços de sua carne e se virou para Katsa mais uma vez.

"O tempo tem sido muito gentil para meu velho pai este verão, minha senhora. "Ele disse.

"Ele sofre com o calor, mas tem estado frio no nordeste."

"Estou feliz em ouvir isso," Katsa disse. "Isso é informação, ou um pedido?"

O lorde falou com a boca cheia de cenouras. "Informação." Ele cortou outro pedaço de carne. "Se tornou mais e mais difícil cuidar dele, minha senhora."

"Por que isso?"

"Os idosos estão propensos a desconfortos. É nosso dever mantê-los confortáveis," ele disse, "e seguros."

Katsa concordou. "Palavras verdadeiras, de fato."

Ela manteve seu rosto uniforme, mas a excitação correu pelos cantos de sua mente. Se ele tinha informações sobre o seqüestro do avô Lienid, todos eles iriam querer ouvir. Ela alcançou por debaixo da mesa pesada e descansou sua mão sobre o joelho de Giddon. Ele se inclinou em direção a ela levemente, sem se virar para longe de uma lady que estava a seu outro lado.

"Você é um homem de grande informação, lorde Davit," ela disse para o senhor, ou melhor, para seu prato, para que Giddon pudesse ouvir. "Eu espero que nós tenhamos a oportunidade de falar mais com você durante sua estadia na corte."

"Obrigado, minha senhora." Lorde Davit disse. "Eu assim espero também."

Giddon iria espalhar a palavra. Eles se encontrariam naquela noite, em seu próprio quarto – porque eles estavam isolados e por que eles eram os únicos quartos não atravessado por servos. Se ela pudesse, ela encontraria Raffin de antemão. Ela gostaria de visitar o avô Tealiff.

Mesmo se ele estivesse ainda dormindo, seria bom ver com seus próprios olhos como ele estava indo.

Katsa ouviu o rei falar seu nome, e seus ombros se empertigou. Ela não olharia para ele, por que ela não desejava o encorajar a trazer ela para dentro de sua conversa. Ela não podia decifrar suas palavras; mais provavelmente ele estava dizendo a algum convidado a história do que ela tinha feito. Sua risada cruzou a mesa no grande salão de mármore. Katsa tentou empurrar de volta a careta que crescia em seu rosto.

O príncipe Lienid estava olhando para ela. Ela sentia isso também. O calor lambeu seu pescoço e se rastejou ao longo do seu couro cabeludo. “Minha senhora,” Lorde Davit disse, “você está bem? Você parece um pouco ruborizada.”

Giddon se virou para ela, seu rosto refletindo a preocupação. Ele a alcançou em seu braço.

“Você não está doente?”

Ela se afastou, para longe dele. “Eu nunca estou doente,” ela rosnou e de repente soube que ela devia deixar a sala. Ela devia deixar o barulho de vozes e o som da risada de seu tio, a preocupação abafada de Giddon, os olhos queimando do Lienid; ela devia ir lá fora, encontrar Raffin, ou ficar sozinha. Ela devia, ou ela perderia a cabeça, e algo impensável iria acontecer.

Ela ficou de pé, e Giddon e lorde Davit ficaram em pé com ela. Do outro lado da sala o príncipe Lienid ficou de pé. Um por um, do restante dos homens viram ela em pé e se levantaram.

A sala em silêncio, e todos estavam olhando para ela.

“O que é Katsa?” Giddon perguntou, alcançando seu braço de novo. Então com aquilo ele não estaria envergonhado perante todos na sala, ela permitiu a ele tocá-la, embora sua mão fosse como uma marca que queimasse em sua pele.

“Não é nada,” ela disse. “Desculpe-me,” ela se virou para o rei, o único homem na sala que não estava de pé. “Perdoe-me, rei,” ela disse, “não é nada. Por favor, sentem-se.” Ela acenou sua mão para as mesas. “Por favor.” Lentamente, todos os cavalheiros sentaram e as vozes retomaram de novo. A risada do rei soou, dirigida para ela, ela tinha certeza. Katsa se virou para lorde Davit. “Por favor, me desculpe, meu senhor.” Ela se virou para Giddon, cuja mão ainda agarrava-se ao seu cotovelo. “Largue, Giddon, eu quero dar uma caminhada lá fora.”

“Eu irei com você,” ele disse. Ele começou a se levantar, mas ao aviso nos olhos dela ele se sentou novamente. “Muito bem, Katsa, faça o que quiser.”

Havia uma rispidez em sua voz. Ela provavelmente tinha sido rude, mas ela não se importou. Tudo o que importava era que ela deixasse esta sala e fosse para um lugar onde ela não pudesse ouvir o zumbido da voz do tio. Ela se virou, cuidadosamente para não atrair os olhos do Lienid. Ela se forçou a andar lentamente, calmamente, para a porta a um pé da sala. Uma vez atravessada à porta, ela correu. Ela correu pelos corredores, pelas esquinas, por servos que se achatavam tremendo contra as paredes enquanto ela voava. Finalmente ela irrompeu para a escuridão do pátio.

Ela cruzou o piso de mármore, puxando os grampos de seu cabelo. Ela suspirou enquanto os cachos caíam ao redor de seus ombros e a tensão deixou seu couro. Eram os grampos, o vestido, e os sapatos que incomodavam seus pés. Estava tendo que segurar sua cabeça e se sentar ereta, eram os brincos irritantes que roçavam em seu pescoço. Esta foi a razão que ela não podia passar um instante mais no jantar elegante de seu tio. Ela tirou seus brincos e os arremessou na fonte de seu tio. Ela não se importava de quem o achasse. Mas isso não era bom, por que as pessoas falariam. A corte inteira especularia sobre o que isso queria dizer, ela ter jogado os seus brincos na fonte do tio.

Katsa chutou seus sapatos, amarrou acima sua saia e subiu na fonte, suspirando enquanto a água fria corria entre seus dedos e rodeavam seus tornozelos. Era um grande melhora sem seus sapatos. Ela não os colocaria de novo esta noite. Ela atravessou com

dificuldade pelo reflexo que viu na água e recuperou seus brincos. Ela os enxugou na sua saia, e os jogou no corpete de seu vestido para guardá-los, e ficou na fonte, aproveitando a frescura envolvendo seus pés, o ar do pátio, os barulhos da noite – até que um som vindo de dentro lembrou a ela o quanto a corte falaria se ela fosse encontrada caminhando, descalça, o cabelo desgrenhado, na fonte do rei Randa. Eles pensariam que ela estava louca.

E talvez ela estivesse louca.

Uma luz brilhou na sala de trabalhos de Raffin, mas não era sua companhia que ela procurou depois de tudo. Ela não queria se sentar e conversar. Ela queria se mover. Movimento que iria parar o zumbido em sua mente.

Katsa desceu da fonte e pendurou as tiras de seus sapatos em seu pulso e correu.

Capítulo Oito



O campo de provas de arco e flecha estava vazio e escuro, exceto pela única tocha solitária que brilhava fora da sala de equipamentos. Katsa acendeu as tochas ao longo do campo, então quando ela retornasse para frente, os manequins com formato de homem estariam pretos contra o brilho atrás deles. Ela agarrou um arco aleatoriamente do estoque e recolheu um punhado de flechas levemente coloridas que ela encontrou. Então dirigiu seta após seta para os joelhos de seus alvos. Em seguida para as coxas, e então para os cotovelos, e para os ombros, até que ela esvaziou sua aljava. Ela começou de novo.

Ela perdeu o seu temperamento no jantar, e por nenhum motivo. Randa não tinha falado com ela, nem mesmo tinha olhado para ela, só tinha dito seu nome. Ele adorava se vangloriar dela, como se sua grande habilidade fosse ele que a fizesse. Como se ela fosse a seta, e ele o arqueiro cuja habilidade a enviava ao alvo. Não, não uma seta – isso não captava bem. Um cachorro. Para Randa ela era um cachorro selvagem que ele tinha treinado. Ele a jogava em seus inimigos e permitia que ela saísse da jaula para ser cuidada e manter-se bonita, para se sentar entre seus amigos e fazer eles nervosos.

Katsa não notou o aumento de sua velocidade e o foco, a ferocidade com que ela estava agora açoitando as flechas de sua aljava, a próxima flecha fendeu o fio antes que primeiro acertasse o alvo. Não até que ela sentiu a presença atrás de seu ombro, ela mexeu em preocupação e percebeu como ela devia parecer.

Ela estava selvagem. Olhe para sua velocidade, olhe para sua precisão, e o pobre arco, mal curvado, mal esticado. Não era de se admirar que Randa a tratava mal.

Ela sabia que era o Lienid que estava atrás dela. Ela o ignorou. Mas diminuiu seus movimentos, fez um show mirando as coxas e os joelhos antes que disparasse. Ela ficou consciente da sujeira debaixo de seus pés e se lembrou também que estava descalça com seus cabelos caindo ao redor dos ombros e seus sapatos em uma pilha em algum lugar próximo aos equipamentos da sala. Ele teria notado. Ela duvidava que não houvesse muito que aqueles olhos não notassem. Bem, ele não teria que ter usado sapatos tão estúpidos em seus pés, ou deixado porem grampos em seu cabelo se seu couro cabeludo estivesse gritando. Ou talvez ele tivesse.

Ele parecia não se importar com suas próprias jóias finas, em suas orelhas e em seus dedos.

Eles deviam ser pessoas vaidosas, os Lienid.

“Você pode matar com uma flecha? Ou você apenas fere?”

Ela se lembrou da sua voz rouca no pátio de Murgon, e ele a estava provocando agora, como tinha feito. Ela não se virou para ele. Ela simplesmente tirou duas setas de sua aljava, as mirou juntas, puxou e as soltou. Uma voou para a cabeça do alvo, e a outra para o peito. Elas acertaram com um satisfatório baque e brilharam palidamente na luz trêmula da tocha.

“Eu nunca cometerei o erro de te desafiar no arco e flecha”.

Havia riso em sua voz. Ela manteve suas costas para ele e alcançou outra seta. “Você não perdeu nosso jogo passado tão facilmente,” ela disse.

“Ah, mas isso é por que eu tenho a habilidade de lutar. Eu careço de sua habilidade com o arco e a flecha.”

Katsa não pode se impedir de se encontrar interessada. Ela virou seus olhos para ele, o rosto dele nas sombras. “É verdade?”

“Minha graça me dá habilidade ao combate mão a mão,” ele disse, “ou espada contra espada.” “Muito pouco para meu arco e flecha.”

Ele se inclinou contra uma grande placa de pedra que servia como mesa para o equipamento dos arqueiros. Seus braços estavam

cruzados. Ela estava começando a se acostumar com aquele olhar, aquele olhar preguiçoso, como se ele pudesse dormir a qualquer momento, mas isso não a enganava. Ela achou que se ela saltasse nele, ele reagiria rápido o suficiente.

“Então, você precisa ser capaz de lutar com seu oponente, para ter vantagem,” ela disse.

Ele concordou. “Eu posso ser mais rápido me esquivando de setas do que alguém sem a graça. Mas em meu próprio ataque, minha habilidade só é tão boa quanto meu alvo.”

“Humm.” Katsa acreditava nele, as graças eram estranhas; elas não tocavam duas pessoas exatamente da mesma maneira.

“Você pode atirar uma faca tão bem quanto você atira uma flecha?” ele perguntou.

“Sim.”

“Você é imbatível lady Katsa.” Ela ouviu o riso em sua voz de novo. Ela o considerou por um momento então se virou e andou direto para os alvos. Ela parou em um, o que ela tinha „assassinado”, e arrancou as flechas de suas coxas, peito e cabeça.

Ele procurava seu avô, e Katsa tinha o que ele procurava. Mas ele não se sentia seguro dela, este aí. Ele não se sentia bastante confiante.

Ela andou de alvo em alvo, puxando as flechas. Ele a observou, ela sentia isso, e o conhecimento dos olhos dele sobre ela a levou para parte de trás do campo, onde ela tinha colocado as tochas, uma a uma. Quando ela extinguiu a última chama, a escuridão a envolveu, e ela sabia que ela estava invisível.

Ela se virou para ele então, pensando em examiná-lo na luz da sala de equipamento sem ele saber. Mas ele ficou relaxado, braços cruzados, e olhando direto para ela. Ele não podia vê-la, isso era impossível – mas seu olhar era tão direto que ela não podia sustentá-lo, mesmo sabendo que ele não sabia que ela olhava.

Ela caminhou através do campo e saiu para a luz, e os olhos dele mudaram de foco. Ele sorriu para ela, sempre levemente. A tocha pegou o dourado de um olho e o prata do outro. Eles eram como olhos de um gato, ou uma criatura noturna de algum tipo.

“Sua graça dá a você visão noturna?” Ela perguntou.

Ele riu. "Difícilmente. Por que você pergunta?"

Ela não respondeu. Eles olharam um para o outro por um momento. O rubor começou a subir por seu pescoço novamente, e com ele, a irritação. Ela tinha crescido muito acostumada as pessoas evitando seus olhos. Ele não a abalaria assim, simplesmente olhando para ela. Ela não permitiria isso.

"Eu vou retornar ao meu quarto agora," ela disse.

Ele se empertigou. "Lady, eu tenho algumas perguntas."

Bem, e ela sabia que eles iriam ter essa conversa eventualmente, e preferia tê-la no escuro, onde os olhos dele não a enervassem. Katsa puxou a aljava por sobre sua cabeça, e a deitou na placa de pedra. Ela colocou o arco ao lado. "Vá em frente," ela disse.

Ele se inclinou de volta contra a pedra. "O que você roubou do rei Murgon, lady?" Ele disse, "há quatro noites passadas?"

"Nada que o rei Murgon não tenha roubado."

"Ah. Roubado de você?"

"Sim, de mim, ou de um amigo."

"Sério?" Ele cruzou seus braços de novo, e na luz da tocha ele levantou uma sobrancelha.

"Eu me pergunto se o seu amigo ficaria surpreso em ser chamado?"

"Por que ele deveria estar surpreso? Por que ele deveria se achar um inimigo?"

"Ah," ele disse, "mas é só isso. Eu pensei que os Middluns não têm nem amigos nem inimigos. Eu pensei que o rei Randa nunca se envolveria. "

"Eu suponho que você esteja errado."

"Não. Eu não estou errado." Ele olhou para ela, e ela ficou feliz pela escuridão manter seus olhos estranhos escurecidos. "Você sabe por que eu estou aqui, lady?"

"Foi-me dito que você é filho do rei Lienid," ela disse, "e foi dito que você procura por seu avô, que desapareceu. Por que veio a corte de Randa eu não posso dizer. Eu duvido que Randa seja seu seqüestrador."

Ele a considerou por um momento, e um sorriso caiu sobre seu rosto. Katsa sabia que não estava enganando ele. E não importava.

Ela podia saber que ele sabia, mas ela não tinha intenção de confirmar isso.

“Rei Murgon estava bastante certo de que eu estava envolvido no roubo,” ele disse. “Ele pareceu ter certeza que eu sabia qual era o objeto que tinha sido roubado.”

“E isso é natural,” Katsa disse. “Os guardas tinham visto um lutador, e você não é outro além do que um lutador.”

“Não. Murgon não acredita que eu estava envolvido por que eu fui agraciado. Ele acredita que eu estava envolvido por que eu sou um Lienid. Você pode explicar isso?”

E é claro que ela não daria a ele a resposta para esta pergunta, a este Lienid de sorriso malicioso. Ela notou que o pescoço da blusa dele estava agora preso. “Eu percebo que você fecha sua camisa para jantares de estado,” ela se ouviu dizendo, embora ela não soubesse de onde veio tal comentário sem sentido.

Sua boca se contorceu, e suas palavras, quando ele falou, não escondiam sua risada. “Eu não sabia que você estava tão interessada em minha camisa, Lady.”

Seu rosto ficou quente, e a risada dele foi enfurecedora. Isso era um absurdo, e ela não toleraria isso. “Eu estou indo para meu quarto agora,” ela disse, e se virou para sair. Em um instante, ele bloqueou seu caminho.

“Você tem o meu avô.” Ele disse.

Ela tentou andar em torno dele. “Eu estou indo para meu quarto.” Ele bloqueou seu caminho de novo, e dessa vez ele levantou seu braço em alerta.

Bem, pelo menos eles estavam agora se relacionando de um modo que ela podia entender. Katsa inclinou sua cabeça para cima e olhou dentro dos olhos dele. “Eu estou indo para meu quarto,” disse, “e se eu precisar te derrubar para fazer isso, eu irei.”

“Eu não vou permitir que você vá,” ele disse, “até que você me diga onde meu avô está.”

Ela se moveu de novo para passá-lo, e ele se moveu para bloquear ela, e foi quase com alívio que ela o golpeou em seu rosto. Foi só uma finta, e quando ele se abaixou ela o acertou no estômago, com seu joelho, mas ele girou, então o golpe não bateu

de verdade, e voltou com um punho para o estômago dela. Ela recebeu o golpe, só para ver que o quão bem ele batia, e então, ela desejou que não o tivesse visto. Este não era um dos soldados do rei, cujos golpes dificilmente atingiam ela, mesmo com dez deles de uma só vez. Este podia tirar a respiração de dentro dela. Este podia lutar, e então era uma luta o que ela daria a ele.

Ela saltou e chutou o seu peito. Ele caiu no chão e ela se jogou em cima dele, golpeando no rosto uma, duas, três vezes, e dando uma joelhada em seu lado antes que ele fosse capaz de se livrar dela. Ela estava sobre ele de novo como um gato selvagem, mas enquanto ela tentava prender os braços dele, ele a inverteu, jogando-a de costas e a prendendo no chão com o peso de seu corpo. Ela enrolou suas pernas acima e o empurrou para longe, e em seguida eles estavam de pé de novo, agachados, circulando, golpeando um ao outro com as mãos e os pés.

Ela chutou seu estômago e se movimentou rapidamente, e eles estavam no chão novamente.

Katsa não sabia por quanto tempo eles estavam lutando, quando ela percebeu que ela estava rindo. Ele entendeu sua alegria, entendeu ela completamente. Ela nunca tinha tido tal luta, ela nunca tinha tido tal oponente. Ela era mais rápida do que ele ofensivo – muito mais rápida – mas ele era mais forte, e era como se ele tivesse uma premonição a cada giro e golpe dela; ela nunca tinha conhecido um lutador tão rápido para se defender. Ela estava trazendo de volta movimentos que ela não tinha tentado desde que ela era uma criança, golpes que ela só tinha imaginado a oportunidade de usar. Eles estavam brincando. Isso era um jogo. Quando ele prendeu seus braços atrás de sua cabeça, agarrou seu cabelo, e empurrou o rosto dela na terra, ela descobriu que ele estava rindo também.

“Renda-se,” ele disse.

“Nunca.” Ela chutou seus pés nele e contorceu seus braços fora de seu alcance. Ela o acotovelou no rosto, e quando ele pulou para evitar o golpe, ela voou nele e o jogou no chão. Ela prendeu seus braços como ele tinha acabado de fazer, e empurrou o rosto dele na terra. Ela enfiou um joelho na parte de baixo de suas costas.

“Você se rende”, ela disse, “por que você foi derrotado.”

“Eu não fui derrotado e você sabe disso. Você vai ter que quebrar meus braços e minhas pernas para me derrotar.”

“E eu irei,” ela disse, “se você não se render.” Mas havia um sorriso em sua voz, e ele riu.

“Katsa,” ele disse, “Lady Katsa. Eu me renderei, com uma condição.”

“E qual condição?”

“Por favor,” ele disse. “Por favor, me diga o que aconteceu com meu avô.”

Havia algo misturado na risada em sua voz, algo que segurou a garganta de Katsa. Ela não teve um avô. Mas talvez este avô significasse para o príncipe Lienid, o que Oll – ou Helda ou Raffin – significavam para ela.

“Katsa,” ele disse para a sujeira. “Eu imploro que você confie em mim, como eu confiei em você.”

Ela o prendeu apenas por um momento, e então ela soltou os seus braços. Ela deslizou de suas costas e sentou no chão ao lado dele. Ela descansou seu queixo em sua palma, o considerando.

“Por que você confia em mim,” ela disse, “quando eu deixei você largado no chão do pátio de Murgon?”

Ele rolou e se sentou, gemendo. Ele massageou seus ombros. “Por que eu acordei. Você podia ter me matado, mas você não o fez.” Ele tocou seu rosto e piscou. “Seu rosto está sangrando.” Ele estendeu sua mão para seu queixo, mas ela o afastou.

“Não importa,” ela disse. “Venha comigo, príncipe Greening.”

Ele saltou para seus pés. “É Po.”

“Po?”

“Meu nome é Po.”

Katsa o observou por um momento enquanto ele balançava seus braços e testava as articulações de seu ombro. Ele pressionou seu lado e gemeu. Seu olho estava inchado e escurecendo, ela pensou, embora fosse difícil de dizer no escuro. Sua manga estava rasgada e ele estava coberto de terra, absolutamente manchado dos pés a cabeça. Ela sabia que ela parecia do mesmo jeito – ou pior, na

verdade, com seu cabelo bagunçado e seus pés descalços – mas isso só a fez sorrir.

“Venha comigo, Po,” ela disse. “Eu vou te levar a seu avô.”

Capítulo Nove



Quando eles caminharam para as luzes da sala de Raffin, seu cabelo azul estava inclinado sobre um frasco borbulhante. Ele adicionava folhas ao frasco de um vaso de plantas em seu cotovelo. Ele observou as folhas se dissolverem e murmurou alguma coisa para o resultado.

Katsa limpou sua garganta. Raffin olhou acima, para eles, e piscou.

"Acho que vocês se conheceram," ele disse, "deve ter sido uma luta amistosa, se vocês vieram a mim juntos."

"Você está sozinho?" Katsa perguntou.

"Sim, exceto por Bann, é claro."

"Eu disse ao príncipe sobre seu avô."

Raffin olhou de Katsa para Po e de volta para Katsa. Ele levantou suas sobrancelhas.

"Ele é de confiança," Katsa disse. "Desculpe por não consultar você, Raff."

"Kat," Raffin disse, "se você o acha de confiança mesmo depois que ele deixou seu rosto ensangüentado e - " ele olhou para seu vestido esfarrapado – "rolou com você em uma poça de lama, então eu acredito em você."

Katsa sorriu. "Nós podemos ver ele?"

"Podem," Raffin disse. "E eu tenho boas notícias. Ele está acordado."

O castelo de Randa era cheio de passagens secretas; tinha sido dessa forma desde sua construção a muitas gerações passadas. Elas eram tão abundantes que nem mesmo Randa sabia de todas elas –

ninguém sabia, realmente, embora Raffin tivesse tido a idéia, quando criança, ao perceber que quando dois quartos estavam juntos em um modo que parecia não combinar. Katsa e Raffin tinham tido o bastante explorando quando crianças. Katsa mantinha a guarda, de modo que alguém que viesse a uma das investigações de Raffin fugiria as pressas ao sinal de sua pequena e evidente forma. Raffin e Katsa tinham escolhido seus alojamentos por que uma passagem os conectava, e por outro corredor ligava o de Raffin a biblioteca de ciências.

Algumas passagens eram secretas, e algumas eram conhecidas por toda a corte. A do laboratório de Raffin era secreta. Ela dava para o interior de uma sala de armazenamento em uma alcova, acima de uma escada, e para uma pequena sala entre dois andares do castelo. Ela era sem janelas, escura e mofada, mas era o único lugar no castelo que eles podiam ter certeza de que ninguém encontraria, e que Raffin e Bann podiam ficar por perto na maioria do tempo.

Bann era amigo de Raffin há anos, um jovem que tinha trabalhado na biblioteca quando menino. Um dia Raffin se deparou com ele, e as duas crianças tinham começado a falar sobre ervas e remédios e sobre o que acontecia quando você misturava a raiz de uma planta com o pólen de outra. Katsa tinha ficado espantada por haver mais de uma pessoa em Middlun que achasse tais coisas interessantes o suficiente para se conversar – e aliviada de Raffin ter encontrado outro alguém do que ela para aborrecer. Pouco tempo depois, Raffin pediu ajuda a Bann com uma experiência em particular, e desde esse tempo tinha efetivamente roubado Bann para si mesmo. Bann era o assistente de Raffin em todas as coisas.

Raffin conduziu Katsa e Po através da porta atrás da sala de armazenamento, uma tocha em sua mão. Eles deslizaram pelos degraus que davam para a câmara secreta.

“Ele disse alguma coisa?” Katsa perguntou.

“Nada,” Raffin disse, “além de que ele foi vendado quando eles o pegaram. Ele ainda está muito fraco. Ele não parece se lembrar de muita coisa.”

“Você sabe quem o levou?” Po disse. “Murgon foi responsável?”

“Achamos que não,” Katsa disse, “mas todos nós sabemos com certeza de que não foi Randa.”

As escadas terminaram em uma porta. Raffin ocupou-se com uma chave.

“Randa não sabe que ele está aqui,” Po disse. Foi mais uma declaração do que uma pergunta.

“Randa não sabe,” Katsa disse. “Ele nunca deve saber.”

Raffin abriu a porta, e eles lotaram o minúsculo quarto. Bann sentado em uma cadeira ao lado da cama estreita, lendo na luz fraca de uma lâmpada sobre a mesa ao lado dele. Príncipe Tealiff deitado de costas na cama, seus olhos fechados e suas mãos cruzadas sobre seu peito.

Após sua entrada, Bann ficou de pé. Ele não pareceu surpreso enquanto Po se apressava a frente, ele apenas se afastou e ofereceu sua cadeira. Po se sentou e se inclinou em direção a seu avô, olhando para seu rosto dormindo. Simplesmente olhando para ele, e não o tocou. Então pegou as mãos do homem e inclinou sua testa nelas, exalando lentamente.

Katsa sentiu como se estivesse se intrometendo em algo privado. Ela baixou seus olhos até que Po se sentasse novamente.

“Seu rosto está ficando escuro, príncipe Greening,” Raffin disse. “Você está a caminho de um olho bem roxo.”

“Po,” ele disse. “Me chame de Po.”

“Po, eu vou pegar gelo da adega. Vamos, Bann, vamos pegar suprimento para nossos dois guerreiros.”

Raffin e Bann deslizaram pela porta. E quando Katsa e Po se viraram para Tealiff, os olhos do velho estavam abertos.

“Vovô,” Po disse.

“Po?” Sua voz arranhada com o esforço de falar. “Po.” Ele se esforçou em limpar sua garganta e então ficou imóvel por um momento, exausto. “Grandes mares, menino. Eu não deveria estar surpreso em ver você.”

“Eu estava seguindo sua pista, vovô.” Po disse.

“Traga a lâmpada para mais perto, menino.” Tealiff disse. “O que em nome de Lienid você fez com seu rosto?”

“Não é nada, vovô. Eu só estava lutando.”

“Com o que, um bando de lobos?”

“Com lady Katsa,” Po disse. Ele ergueu sua cabeça para Katsa, que estava a um pé de distância da cama. “Não se preocupe, vovô. Foi só uma briga amigável.”

Tealiff bufou. “Um briga amigável. Você parece pior do que ela, Po.”

Po explodiu na gargalhada. Ele ria muito, este príncipe Lienid. “Eu encontrei uma a minha altura, vovô.”

“Mas do que a sua altura,” Tealiff disse. “é o que me parece. Venha aqui, criança.” Ele disse para Katsa. “Venha para a luz.”

Katsa se aproximou do outro lado da cama e se ajoelhou ao lado dele. Tealiff se virou para ela, e ela se tornou consciente de sua sujeira, do rosto ensangüentado, seu cabelo emaranhado.

O quanto terrível ela devia parecer para este velho.

“Minha querida,” ele disse. “Acredito que lhe deva a minha vida.”

“Príncipe,” Katsa disse. “se alguém fez isso, foi meu primo Raffin com seus remédios.”

“Sim Raffin é um bom garoto,” ele disse. Ele deu uma batidinha em sua mão. “Mas eu sei o que você fez, você e os outros. Você salvou minha vida, embora eu não possa saber o porquê. Eu duvido que qualquer Lienid tenha feito a você uma gentileza.”

“Eu nunca encontrei um Lienid,” Katsa disse, “antes de você, príncipe. Mas você parece muito gentil.”

Tealiff fechou os olhos. Ele pareceu afundar em seus travesseiros. Sua respiração era um suspiro prolongado.

“Ele cai no sono desse jeito,” Raffin disse da porta. “Suas forças vão voltar com o descanso.” Ele carregava algo envolvido em um pano, que ele estendeu para Po. “Gelo. Segure-o nesse olho. Parece que ela rachou seu lábio também. Onde mais está machucado?”

“Em toda parte,” Po disse. “Eu sinto como se eu tivesse sido atropelado por um grupo de cavalos.”

“Honestamente, Katsa.” Raffin disse. “Você estava tentando matar ele?”

“Se eu estivesse tentando matá-lo, ele estaria morto,” Katsa disse, e Po riu novamente.

“Ele não estaria rindo,” ela adicionou, “se estivesse tão mal.”

Não era tão mal, ou pelo menos Raffin foi capaz de determinar que nenhum de seus ossos foram quebrados e ele não tinha sofrido nenhum ferimento que não curasse. Em seguida Raffin se virou para Katsa. Ele examinou o arranhão que estendia sobre sua mandíbula, e limpou a sujeira e o sangue de seu rosto.

“Não é muito profundo, esse arranhão,” ele disse. “Alguma outra dor?”

“Nenhuma,” ela disse, “eu nem mesmo sinto esse arranhão.”

“Eu suponho que você terá que aposentar esse vestido,” ele disse. “Helda vai lhe dar uma bronca terrível.”

“Sim, e eu estou arrasada por causa do vestido.”

Raffin sorriu. Ele a agarrou pelos seus braços e a segurou para que ele pudesse olhá-la de cima a baixo. Ele riu.

“O que pode ser tão engraçado,” Katsa disse, “para um príncipe que tornou seu cabelo azul?”

“Você parece como se tivesse estado em uma luta,” ele disse, “pela primeira vez em sua vida.”

Katsa tinha cinco aposentos. Seu quarto de dormir, decorado com cortinas escuras e tapeçarias na parede que Helda tinha escolhido por que Katsa se recusava a formar uma opinião sobre o assunto. Seu banheiro de mármore branco, grande e frio, funcional. Sua sala de jantar, com janelas dando para o pátio, e uma pequena mesa onde ela comia, algumas vezes com Raffin ou Helda, ou Giddon quando ele não a estava chateando. Sua sala de estar, cheia de cadeiras e almofadas macias que Helda, de novo, tinha escolhido. Ela não usava a sala de estar.

A quinta sala costumava ser sua oficina, mas ela não podia se lembrar da última vez que ela tinha bordado ou feito crochê, ou cerzido uma meia. Ela não podia se lembrar da última vez que ela tinha usado uma meia, verdade seja dita. Ela tinha transformado o quarto em um lugar para estocar suas armas: espadas, adagas, facas, arcos, e bastões alinhados nas paredes. Ela tinha montado a sala com uma mesa sólida, quadrada, e agora os encontros do Conselho eram realizados lá.

Katsa tomou banho pela segunda vez naquele dia e amarrou seu cabelo molhado atrás da cabeça. Ela alimentou o fogo com seu

vestido no quarto de dormir e observou ele se extinguir fumegando, com grande satisfação. O garoto que mantinham vigiando durante o encontro do Conselho chegou. Katsa entrou na sala de armas e acendeu as tochas que se penduravam nas paredes entre suas facas e arcos.

Raffin e Po foram os primeiros a chegar. O cabelo de Po estava molhado de seu próprio banho. A pele tinha escurecido ao redor de seu olho, do olho dourado, e fazia o olhar dele ainda mais audaz e impar do que havia sido antes. Ele se apoiou relaxadamente contra a mesa com as mãos nos bolsos. Seus olhos passaram ao redor da sala, sondando a coleção de armas de Katsa. Po estava usando uma nova camisa, aberta no pescoço e com as mangas enroladas até o cotovelo. Seu antebraço era tão bronzeado quanto seu rosto. Ela não sabia por que ela notou. Ela se encontrou fazendo uma careta.

“Sente-se. Vossa Alta Majestade Lorde Príncipe.” Ela disse. Ela puxou com força uma cadeira da mesa e se sentou.

“Você esta de bom humor.” Raffin disse.

“Seu cabelo está azul,” Katsa rebateu.

Oll entrou na sala. A vista do arranhão no rosto de Katsa, sua boca escancarou. Ele se virou para Po e viu o olho roxo. Ele se virou de volta para Katsa. Começou a rir. Ele bateu suas mãos sobre a mesa, e a gargalhada virou um rugido. “Como eu gostaria de ter visto essa luta, minha senhora. Oh, como eu gostaria de ter visto ela.”

Po estava sorrindo. “A lady venceu, o que eu duvido que surpreenderia você.”

Katsa olhou com raiva. “Foi um empate. Ninguém venceu.”

“Estou vendo,” foi a voz de Giddon, e quando ele entrou na sala e olhou de Katsa para Po, seus olhos escureceram. Ele colocou sua mão na espada. Girou para Po. “Eu não vejo onde você foi derrotado na luta de Lady Katsa.”

“Giddon,” Katsa disse. “Não seja ridículo.”

Giddon se virou para ela. “Ele não tinha o direito de atacar você.”

“Eu desferi o primeiro golpe, Giddon. Sente-se.”

“Se você desferiu o primeiro golpe então ele deve ter insultado você – “

Katsa pulou de sua cadeira. "Já chega Giddon – se você acha que eu preciso de você para me defender –"

"Um convidado desta corte, um total estranho – "

"Giddon – "

"Lorde Giddon." Po tinha se levantado, e sua voz cortou a dela. "Se eu insultei a sua senhora," ele disse, "você deve me perdoar. Eu raramente tenho o prazer de praticar com alguém do calibre dela, e eu não pude resistir a tentação. Eu posso lhe assegurar que ela fez mas danos em mim do que eu fiz a ela."

Giddon não retirou sua mão da espada, mas sua careta diminuiu.

"Eu lamento se insultei você também," Po disse. "Eu vejo que eu deveria ter tomado mais cuidado com seu rosto. Perdoe-me. Isso foi imperdoável." Ele estendeu sua mão através da mesa.

Os olhos zangados de Giddon ficaram calorosos de novo. Ele estendeu e apertou a mão de Po. "Você entende minha preocupação." Giddon disse.

"É claro."

Katsa olhou de um para o outro, os dois apertando as mãos, compreendendo a preocupação um do outro. Ela não via onde Giddon se sentiria insultado. Ela não via onde Giddon tinha algo haver com tudo. Quem eram eles, para tomarem a luta dela em algum tipo de entendimento entre eles? Ele deveria ter mais cuidado com o rosto dela? Ela esmurraria o nariz de seu rosto. Ela socaria os dois, e não se desculparia por nenhum deles.

Po captou o olhar dela então, e ela não fez nada para suavizar a fúria silenciosa que ela enviou para a ele do outro lado da mesa. "Podemos nos sentar?" alguém disse. Po sustentou o olhar dela enquanto eles se sentavam. Não houve nenhum traço de humor na expressão dele, nenhum traço de arrogância do seu intercâmbio com Giddon. E então ele balbuciou duas palavras. Foi tão claro como se ele tivesse dito em voz alta. "Perdoe-me."

Giddon ainda era um traseiro de cavalo.

Dezesseis membros do Conselho compareceram a reunião, além de Po e lorde Davit: Katsa, Raffin, Giddon, Oll e sua esposa, Bertol; dois soldados sob o comando de Oll, dois espiões que trabalhavam com ele, três senhores do nível de Giddon, e quatro servos – um era

uma mulher que trabalhava nas cozinhas do castelo, um nos estábulos, um era uma lavadeira, e um secretário na contabilidade de Randa. Havia outros no castelo envolvidos com o Conselho. Mas na maioria das noites, estes eram seus representantes, juntamente com Bann, quando ele podia escapar.

Desde que a reunião tinha sido convocada para ouvir as informações de lorde Davit, o Conselho não perdeu tempo "Lamento dizer que não posso dizer quem raptou príncipe Tealiff," Davit disse. "Vocês, é claro, prefeririam esse tipo de informação. Mas eu sou capaz de dizer quem não foi. Minhas terras da fronteira de Estill e Nander. Meus vizinhos são senhores do rei Thigpen e Drowden. Estes senhores têm trabalhado com o Conselho, e alguns deles são espiões de confiança de Thigpen e Drowden, príncipe Raffin." Davit disse. "Estes homens estão certos que nem o rei Thigpen, nem o rei Drowden estão envolvidos no seqüestro do Lienid.

"Então deve ser o rei Birn de Wester," Raffin disse. E ainda assim Katsa não podia imaginar o motivo.

"Diga-nos suas fontes," Oll disse, "e as fontes de suas fontes. Vamos analisá-la. Se esta informação se tornar verdadeira, nós estaremos muito mais perto de uma explicação."

A reunião não durou muito. Os sete reinos tinham estado tranquilos, e as notícias de Davit eram o suficiente para ocupar Oll e os outros espiões no momento. "Isso nos ajudaria, príncipe Greening," Raffin disse, "se você permitir que nós continuemos no resgate do seu avô como um segredo por agora. Nós não podemos garantir a segurança dele se nós não soubermos quem o atacou."

"É claro," Po disse. "eu concordo."

"Mas talvez uma mensagem codificada para sua família," Raffin disse, "para dizer que tudo está bem com ele..."

"Sim. Eu acho que eu poderia adaptar tal mensagem."

"Excelente." Raffin bateu suas mãos na mesa. "Mais alguma coisa? Katsa?"

"Eu não tenho nada," Katsa disse.

"Bom," Raffin continuou. "Até que nós ouçamos novidades, então, ou até que o avô Tealiff lembre-se de algo. Giddon, você poderia levar lorde Davit para seu aposento? Oll, Horan, Waller,

Bertol, vocês vem comigo? Eu gostaria de um momento. Nós vamos tomar a passagem interna Katsa, se você não se importa com um desfile através de seu quarto de dormir.”

“Vão em frente,” Katsa disse. “É melhor do que um desfile pelos corredores.”

“O príncipe,” Raffin disse. “Katsa, você levaria o príncipe –”

“Sim. Vão em frente.”

Raffin se afastou com Oll e os espiões; os soldados e os servos disseram suas despedidas, e partiram.

“Eu acredito que você se recuperou do seu mal estar no jantar, Katsa,” Giddon disse, “se você tem estado começando brigas. De fato, soa como se você estivesse de volta ao seu normal.”

Ela deveria ser civilizada com ele na frente de Po e lorde Davit, embora ele risse agora de sua cara. “Sim, obrigada, Giddon. Boa noite.”

Giddon assentiu e saiu com lorde Davit. Po e Katsa estavam sozinhos. Po se inclinou de volta na mesa. “Eu não sou confiável para encontrar o caminho através dos corredores por mim mesmo?”

“Ele quis dizer para eu levá-lo através das passagens internas,” Katsa disse, “se você for visto vagando pelos corredores da corte de Randa a esta hora, as pessoas irão falar. Esta corte transforma as coisas mais mundanas em algo para se falar.”

“Sim.” Ele disse. “Acredito que é o caso da maioria das cortes.”

“Você planeja ficar muito tempo na corte?”

“Eu gostaria de ficar até que meu avô se sinta melhor.”

“Então nós vamos ter que corresponder com uma desculpa para sua presença,” Katsa disse. “Por que não é do conhecimento geral de que você procura por seu avô?”

Po concordou. “Se você concordar em treinar comigo,” ele disse, “isso poderia servir como uma desculpa.”

Ela começou a apagar as tochas. “O que você quer dizer?”

“As pessoas iriam entender,” ele disse, “se eu ficasse a fim de treinar com você. Elas devem ver isso em nosso ponto de vista, é uma oportunidade valiosa. Para nós dois.”

Ela parou antes da última tocha e considerou sua proposta. Ela entendia completamente.

Ela estava cansada de lutar com nove ou dez homens ao mesmo tempo, homens em armadura completa. Nenhum deles capaz de tocá-la, e ela sempre controlava seus golpes. Seria uma emoção, uma pura emoção, lutar com Po novamente. Lutar com ele regularmente, um sonho.

“Não pareceria como se você estivesse desistido da sua busca pelo seu avô?”

“Eu já estive em Wester,” ele disse, “e em Sunder. Eu posso viajar para Nander e Estill.

Sob o pretexto de ir à procura de informações, não posso, usando esta cidade como minha base?

Nenhuma cidade é mais central do que Randa.”

Ele poderia fazer isso, e ninguém teria razão para questioná-lo. Ela apagou a última tocha e caminhou de volta a ele. Metade do rosto dele era iluminado pela luz no hall lá fora. Era seu olho dourado, seu olho escurecido, que estava iluminado. Ela levantou os olhos para ele e apertou seu queixo.

“Eu treinarei com você,” ela disse. “Mas não espere que eu tome mais cuidado com seu rosto do que o que eu fiz hoje.”

Ele explodiu na gargalhada, mas seus olhos eram sóbrios, e ele olhou para o chão.

“Perdoe-me por isso, Katsa. Eu queria tornar lorde Giddon um aliado, não um inimigo. Pareceu o único jeito.”

Katsa agitou sua cabeça com impaciência. “Giddon é um tolo.”

“Ele reagiu naturalmente o suficiente,” ele disse, “considerando sua posição.”

Ele trouxe as pontas de seus dedos para o queixo dela subitamente. Ela congelou, esquecendo-se da pergunta que ela iria fazer, a respeito de Giddon, e o que em Middluns a posição dele deveria ser. Ele inclinou o rosto dela para luz.

“Foi meu anel.”

Ela não o entendeu.

“Foi o meu anel que arranhou você.”

“Seu anel.”

“Bem, um dos meus anéis.”

Foi um dos anéis que arranhou ela, e agora as pontas dos dedos dele tocavam o seu rosto.

Sua mão caiu, retornando para seu lado, e ele a olhou calmamente, como se isso fosse normal, como se amigos que ela acabava de fazer sempre tocassem ela no rosto com suas pontas dos dedos. Como se ela sempre tivesse amigos. Como se ela tivesse alguma base para comparação, para decidir o que era normal quando fazia amigos, e o que não era.

Ela não era normal.

Ela marchou para a entrada e agarrou a tocha da parede. “Venha,” ela disse. Por que era a hora de tirar ele daqui, esta pessoa estranha, essa pessoa com olho de gato que parecia criada para confundi-la. Ela socaria aqueles olhos para fora do seu rosto da próxima vez que eles lutassem. Ela golpearia as argolas de suas orelhas e os anéis de suas mãos.

Era hora de tirá-lo daqui, para que ela pudesse voltar para seus aposentos e voltar para si mesma.

Capítulo Dez



Ele era um oponente maravilhoso. Ela não podia alcançá-lo. Ela não podia golpeá-lo onde ela queria, ou tão forte quanto ela queria. Ele era tão rápido para bloquear ou girar, tão rápido a reagir. Ela não podia golpear ele nas pernas, ela não podia prendê-lo quando sua luta envolvia um combate no nível do chão.

Ele era muito mais forte do que ela, e pela primeira vez em sua vida, ela encontrou em sua força uma desvantagem por ser mais fraca. Ninguém nunca tinha chegado perto o suficiente dela para isso ser problema, antes disso.

Ele era tão primorosamente sintonizado ao seu redor, e dos movimentos dela; e isso era também parte do desafio. Ele sempre parecia saber o que ela estava fazendo, mesmo quando ela estava atrás dele.

“Eu vou admitir que você não possui visão noturna, se você admitir que tem olhos atrás de sua cabeça.” Ela disse uma vez, quando entrou na sala de treino e ele a saudou sem olhar ao redor para identificá-la.

“O que você quer dizer?”

“Você sempre sabe o que está acontecendo atrás de você.”

“Katsa, você não percebeu o barulho que você faz quando você irrompe em uma sala?”

“Ninguém bate as portas do jeito que você faz.”

“Talvez a sua graça te dê o senso de peso das coisas.” Ela disse.

Ele balançou sua cabeça. “Talvez, mas não mais do que a sua própria.” Ele ainda levava o pior nas suas lutas, por causa da flexibilidade dela e de sua energia incansável, e principalmente por

causa da sua velocidade. Ela poderia não golpear ele do modo que ela queria, mas ela ainda o golpeava. E ele sofria mais com a dor. Ele parou a luta uma vez enquanto ela lutava para prender os braços e as pernas dele em suas costas no chão e ele bateu repetidas vezes nas costelas dela com sua mão livre.

“Isso não dói?” ele disse, arfando com a gargalhada. “Você não sente? Eu bati em você possivelmente umas doze vezes, e você sequer se esquivou.”

Ela sentou sobre seus calcanhares e sentiu um ponto, abaixo de seu peito. “Dói, mas não é tão mal.”

“Seus ossos são feitos de pedra. Você sai dessas lutas sem um único arranhão, enquanto eu saio mancando e passo o dia colocando gelo em minhas contusões.”

Ele não usava seus anéis enquanto eles lutavam. Ele veio sem eles no primeiro dia.

Quando ela protestou que era uma precaução desnecessária, o rosto dele assumiu uma máscara de inocência.

“Eu prometi a Giddon, não foi?” Ele tinha dito, e a luta tinha começado com Po abaixando a cabeça e rindo, enquanto Katsa mirava no rosto dele.

Eles não usavam seus sapatos, também, não depois de Katsa, acidentalmente, ter cortado a testa dele. Ele tinha afrouxado as mãos e os joelhos, e ela viu pela primeira vez o que tinha acontecido. “Chame Raff!” ela gritou para Oll, que assistia de um lado. Ela sentou Po sobre o chão, rasgou sua própria manga, e tentou parar o fluxo de sangue que corria dos olhos aturdidos dele. Quando Raffin deu a ele o sinal verde para lutar alguns dias depois, ela tinha insistido que eles lutassem descalços. E na verdade, ela tinha tomado mais cuidado com o rosto dele desde então.

Eles quase sempre treinavam em frente a uma platéia. Um grupo de soldados ou lordes.

Oll, sempre que podia ir para as lutas que davam a ele tanto prazer. Giddon ia embora sempre parecesse irritado enquanto ele assistia e nunca ficava muito tempo. Mesmo Helda veio numa ocasião, a única mulher que ia, e sentava com olhos arregalados que aumentavam mais, durante o tempo que ela ficava. Randa não veio,

o que foi ótimo. Katsa estava feliz pela tendência dele de mantê-la a distância de um braço.

Eles comiam juntos na maioria dos dias, depois de praticar. Em sua sala de jantar, sozinhos, ou no laboratório de Raffin com Raffin e Bann. Algumas vezes a mesa de Raffin era levada ao quarto de Tealiff. O avô estava ainda muito doente, mas a companhia parecia animá-lo e fortalecê-lo.

Quando eles se sentavam juntos conversando, algumas vezes o prateado e o dourado dos olhos de Po pegavam na desprevenida. Ela não podia se acostumar com os seus olhos, eles a confundiam. Mas ela os encontrava quando ele olhava para ela, e ela se forçava a respirar e falar e não ficar deslumbrada. Eles eram olhos, eles eram apenas olhos, e ela não era uma covarde. E, além do mais, ela não queria se comportar em relação a ele como a corte inteira se comportava em relação a ela, evitando seus olhos, sem jeito, friamente. Ela não queria fazer isso com um amigo.

Ele era um amigo, e no final de algumas semanas do verão, pela primeira vez em sua vida, a corte de Randa se tornou um lugar de contentamento para Katsa. Um lugar de um bom trabalho duro e de amigos. Os espões de Oll se moviam constantemente, descobrindo o que eles podiam de suas viagens para Nander e Estill. Os reinos, surpreendentemente, estavam em paz. O calor e a proximidade do ar pareciam trazer uma calma à crueldade de Randa também, ou talvez ele estivesse meramente distraído pela inundação de alimentos e produtos que sempre corriam na cidade a cada rota de comércio nessa época do ano. Qualquer que fosse a razão, Randa não convocava Katsa para fazer qualquer de suas incumbências desagradáveis. Katsa se atreveu a relaxar no final do verão.

Ela nunca fugia das perguntas para Po.

“Onde você conseguiu seu nome?” ela perguntou a ele um dia, enquanto eles se sentavam no quarto do avô, falando baixinho, então não o acordariam.

Po enrolou um pano envolvido com gelo ao redor de seu ombro. “Qual deles? Eu tenho muitos para escolher.”

Katsa alcançou através da mesa para ajudá-lo a amarrar o pano apertado. “Po. Todo mundo te chama assim?”

“Meus irmãos me deram esse nome quando eu era pequeno. É uma espécie de árvore Lienid, a árvore po. No outono as folhas ficam prateadas e douradas. Um apelido inevitável, eu acho.”

Katsa partiu um pedaço do pão. Ela se perguntou se o nome foi dado com carinho, ou se tinha sido uma tentativa pelos irmãos de Po de isolá-lo – para lembrá-lo sempre que ele era um agraciado. Ela observou a pilha no prato dele com pão, carne, frutas e queijo e sorriu quando a comida começou a desaparecer quase tão rápido quanto ele a tinha empilhado. Katsa podia comer muito, mas Po era algo totalmente a mais.

“Como é ter seis irmãos mais velhos?”

“Eu não acho que foi para mim o que seria para a maioria dos outros.” Ele disse. “Luta livre é reverenciada em Lienid. Meus irmãos são ótimos lutadores, e é claro que eu era capaz de manter por conta própria com um deles, embora eu fosse pequeno – e eventualmente os superei, cada um deles. Eles me tratam como um igual, como mais do que um igual.”

“E eles foram também seus amigos?”

“Oh, sim, especialmente os mais novos.”

Talvez fosse mais fácil, então, ser um lutador se fosse um garoto ou um reino que reverenciasse a luta; ou talvez a graça de Po tivesse se anunciado menos drasticamente do que a que Katsa tinha. Talvez se Katsa tivesse seis irmãos mais velhos, ela teria também seis amigos.

Ou talvez tudo fosse diferente em Lienid.

“Eu ouvi dizer que os castelos Lienid são construídos sobre os picos das montanhas tão altas que as pessoas têm que ser elevadas a eles por cordas,” ela disse.

Po sorriu. “Só a cidade de meu pai tem as cordas.” Ele se serviu de mais água e se voltou para a comida em seu prato.

“Então?” Katsa disse. “Você vai explicar elas para mim?”

“Katsa. É demais para você entender que um homem pode estar com fome, depois de você tê-lo espancado quase até a morte? Eu estou começando a pensar que isso é parte de sua estratégia de luta, me manter longe da comida. Você quer me enfraquecer e debilitar.”

“Para alguém que é um excelente lutador Lienid,” ela disse, “Você tem uma constituição delicada.”

Ele riu e colocou seu garfo abaixo. “Tudo bem, tudo bem. Como eu posso descrever isso?” ele pegou seu garfo novamente e o utilizou para desenhar uma imagem no ar enquanto ele falava. “A cidade de meu pai situa-se no topo dessa enorme e alta rocha, tão alta quanto uma montanha, que se eleva direto das planícies abaixo. Há três caminhos para a cidade. Um é uma estrada construída na lateral da rocha, venta em torno dela, lentamente. A segunda é uma escada construída em uma lateral da rocha. Ela se inclina para trás e para frente em si mesma até que ela alcance o topo. É um bom acesso, se você é forte e bem alerta, e não tem um cavalo, embora quem opte por este caminho acabe se cansando e acaba pedindo uma carona a alguém na estrada. Meus irmãos e eu corremos nela às vezes.

“Quem vence?”

“Onde está sua confiança em mim, você precisa fazer esta pergunta? Você venceria nós todos, é claro.”

“Minha habilidade para luta não tem ligação com minha habilidade de correr um lance de escadas.”

“Todavia, eu não posso imaginar você permitindo que alguém te derrote em nada.”

Katsa bufou. “E o terceiro caminho?”

“O terceiro caminho é em cordas.”

“Mas como elas funcionam?”

Po coçou sua cabeça. “Bem, é bastante simples, na verdade. Elas são penduradas em uma grande roda que fica plana, na sua lateral, no topo da rocha. Elas pendem abaixo sobre a beira da rocha, e no fundo elas são ligadas a plataformas. Cavalos viram a roda, a roda puxa as cordas, e a plataforma se levanta.”

“Parece uma terrível quantidade de problemas.”

“A maioria das pessoas utiliza a estrada. As cordas são só para grande carregamento de coisas”

“E toda a cidade fica no céu?”

Po partiu outro pedaço de pão e concordou.

“Mas por que eles construiriam uma cidade em tal lugar?”

Po deu de ombros. "Acho que por que é bonito."

"O que você quer dizer?"

"Bem, você pode ver bastante da encosta da cidade. Os campos, as montanhas e colinas.

De um lado, o mar."

"O mar," Katsa disse.

O mar pôs o fim de suas perguntas por um momento. Katsa tinha visto os lagos de Nander, alguns deles tão grandes que ela mal podia distinguir a margem oposta. Mas ela nunca tinha visto o mar. Ele não podia imaginar aquela quantidade de água. Nem podia imaginar a água que abalava e se chocava contra a terra, como ela tinha ouvido falar que o mar fazia. Ela olhou distraidamente para as paredes do pequeno quarto de Tealiff, e tentou pensar nisso.

"Você pode ver dois dos castelos de meus irmãos da cidade," Po disse. "Na base das montanhas. Os outros castelos estão além das montanhas, ou muito longe para se ver."

"Quantos castelos existem lá?"

"Sete," Po disse, "assim como são sete filhos."

"Então um é seu."

"O menor."

"Você se importa que o seu seja o menor?"

Po escolheu uma maçã da tigela de frutas sobre a mesa. "Eu estou feliz que o meu é o menor, embora meus irmãos não acreditem quando eu digo isso."

Ela não os culpava por não acreditar. Ela nunca tinha ouvido falar de um homem, nem mesmo seu primo, que não queria uma propriedade tão grande quanto ele podia ter. Giddon estava sempre comparando seus bens com o de seus vizinhos, e quando Raffin listava suas queixas sobre Thigpen, ele nunca se negligenciava de mencionar um certo desacordo sobre a localização exata da fronteira leste de Middluns. Ela pensava que todos os homens eram assim.

Ela pensava que não era assim, por que ela não era um homem.

"Eu não tenho as ambições de meus irmãos," Po disse. "Eu nunca quis uma grande propriedade. Eu nunca quis ser um rei ou um soberano."

“Não,” Katsa disse, “nem eu. Eu agradeço as colinas incontáveis vezes por Raffin ter nascido como o filho de Randa, e eu ser só sua sobrinha, e filha de sua irmã.”

“Meus irmãos querem todo este poder,” ele disse, “eles adoram se envolver em disputas na corte de meu pai. Eles na verdade se deleitam com isso. Eles adoram cuidar de seus próprios castelos e de suas próprias cidades. Eu acredito as vezes que todos eles querem ser rei.”

Ele se recostou na cadeira, e correu distraidamente seus dedos sobre seu ombro ferido doído.

“Meu castelo não tem uma cidade,” ele disse. “ Não é longe de uma cidade, mas a cidade se auto-administra. Ele não tem uma corte, tão pouco. Realmente é só uma casa grande que irá ser meu lar, às vezes, quando eu não estiver viajando.”

Katsa pegou uma maçã para si. “Você pretende viajar.”

“Eu sou mais inquieto do que meus irmãos. Mas é tão lindo, meu castelo; é o lugar mais maravilhoso para se ir. Ele está sobre um penhasco acima do mar. Há degraus que dão para a água, cortando o penhasco. E varandas se sustentando sobre ele – você se sente como se fosse cair se você se inclinasse muito. A noite o sol se põe sobre a água, e todo o céu fica vermelho e laranja, e o mar se une a ele. Algumas vezes há grandes peixes lá, peixes de cores impossíveis.

Eles vem a superfície e giram – você pode observá-los das varandas. E no inverno as ondas são altas, e o vento te derruba. Você não pode ir para as varandas no inverno. É perigoso, e venta.”

“Vovô,” ele disse de repente. Ele pulou e se virou para a cama. Advertindo de que seu avô estava acordado, Katsa pensou ironicamente, pelos olhos nas costas de sua cabeça.

“Você está falando do seu castelo, menino,” o velho disse.

“Vovô, como você está se sentindo?”

Katsa comeu sua maçã e escutou eles conversarem. Sua cabeça cheia das coisas que Po tinha dito. Ela não sabia que havia locais no mundo tão bonitos que uma pessoa iria querer passar a eternidade olhando para eles.

Po se virou para ela em seguida, e uma tocha na parede capturou o brilho do olhar dele.

Ela se focou em respirar. "Eu tenho uma fraqueza por vistas bonitas," ele disse. "Meus irmãos me provocam."

"Seus irmãos são uns tolos," Tealiff disse, "por não ver a força das coisas belas. Venha aqui, criança," ele disse para Katsa. "Deixe-me ver seus olhos, para eles me fazerem mais forte."

E sua bondade trouxe um sorriso ao rosto dela, embora suas palavras fossem sem sentido.

Ela foi se sentar ao lado do avô Tealiff, e ele e Po disseram a ela sobre o castelo de Po e seus irmãos e a cidade de Ror no céu.

Capítulo Onze



“Qual a distância da propriedade de Giddon para a cidade de Randa?” Po perguntou mais tarde numa manhã. Eles se sentavam no chão da sala de treinos, bebendo água e descansando.

Tinha sido um bom treino. Po tinha retornado um dia antes de uma visita a Nander, e Katsa pensou que o tempo que passaram afastados tinha sido bom para eles. Eles se encontraram de novo com uma nova agilidade.

“É perto,” Katsa disse, “a oeste. Um dia de jornada, talvez.”

“Você já a viu?”

“Sim. É grande e muito majestosa. Ele não vai para casa freqüentemente, mas ele ainda a consegue mantê-la bem.”

“Tenho certeza que sim.”

Giddon tinha ido a seu treino hoje. Ele tinha sido o único visitante, e não tinha ficado muito tempo. Ela não sabia o porquê ele ia, quando parecia que sempre isso o colocava de mal humor.

Katsa deitou e olhou acima o teto. A luz derramada na sala vinha das grandes janelas voltadas para o leste. Os dias estavam começando a ficarem mais curtos. O ar esfriaria em breve, e o castelo cheiraria a madeira queimada das lareiras. As folhas estalariam sob as patas de seu cavalo quando ela fosse cavalgar.

Tinha sido algumas semanas bem tranqüilas. Ela gostaria de uma tarefa do Conselho – ela gostaria de sair da cidade e esticar suas pernas. Ela se perguntou se Oll tinha alguma novidade sobre o avô Tealiff. Talvez ela pudesse ir para Wester e vasculhar por alguma informação.

“Como você vai responder a Giddon quando ele te pedir em casamento? Po perguntou.

“Você vai aceitar?”

Katsa se sentou, e encarou-o. “Isso é uma pergunta absurda.”

“Absurda – por quê?” Seu rosto estava sem seus habituais sorrisos. Ela não achou que ele a estava criticando.

“Por que em Middluns, Giddon me pediria para casar com ele?”

Seus olhos se estreitaram. “Katsa, você não está falando sério.”

Ela olhou para ele inexpressivamente, e agora ele começou a sorrir. “Katsa, você não sabe que Giddon está apaixonado por você?”

Katsa acenou. “Não seja ridículo. Giddon vive me criticando.”

Po balançou sua cabeça, e sua gargalhada começou a rugir de seu peito. “Katsa, como você pode ser tão cega? Ele está completamente apaixonado. Você não vê o quanto ele é ciumento? Você não se lembra de como ele reagiu quando eu arranhei o seu rosto?”

Um sentimento desagradável começou a se juntar em seu estômago. “Eu não vejo o que isso tem haver. E além do mais, como você saberia? Eu não acredito que lorde Giddon confidenciou a você.”

Ele riu. “Não.” Ele disse. “Não, ele certamente não o fez. Giddon confia em mim tanto quanto ele confia em Murgon. Eu imagino se ele acha que algum homem, que possa lutar como eu luto, não é melhor do que um oportunista e pior do que um bandido.”

“Você está enganado.” Katsa disse. “Giddon não sente nada por mim.”

“Eu não posso fazer você ver, Katsa, se você está tão determinada a não enxergar.” Po esticou suas costas e bocejou. “De qualquer modo, eu pensaria numa resposta se eu fosse você.

Só no caso dele propor.” Ele riu de novo. “ Eu vou por gelo no meu ombro, como sempre. Eu diria que você ganhou hoje de novo, Katsa.”

Ela pulou. “Nós terminamos aqui?”

“Eu acho que sim. Você está zangada?”

Ela acenou para ele e marchou para a porta. Ela o deixou deitado, à luz das janelas e correu para encontrar Raffin.

Katsa irrompeu no laboratório de Raffin. Raffin e Bann sentados à mesa, amontoados sobre um livro.

“Vocês estão sozinhos?” Katsa perguntou.

Eles olharam acima, surpresos. “Sim – ”

“Giddon está apaixonado por mim?”

Raffin piscou, e os olhos de Bann se arregalaram.

“Ele nunca falou comigo sobre isso.” Raffin disse. “Mas sim, eu acho que todo mundo sabe que ele diria estar apaixonado por você.”

Katsa bateu sua mão em sua testa. “De todos os tolos – como ele pode –” Ela andou até a mesa. Ela se virou e andou de volta para a porta.

“Ele disse alguma coisa para você?” Raffin perguntou.

“Não. Po me disse.” Ela girou em direção a Raffin. “E por que você nunca me contou?”

“Kat.” Ele se afastou de seu livro. “Eu pensei que você soubesse. Eu não vejo como você não poderia. Ele faz a sua escolta todas as vezes que os negócios do rei te afastam da cidade. Ele sempre se senta ao seu lado no jantar.”

“Randa decide onde nós nos sentamos no jantar.”

“Bem, e Randa provavelmente sabe que Giddon espera se casar com você,” Raffin disse.

Katsa andou até a mesa de novo, segurando seu cabelo. “Oh, isso é terrível. O que eu devo fazer?”

“Se ele lhe pedir para casar com ele, você vai dizer não. Você diz que não tem nada haver com ele. Você lhe diz que está determinada a não se casar, que você não deseja filhos, ou seja lá o que você precise dizer para ele entender que não há nada com ele.”

“Eu não me casaria com Giddon para salvar a minha vida,” Katsa disse. “Nem mesmo para salvar a sua.”

“Bem.” Os olhos de Raffin estavam cheios de risadas. “Eu deixarei passar essa.”

Katsa suspirou e andou de novo até a porta.

“Você não é a pessoa mais perceptiva que eu conheça Kat.” Raffin disse. “Se você não se importa que eu diga. Sua capacidade de perder o óbvio e surpreendente.”

Ela jogou seus braços para o ar. Ela se virou para ir. Ela se virou de volta para ele de repente, em um pensamento chocante. "Você não está apaixonado por mim, está?"

Ele olhou para ela por um instante, sem palavras. Então ele explodiu na gargalhada. Bann riu, também, embora ele tentasse valentemente esconder atrás de sua mão. Katsa estava muito aliviada para se ofender.

"Tudo bem, tudo bem," ela disse. "Eu suponho que eu mereça isso."

"Minha querida Katsa," Raffin disse. "Giddon é muito bonito, você tem certeza que não irá reconsiderar?" Raffin e Bann agarraram seus estômagos e gargalharam. Katsa se afastou de suas bobagens. Eles eram sem esperança. Ela se virou para ir.

"Encontro do Conselho hoje à noite." Raffin disse para as suas costas. Ela levantou sua mão para mostrar que tinha escutado. Ela fechou a porta em suas risadas.

"Há muito pouco acontecendo nos sete reinos," Oll disse. "Nós convocamos essa reunião só por que nós temos algumas informações sobre o príncipe Tealiff que não nos fazem nenhum sentido. Nós esperamos que vocês tenham alguma idéia."

Bann tinha se juntado a eles nesse encontro, porque o avô estava suficientemente bem agora para ser deixado sozinho nesta ocasião. Katsa tinha aproveitado a oportunidade do peito e ombros largos de Bann, e o assentou entre ela e Giddon. Giddon não poderia vê-la, mas só por vias das dúvidas, ela posicionou Raffin entre eles também. Oll e Po estavam em frente a ela. Po se recostou em sua cadeira, seus olhos brilhando no canto da visão dela, não importava para que lado ela olhasse.

"Lorde Davit nos deu uma informação verdadeira," Oll disse. "Nem Nander, nem Estill nada sabem do seqüestro. Nenhum está envolvido. Além de que agora nós temos quase certeza de que o rei Birn de Wester é também inocente."

"Poderia ser Murgon, então?" Giddon perguntou.

"Mas por qual motivo?" Katsa perguntou.

"Ele não tem nenhum motivo," Raffin disse. "Mas ao mesmo tempo, ele tem menos motivo do que qualquer outro. É o que nos

mantém esbarrando em algo. Não há motivo para ninguém ter feito isso. Mesmo Po – príncipe Greening – foi capaz de chegar a algum lugar.”

Po concordou. “Meu avô só é importante para sua família.”

“E se alguém tivesse em mente de provocar a família real Lienid,” ele disse, “eles não teriam se revelado eventualmente? Senão, o jogo do poder se torna inútil.”

“Tealiff disse algo mais?” Giddon perguntou.

“Ele disse que eles o vendaram,” Po disse, “e o drogaram. Ele disse que ficou em um barco por um longo tempo, em comparação, sua viagem por terra foi mais curta, o que sugere que seus captores o levaram a leste por um barco vindo de Lienid, possivelmente um dos portos ao sul de Sunderan. E depois acima, através das florestas para a cidade de Murgon. Ele disse que quando os ouviu falar, ele acreditou que seus sotaques eram do sul.”

“Isso sugere Sunder, e Murgon.” Giddon disse.

Mas isso não fazia nenhum sentido. Nenhum dos reis tinha um motivo, mas Murgon menos ainda. Murgon trabalhava para os outros, e sua única motivação era o dinheiro. Todos na mesa, todo o Conselho, sabiam disso.

“Po,” Katsa disse. “Seu avô não teve alguma discussão com seu pai, ou algum de seus irmãos? Sua mãe?”

“Não,” Po disse. “Estou certo disso.”

“Eu não vejo como você pode ter tanta certeza,” Giddon disse.

Os olhos de Po se lançaram nele. “Você terá que tomar a minha palavra, lorde Giddon.

Nem meu pai, ou meus irmãos, nem minha mãe, nem alguém mais da corte de Lienid estava envolvida no seqüestro.”

“A palavra de Po é boa o suficiente para o Conselho,” Raffin disse. “E se não foi Birn, Drowden, Thigpen, Randa ou Ror, isso deixa Murgon.”

Po levantou suas sobrancelhas. “Nenhum de vocês pensou no rei de Monsea?”

“Um rei com a reputação de sua bondade para com animais feridos e crianças perdidas,”

Giddon disse, "saindo de seu isolamento para seqüestrar o pai idoso de sua esposa? Um pouco improvável, vocês não acham?"

"Nós fizemos investigações e não descobrimos nada." Oll disse. "O rei Leck é um homem pacífico. Mesmo Murgon, ou um dos reis está mantendo segredo de seus próprios espiões."

"Pode ter sido Murgon," Katsa disse, "ou não. Ainda assim, Murgon sabe quem é o responsável. Se Murgon sabe, então as pessoas mais próximas a ele sabem. Não poderíamos encontrar uma das pessoas de Murgon? Eu poderia fazê-la falar."

"Não sem revelar sua identidade, minha senhora," Oll disse.

"Mas ela podia matá-lo," Giddon disse, "depois de interrogá-lo."

"Não, espere." Katsa levantou sua mão. "Eu disse nada de matança."

"Mas não vale a informação, Katsa." Raffin disse, "para você interrogar alguém que irá reconhecer você e falar disso depois para Murgon."

"Greening deveria ser quem devesse fazê-lo, de qualquer modo." Giddon disse, e os olhos frios de Po se lançaram novamente nele. "Murgon não questionaria a motivação do príncipe Lienid. Murgon esperaria isso dele. Na verdade, eu não vejo o porquê você não já o fez," Giddon disse a Po, "se você quer tanto saber quem é o responsável."

Katsa estava muito irritada para se importar com seu plano estratégico de assentos. Ela se inclinou ao redor de Raffin e Bann para se dirigir a Giddon. "É por que Murgon não sabe que Po sabe que Murgon está envolvido," ela disse. "Como Po explicaria esse conhecimento sem nos incriminar?"

"Mas este é o motivo de você não poder perguntar a alguém de Murgon, Katsa, a menos que você esteja disposta a matar depois." Giddon bateu sua mão sobre a mesa e olhou para ela.

"Tudo bem," Raffin disse. "Tudo bem. Nós estamos andando em círculos."

Katsa se recostou, fervendo.

"Katsa," Raffin disse. "a informação não vale o risco para você ou para o Conselho. Nem mesmo, eu acho, vale a violência."

Ela suspirou, internamente. Ele estava certo, é claro.

“Talvez isso valha a pena algum dia no futuro,” Raffin disse. “Mas por agora, vovô Tealiff esta seguro, e não vimos nenhum sinal de Murgon ou de alguém mais que em que ele está sendo um alvo novamente. Po se houver medidas que você deseje tomar, que é o seu caso, apesar de que eu pediria para você discutir isso conosco primeiro.”

“Eu preciso pensar nisso.” Po disse.

“Então o assunto está encerrado por agora,” Raffin disse. “Até que nós tenhamos descoberto algo novo, ou até que Po venha a decidir. Oll? Há algo mais em pauta?”

Oll começou a falar a eles de uma vila em Westeran que tinha enfrentado um grupo invasor Nanderan com um par de catapultas, dadas a eles por um lorde de Westeran que era amigo do Conselho. Os invasores de Nanderan fugiram, achando que eles estavam sendo atacados por um exército. Não houve risadas à mesa, e Oll começou outra história, mas os pensamentos de Katsa vagaram para Murgon e seus calabouços, para as florestas de Sunderan que provavelmente mantinha os segredos do seqüestro. Ela sentiu o olhar de Po, e ela olhou para ele, do outro lado da mesa. Seus olhos estavam sobre ela, mas ele não a via. A mente dele estava em outro lugar.

Ele tinha aquele olhar às vezes, quando eles se sentavam juntos depois de suas lutas.

Ela observou seu rosto. O corte em sua testa não era mais do que uma linha fina agora.

Deixaria uma cicatriz. Ela se perguntou se aquilo causaria ressentimento a sua vaidade Lienid, mas então ela sorriu por dentro. Ele não era na verdade vaidoso. Ele não tinha se importado nem um pouco quando ela deixou seu olho roxo. Ele não tinha feito nada para esconder o corte em sua testa. E, além do mais, nenhuma pessoa vaidosa escolheria lutar com ela, dia após dia.

Nenhuma pessoa vaidosa colocaria seu corpo a mercê de suas mãos.

Suas mangas estavam enroladas até o cotovelo de novo. Suas maneiras eram tão descuidadas. Seus olhos repousavam sobre as sombras das cavidades do pescoço dele, então subiram para seu rosto de novo. Ela supôs que havia razão para ser vaidoso. Ele era

bastante bonito, tão bonito quanto Giddon ou Raffin, com seu nariz perfeito e o conjunto de seus olhos, e seus ombros fortes. E mesmo aqueles olhos brilhando. Mesmo eles poderiam ser considerados bonitos.

Os olhos dele voltaram ao foco em seguida e olharam para os dela. E em seguida algo atravessou nos olhos dele, e um sorriso. Quase como se ele soubesse exatamente o que ela estava pensando, exatamente o que ela tinha decidido sobre as pretensões de vaidade dele. O

rosto de Katsa se fechou, e ela olhou com raiva para ele.

O encontro terminou, e cadeiras se arrastaram. Raffin a afastou para falar de algo. Ela ficou grata pela desculpa para dar as costas. Ela não veria Po novamente até a próxima luta. E as lutas sempre voltavam para si mesma.

Capítulo Doze



Na manhã seguinte Randa veio para seu treino pela primeira vez. Ele ficou ao lado, então todos na sala eram forçados a permanecer também e observar ele, ao invés dos lutadores que eles tinham ido ver. Katsa estava feliz com a luta, contente por ter a desculpa de ignorá-lo. Exceto que ela não podia ignorá-lo. Ele era tão alto e largo, e ele estava contra a parede branca em um brilhante manto azul. Seu sorriso preguiçoso transmitia-se a cada canto da sala. Ela não podia afastar a presença dele – e do dever haver algo que ele queria. Ele nunca procurava sua lady assassina, a menos que houvesse algo que ele quisesse.

Ela tinha estado executando alguns exercícios com Po quando Randa tinha chegado, exercícios que estavam dando a ela alguns problemas. Ele começou com Katsa de joelhos e Po atrás dela, prendendo-a pelos braços atrás de suas costas. Sua tarefa era se libertar da pressão de Po e então lutar corpo a corpo com ele até que ela o tivesse preso na mesma posição. Ela sempre podia lutar de maneira livre da contenção de Po. Este não era o problema. Era a oposição que a frustrava. Mesmo se ela conseguisse golpeá-lo nos joelhos e prender seus braços, ela não podia mantê-lo abaixado. Era uma questão de força bruta. Se ele tentasse se impulsionar para ficar de pé, ela não teria força para pará-lo, não a menos que ela o deixasse inconsciente ou ferisse ele seriamente, e este não era o ponto do exercício. Ela precisava encontrar uma posição de contenção que faria o esforço de se levantar muito doloroso para ser vantajoso para ele. Eles começaram os exercícios de novo. Ela se ajoelhou com Po em suas costas, e as mãos de Po apertaram ao

redor de seus pulsos. A voz de Randa aumentava e decrescia, e todos os serviçais responderam. Bajulando, lisonjeando. Todos bajulavam Randa.

Katsa estava pronta para Po desta vez. Ela girou para fora de seu aperto e estava sobre ele como um gato selvagem. Ela socou o seu estômago, enganchou seu pé entre as pernas dele, e o golpeou para ficar de joelhos. Ela torceu seus braços. Seu ombro direito – que era o que ele estava sempre colocando gelo. Ela girou seu braço direito e jogou todo seu peso contra ele, então qualquer tentativa de mover iria requerer ele torcer seu ombro e trazer ainda mais dor do que ela já estava causando a ele.

“Eu me rendo,” ele arfou. Ela o soltou, e ele se colocou de pé. Ele massageou seu ombro.

“Bom trabalho, Katsa.”

“De novo.”

Eles executaram os exercícios de novo, e então mais uma vez, e em ambas ela o prendeu facilmente.

“Você conseguiu,” Po disse. “Bom. Qual o próximo? Eu posso tentar?”

Seu nome cortou o ar em seguida, e seus cabelos se arrepiaram. Ela tinha razão. Ele não tinha vindo só para assistir; e agora, perante todas aquelas pessoas, ela deveria agir agradavelmente e civilizada. Ela lutou contra a careta que subia em seu rosto, e se virou para o rei.

“É tão divertido,” Randa disse, “ver você lutando com um oponente, Katsa.”

“Fico feliz em dar a você divertimento, rei.”

“Príncipe Greening. O que você acha de nossa lady assassina?”

“Ela é de longe uma lutadora superior, rei.” Po disse. “Se ela não se contivesse, eu estaria em grandes problemas.”

Randa riu. “Realmente. Tenho notado que é você quem vem ao jantar com contusões, e não ela.”

Orgulho de suas posses. Katsa se forçou a abrir seus punhos. Ela se obrigou a respirar, sustentar o olhar de seu tio, mesmo quando ela queria arranhar o olhar de maldade em seu rosto.

“Katsa,” o rei disse. “Venha a mim mais tarde. Eu tenho um trabalho para você.”

“Sim, rei.” Ela disse. “Obrigada, rei.”

Randa girou seus calcanhares e examinou a sala. Então, com seus serviçais se apressando para seus afazeres, atrás dele, ele saiu com um grande farfalhar do manto azul, e Katsa olhou após ele até que ele e sua comitiva tivessem desaparecido, e em seguida ela olhou para a porta que os servos bateram atrás dele.

Em torno da sala, lentamente, lordes e soldados se sentaram. Katsa estava vagamente consciente de seus movimentos. Vagamente consciente dos olhos de Po em seu rosto, observando ela, silenciosamente.

“O que vai ser agora, Katsa?”

Ela sabia o que ela queria. Ela sentia isso brotando abaixo em seus braços e para seus dedos, formigando em suas pernas e pés. “Uma luta direta,” ela disse. “Qualquer coisa justa. Até que um de nós se renda.”

Po estreitou seus olhos. Considerou seus punhos apertados e sua boca dura. “Nós teremos esta luta, mas nós a teremos amanhã. Nós terminamos por hoje.”

“Não. Vamos lutar.”

“Katsa. Nós terminamos.”

Ela foi até ele, bem perto, então ninguém poderia escutar. “Qual o problema Po? Você está com medo de mim?”

“Sim, estou com medo de você, como eu devo ficar quando você está zangada. Eu não lutarei com você quando você estiver zangada. Ninguém deveria lutar com você quando você está com raiva. Essa não é a finalidade desses treinos.”

E quando ele disse que ela estava zangada, ela percebeu que era verdade. E com a mesma rapidez, sua raiva se apagou com o desespero. Randa a enviaria a outra missão física.

Ele a enviaria para ferir algum criminoso insignificante, algum tolo que merecia manter seus dedos, se ele fosse desonroso. Ele iria mandá-la, e ela deveria ir, pelo poder inerente a ele.

Eles comeram em sua sala de jantar. Katsa olhou para seu prato. Ele estava falando sobre seus irmãos, como seus irmãos adorariam

ver seus treinos. Ela deveria ir a Lienid um dia e lutar com ele para sua família. Eles ficariam maravilhados com a habilidade dela, e eles a honrariam grandemente. E ele poderia lhe mostrar as mais belas vistas da cidade de seu pai.

Ela não estava escutando. Ela estava imaginando os braços que ela quebraria para seu tio.

Os braços, curvados do modo errado no ombro, estilhaços do osso perfurariam através da pele.

Ele disse algo sobre seu ombro, e ela voltou a si e olhou para ele.

"O que você disse?" ela perguntou. "Sobre seu ombro? Desculpe-me."

Ele baixou seu olhar e brincou com seu garfo. "Seu tio tem bastante efeito sobre você," ele disse. "Você não tem sido você mesma desde que ele foi para a sala de treinos."

"Ou talvez eu tenha sido eu mesma, e das outras vezes é que não fui eu mesma."

"O que você quer dizer?"

"Meu tio me acha uma selvagem. Ele pensa em mim como uma assassina. Bem, ele não está certo? Eu não me tornei selvagem quando ele entrou na sala? E o que é que nós estamos praticando todos os dias?" Ela cortou um pedaço de pão e jogou ele em seu prato. Ela olhou para sua refeição.

"Eu não acredito que você seja selvagem." Ele disse.

Ela suspirou fortemente. "Você não tem me visto com os inimigos de Randa."

Ele ergueu sua taça aos seus lábios e bebeu, então a abaixou olhando para ela. "O que ele pedirá para você fazer dessa vez?"

Ela empurrou para baixo a queimação que subia em seu estômago. Ela se perguntou o que aconteceria se ela jogasse seu prato no chão, e em quantos pedaços ele se quebraria.

"Vai ser algum lorde que lhe deve dinheiro," ela disse, "ou que se recusou concordar com alguma barganha, ou que olhou do jeito errado para ele. Vai me dizer para machucar o homem, o suficiente para ele nunca mais desonrar meu tio novamente."

"E você fará o que ele diz para você fazer?"

“Quem são os tolos que continuam a resistir à vontade de Randa? Eles nunca escutaram as histórias? Eles não sabem que ele irá me enviar?”

“Não está em seu poder recusar?” Po disse. “Como alguém pode forçar você a fazer alguma coisa?”

O fogo explodiu em sua garganta e a sufocou. “Ele é o rei. E você é um tolo, também, se pensa que eu tenho escolha nesse assunto.”

“Mas você tem escolha. Ele não é quem faz você selvagem. Você faz a si mesma selvagem, quando você se dobra a vontade dele.”

Ela saltou e golpeou a mandíbula dele com o lado de sua mão. Ela diminuiu a força do golpe só no último instante, quando ela percebeu que ele não tinha levantado seu braço para bloqueá-la. Sua mão bateu em seu rosto com um estalo repugnante. Ela observou, horrorizada, como a cadeira dele caiu para trás e ele bateu com sua cabeça no chão. Ela tinha batido forte.

Ela sabia que tinha batido nele forte. E ele não se defendeu.

Ela correu até ele. Ele se deitou de lado, ambas as mãos sobre seu queixo. Uma lágrima escorreu de seu olho, sobre seus dedos, e para o chão. Ele resmungou, ou chorou – ela não sabia qual. Ela se ajoelhou ao seu lado e tocou seu ombro. “Eu quebrei seu queixo? Você pode falar?”

Em seguida ele se mexeu, e se colocou em uma posição sentada. Ela sentiu o lado de sua mandíbula e abriu e fechou sua boca. Ele moveu sua mandíbula para esquerda e para direita. “Eu não acho que está quebrado.” Sua voz era um sussurro.

Ela pôs sua mão em seu rosto e sentiu os ossos debaixo da pele dele. Ela sentiu o outro lado do rosto dele para comparar. Ela podia dizer que não havia diferença, e ela prendeu sua respiração com o alívio.

“Não está quebrado,” ele disse, “embora pareça que deveria estar.”

“Eu me contive,” ela disse, “quando eu percebi que você não estava lutando.” Ela alcançou a mesa e mergulhou suas mãos no jarro de água. Ela pegou alguns cubos de gelo em um pano e os

envolveu. Trouxe o gelo para a mandíbula dele. "Por que você não lutou de volta?"

Ele segurou o gelo no rosto e gemeu. "Isso irá doer por dias."

"Po..."

Ele olhou para ela e suspirou. "Eu te disse antes, Katsa. Eu não lutarei com você quando você estiver zangada. Eu não vou resolver um desentendimento entre nós com golpes." Ele levantou o gelo e o colocou em seu queixo. Ele gemeu, e segurou o gelo no rosto de novo. "O

que nós fazemos na sala de treinos – é para ajudarmos um ao outro. Nós não o usamos um contra o outro. Nós somos amigos, Katsa."

A vergonha picou atrás de seus olhos. Isso era tão elementar, tão óbvio. Isso não era o que um amigo fazia a outro, ainda que ela tivesse feito.

"Eu nunca mais vou fazer isso de novo," ela disse. "Eu juro."

Ele alcançou seus olhos e os prendeu. "Eu sei que você não vai, Katsa. Impetuosa. Não se culpe. Você esperava que eu lutasse de volta. De outro modo você não teria me golpeado."

Mas ainda assim ela deveria ter sabido. "Não foi você que me irritou. Foi ele."

Po a considerou por um instante. "O que você acha que aconteceria?" ele disse, "se você se recusasse a fazer o que Randa ordenou?"

Ela não sabia, na verdade. Ela só o imaginava a desprezando, as palavras dele estalando com o desprezo. "Se eu não fizer o que ele diz, ele ficará zangado. Quando ele fica zangado, eu fico com raiva. E então eu vou querer matar ele."

"Humm." Ele puxou sua boca para trás e para frente. "Você está com medo de sua própria raiva."

Ela parou e olhou para ele, por que isso pareceu correto. Ela tinha medo de sua própria raiva.

"Embora Randa não valha nem sua raiva," Po disse. "Ele não é mais do que um ameaçador."

Katsa bufou. "Um ameaçador que corta os dedos das pessoas ou quebra seus braços."

“Não se você parar de fazer isso para ele,” Po disse. “Grande parte de seu poder vem de você.”

Ela estava com medo de sua própria raiva: ela repetia isso em sua cabeça. Ela estava com medo do que ela faria ao rei – e com razão. Olhe para Po, seu queixo vermelho e começando a inchar. Ela tinha aprendido a controlar sua habilidade, mas ela não tinha aprendido a controlar sua raiva. E o que significava que ela ainda não tinha aprendido a controlar sua graça. “Nós poderíamos voltar a mesa?” ele disse, por que eles ainda estavam sentados no chão.

“Você deveria ir ver Raff,” ela disse, “só para ter certeza de que nada está quebrado,” seus olhos caíram. “Desculpe-me, Po.”

Po ficou de pé. Ele pegou sua mão e a puxou para cima. “Você está perdoada, lady.”

Ela balançou sua cabeça, não acreditando em sua bondade. “Vocês Lienid são tão estranhos; suas reações não são nunca o que as minhas seriam. Você, tão calmo, quando eu te machuquei tanto. A irmã de seu pai também é estranha em seu pesar.”

Pó estreitou seus olhos em seguida. “O que você quer dizer?”

“Sobre o que? A rainha de Monsea não é a irmã de seu pai?”

“O que minha tia fez?”

“O que se diz é que ela parou de comer quando ela ouviu falar do desaparecimento do seu avô. Você não sabia? E então ela se trancou e a sua filha em seus quartos. E não deixa ninguém entrar, nem mesmo o rei.”

“Ela não deixa o rei entrar,” ele repetiu, a perplexidade em sua voz.

“Nem ninguém mais,” Katsa disse, “exceto uma dama de companhia para trazer suas refeições.”

“Por que ninguém me disse sobre isso antes?”

“Eu achei que você soubesse Po. Eu não tinha idéia que isso importaria tanto a você. Você é próximo a ela?”

Po olhava a mesa, a bagunça do gelo derretendo e sua refeição pela metade. A mente dele estava em outro lugar, sua testa franzida.

“Po, o que é?”

Ele balançou sua cabeça. “Não é como eu esperaria que Ashen se comportasse,” ele disse. “Mas não importa. Eu devo achar Raffin

ou Bann.”

Ela observou o rosto dele. “Há algo que você não está me contando.”

Ele não encontrou seus olhos. “Quanto tempo você ficará afastada com a tarefa de Randa?”

“Não é provável que seja mais do que alguns dias.”

“Quando você voltar, eu devo falar com você.”

“Por que você não fala comigo agora?”

Ele balançou sua cabeça. “Eu preciso pensar. Eu preciso esclarecer algo.”

Porque os olhos dele estavam tão inquietos? Por que ele estava olhando para a mesa, mas nunca para o rosto dela? Foi a preocupação com a irmã de seu pai. Estava preocupado pelas pessoas que ele se importava. Por que este era seu jeito, deste Lienid. Sua amizade era verdadeira.

Ele olhou para ela então. O menor dos sorrisos piscou em seu rosto, mas não chegou a seus olhos. “Não sinta tanta bondade em relação a mim, Katsa. Nenhum de nós é inocente como amigos.”

Ele então a deixou, para encontrar Raffin. Ela ficou em pé e olhou para o lugar onde ele tinha estado. E tentou afastar a misteriosa sensação de que ele tinha acabado de responder algo que ela pensou, ao invés de algo que ela disse.

Capítulo Treze



Não foi essa a primeira vez que ele a tinha deixado com aquela sensação. Po tinha um jeito nele. Ele sabia suas opiniões, às vezes antes que ela as expressasse. Ele olhava para ela do outro lado da mesa e sabia que ela estava com raiva, e por que; ou que ela tinha decidido que ele era bonito.

Raffin tinha dito que ela não era perceptiva. Po era perceptivo e extrovertido. Talvez este fosse o porquê deles se darem tão bem. Ela não tinha que se explicar para Pó, mas ele se explicava para ela sem ela ter perguntado. Ela nunca tinha conhecido uma pessoa com quem ela pudesse se comunicar tão livremente – ela era tão desacostumada para o fenômeno da amizade.

Ela pensou sobre isso enquanto os cavalos cavalgavam para o oeste, até que as colinas começassem a ficar esparsas e darem lugar a grandes planícies com distração ao prazer do cavalgar suavizado. Giddon estava de bom humor, pois este era o seu país. Eles visitariam sua propriedade a caminho de uma, além da dele. Eles dormiriam em seu castelo, primeiro em sua jornada de ida e então de novo em seu retorno. Giddon cavalgava ansioso e rápido, e embora Katsa não se deleitasse com sua companhia, desta vez ela não podia se queixar de seu ritmo.

“É um pouco estranho, não é?” Oll disse, quando eles pararam no meio-dia para descansar.

“Para o rei ter pedido a você para punir o seu vizinho?”

“É estranho,” Giddon disse. “Lorde Ellis é um bom vizinho. Eu não posso imaginar o que ele possuía para criar este problema com Randa.”

“Bem, ele está protegendo suas filhas,” Oll disse. “Nenhum homem pode culpá-lo disso. E

é a má sorte de Ellis que o colocou em conflito com o rei.”

Randa tinha feito um acordo com um senhor de Nanderan. Um senhor que não podia atrair uma esposa, por que suas propriedades estavam na região centro-sul de Nander, diretamente no caminho de Westeran e invadindo parte de Estillan. Era um lugar perigoso, especialmente para uma mulher. E era uma propriedade desolada, sem nem mesmo servos o suficiente, para os invasores que haviam matado e roubado tantos. O senhor estava desesperado por uma esposa, tão desesperado que ele estava disposto a renunciar seu dote. Rei Randa se ofereceu para tomar o problema e encontrar uma esposa para ele, sob a condição de que seu dote fosse para Randa.

Lorde Ellis tinha duas filhas em idade para se casar. Duas filhas, e dois dotes bastante grandes. Randa tinha ordenado que Ellis escolhesse a filha que ele preferiria enviar como esposa para Nander.

“Escolha a filha que é forte de espírito,” Randa tinha escrito, “pois isso não combina com uma de coração fraco.”

“Lorde Ellis tinha se recusado a escolher uma filha. “Ambas são fortes de espírito,” ele escreveu para o rei, “mas não enviarei nenhuma para as terras devastadas de Nander. O rei tem mais poder do que qualquer um, mas eu não acho que ele tem o poder para forçar um casamento inconveniente para sua própria conveniência. ”

Katsa arfou quando Raffin disse a ela o que lorde Ellis disse em sua carta. Ele era um homem corajoso, tão corajoso quanto o que fosse que Randa enviasse contra ele. Randa quis que Giddon falasse com Ellis, se a conversa não funcionasse, ele queria que Katsa ferisse Ellis – na presença de suas filhas, então uma delas daria um passo a frente e se ofereceria em casamento para proteger seu pai. Randa esperava que eles retornassem a sua corte com uma ou outra de suas filhas, e seu dote.

“Esta é uma tarefa terrível que fomos chamados para executar,” Oll disse. “Mesmo que Ellis seja seu vizinho, é terrível.”

“É,” Giddon disse, “mas eu não vejo um modo de contornar isso.”

Eles sentaram em um afloramento de pedras e comeram pão e frutas. Katsa observou a grama longa se movendo ao redor deles. O

vento a empurrava, a atacava, a golpeava de um lugar para o outro. Ela subia e caía, e subia de novo. Ela corria como água.

“Isso se parece como é o mar?” Katsa perguntou, e ambos se viraram para ela, surpresos.

“O mar se move do modo que esta grama se move?”

“É como isso, minha senhora,” Oll disse, “mas diferente. O mar faz barulhos precipitados, e ele é cinza e frio. Mas ele se move um pouco como isso.”

“Eu gostaria de ver o mar,” ela disse.

Os olhos de Giddon nela estavam incrédulos.

“O que? É uma coisa tão estranha para se dizer?”

“É uma coisa estranha para você dizer.” Ele balançou sua cabeça. Ele reuniu seu pão e as frutas, então se levantou. “O lutador Lienid tem enchido sua cabeça com idéias românticas.” Ele foi para seu cavalo.

Ela o ignorou, então ela não tinha que pensar sobre as próprias idéias de romance dele ou suas intenções, ou seu ciúme. Ela cavalgou com rapidez através da região plana e imaginou que ela cavalgava através do mar.

Foi mais difícil ignorar a presença de Giddon, uma vez que eles alcançaram seu castelo.

As paredes eram altas, cinza, e impressionantes. Os servos fluíram para o pátio ensolarado para saudar seu senhor e reverenciá-lo. Ele os chamou pelo nome e perguntou depois pelos grãos nos armazéns, o castelo, a ponte que estava sendo reparada. Ele era o rei aqui, e ela podia ver que ele estava confortável com isso e que seus servos estavam felizes em vê-lo.

Os servos de Giddon eram sempre atentos a Katsa, sempre que ela estava em sua corte.

Eles se aproximavam dela para perguntar se ela precisava de alguma coisa; eles acenderam a lareira e trouxeram sua água para poder tomar banho. Quando ela passava por eles nos corredores, eles sempre a saudavam. Ela não era tratada dessa forma em nenhum outro lugar, nem mesmo em sua própria casa. Ocorreu-lhe agora, é claro, que Giddon tinha especificamente ordenado a seus servos para tratá-la como uma lady – não a temesse, ou se eles

tivessem medo dela, fingissem que não tinham. Tudo isso Giddon tinha feito por ela. Ela percebeu que os servos deveriam olhá-la como sua futura patroa, pois se todos na corte sabiam dos sentimentos de Giddon, então com certeza os servos de Giddon tinha os interpretado também.

Ela não sabia como estar na corte de Giddon agora, percebendo que todos eles esperavam algo dela que ela nunca daria. Ela achou que eles ficariam aliviados em saber que ela não iria se casar com Giddon. Eles suspirariam e sorririam, e se preparariam alegremente para qualquer tipo de lady inofensiva que fosse sua segunda escolha. Mas talvez eles esperassem que seu senhor caísse em si. A esperança de Giddon a desnorteava. Ela não conseguia entender sua tolice, se apaixonar por ela, e ela ainda não acreditava inteiramente que isso fosse verdade.

Oll ficou ainda mais rabugento sobre lorde Ellis. "É uma tarefa cruel a que o rei pediu para nós executarmos," ele disse no jantar, na sala privada de jantar de Giddon, onde os três comiam com um par de servos os atendendo. "Eu não posso me lembrar se ele pediu para fazer uma tarefa tão cruel.

"Já," Giddon disse, "e nós a cumprimos. E você nunca falou desse modo antes."

"É só que..." Oll se interrompeu para olhar distraidamente para as paredes de Giddon, cobertas com ricas tapeçarias em vermelho e dourado. "É só que parece que esta é uma tarefa que o Conselho não aprovaria. O Conselho enviaria alguém para proteger as filhas. De nós."

Giddon empurrou as batatas em seu garfo e mastigou. Ele pensou nas palavras de Oll.

"Nós não podemos fazer qualquer trabalho para o Conselho," ele disse, "se nós não seguirmos também as ordens de Randa. Nós somos inúteis para qualquer um se ficarmos nos calabouços."

"Sim," Oll disse. "Mas mesmo assim, isso não parece certo."

No fim da refeição, Giddon estava ainda mais mal humorado do que Oll. Katsa observou o rosto duro de Oll e seus olhos infelizes. Ela observou Giddon comendo, sua faca refletindo o dourado e vermelho das paredes enquanto ele cortava sua carne de cervo. Sua

voz era baixa, e ele suspirava – ambos suspiravam, Oll e Giddon, enquanto eles falavam e comiam.

Eles não queriam executar aquela tarefa para Randa. Enquanto Katsa os observava e ouvia, os dedos de sua mente começaram a se abrir e alcançar alguns meios através dos quais eles poderiam frustrar as instruções de Randa.

Po tinha dito que estava em seu poder recusar Randa. E talvez isso estivesse em seu poder, mas não estava em Oll ou Giddon, por que Randa poderia puni-los de maneira que ele não poderia puni-la. Ou ele a puniria? Ele poderia usar todo o seu exército, talvez para forçá-la as suas masmorras. Ele podia matá-la. Não em uma luta, mas ele poderia envenená-la, uma noite no jantar. Se ele pensasse nela como um perigo e não a achasse útil, ele certamente a aprisionaria ou a mataria.

E se na sua raiva, quando ela retornasse para a corte sem a filha de Ellis, inflamasse a dela mesma? O que aconteceria a corte, se ela ficasse perante Randa e sentisse uma fúria em suas mãos e pés que ela não pudesse conter? O que ela faria?

Não importava. Quando Katsa acordou na manhã seguinte em sua confortável cama no castelo de Giddon, ela sabia que não importava o que Randa pudesse fazer com ela, ou o que ela poderia fazer a Randa. Se ela fosse forçada a ferir lorde Ellis hoje, como Randa desejava, isso colocaria nela a fúria. Ela sentia a raiva se construindo, só com o pensamento disso. Se ela ferisse lorde Ellis, sua fúria seria não menos catastrófica do que se ela não o fizesse e Randa a retaliasse. Ela não o faria. Ela não torturaria um homem que estava só tentando proteger suas crianças.

Ela não sabia o que aconteceria por causa disso. Mas ela sabia que hoje, ela não machucaria ninguém. Ela jogou para trás seus cobertores e pensou só no hoje.

Giddon e Oll arrastavam seus pés enquanto eles preparavam suas bagagens e seus cavalos. “Talvez nós sejamos capazes de falar com ele em um acordo,” Giddon disse, de modo esfarrapado.

“Humph,” foi a única resposta de Oll.

O castelo de Ellis era a poucas horas distante de cavalgada. Quando eles chegaram, um serviçal mostrou a eles uma grande

biblioteca, onde Ellis estava sentado à mesa, escrevendo. As paredes eram alinhadas com livros, alguns tão altos que eles só podiam ser alcançados por escadas feitas de uma fina madeira escura que se inclinava contra as prateleiras. Lorde Ellis ficou de pé enquanto eles entravam, seus olhos negros e seu queixo elevado. Ele era um homem baixo, com uma cobertura de cabelos pretos, e dedos pequenos que estavam estendidos no topo de sua mesa.

“Eu sei por que você está aqui Giddon,” ele disse.

Giddon limpou sua garganta, desconfortável. “Nós desejamos falar com você Ellis, e com suas filhas.”

“Eu não vou trazer minhas filhas para a presente companhia”, Ellis disse, com seus olhos passando rapidamente por Katsa. Ele não se abalou sob o olhar dela, e ele subiu um outro ponto em sua estima. Agora era a hora que ela devia agir. Ela contou três servos em pé, rigidamente, contra as paredes.

“Lorde Ellis,” ela disse, “se você se importa com a segurança de seus servos, você os enviará para fora desta sala.”

Giddon olhou para ela, a surpresa aparente em seu rosto, pois este não era seu modo habitual de operação. “Katsa –”

“Não faça perder meu tempo, lorde Ellis,” Katsa disse. “Eu mesma vou retirá-los se você não o fizer.”

Lorde Ellis acenou para seus homens da porta. “Vão,” ele disse para eles. “Vão, Não permita que ninguém entre. Cuidem de seus deveres.”

Seus deveres mais provavelmente envolviam a remoção das filhas do lorde do terreno imediatamente, se suas filhas estivessem ainda em casa; lorde Ellis surpreendeu Katsa por ter se preparado para isso. Quando a porta se fechou, ela levantou sua mão para silenciar Giddon. Ele atirou a ela outro olhar perplexo de irritação, que ela ignorou.

“Lorde Ellis,” ela disse. “O rei deseja que nós falemos com você sobre o envio de uma de suas filhas a Nander. Eu imagino que nós teremos um improvável sucesso.”

O rosto de Ellis estava rígido, e ainda assim ele sustentava os olhos dela. “Correto.”

Katsa assentiu. "Muito bem. Falhando, Randa deseja que eu o torture até que uma de suas filhas venha à frente e se ofereça em casamento."

O rosto de Ellis não mudou. "Eu suspeitava."

A voz de Giddon era baixa. "Katsa, o que você está fazendo?"

"O rei," Katsa disse, e então ela sentiu uma precipitação de sangue em sua cabeça, e ela tocou a mesa para se firmar. "O rei é apenas um problema. E neste assunto, ele não é. Ele deseja que eu o ameace. Mas o rei não faz suas próprias ameaças – ele envia a mim para isso. E eu – "

Katsa se sentiu forte. Ela se afastou da mesa e se empertigou. "Eu não farei o que Randa disse. Eu não obrigarei você ou suas filhas a seguir as ordens dele. Meu senhor, você pode fazer o que desejar."

A sala ficou em silêncio. Os olhos de Ellis estavam enormes, com o espanto, e ele se inclinou pesadamente sobre a mesa agora, como se o perigo o tivesse fortalecido e a sua ausência agora o fizesse fraco. Ao lado de Katsa, Giddon parecia não estar respirando, e quando ela olhou para ele, a sua boca pendia ligeiramente aberta. Oll ficou um pouco de lado, seu rosto gentil e preocupado.

"Bem," Lorde Ellis disse. "Isso é uma grande surpresa, minha senhora. Eu agradeço. De fato, eu não posso agradecer o suficiente."

Katsa não achava que uma pessoa devia agradecer a ela por não lhe causar dor. Causar alegria era digno de agradecimento, e causar dor digno de nojo. Causar nem uma, nem outra, não era nada, e nada garantia agradecimento.

"Você não me deve gratidão," ela disse. "E eu temo que isso não põe um fim a seus problemas com Randa."

"Katsa," era Oll. "Você tem certeza de que é isso que você quer?"

"O que Randa fará com você?" Giddon perguntou.

"O que quer que ele faça," Oll disse. "Nós vamos te apoiar."

"Não," Katsa disse. "Vocês não irão me apoiar. Eu devo estar por minha conta nisto. Randa deve acreditar que você e Giddon tentaram me forçar a seguir as ordens dele, mas não puderam." Ela se perguntou se devia feri-los, para fazer isso mais convincente.

“Mas nós não queremos realizar esta tarefa, não mais do que você quer,” Giddon disse.

“Foi nossa conversa que levou você a fazer esta escolha. Nós não podemos ficar parados e deixar você – ”

Katsa falou deliberadamente. “Se ele souber que vocês o desobedeceram, ele irá aprisioná-los ou matá-los. Ele não pode me ferir do modo que ele pode ferir vocês. Eu não acho que sua guarda inteira poderia me capturar. E se eles o fizessem, pelo menos eu não tenho terras que dependem de mim, como você tem Giddon. Eu não tenho uma esposa como você tem Oll.”

O rosto de Giddon ficou fechado. Ele abriu sua boca para falar, mas Katsa cortou suas palavras. “Vocês dois não serão úteis se estiverem na prisão. Raffin precisa de vocês. O que quer que seja, eu precisarei de vocês.”

Giddon tentou falar. “Eu não vou –”

Ela precisava o fazer ver isso. Ela cortaria sua estupidez e o faria ver isso. Ela bateu sua mão na mesa tão forte que os papéis cascatearam para o chão.

“Eu irei matar o rei.” Ela disse. “Eu vou matar o rei, a menos que ambos concordem em não me apoiar. Esta é a minha revolta, e só minha, e se você não concorda, eu juro sob a minha graça que eu vou assassinar o rei.”

Ela não sabia se faria isso. Mas ela sabia que deveria parecer selvagem o suficiente para fazê-los acreditarem que faria.

Ela se virou para Oll. “Diga que concorda.”

Oll limpou sua garganta. “Será como você diz, minha senhora.”

Ela encarou Giddon. “Giddon?”

“Eu não gosto disso,” ele disse.

“Giddon – ”

“Será como você diz,” ele disse com seus olhos no chão e seu rosto vermelho e sombrio.

Katsa se virou para Ellis. “Lorde Ellis, se Randa souber que capitão Oll ou lorde Giddon concordaram com esta vontade, eu saberei que foi você quem falou. Eu matarei você. Eu matarei suas filhas. Você entendeu?”

“Eu entendi, minha senhora,” Ellis disse. “E de novo, eu lhe agradeço.”

Algo apertou em sua garganta com este segundo agradecimento, quando ela tinha ameaçado ele de forma tão brutal. Quando você é um monstro, ela pensou, „você é agradecida e reza para não se comportar como um monstro”. Ela gostaria de se abster da crueldade e não receber admiração por isso.

“E agora nesta sala, com apenas nós presentes,” ela disse. “Nós definiremos os detalhes que alegaremos do que aconteceu hoje.”

Eles comeram o jantar na sala de jantar de Giddon, no castelo dele, como eles tinham feito na noite passada. Giddon tinha dado a ela permissão para cortar seu pescoço com sua faca, e Oll tinha permitido que ela contundisse sua bochecha. Ela teria feito isso sem a permissão deles, pois ela sabia que Randa esperaria a evidência de uma briga. Mas Oll e Giddon tinham visto o bom senso disso; ou talvez, eles tivessem adivinhado o que ela faria, caso eles não concordassem. Eles ficaram imóveis, e corajosamente. Ela não tinha gostado da tarefa, mas ela causou a eles a menor dor que sua habilidade permitia. Não houve muita conversa no jantar.

Katsa partiu o pão, mastigou, e engoliu. Ela olhou para o garfo e a faca em suas mãos. Ela olhou para sua taça de prata.

“O senhor em Estillan,” ela disse. Os olhos dos homens pularam de seus pratos. “O lorde que tomou mais madeira de Randa do que ele deveria. Lembram-se dele?”

Eles concordaram.

“Eu não machuquei ele,” ela disse. “Que dizer, eu deixei ele inconsciente. Mas eu não quis feri-lo.” Ela colocou a faca e o garfo para baixo e olhou de Giddon para Oll. “Eu não pude. Ele pagou mais por seu crime em ouro. Eu não pude feri-lo.”

Eles olharam para ela por um momento. Os olhos de Giddon baixaram para seu prato. Oll limpou sua garganta. “Talvez o funcionamento do Conselho nos colocou em contato com o melhor de nossas naturezas,” ele disse.

Katsa pegou sua faca e o garfo, cortou sua carne, e pensou sobre isso. Ela conhecia sua natureza. Ela a reconheceria se ela ficasse cara a cara com ela. Ela seria um monstro de um olho azul e

outro verde, um lobo e rosnando. Uma besta cruel que feria seus amigos na fúria incontrolável, uma assassina que oferecia a si mesma como instrumento da fúria do rei. Embora, fosse um estranho monstro, por baixo de seu exterior ele estava assustado e enojado com sua própria violência. Ele repreendia sua selvageria. E algumas vezes ele não tinha coração para a violência e se rebelava contra isso completamente.

Um monstro que recusava, algumas vezes, a se comportar como um monstro. Quando um monstro parava de se comportar como um monstro, isso o fazia parar de ser um monstro? Ele se tornava outra coisa? Talvez ela não reconhecesse sua natureza depois de tudo. Havia tantas perguntas e também poucas respostas, nesta mesa de jantar no castelo de Giddon. Ela gostaria de viajar com Raffin, ou Po, em vez de com Oll e Giddon; eles teriam respostas, de uma forma ou de outra. Ela devia evitar usar sua graça com raiva. Este era o lugar onde sua natureza se aplacaria.

Após o jantar, ela foi ao campo de arco e flecha de Giddon, esperando que o barulho das setas acertando o alvo pudesse acalmar sua mente. Lá, ele a encontrou. Ela queria ficar sozinha.

Mas quando Giddon saiu das sombras, alto e silencioso, ela desejou que eles estivessem em um grande salão com centenas de pessoas. Uma festa, ela em um vestido e em sapatos horríveis.

Um baile. Qualquer outro lugar do que estar sozinha com Giddon, onde ninguém daria de cara com eles e ninguém os interromperia.

“Você está atirando setas ao alvo no escuro,” Giddon disse.

Ela abaixou seu arco. Ela supôs que esta era uma de suas críticas. “Sim,” ela disse, por que ela não podia pensar em outra resposta.

“Você é tão boa em atirar no escuro quanto você é na luz?”

“Sim,” ela disse, e ele sorriu, o que a fez ficar nervosa. Se ele ia ser agradável, então ela temia aonde isso iria levar; ela preferiria muito mais ele sendo arrogante e crítico, e desagradável, se eles iam ficar sozinhos.

“Não há nada que você não possa fazer Katsa.”

“Não seja absurdo.”

Mas ele pareceu determinado a não discutir. Ele sorriu de novo e se inclinou contra a grade de madeira que separava sua faixa de tiro das outras. "O que você pensa que irá acontecer na corte de Randa amanhã?" Ele perguntou.

"Na verdade, eu não sei," Katsa disse. "Randa vai ficar muito zangado."

"Eu não gosto de você me protegendo da raiva dele, Katsa. Eu não gosto de nada disso."

"Eu lamento, Giddon, como eu lamento ter ferido seu pescoço. Podemos retornar ao castelo?" Ela levantou a faixa da aljava por sobre sua cabeça, e a colocou no chão. Ele a observou, silenciosamente, e um pequeno pânico começou a mexer em seu peito.

"Você deveria me deixar protegê-la," ele disse.

"Você não pode me proteger do rei. Seria fatal para você, e uma perda de suas energias.

Vamos voltar para o castelo."

"Case-se comigo," ele disse, "e nosso casamento protegerá você."

Então, ele tinha dito como Po tinha previsto, e isso a golpeou como um dos socos de Po no estômago. Ela não sabia para onde olhar; ela não podia ficar parada. Ela colocou sua mão em sua cabeça, e se apoiou na grade. Ela desejou pensar.

"Nosso casamento não me protegeria," ela disse. "Randa não me perdoaria simplesmente por que eu casei."

"Mas ele seria mais flexível," Giddon disse. "Nosso casamento ofereceria a ele uma alternativa, seria perigoso para ele tentar punir você, e ele sabe disso. Se dissermos que nós estamos casados, então ele pode nos levar para longe da corte, ele pode nos enviar para cá, e ele estará fora do nosso alcance, e você fora do dele. E lá haverá alguma pretensão de amizade entre vocês."

E ela estaria casada, e com Giddon. Ela seria sua esposa, a senhora de seu castelo. Ela seria encarregada de entreter seus pobres convidados. Esperaria contratar e demitir seus servos, baseada em suas habilidades com a massa, ou algo sem sentido. Esperaria que desse a luz a seus filhos, e ficasse em casa para amá-los. Esperaria ir para sua cama à noite. A cama de Giddon, e

deitasse com um homem que considerava um arranhão no rosto dela, uma afronta a sua pessoa. Um homem que pensava nela como seu protetor – seu protetor quando ela podia vencer um duelo com ele se ela utilizasse um palito contra a espada dele.

Ela afastou isso, respirando para longe a fúria. Ele era um amigo, e leal ao Conselho. Ela nãoalaria o que ela pensava. Elaalaria o que Raffin tinha dito a ela para falar.

“Giddon,” ela disse. “Certamente você ouviu que eu não pretendo me casar.”

“Mas você recusaria uma proposta adequada? Você tem que admitir isso para uma solução de seu problema com o rei.”

“Giddon,” ele ficou perante ela, seu rosto uniforme, seus olhos calorosos. Tão confiante.

Ele não imaginava que ela pudesse recusá-lo. E talvez isso fosse perdoável, por que talvez nenhuma outra mulher o fizesse.

“Giddon. Você precisa de uma mulher que lhe dê filhos. Eu nunca desejei filhos. Você precisa se casar com uma mulher que deseje bebês.”

“Você não é uma mulher anormal, Katsa. Você pode lutar como outras mulheres não podem, mas você não é tão diferente das outras mulheres. Você vai querer ter filhos. Eu estou certo disso.”

Ela não tinha esperado ter uma oportunidade imediata para treinar a conter seu temperamento. Ele merecia um soco, golpear ele certo em sua cabeça e jogá-lo no chão onde ele pertencia.

“Eu não posso me casar com você, Giddon. Não tem nada haver com você, isso tem haver comigo. Eu não irei me casar, com ninguém, e não darei a luz a nenhuma criança.”

Ele olhou para ela, em seguida, seu rosto mudou. Ela conhecia aquele olhar no rosto de Giddon, a curvatura sarcástica de seu lábio e o brilho em seus olhos. Ele estava começando a escutar ela.

“Eu não acho que você está pensando no que você está dizendo, Katsa. Você espera receber uma proposta mais atraente?”

“Não tem nada haver com você, Giddon. Isso só tem haver comigo.”

“Você imagina que há outros que formariam um interesse em uma lady assassina?”

“Giddon – “

“Você está esperando que o Lienid peça sua mão,” ele apontou para ela, seu rosto zombando. “Você prefere ele, pois ele é um príncipe, e eu sou só um lorde.”

Katsa jogou seus braços para o ar. “Giddon, de todos os absurdos – “

“Ele não vai pedir você,” Giddon disse, “e se ele o fizer você seria uma tola em aceitar. Ele é tão confiável quanto Murgon,”

“Giddon, eu te asseguro –“

“Nem ele é honrado,” Giddon disse. “Um homem que luta com você como ele faz, não é melhor do que um oportunista e nem pior do que um bandido.”

Ela congelou. Olhou para Giddon e mesmo sem ver o dedo dele apontado no ar, seu rosto desvaneceu. Ao invés dele, ela viu Po, sentando no chão, na sala de treinos, usando as exatas palavras que Giddon tinha acabado de usar. Antes que Giddon tivesse usado elas.

“Giddon. Você falou essas palavras para Po?”

“Katsa, eu nunca tive uma conversa com ele quando você não estava presente.”

“Com alguém mais? Você disse essas palavras para alguém mais?”

“É claro que não. Se você acha que eu perco meu tempo –“

“Você tem certeza?”

“Sim, eu tenho certeza. Qual o problema? Se ele me perguntasse, eu não teria medo de dizer a ele o que eu penso.”

Ela olhou para Giddon, incrédula, indefesa contra a percepção do que escorria para dentro de sua mente e encaixava no lugar. Ela colocou sua mão em sua garganta. Ela não podia recuperar seu fôlego. Ela perguntou o que ela sentiu que tinha que perguntar, e se encolheu com a resposta que ela sabia que receberia.

“Você teve esses pensamentos antes? Você pensou nessas coisas enquanto estava na presença dele?”

“Que eu não confio nele? Que ele é um oportunista e um bandido? Eu penso toda vez que eu olho para ele.”

Giddon estava praticamente cuspiendo, mas Katsa não via. Ela dobrou seus joelhos e colocou seu arco no chão, lentamente,

deliberadamente. Ela ficou de pé, se virou, se afastando dele. Ela andava dando um passo de cada vez. Ela respirava para dentro e para fora e olhava direto à frente.

“Você está preocupada que eu vá causar ofensa a ele,” Giddon gritou após ela, “seu precioso príncipe Lienid. Ou talvez eu diga a ele a minha opinião. Talvez ele parta mais rápido se eu encorajar –”

Ela não escutou, ela não ouviu. Pois havia muito barulho também em sua cabeça. Ele sabia os pensamentos de Giddon. E ele conhecia os dela próprios, ela sabia que ele sabia.

Quando ela tinha estado com raiva, quando ela tinha pensado muito nele. Outras vezes, também.

Deveria haver várias vezes, embora sua cabeça gritasse muito para ela pensar nisso.

Ela tinha pensado nele como um lutador, só um lutador. E em sua tolice, ela tinha achado ele perceptivo. Tinha até mesmo admirado sua percepção.

Ela, admirando um leitor de mentes.

Ela tinha confiado nele. Ela tinha confiado nele, e ela não deveria. Ele tinha agido falsamente, distorcido a sua graça. E isso era o mesmo que ele tivesse mentido.

Capítulo Catorze



Katsa disparou pelo laboratório de Raffin, e ele olhou acima de seu trabalho, surpreso.

“Onde ele está?” ela exigiu, e então ela parou, por que lá estava ele, lá mesmo, sentado à beira da mesa de Raffin, seu queixo roxo e suas mangas enroladas.

“Há uma coisa que eu preciso lhe dizer, Katsa,” ele disse.

“Você é um leitor de mentes,” ela disse. “Você é um leitor de mentes, e mentiu para mim.”

Raffin xingou e pulou. Ele correu para a porta atrás dele, e a fechou.

O rosto de Po corou, mas ele sustentou o olhar dela. “Eu não sou um leitor de mentes.” Ele disse.

“E eu não sou uma tola,” ela gritou, “então pare de mentir para mim. Diga-me, o que você descobriu? Quais pensamentos meus você roubou?”

“Eu não sou um leitor de mentes,” disse, “eu sinto as pessoas.”

“E o que isso quer dizer? É o pensamento das pessoas que você sente.”

“Não, Katsa. Escute. Eu sinto as pessoas. Pense nisso como minha visão noturna, Katsa, ou os olhos na parte de trás da minha cabeça como você tinha acusado de eu ter. Eu sinto as pessoas quando elas estão próximas a mim, pensando ou sentindo e movendo-se ao redor, seus corpos, suas energias físicas. Isso é apenas –” ele engoliu. “É apenas quando eles estão pensando sobre mim que também eu sinto seus pensamentos.”

“E isso não é leitura de mentes?” Ela gritou isso tão alto que ele se retraiu, mesmo assim ele sustentou seu olhar.

“Tudo bem. Isso envolve alguma leitura de mentes. Mas eu não posso fazer o que você acha que eu posso fazer.”

“Você mentiu para mim,” ela disse. “Eu confiei em você.”

A voz suave de Raffin partiu sua aflição. “O deixe explicar, Katsa.”

Ela se virou para Raffin incrédula, espantada por ele saber a verdade e ainda ficar do lado de Po. Ela girou de volta para Po, que ainda se atrevia a manter o olhar dela, como se ele não tivesse feito nada de errado, nada completamente e absolutamente errado.

“Por favor, Katsa,” Po disse. “Por favor, me escute. Eu não posso me sentar e escutar qualquer pensamento que eu queira. Eu não sei o que você pensa sobre Raffin, ou o que Raffin pensa de Bann, ou se Oll gosta de seu jantar. Você pode estar atrás de uma porta correndo em círculos e pensando no quanto você odeia Randa, e tudo o que eu vou saber é que você está correndo em círculos – até que seus pensamentos se direcionem a mim. Só então eu sei o que você está sentindo.”

Isso era o que ela sentia por ser traída por um amigo. Não. Por um traidor fingindo ser um amigo. Tinha parecido ser um amigo maravilhoso, tão simpático, tão compreensivo – e não é de se admirar, que ele sempre soubesse seus pensamentos, sempre soubesse seus sentimentos. A pretensão perfeita de amizade.

“Não,” ele disse. “Não. Eu tive que mentir Katsa, mas minha amizade não tem sido um fingimento. Eu sempre fui seu amigo verdadeiro.”

Mesmo agora ele estava lendo sua mente. “Pare com isso.” Ela cuspiu. “Pare com isso. Como você ousa seu traidor, impostor, seu...”

Ela não podia encontrar palavras fortes o suficiente. Mas os olhos dele baixaram dos dela agora, tristes, e ela viu que ele sentiu o seu pleno significado. Ela estava cruelmente feliz que a graça dele comunicasse o que ela não podia verbalizar. Ele desmoronou sobre a mesa, seu rosto contorcido com a infelicidade. Ouvi sua voz, quando ele falou, sem tom.

“Só duas pessoas conhecem esta minha graça, minha mãe e meu avô. E agora Raffin e você. Meu pai não sabe, nem meus irmãos.

Minha mãe e meu avô me proibiram de dizer a todos, no momento que eu revelei isso a eles quando criança.”

Bem. Ela tomaria conta desse problema. Giddon estava certo, embora ele não pudesse ter percebido o porquê. Po não era confiável. As pessoas deviam saber, e ela diria a todos.

“Se você fizer isso,” Po disse, “você vai tirar de mim toda a liberdade que eu tenho. Você irá arruinar a minha vida.”

Ela olhou para ele então, mas sua imagem foi borrada pelas lágrimas que corriam de seus olhos. Ela devia sair. Ela devia sair dessa sala, por que ela queria feri-lo, como ela tinha jurado que nunca o faria. Ela queria causar a ele dor por ter tomado um lugar em seu coração que ela não teria dado a ele se ela soubesse a verdade.

“Você mentiu para mim.” Ela disse. Ela se virou e saiu correndo da sala.

Helda limpou seus olhos úmidos, e seu silêncio, várias vezes.

“Eu espero que ninguém esteja doente, minha senhora,” ela disse. Ela se sentou ao lado da banheira de Katsa e desembaraçava através dos nós dos cabelos de Katsa.

“Ninguém está doente.”

“Então alguma coisa a chateou,” Helda disse. “Deve ser um de seus jovens.”

Um de seus jovens. Um de seus amigos. Sua lista de amigos estava diminuindo, de poucos para mínima. “Eu desobedeci ao rei,” ela disse. “Ele ficará muito zangado comigo.”

“Sim?” Helda disse. “Mas isso não conta a dor em seus olhos. Isso deve ser alguma coisa de um de seus jovens.”

Katsa não disse nada. Todos neste castelo eram leitores de mente. Todos podiam ver através dela, e ela não via nada.

“Se o rei está zangado com você,” Helda disse. “E se você está tendo problema com um de seus jovens, então nós vamos fazer você ficar especialmente bonita esta noite. Você vai usar seu vestido vermelho.”

Katsa quase riu daquela pouca lógica de Helda, mas o riso ficou preso em sua garganta.

Ela partiria da corte depois desta noite. Ela não queria ficar aqui nem mais um pouco, com a fúria do seu tio, o sarcástico orgulho ferido de Giddon, e acima de tudo, a traição de Po.

Mais tarde quando Katsa estava vestida e Helda lutando com seu cabelo molhado diante da lareira, houve uma batida em sua entrada. O coração de Katsa voou para sua garganta, seria um servo, convocando ela a seu tio, ou pior, Po, vindo para ler sua mente e machucar ela de novo com suas explicações e desculpas. Mas quando Helda foi à porta, ela voltou com Raffin.

"Ele não é quem eu esperava," Helda disse. Ela envolveu suas mãos em sua barriga e gargalhou.

Katsa pressionou seus dedos em suas têmporas. "Eu preciso falar com ele sozinha, Helda."

Helda saiu. Raffin sentou em sua cama, e puxou suas pernas para acima, como ele fazia quando ele era criança. Como ambos tinham feito tantas vezes, sentados juntos em cima de sua cama, conversando e rindo. Ele não ria agora, e ele não falou. Ele apenas se sentou, e olhava para ela em sua cadeira em frente à lareira. Seu rosto gentil e querido, e aberto com a preocupação.

"Esse vestido fica bem em você, Kat," ele disse. "Seus olhos estão muito brilhantes."

"Helda acha que este vestido irá resolver todos os meus problemas," Katsa disse.

"Seus problemas tem se multiplicado desde que você deixou a corte. Eu falei com Giddon."

"Giddon," Seu nome a fazia cansada.

"Sim. Ele me disse o que aconteceu com lorde Ellis. Honestamente Katsa. É bastante sério, não é? O que você vai fazer?"

"Eu não sei. Eu não me decidi"

"Sério, Katsa."

"Por que você fica falando isso? Eu suponho que você acha que eu teria torturado um companheiro, por não fazer nada de errado?"

"É claro que não. Você fez bem. É claro que você fez a coisa certa."

"E o rei não irá me controlar mais. Eu não serei mais seu animal."

“Kat.” Ele se mexeu e suspirou. Ele olhou para ela fixamente. “Eu posso ver que você já fez sua cabeça. E você sabe que eu farei tudo em meu poder para parar a mão dele. Eu estou ao seu lado em qualquer coisa que tenha haver com Randa, sempre. É só... é só que...”

Ela sabia. Era só que Randa prestava pouca atenção a seu filho, o fabricante de medicamentos. Havia muito pouco no poder de Raffin a fazer, enquanto seu pai vivesse.

“Eu estou preocupado com você, Kat,” ele disse. “E é só. Todos nós estamos. Giddon está bastante desesperado.”

“Giddon,” ela suspirou. “Giddon me propôs casamento.”

“Grandes colinas. Antes ou depois de você ver Ellis?”

“Depois,” ela gesticulou com impaciência. “Giddon pensa que casamento é a solução para todos os meus problemas.”

“Hmm. Bem, como foi?”

Como foi? Ela sentiu vontade de rir, embora não houvesse nenhuma graça para isso.

“Começou mal e progrediu para o pior.” Ela disse, “e terminou comigo percebendo que Po é um leitor de mentes. E um mentiroso.”

Raffin a considerou por um momento. Ele começou a falar, então parou. Seus olhos eram muito gentis. “Querida Katsa,” ele disse finalmente. “Você tem tido alguns dias duros com Randa, Giddon e Po.”

E Po, o mais difícil, embora todo o perigo repousasse sobre Randa. A ferida de Po ela removeria, se ela pudesse escolher uma para remover. O fogo crepitou ao seu lado. O fogo estava abrasador; mal havia uma corrente de ar, pois Helda queria que seu cabelo secasse mais rapidamente, então ela tinha colocado grandes toras para queimar. Seus cabelos caíam agora em cachos ao redor de seus ombros. Ela os empurrou para trás de suas orelhas e os amarrou em um nó.

“Sua graça tem sido um segredo desde que ele era uma criança, Katsa.”

Lá vão elas, então, as explicações e as racionalizações. Ela olhou para longe dele, e se empertigou.

“Sua mãe sabia que ele só seria usado como uma ferramenta, se a verdade viesse à tona.

Imagine o uso de uma criança que pode sentir as reações das coisas que ele diz, ou que sabe o que alguém está fazendo do outro lado de uma parede. Imagine seu uso quando seu pai é o rei.

Sua mãe sabia que ele não seria capaz de se relacionar com as pessoas ou fazer amigos, por que ninguém confiaria nele. Ninguém iria querer nada com ele. Pense nisso, Katsa. Pense sobre o que seria.”

Ela olhou para ele, seus olhos em fogo, e o rosto dela suavizou.

“Que coisa para me dizer. É claro que eu não preciso imaginar isso.”

Não, pois esta era sua realidade. Ela não tinha tido o luxo de esconder sua graça.

“Nós não podemos culpá-lo por não nos dizer logo,” Raffin disse. “Para ser honesto, eu estou tocado por ele ter nos dito. Ele me disse logo depois que você partiu. Ele tem algumas idéias sobre o seqüestro, Kat.”

Sim, como ele deve ter idéias sobre um grande número de coisas que ele estava em posição de saber. Um leitor de mentes nunca poderia ter falta de idéias.

“Quais são suas idéias?”

“Por que você não o deixa dizê-las a você?”

“Eu não desejo a companhia de um leitor de mentes.”

“Ele está partindo amanhã, Kat.”

Ela o encarou. “O que você quer dizer com ele está partindo?”

“Ele está deixando a corte,” Raffin disse, “por bem. Ele vai para Sunder, e então Monsea, possivelmente. Ele não quis explicar os detalhes.”

Seus olhos nadaram com as lágrimas. Ela parecia incapaz de controlar esta estranha água que fluía dentro de seus olhos. Ela olhou para suas mãos e uma lágrima pulou em sua palma.

“Acho que vou enviá-lo,” Raffin disse, “a te dizer sobre isso.”

Ele desceu da cama e veio a ela. Ele se inclinou e beijou sua testa. “Querida Katsa,” ele disse, e então saiu do quarto.

Ela olhou para o padrão assinalado de seu piso de mármore e se perguntou como ela poderia se sentir tão desolada para que seus olhos se preenchessem com água. Ela não podia se lembrar de chorar, nenhuma vez em sua vida. Não até que este tolo Lienid tivesse vindo para sua corte, e mentido para ela, e então anunciasse que estava partindo.

Ele pairou logo na entrada; parecia incerto se aproximava ou mantinha a distância. Ela não sabia o que ela queria, também; ela só sabia que ela queria permanecer calma e não olhar para ele e não pensar em nada para ele roubar. Ela cruzou sua sala de jantar, foi para a janela, e olhou lá fora. O pátio estava vazio, e amarelo nas luzes do sol se pondo. Ela sentiu o movimento dele na entrada atrás dela.

“Perdoe-me, Katsa,” ele disse. “Eu te imploro que você me perdoe.”

Bem, e isso era facilmente respondido. Ela não o desculparia. Os três jardins de Randa estavam ainda verdes, e algumas flores ainda florescendo. Mas em breve as folhas secariam e cairiam. Os jardineiros viriam com seus grandes ancinhos, e limpariam as folhas do chão de mármore, e as carregariam para longe em carrinhos de mão. Ela não sabia para onde eles as carregariam. Para as hortas, ela achou, ou para os campos. Eles eram diligentes, os jardineiros.

Ela não o desculparia.

Ela ouviu ele se mover para mais perto. “Como... como você sabia?” ele perguntou. “Você me diria?”

Ela descansou sua testa sobre a vidraça. “E por que você não usa sua graça para encontrar a resposta para isso?”

Ele parou. “Eu poderia,” ele disse, “possivelmente, se você estivesse pensando sobre isso especificamente. Mas você não está, e eu não posso vaguear dentro de você e obter qualquer informação que eu quero. Não mais do que eu posso parar minha graça de me mostrar às coisas que eu não quero.”

Ela não respondeu.

“Katsa, tudo o que eu sei é que agora você está zangada, furiosa, da cabeça aos pés; e que eu machuquei você, e que você não me perdoa. Ou confia em mim. Isso é tudo o que eu sei no

momento. E minha graça só confirma o que eu vejo com meus próprios olhos.”

Ela suspirou acentuadamente, e falou para a vidraça. “Giddon me disse que ele não confiava em você. E quando ele me disse, ele utilizou as mesmas palavras que você tinha usado antes, as mesmas palavras, exatamente. E” – ela acenou sua mão no ar – “havia outros pontos.

Mas as palavras de Giddon fizeram isso esclarecer.”

Ele estava mais perto agora. Inclinado contra a mesa, mas provavelmente com suas mãos em seus bolsos e seus olhos nas costas dela. Ela se focou na vista lá fora. Duas ladies cruzaram o pátio abaixo, de braço dado uma com a outra. Os cachos de seus cabelos reunidos no topo de suas cabeças, subindo e descendo.

“Eu não estava sendo muito cuidadoso com você,” ele disse. “Cuidadoso em esconder. Eu iria tão longe a ponto de dizer que eu fui descuidado às vezes.” Ele pausou, e sua voz era baixa, como se ele estivesse falando para suas botas. “É por que eu queria que você soubesse.”

E isso não o absolvía. Ele tinha tirado seus pensamentos sem dizer a ela, e ele tinha querido dizer a ela, e isso não começava a absolvê-lo.

“Eu não podia te dizer, Katsa, possivelmente não,” ele disse, e ela se virou para encará-lo.

“Pare! Pare com isso! Pare de responder aos meus pensamentos!”

“Eu não vou esconder isso de você, Katsa! Eu não esconderei isso mais!” Ele não estava inclinado contra a mesa, mãos nos bolsos. Ele estava em pé, segurando seu cabelo. Seu rosto – ela não olharia seu rosto. Ela se virou, voltou-se para a janela.

“Eu não vou mais esconder isso de você, Katsa,” ele disse de novo. “Por favor. Deixe-me explicar. Não é tão ruim quanto você pensa.”

“É fácil para você dizer,” ela disse. “Você não é quem tem pensamentos que não são só para si.”

“Quase todos os seus pensamentos são seus,” ele disse. “Minha graça apenas me mostra como você está em relação a mim. Onde

você está próxima fisicamente, e o que você está fazendo; e qualquer pensamento, ou sentimento, ou instintos que você tem em relação a mim.

Eu... eu suponho que isso é uma espécie de auto-preservação," ele concluiu pateticamente. "De qualquer modo, esse é o porquê que eu posso lutar com você. Eu sinto os movimentos do seu corpo sem vê-los. E mais um ponto, eu sinto a energia de suas intenções em relação a mim. Eu sei de cada movimento que você tenciona fazer contra mim, antes de você fazê-lo.

Ela quase não conseguia respirar por essa declaração extraordinária. Ela se perguntou vagamente se isso era como sentia suas vítimas, ao serem chutadas no peito.

"Eu sei quando alguém quer me ferir, e como," ele disse. "Eu sei se a pessoa me olha com carinho, ou se ela confia em mim. Eu sei se a pessoa não gosta de mim. Eu sei quando alguém pretende me enganar."

"Como você me enganou," ela disse, "por ser um leitor de mentes."

Ela continuou obstinadamente. "Sim, é verdade. Mas tudo o que você me disse sobre sua luta com Randa, Katsa, eu precisei ouvir de sua boca. Tudo o que você me disse sobre Raffin, ou Giddon. Quando eu te conheci no pátio de Murgon," ele disse. "Você se lembra? Quando eu encontrei você, eu não sabia por que você estava lá. Eu não podia olhar em sua mente e saber que você estava no processo de resgatar meu avô que estava nos calabouços. Eu não estava próximo o suficiente dele para sentir sua presença física ainda. Nem eu tinha falado com Murgon; eu não tinha descoberto nada ainda de suas mentiras. Eu não sabia que você tinha atacado a guarda do castelo. Tudo o que eu sabia com certeza é que você não sabia quem eu era, e você não sabia se podia confiar em mim, mas você não queria me matar, por que eu era um Lienid, e possivelmente tinha algo haver com outro Lienid; embora eu não pudesse estar certo de quem, ou como ele era um elemento nisso. E também que você – eu não sei como explicar isso, mas você sentiu confiança em mim. Isso é tudo, isso era tudo que eu sabia. Foi à base dessa informação que eu decidi confiar em você.

“Deve ser conveniente,” ela disse amargamente, “saber que outra pessoa é confiável. Se não, não estaríamos aqui agora se eu tivesse essa capacidade.”

“Desculpe-me,” ele disse, “eu não posso dizer o quanto eu lamento. Eu odiei não te dizer.

Isso me irritava todos os dias desde que nos tornamos amigos.”

“Nós não somos amigos,” Ela sussurrou para o vidro da janela.

“Se você não é minha amiga, então eu não tenho amigos.”

“Amigos não mentem,” ela disse.

“Amigos tentam entender,” ele disse. “Como eu poderia ser seu amigo sem mentir? Quanto eu arriscaria para dizer a você e a Raffin a verdade? O que você teria feito de diferente Katsa, se essa fosse a sua graça e o seu segredo? Se esconder em um buraco e ousar não afligir ninguém com sua amizade repugnante? Eu tenho amigos Katsa, eu tenho uma vida, mesmo embora eu carregue esse fardo.”

Ele parou por um momento, sua voz rouca e embargada, e Katsa lutou contra sua angústia, lutou para manter isso longe dele a tocar. Ela se descobriu segurando a moldura da janela muito forte.

“Você me veria sem amigos, Katsa,” ele concluiu quietamente. “Você veria minha graça controlar cada aspecto da minha vida e me isolar de toda felicidade.”

Ela não queria ouvir aquelas palavras, palavras que pediam sua simpatia, sua compreensão. Ela que tinha machucado a tantos com sua graça, e sido insultada por causa dela.

Ela que ainda lutava em manter sua graça longe de dominá-la, e que, como ele, nunca tinha pedido pelo poder que ela lhe dava.

“Sim,” ele disse. “Eu não pedi por isso. Eu a desligaria para você, se eu pudesse.”

Raiva, raiva de novo, por que ela nem mesmo podia sentir simpatia sem que ele soubesse.

Isso era loucura. Ela não podia compreender a loucura dessa situação. Como sua mãe se relacionava com ele? Ou seu avô? Como alguém poderia? Ela respirou fundo e tentou pensar nisso, parte por parte.

“Seu modo de combate,” ela disse, seus olhos no pátio escurecendo. “Você espera que eu acredite que seu modo de lutar

não é agraciado?

“Eu sou um lutador naturalmente excepcional,” ele disse. “Todos os meus irmãos são. A família real é bem conhecida em Lienid pela luta corporal. Mas minha graça – é uma enorme vantagem em uma luta, para antecipar cada movimento que seu oponente faz contra mim.

Combine isso com meu imediato senso de seu corpo, um senso que vai além da visão – você pode entender por que ninguém nunca me golpeou, exceto você.”

Ela pensou sobre isso e se descobriu sem poder acreditar.

“Mas você é muito bom. Você deve ter a graça do combate também. Você não poderia lutar tão bem se não a tivesse.”

“Katsa,” ele disse. “pense nisso. Você é cinco vezes mais lutador que eu sou, por que você sabe que é - e eu não estou me controlando, nem um pouco. E você pode fazer o que quiser comigo, e eu não posso ferir você –”

“Dói quando você me golpeia.”

“Dói só por um instante, e além do mais, se eu golpeasse você é só por que você me deixou, por você está muito ocupada desarticulando meu braço para se importar que eu esteja te socando no estômago. Quanto tempo você acha que levaria para me matar, ou quebrar meus ossos, se você decidisse isso?”

Se ela realmente decidisse? Ele estava certo. Se seu objetivo fosse feri-lo, quebrar seu braço ou seu pescoço, ela não achava que levaria muito tempo.

“Quando nós lutamos,” ele disse, “você faz um grande esforço em vencer sem me ferir. O que você geralmente pode fazer é uma marca de sua fenomenal habilidade. Eu nunca te feri sequer uma vez, e acredite-me, eu tentei.”

“É uma fachada,” ela disse. “A luta é só uma fachada.”

“Sim. Minha mãe aproveitou no instante que isso ficou claro, que eu partilhava da habilidade de meus irmãos, e que minha graça aumentou essa habilidade.”

“Por que você não soube que eu iria golpeá-lo,” ela disse, “no pátio de Murgon?”

“Eu sabia,” ele disse. “mas só no último instante, e eu não reagi suficientemente rápido. Até aquele primeiro golpe, eu não percebi a sua velocidade. Eu nunca encontrei nada como isso antes.”

A argamassa estava rachando da moldura da janela. Ela tirou um pequeno pedaço e rolou ele entre seus dedos. “Sua graça comete erros? Ou você sempre está certo?”

Ele exalou, soou quase como uma risada. “Não é sempre certo. E está sempre mudando.

Eu ainda estou amadurecendo nisso. Meu senso do físico é bastante confiável, desde que eu não esteja em uma enorme multidão. Eu sei onde as pessoas estão e o que elas estão fazendo. Mas o que elas sentem em relação a mim – nunca houve uma vez que eu pensava que alguém estava mentindo e elas não estavam. Ou uma vez quando eu pensava que alguém pretendia me golpear e eles não o faziam. Mas há vezes quando eu não estou certo – quando eu tenho uma sensação de algo, mas eu não tenho certeza. Os sentimentos de outras pessoas podem ser muito... complicados, e difíceis de entender.

Ela não tinha pensado nisso, que uma pessoa pudesse ser difícil de entender, mesmo para um leitor de mentes.

“Eu tenho mais certeza das coisas agora do que eu costumava ter,” ele disse. “Quando eu era criança raramente tinha certeza. Estas enormes ondas de energia e sentimento e pensamentos sempre colidindo em mim, e a maior parte das vezes eu estava me afogando nelas.

Por um lado me levou muito tempo em aprender a distinguir pensamentos que importavam e os que não. Pensamentos são só pensamentos, fugazes, e pensamentos que carregam algum tipo de intenção relevante. Eu fiquei muito melhor nisso, mas minha graça ainda me dá coisas que eu não tenho a menor idéia do que fazer com elas.”

Soava ridículo para ela, completamente ridículo. E ela tinha pensado que sua graça era esmagadora. Ao lado da dele, a dela parecia bastante simples.

“É difícil lidar com isso às vezes,” ele disse, “com minha graça.”

Ela virou de lado por um instante. "Você disse isso por que eu pensei?"

"Não. Eu disse por que eu pensei nisso."

Ela se virou de volta a janela. "Eu pensei nisso, também." Ela disse. "Ou algo assim."

"Bem," ele disse, "eu imagino que isso é um sentimento que você entende."

Ela suspirou de novo. Havia muitas coisas sobre isso que ela podia entender, embora ela não quisesse. "O quanto perto você tem que estar de alguém, fisicamente, para sua graça senti-la?"

"É diferente. E muda o tempo todo."

"O que você quer dizer?"

"Se é alguém que eu conheça bem," ele disse. "meu alcance é amplo. Para estranhos, eu preciso estar mais perto. Eu soube quando você estava próxima do castelo hoje. Eu sabia quando você chegou ao pátio e desceu de sua sela, e senti sua raiva forte e clara quando você voou para o quarto de Raffin. Meu alcance em relação a você é mais amplo do que a maioria."

Estava mais escuro lá fora agora do que estava em sua sala de jantar. Ela o viu, de repente, no reflexo da janela. Ele estava inclinado contra a mesa, como ela tinha imaginado ele antes. Seu rosto, seus ombros, seus braços declinados. Tudo nele estava declinado. Ele estava infeliz. Ele estava olhando abaixo para seus pés, mas enquanto ela o olhava, ele levantou seus olhos e encontrou os dela no vidro. Ela sentiu as lágrimas de novo, de repente, e ela se agarrou em algo para se dizer.

"Você sente a presença de animais e plantas? Rochas e terra?"

"Eu estou partindo," ele disse, "amanhã."

"Você sabe quando um animal está próximo?"

"Você pode se virar," ele disse, "assim eu posso ver você enquanto nós conversamos?"

"Você pode ler minha mente mais fácil quando eu estou encarando você?"

"Não. Eu apenas gostaria de vê-la, Katsa. Só isso."

Sua voz era suave, e triste. Ele se lamentava por tudo isso. Lamentava por sua graça. Sua graça que não era sua culpa e que a

teria afastado se ele tivesse dito a ela desde o começo. Ela virou o rosto para ele.

“Eu não costumo sentir animais ou plantas ou paisagens,” ele disse, “mas ultimamente isso vem mudando. Algumas vezes eu pego um sentimento confuso de algo que não é humano. Se algo se move, eu poderia senti-lo. É instável.”

Katsa observou seu rosto.

“Eu vou para Sunder,” ele disse.

Katsa cruzou seus braços sobre sua barriga e não disse nada.

“Quando Murgon me questionou depois do seu resgate, ficou óbvio para mim que o objeto que você tinha tomado era o meu avô. Tornou tão óbvio quanto Murgon ter estado mantendo ele para alguém mais. Mas eu não podia dizer quem, não sem fazer as perguntas que teriam deixado passar para que eu soubesse.”

Ela escutou vagamente. Ela estava cansada, sobrecarregada pelas muitas coisas no presente para se focar nos detalhes do seqüestro.

“Eu estou começando a achar que tem algo haver com Monsea,” ele disse. “Nós descartamos Middluns, Wester, Nander, Estill e Sunder – e você se lembra que eu tinha estado na maioria daquelas cortes. Eu sei quem não estava mentindo, exceto em Sunder. Lienid não é responsável, eu tenho certeza disso.”

Ela perdeu sua fúria, em algum lugar, enquanto eles conversavam. Ela não a sentia mais.

Ela desejou sentir, por que ela a preferia ao vazio que tinha se instalado no lugar. Ela estava triste por tudo ter mudado agora com Po. Triste por ver algo ir.

“Katsa,” ele disse. “Eu preciso que você me escute.”

Ela piscou e fez sua mente retornar as palavras que ele tinha falado.

“Mas o rei Leck de Monsea é um homem gentil,” ela disse. “Ele não teria um motivo.”

“Ele pode,” ele disse, “embora eu não saiba o que é. Algo não está certo, Katsa. Algumas impressões que eu tenho de Murgon que eu ignorei na hora, talvez eu ignorei-as no erro. E a irmã do meu pai, rainha Ashen, ela não se comportaria como você me disse. Ela é

tão estóica, ela é forte. Ela não teria histerismos ou se trancaria com sua filha longe de seu marido. Eu juro a você, se você a conhecesse...”

Ele se interrompeu, a testa franzida. Chutou o chão.

“Eu tenho um pressentimento que Monsea tem algo haver com isso. Eu não sei se é minha graça, ou só instinto. De qualquer modo, eu estou indo para Sunder, para ver o que eu posso descobrir disso. Vovô está indo bem, mas pelo seu próprio bem eu quero que ele fique escondido até que eu chegue ao fundo disso.

Era isso então. Ele estava indo para Sunder, chegar ao fundo daquilo. E era bom que ele estivesse indo, pois ela não o queria em sua cabeça. Mas ela não queria que ele fosse. E ele sabia disso, desde que ela pensou. E agora, ele sabia que ela sabia que ele sabia, agora que ela tinha pensado nisso também? Isso era um absurdo, era impossível. Estar com ele era impossível.

Mas ainda assim ela não queria que ele fosse.

“Eu esperava que você viesse comigo,” ele disse, e ela olhou para ele, boquiaberta. “Nós faríamos um bom time. Eu nem sei para onde estou indo. Mas eu esperava que você considerasse em vir. Se você ainda é minha amiga.”

Ela não podia pensar no que dizer. “Sua graça não diz a você se eu sou sua amiga?”

“Você mesma sabe?”

Ela tentou pensar, mas não havia nada em sua mente. Ela só sabia que ela estava entorpecida e triste e completamente sem nenhuma clareza de sentimento.

“Eu não posso saber seus sentimentos,” ele disse, “se você mesma não sabe deles.”

Ele olhou para a porta; e então houve uma batida, e um servo rompeu por ela sem esperar pela resposta de Katsa. À vista de sua palidez, o rosto apertado, tudo veio inundando para ela.

Randa. Randa queria vê-la, mais provavelmente matá-la. Antes desta confusão com Po, ela tinha desobedecido Randa.

“O rei ordena que você venha perante ele agora, minha senhora,” o servo disse. “Perdoe-me, minha senhora. Ele disse que se você não viesse, ele enviaria toda sua guarda para buscá-la.”

“Muito bem,” Katsa disse. “Diga a ele que eu irei imediatamente. Obrigada.”

“Obrigada, minha senhora,” O serviçal se virou e saiu em disparada.

Katsa fez uma careta. “Sua guarda inteira. O que ele pensa que eles poderiam fazer comigo? Eu deveria ter dito ao serviçal para mandá-los, só para o divertimento dele.”

Ela olhou ao redor da sala. “Eu me pergunto se devo levar uma faca.”

Po a observou com olhos estreitos. “O que você fez? O que foi isso?”

“Eu o desobedeci. Ele me enviou para torturar um pobre e inocente lorde, e eu decidi que não o faria. Você acha que eu deveria levar uma faca?” ela caminhou até sua parede de armas.

Ele a seguiu. “Fazer o que? O que você acha que irá acontecer nesse encontro?”

“Eu não sei. Eu não sei. Oh. Po, se ele estiver zangado comigo, eu temo que eu vá matá-lo. E se ele me ameaçar e não me der escolha?”

Ela se jogou em uma cadeira e deixou cair sua cabeça sobre a mesa do Conselho. Como ela poderia ir a Randa agora, por todas às vezes, quando havia um turbilhão em sua cabeça? Ela se perderia ao som da voz dele. Ela faria algo terrível.

Po deslizou na cadeira ao lado da dela e se sentou de lado, encarando-a.

“Katsa,” ele disse. “Escute-me. Você é a pessoa mais poderosa que eu já encontrei. Você pode fazer qualquer coisa que você queira, o que quer que você queira no mundo. Ninguém pode fazer nada com você, e seu tio não pode tocá-la. No instante que você for a presença dele, você tem todo o poder. Se você não quer feri-lo, então você só tem que escolher que não.”

“Mas o que eu vou fazer?”

“Você vai descobrir,” Po disse. “Você só tem que ir sabendo o que você não fará. Você não vai machucá-lo, você não vai deixar ele te ferir. Você vai descobrir o resto à medida que acontece.”

Ela suspirou sobre a mesa. Ela não achou grande coisa o plano dele.

“Isso é apenas um plano possível, Katsa. Você tem o poder de fazer o que quiser.”

Ela se endireitou e se virou para ele. “Você fica dizendo isso, mas isso não é verdade,” ela disse. “Eu não tenho o poder de parar você de perceber meus pensamentos.”

Ele levantou sua sobrancelha. “Você podia me matar.”

“Eu podia,” ela disse, “e você saberia se eu pretendesse te matar e você escaparia. Você ia ficar bem longe de mim, sempre.”

“Ah, mas eu não...”

“Você ficaria,” ela disse, “se eu quisesse matar você.”

“Não iria.”

E com essa estupidez, ela jogou seus braços para o ar.

“Chega. Já chega disso.”

Ela ficou de pé, e marchou para fora de seus aposentos para responder ao chamado do rei.

Capítulo Quinze



Seu primeiro pensamento quando ela entrou na sala do trono foi que ela desejou ter trazido uma faca. Seu segundo pensamento foi desejar que a sensibilidade de Po de corpos fosse estendida para esta sala, então ele poderia alertá-la o que a estava esperando aqui, e ela poderia não ter vindo.

Um longo tapete azul guiava para as portas da sala do trono de Randa. O trono era elevado em uma plataforma branca de mármore. Randa estava no alto, em seu trono com mantos e brilhantes olhos azuis. Seu rosto rígido, seu sorriso congelado. Um arqueiro de cada lado dele, enquanto ela entrava na sala, uma seta na mira em cada arco em sua testa, no lugar bem acima de seus olhos azul e verde. Mais dois arqueiros, um em cada canto mais distante, também com setas miradas.

A guarda do rei alinhada no tapete de cada lado, três homens ao fundo, espadas puxadas e seguras em seus lados. Randa geralmente mantinha um décimo desses guardas na sala do trono. Impressionante, era um impressionante batalhão que Randa tinha arranjado na preparação para sua chegada. Mas enquanto Katsa fazia um balanço da sala, ocorreu a ela que Birn, ou Drowden ou Thigpen teriam feito melhor. Era bom que ele fosse um rei que não guerreasse, de Randa não ser tão inteligente quando se tratava de arranjos de batalha. Neste arranjo, ele reuniu tudo errado. Muito poucos arqueiros, e muito desses atrapalhados, em armaduras, homens amontoados que tropeçaria um no outro se eles tentassem atacá-la. Homens altos e grandes que poderiam protegê-la facilmente dos vôos das flechas. E com armaduras, todos eles

armados com espadas, e cada um com uma adaga no lado oposto de seus cintos, espadas e adagas que ela poderia muito bem estar carregando com ela, tão facilmente quanto ela poderia arrebatá-las de seus donos. E o rei elevado no alto de uma plataforma, um longo tapete azul levando direto a ele como um caminho para direcionar a espada dela. Se uma luta irrompesse nesta sala, seria um massacre.

Katsa foi à frente, seus olhos e ouvidos bem aguçados para os arqueiros. Os arqueiros de Randa eram bons, mas eles não eram agraciados. Katsa poupou um momento para se apiedar secamente dos guardas em suas costas, se este encontro terminasse com setas voando.

E então, quando ela progrediu até metade do caminho para o trono, seu tio falou. "Pare aí.

Eu não desejo sua companhia mais próxima, Katsa." Seu nome soou como um vapor assobiando debaixo do tapete quando Randa o falou.

"Você não retornou a corte hoje com nenhuma mulher. Nenhum dote. Meu lorde e meu capitão feridos por sua mão. O que você tem a dizer de si mesma?"

Quando um batalhão de soldados não a perturbava, por que uma voz deveria a irritar tanto? Ela se forçou a manter os olhos desprezíveis dele. "Eu não concordei com sua ordem, rei."

"Eu posso ter ouvido você corretamente? Você não concordou com minha ordem?"

"Não, rei."

Randa se recostou, seu sorriso retorcido agora. "Encantador," ele disse.

"Encantador, na verdade. Diga-me Katsa. O que, precisamente, possui em você a noção de que está em posição de considerar as ordens do rei? De pensar nelas? De formar opiniões a respeito delas? Alguma vez eu lhe pedi para você dividir seus pensamentos sobre algo?"

"Não, rei."

"Eu a encorajei a nos conceder seu sábio conselho?"

"Não, rei."

“Você acha que sua inteligência, seu intelecto deslumbrante, justifica sua posição nesta corte?”

E aqui era onde Randa era inteligente. Assim era como ele mantinha seu animal enjaulado por tanto tempo. Ele sabia as palavras para fazê-la se sentir estúpida e bruta, e transformá-la em um cachorro. Bem, se ela devia ser um cachorro, pelo menos ela não estaria mais na jaula desse homem. Ela estaria por sua conta, ela possuiria sua própria crueldade, e ela faria o que ela gostaria com isso. Mesmo agora, ela sentia seus braços e pernas começarem a estremecerem com a prontidão. Ela estreitou seus olhos para o rei. Ela não pôde manter o desafio afastado de sua voz.

“E qual é exatamente o propósito de todos esses homens, tio?”

Randa sorriu brandamente. “Estes homens irão te atacar se você fizer o menor movimento.

E no final desta entrevista eles a acompanharão aos meus calabouços.”

“E você acha que eu irei de boa vontade para seus calabouços?”

“Eu não importo se você vai de boa vontade ou não.”

“Isso por que você pensa que estes homens podem me forçar a ir contra minha vontade.”

“Katsa. É claro que nós temos o maior respeito por sua habilidade. Mas mesmo você não tem chance contra duzentos guardas e os meus melhores arqueiros. No fim desta conversa você se verá em meus calabouços, ou morta.”

Katsa viu e ouviu tudo na sala. O rei e seus arqueiros; as setas prontas e armadas; os guardas já com suas espadas, seus braços em mangas vermelhas, seus pés debaixo da saia vermelha. A sala estava completamente imóvel, excetuando a respiração dos homens ao redor dela, e o formigamento que ela sentia dentro dela. Ela estendeu suas mãos em seus lados, longe de seu corpo, então todos poderiam vê-las. Ela respirava algo que ela reconhecia agora como ódio. Ela odiava o rei. Seu corpo estava vivo com isso.

“Tio,” ela disse. “Deixe-me explicar o que irá acontecer no instante que um de seus homens fizer um movimento em direção a mim. Vamos dizer que, por exemplo, que um de seus arqueiros solte uma flecha. Você não veio a muitos dos meus treinos. Se um de

seus arqueiros liberarem uma flecha, eu cairia no chão. A seta sem dúvida acertaria um de seus guardas. A espada e adaga deste guarda estariam em minhas mãos antes que qualquer um nesta sala tivesse tempo de perceber o que aconteceu. Uma luta desabaria nos guardas, mas apenas sete ou oito deles poderiam me cercar de uma vez, tio, e sete ou oito não são nada para mim.

Enquanto eu mato os guardas eu tiraria suas adagas e começaria a jogá-las nos corações de seus arqueiros, que é claro, não teriam nenhuma visão de mim uma vez que a briga com os guardas explodiu. Eu sairia da sala viva, tio, mas a maioria do resto de vocês seria morto. É claro, isso é só o que aconteceria se eu esperasse que um de seus homens fizesse um movimento. Eu poderia me mover primeiro. Eu poderia atacar a guarda, roubar sua adaga e atirá-la em seu peito neste instante.”

A boca de Randa estava presa em um sorriso, mas por baixo disso ele tinha começado a tremer. Uma ameaça de morte, dada e recebida, e Katsa sentiu isso tocando na ponta de seus dedos. E ela via o que ela podia fazer agora, ela podia matá-lo agora mesmo. O desprezo nos olhos dele desapareceu, e seu desdém escorregou para longe. Seus dedos picavam, pois ela podia fazer isso agora com arrebatamento de uma adaga.

E então o que? Uma pequena voz no interior dela sussurrou; e Katsa segurou sua respiração, golpeando. E então o que? Um banho de sangue, um que ela seria a sortuda em escapar. Raffin se tornaria o rei e sua primeira herança seria a tarefa de matar a assassina de seu pai. Uma mudança que ele não poderia evitar se ele quisesse governar com justiça como rei de Middluns, e um cargo que quebraria o coração dele e faria dela uma inimiga, e uma estranha.

E Po ouviria sobre isso enquanto ele estivesse partindo. Ele ouviria que ela perdeu o controle e matou seu tio, que ela tinha causado seu próprio exílio e quebrado o espírito de Raffin.

Ele retornaria a Lienid e observaria de suas varandas enquanto o sol descesse por trás do mar; ele balançaria sua cabeça na luz laranja e se perguntaria por que ela tinha permitido que isso acontecesse, quando ela tinha tanto poder em suas mãos.

Onde está a fé em seu poder? A voz sussurrou agora. Você não tem que derramar sangue.

E Katsa viu o que ela estava fazendo, aqui, nesta sala do trono. Ela viu Randa, pálido, apertando os braços de seu trono tão forte que parecia que eles iam quebrar. Em um momento ele se moveria para que seus arqueiros atacassem, fora do temor, fora do terror de esperar que ela fizesse o primeiro movimento.

Lágrimas vieram aos seus olhos. Misericórdia era mais assustadora do que assassinato, por que era difícil, e Randa não a merecia. E mesmo embora ela quisesse o que a voz queria, ela não achava que tinha coragem para isso.

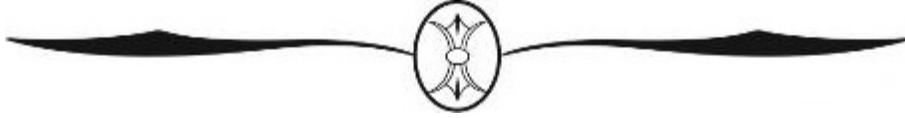
Po acha que você tem coragem, a voz saiu feroz. Finja que você acredita que ele está certo. Acredite nele, só por um instante.

Finja. Seus dedos estavam gritando, mas talvez ela pudesse fingir o tempo suficiente para ela sair desta sala.

Katsa levantou seus olhos queimando para o rei. Sua voz tremeu. "Eu estou partindo da corte," ela disse, "Não tente me impedir. Eu prometo que você não irá se arrepender se eu partir. Esqueça de mim uma vez que eu vá, pois eu não consentirei viver como um animal rastreado. Eu não estou mais sob seu comando."

Os olhos dele estavam arregalados, e sua boca aberta. Ela se virou e se apressou ao longo do tapete, seus ouvidos afiados para o silêncio, se preparando para girar ao primeiro sinal de uma corda de arco ou uma espada. Enquanto ela passava através das grandes portas de seu tio, sentiu o peso de centenas de olhares atônitos em suas costas, e nenhum deles sabia que ela tinha estado só a uma respiração, um movimento, para que mudasse de idéia.

Parte 2



(O Rei Retorcido)

Capítulo Dezesseis



Eles partiram antes do amanhecer.

Raffin e Bann os viram sair, os dois fabricantes de remédios com os olhos turvos, Bann bocejando sem parar. A manhã era fria, e Katsa estava bem acordada, e calada. Pois ela estava tímida com seu parceiro de viagem, e se sentia estranha sobre Raffin, tão estranha que ela desejou que ele não estivesse lá. Se Raffin não tivesse estado lá observando ela partir, então talvez ela tivesse sido capaz de fingir que não estava deixando ele. Com Raffin lá, não havia fingimento, e ela era incapaz de fazer algo sobre a estranha água dolorosa que subia aos seus olhos e para a garganta, toda vez que ela olhava para ele.

Eles eram impossíveis, estes dois homens, pois se um não a fazia chorar, o outro fazia. O que Helda faria sobre isso, ela só podia imaginar; e ela não tinha gostado de dizer adeus a Helda também, nem a Oll.

Não, havia um pouco para se estar feliz nesta manhã, exceto que ela não estava, pelo menos, deixando Po, e ele estava provavelmente parado lá ao lado de seu cavalo, registrando cada sentimento dela sobre o assunto.

Ela deu a ele um olhar fulminante bem estudado, e ele levantou suas sobrancelhas, sorriu e bocejou. Bom. E seria melhor ele não cavalgar como se estivesse meio sonolento, ou ela ia o deixar na poeira. Ela não estava com vontade de perder tempo.

Raffin fez um estardalhaço a frente e atrás dos cavalos deles, checando as selas, testando os apoios de seus estribos. "Eu acho

que não preciso me preocupar com sua segurança," ele disse, "com dois de vocês cavalgando juntos."

"Nós estaremos seguros." Katsa arrancou um faixa que segurava uma sacola em sua sela.

Ela atirou a sacola sobre as costas de seu cavalo para Po.

"Você tem a lista de contatos do Conselho em Sunder?" Raffin perguntou. "E os mapas?"

Vocês têm comida para o dia? Tem dinheiro?"

Katsa sorriu para ele em seguida, por ele soar como ela imaginava que uma mãe soaria se seu filho estivesse partindo para sempre.

"Po é um príncipe Lienid," ela disse." Por que você acha que ele cavalga num cavalo tão grande, se não é para carregar suas sacolas de ouro?"

Os olhos de Raffin sorriram para ela. "Tome isso." Ele fechou as mãos dela sobre um pequeno saquinho. "É um pacote de medicamentos, no caso de você precisar deles. Eu os marquei, assim você vai saber para que é cada um."

Po veio em direção a eles e estendeu sua mão para Bann. "Obrigado por tudo o que vocês tem feito."

Ele tomou a mão de Raffin. "Você vai tomar conta de meu avô em minha ausência?"

"Ele estará seguro conosco," Raffin disse.

Po girou de volta a seu cavalo, e Katsa tomou as mãos de Bann e as apertou. E então, ela ficou perante Raffin e olhou acima para seu rosto.

"Bem," Raffin disse. "Você nos deixará saber como você está passando, quando você for capaz?"

"É claro," Katsa disse.

Ele olhou para seus pés e limpou sua garganta. Coçou seu pescoço e suspirou. Como ela desejou de novo que ele não estivesse aqui. Pelas lágrimas que derramariam em suas bochechas, e ela não poderia pará-las.

"Bem," Raffin disse. "eu vou vê-la novamente algum dia, meu amor."

Ela se aproximou dele então e envolveu seus braços ao redor do pescoço dele, e ele a levantou do chão e a abraçou apertado. Ela respirou na gola de sua camisa e esperou. Em seguida seus pés estavam no chão de novo. Ela se afastou e subiu em sua sela.

“Partiremos agora,” ela disse a Po.

Enquanto os cavalos cavalgaram para fora do estábulo, ela não olhou para trás.

A rota deles era difícil e mutável, sua única certeza de plano era seguir o caminho que parecia provavelmente levar eles para mais perto da verdade sobre o seqüestro. Seu primeiro destino era uma estalagem, ao sul da cidade de Murgon, três dias de cavalgada da cidade de Randa – uma estalagem situada ao longo da rota que eles achavam que os seqüestradores tinham tomado. Espiões de Murgon freqüentavam a estalagem, como os mercadores e viajantes das cidades portuárias de Sunder, muitas vezes de Monsea. Era um bom lugar para começar como qualquer outro, Po achava, e ele não os tirava de seu caminho, se o último destino deles era Monsea.

Eles não viajaram anonimamente. Os olhos de Katsa a identificavam em qualquer um dos sete reinos que tinham ouvido falar das histórias. Po era visivelmente um Lienid e assunto suficiente de conversas fiadas, para ser reconhecido pela virtude de seus olhos e pela companhia que ele mantinha. A história da partida precipitada de Katsa da corte de Randa com o príncipe Lienid se espalharia. Qualquer tentativa de se disfarçarem seria tolice; Katsa nem mesmo se incomodou de trocar a túnica azul e as calças que a marcavam como um membro da família de Randa. O propósito deles seria presumido, pois era bem conhecido o suficiente, que o Lienid procurava por seu avô desaparecido, e agora seria suposto que a lady o ajudaria. Suas investigações, a rota que eles escolheram, os jantares que eles comeriam seriam material para fofoca.

Mas ainda assim, eles estariam seguros na indução do engano deles. Pois ninguém saberia que Katsa e Po não procuravam pelo avô, mas pelo motivo de seu seqüestro. Ninguém saberia que Katsa e Po sabiam do envolvimento de Murgon e suspeitavam de Leck de Monsea. E ninguém poderia nem mesmo imaginar o quanto Po poderia descobrir fazendo as perguntas mais comuns.

Ele cavalgava bem, e quase tão rápido quanto ela teria gostado. As árvores da floresta ao sul passaram voando. O bater dos cascos a confortavam e entorpeciam seu senso de distância se alongando entre ela e as pessoas que ela deixava para trás. Ela estava feliz na companhia de Po. A cavalgada deles era amigável. Mas quando eles paravam para esticar suas pernas e comer algo, ela ficava tímida com ele de novo, e não sabia como estar com ele, ou o que dizer.

“Sente-se comigo, Katsa.” Ele se sentou em um tronco de uma grande árvore caída, e ela olhou para ele, ao redor de seu cavalo.

“Katsa,” ele disse. “Querida Katsa, eu não vou morder. Eu não estou sentindo seus pensamentos agora mesmo, exceto que eu sei que te faço desconfortável. Venha e converse comigo.”

E então ela foi e se sentou a seu lado, mas não falava, e não olhava exatamente para ele também, pois estava com medo de ficar envolvida pelos olhos dele.

“Katsa,” ele disse finalmente, quando eles tinham se sentado e mastigado em silêncio por vários minutos, “você irá se acostumar a mim, com o tempo. Nós vamos encontrar um modo de nos relacionar um com o outro. Como eu posso te ajudar com isso? Devo te dizer sempre que eu sinto alguma coisa com minha graça? Então você virá a entendê-la?”

Isso não soou muito atraente para ela. Ela preferiria fingir que ele não sentia nada. Mas ele estava certo. Eles estavam juntos agora, e quanto mais cedo ela encarasse isso, melhor.

“Sim,” ela disse.

“Muito bem então, eu irei. Você tem alguma pergunta para mim? Você só tem que perguntar.”

“Eu acho,” ela disse. “se você sempre sabe o que eu sinto sobre você, então sempre deve me dizer o que está sentindo sobre mim, como você se sente. Sempre.”

“Hmmm” Ele olhou para o lado dela. “Eu não estou louco de vontade com esta idéia.”

“Nem eu estou morrendo de vontade que você saiba meus sentimentos, mas eu não tenho escolha.”

“Hmmm.” Ele coçou sua cabeça. “Suponho, em teoria, que seria justo.”

“Seria.”

“Muito bem, vamos ver. Eu me sinto muito solidário por você ter deixado Raffin. Eu acho que você foi corajosa por ter desafiado Randa como você fez por aquele Ellis; eu não sei se eu poderia ter atravessado por isso. Eu acho que você tem mais energia do que qualquer um que eu já encontrei, embora eu me pergunte se você não é um pouco dura com seu cavalo. Eu me encontro me perguntando por que você não quis se casar com Giddon, e se isso é porque você pretendia casar com Raffin, e se sim, se você ainda está mais infeliz por ter deixado ele do que eu imaginava. Eu estou muito satisfeito por você ter vindo comigo. Eu gostaria de ver você se defender de verdade, lutando com alguém até a morte, pois isso seria um espetáculo emocionante. Eu acho que minha mãe vai gostar de você. Meus irmãos, é claro, adorariam você. Eu acho que você é a pessoa mais briguenta que eu já conheci. E eu realmente estou preocupado com seu cavalo.”

Ele então parou, partiu um pedaço de pão, mastigou e engoliu. Ela olhou para ele, seus olhos arregalados.

“Isso é tudo, por agora.” Ele disse.

“Você não pode de verdade ter pensado em todas essas coisas, nesse instante,” ela disse, e então ele riu, e o som era reconfortante para ela, e ela lutou contra as luzes dourada e a prateada que brilhavam nos olhos dele, e perdeu. Quando ele falou, sua voz era suave.

“E agora eu estou me perguntando,” ele disse. “como você não percebeu que seus olhos me envolvem, como os meus fazem com você. Eu não posso explicar Katsa, mas você não deve deixar isso te embarçar. Pois nós dois somos tomados pela mesma... tolice.

Um rubor subiu em seu pescoço, e ela ficou duplamente embarçada pelos olhos dele e pelas suas palavras. Mas era um alívio para ela, também. Porque se ele era também um tolo, então a tolice dela a incomodaria menos.

“Eu achei que você pudesse estar fazendo de propósito,” ela disse. “com seus olhos. Eu achei que pudesse ser parte de sua graça, me prender com seus olhos e ler minha mente.”

“Não é. Não é nada disso.”

“A maioria das pessoas não me olha nos olhos,” ela disse. “A maioria das pessoas os teme.”

“Sim. A maioria das pessoas não olha nos meus olhos por muito tempo também. Eles são muito estranhos.”

Ela então olhou para os olhos dele, se inclinou e realmente os estudou, como ela não tinha tido coragem antes de fazer.

“Seus olhos são como luzes. Eles não parecem naturais.”

Ele sorriu. “Minha mãe disse que quando eu abri meus olhos no dia que as cores deles se fixaram, ela quase me derrubou, de tão chocada que ela ficou.”

“De que cor eles eram antes?”

“Cinzas, como a maioria dos Lienid. E os seus?”

“Eu não tenho idéia. Ninguém nem sequer me disse, e eu não acho que há alguém que eu pudesse perguntar.”

“Seus olhos são bonitos,” ele disse, e ela se sentiu quente subitamente, quente no sol que salpicava através dos topos das árvores e descansava sobre eles em trechos de luz.

E enquanto eles subiam de volta as suas selas e retornavam para a estrada na floresta, ela não se sentia exatamente confortável com ele; mas ela sentia, pelo menos, que podia olhar ele no seu rosto agora e não temer que estivesse rendendo sua alma inteira.

A estrada os levou ao redor da periferia da cidade de Murgon e se tornou mais larga e mais movimentada. Onde quer que Katsa e Po fossem vistos, eles estavam olhando. Isso em breve seria conhecido nas hospedarias, e nas casas em torno da cidade, que os dois lutadores viajavam para o sul junto à estrada de Murgon.

“Você tem certeza que não quer parar no rei Murgon,” Katsa disse, “e fazer a ele suas perguntas? Seria muito mais rápido, não seria?”

“Ele deixou bem claro, depois do roubo, que eu não era mais bem-vindo em sua corte. Ele suspeita que eu saiba o que foi roubado.”

“Ele está com medo de você.”

“Sim, e ele é do tipo que faz algo tolo. Se nós chegarmos a sua corte, ele provavelmente montaria uma ofensiva, e nós teríamos que começar a ferir pessoas. Eu preferiria evitar isso, você não? Se

houver uma enorme bagunça, vamos deixar isso ser na corte de um rei culpado, não de um rei meramente cúmplice.”

“Nós vamos para uma estalagem.”

“Sim,” Po disse. “Nós iremos a uma estalagem.”

A estrada da floresta estreitou de novo e ficou mais tranqüila, uma vez que eles deixaram a cidade Murgon para trás. Eles pararam antes da noite cair. Assentaram acampamento a alguma distância da estrada, em uma pequena clareira com um piso de musgo, um cobertura de galhos espessos, e uma corrente de água que pareceu satisfazer aos cavalos.

“Isso é tudo o que um homem precisa,” Po disse. “Eu poderia viver aqui, bastante contente. O que você acha Katsa?”

“Você está com vontade de comer carne? Eu vou pegar algo para nós.”

“Melhor ainda,” ele disse. “Mas vai estar escuro em poucos minutos. Eu não quero que você se perca, nessa escuridão.”

Katsa sorriu e em seguida cruzou a corrente de água. “Isso só me levará alguns minutos. E eu nunca me perco, mesmo na escuridão.”

“Você não vai levar nem mesmo um arco? Você está planejando estrangular um alce com as próprias mãos, então?”

“Eu tenho uma faca em minha bota,” ela disse, e então se perguntou, por um instante, se ela poderia estrangular um alce com suas próprias mãos.

Isso parecia possível. Mas agora ela só procurava por um coelho ou um pássaro, e sua faca serviria como arma. Ela deslizou entre as árvores retorcidas e no silêncio úmido da floresta.

Era simplesmente uma questão de escutar, mantendo-se quieta, e fazendo-se invisível.

Quando ela voltou minutos mais tarde com um coelho grande, gordo e esfolado, Po tinha feito uma fogueira. As chamas lançavam uma luz laranja sobre os cavalos e sobre ele.

“Era o que pelo menos eu pude fazer,” Po disse, secamente, “e vejo que você já esfolou essa lebre. Eu estou começando a pensar que eu não terei muita responsabilidade enquanto nós viajamos através da floresta juntos.”

“Isso te incomoda? Sinta-se a vontade para fazer a caça. Talvez eu possa ficar perto da fogueira e costurar suas meias, e gritar se eu ouvir algum barulho estranho.”

Ele sorriu. “Você trata Giddon desse jeito, quando vocês viajam? Eu imagino que ele ache isso bastante humilhante.”

“Pobre Po. Você pode se contentar lendo minha mente, se você quiser se sentir superior.”

Ele riu.

“Eu sei que você está me provocando. E saiba que eu não sou facilmente humilhado. Você pode caçar minha comida, e me espancar todas as vezes que nós lutamos, e me proteger quando nós formos atacados, se você quiser. Eu vou agradecer por isso.”

“Mas eu nunca terei necessidade de proteger você, se formos atacados. E eu duvido que você precise de mim para fazer a sua caça, também.”

“Verdade. Mas você é melhor do que eu sou Katsa. E isso não me humilha.”

Ele alimentou a fogueira com um galho. “Isso me submete. Mas não me humilha.”

Ela se sentou quietamente enquanto a noite se fechava e observou a gota de sangue de um pedaço de carne que ela segurava em um espeto sobre o fogo. Ela a escutou chiar enquanto batia nas chamas. Ela tentou separar sua mente da idéia de ser humilde da idéia de ser humilhado, e ela entendeu o que Po queria dizer. Ela não teria que pensar em fazer distinção. Ele só estava esclarecendo com seus pensamentos, enquanto os dela era uma tempestade constante que ela não podia nunca fazer sentido e nunca controlar. Ela se sentiu repentinamente e fortemente que Po era mais esperto do que ela, mundos mais inteligente, e que ela era bruta em comparação. Uma irracional e insensível bruta.

“Katsa.”

Ela olhou para cima. As chamas dançavam no prateado e dourado de seus olhos e tocava os aros de suas orelhas. O rosto dele estava todo iluminado.

“Diga-me,” ele disse. “De quem foi a idéia do Conselho?”

“Foi minha.”

“E quem tem decidido que missões o Conselho realiza?”

“Eu tenho, ultimamente.”

“Quem tem planejado cada missão?”

“Eu, com Raffin e Oll e os outros.”

Ele assistiu sua carne assar sobre o fogo. Ele a virou, e se mexeu distraidamente, então o suco caiu cuspindo nas chamas. Ele levantou seus olhos para ela de novo.

“Eu não vejo como você pode nos comparar,” ele disse, “e se achar desprovida de inteligência, ou irracional, ou insensível. Eu tenho estado passando minha vida inteira martelando as emoções dos outros, e eu mesmo, em minha mente. Se minha mente está mais clara, algumas vezes, do que a sua, é porque eu tive mais prática. Essa é a única diferença entre nós.”

Ele prestou atenção em sua carne de novo. Ela o observou, escutando.

“Eu desejo que você se lembre do Conselho,” ele disse. “Eu desejo que você se lembre de quando nós nos encontramos, você estava resgatando meu avô, por nenhuma outra razão do que essa, de que você não acreditava que ele merecia ser seqüestrado.”

Ele se inclinou para o fogo então e adicionou outro galho nas chamas. Eles se sentaram quietamente, encolhidos na luz, cercados pela escuridão.

Capítulo Dezessete



De manhã, ela acordou antes dele. Ela seguiu o filete de água corrente, até que encontrou um lugar onde se formava algo mais largo do que um charco e menor do que uma piscina. Lá Katsa tomou banho tão bem quanto ela podia. Ela estremeceu, mas não importava a frio do ar e da água, ele a acordou completamente. Quando ela tentou desembaraçar seu cabelo e tirar os nós, ela se encontrou com a habitual frustração. Ela puxou e arrancou, mas seus dedos não podiam encontrar um caminho através dos nós. Ela o amarrou atrás. Secou-se o melhor que pôde, e se vestiu. Quando ela voltou para a clareira, ele estava acordado, amarrando suas sacolas.

“Você cortaria o meu cabelo, se eu te pedisse?”

Ele olhou acima, suas sobrelanceiras levantadas. “Você não está tentando se disfarçar, está?”

“Não, não é isso. É só que ele me deixa louca, eu nunca quis isso, e seria muito mais confortável se eu pudesse tirar ele todo.”

“Hmm,” Ele examinou o grande nó reunido na nuca.

“Ele está um tanto enrolado, como um ninho de pássaros,” ele disse, e com a encarada dela, ele sorriu.

“Se você quisesse de verdade, eu poderia cortá-lo, mas eu não imagino que você ficaria particularmente satisfeita com o resultado. Por que você não espera até chegarmos a uma hospedaria e a esposa do dono o corta, ou uma das mulheres da cidade?”

Katsa suspirou. “Muito bem, eu posso viver com isso por mais um dia.”

Po desapareceu no caminho que ela tinha vindo. Ela enrolou seu cobertor e começou a carregar os pertences deles nos cavalos.

A estrada ficou mais estreita enquanto eles continuavam ao sul, e a floresta ficou mais espessa e escura. Po guiava, apesar dos protestos de Katsa. Ele insistiu que quando ela tomava o ritmo, eles sempre começavam razoavelmente, mas sem dúvida, depois de um tempo, eles estavam correndo em uma velocidade vertiginosa. Ele estava tomando para si a tarefa de proteger o cavalo de Katsa de sua amazona.

“Você disse que está pensando no cavalo,” Katsa disse, quando eles pararam uma vez para abastecer de água os cavalos em um riacho que cruzava a estrada. “Mas eu acho que isso é só por que você não pode me acompanhar.”

Ele riu daquilo. “Você está tentando me provocar, e não vai funcionar.”

“A propósito,” Katsa disse. “ocorreu-me que nós não temos treinado nossa luta desde que eu descobri sua farsa e você concordou em parar de mentir para mim.”

“Não, nem desde que você me deu um soco no queixo, por que você estava zangada com Randa.”

Ela não pode segurar seu sorriso.

“Tudo bem,” ela disse. “Você vai conduzir. Mas e sobre nossos treinos? Você não quer continuar com eles?”

“É claro,” ele disse. “Hoje à noite, talvez, se ainda tiver luz quando nós pararmos.”

Eles cavalgaram em silêncio. A mente de Katsa perambulava; ela descobriu que quando ela vagava com algo que não tinha nada haver com Po, ela teria que se checar e proceder cuidadosamente. Se ela precisasse pensar nele, então seria com nada significativa. Ele não ganharia nada com suas intromissões em sua mente enquanto eles cavalgavam neste caminho quieto da floresta.

Ocorreu a ela em como ele devia ser suscetível as invasões. Como seria se ele estivesse esclarecendo algum complicado problema em sua mente, se concentrando fortemente, e uma grande multidão se aproximasse? Ou mesmo uma única pessoa, que visse ele e pensasse nos seus estranhos olhos ou admirasse seus anéis ou

quisesse comprar seu cavalo. Ele perderia a sua concentração quando outras pessoas infiltrassem em sua mente? O quanto agravado isso seria.

E então ela se perguntou: Ela podia ter sua atenção, sem dizer uma palavra? Se ela precisasse de sua ajuda ou quisesse parar, ela poderia o chamar em sua mente? Deve ser possível; se uma pessoa dentro do alcance dele quisesse se comunicar com ele, ele deve saber disso.

Ela olhou para ele, cavalgando a frente dela, as costas dele retas e seus braços firmes; suas mangas brancas enroladas até os cotovelos, como sempre. Ela olhou para as árvores então, e nas orelhas de seu cavalo, e para o terreno a sua frente. Ela limpou sua mente de tudo o que tinha haver com Po. Ela iria caçar um ganso para o jantar, ela pensou. As folhas destas árvores estavam só começando a mudar de cor. O clima é tão adorável e fresco.

Em seguida, com tudo o que ela podia, ela focou sua atenção nas costas da cabeça de Po e gritou seu nome, dentro de sua mente. Ele puxou suas rédeas tão forte que seu cavalo relinchou e empinou e quase caiu. Seu próprio cavalo quase colidiu com o dele. E ele pareceu tão assustado e pasmo – e irritado – que ela não pode se segurar. Ela explodiu em gargalhada.

“O que em nome de Lienid tem de errado com você? Você está tentando me assustar para fora do meu juízo? E não é o suficiente você arruinar o seu cavalo, você quer arruinar o meu também?”

“Oh, Po,” ela disse, “não fique zangado.”

Ela sufocou o riso que subiu em sua garganta.

“Verdade, Po, eu não tinha idéia que isso o assustaria desse jeito. Eu não achei que pudesse assustá-lo. Eu não achei que sua graça permitiria.”

Ela tossiu e forçou em seu rosto uma máscara de arrependimento, que não teria enganado o mais incompetente dos leitores de mente. Mas ela não teve a intenção, realmente ela não teve e ele devia saber disso. E finalmente a boca dele suavizou, e um lampejo de um sorriso cruzou o seu rosto.

“Olhe para mim,” ele disse, desnecessariamente, pois o sorriso dele já tinha prendido ela.

“Agora, diga meu nome, em sua mente, como se você quisesse ter minha atenção – calmamente. Tão calmamente quanto você o faria se você estivesse falando ele alto.”

Ela esperou um instante, e então pensou nele. „Po.”

Ele acenou. “Isso é tudo que é preciso.”

“Bem. Isso foi fácil.”

“E você vai perceber que não causou nenhum dano ao cavalo.”

“Muito bem. Nós podemos treinar, enquanto nós cavalgamos?”

E pelo resto do dia ela o chamou de vez em quando, em sua mente. Todas as vezes, ele levantou sua mão, para mostrar que ele a tinha escutado. Mesmo quando ela sussurrava. Então ela decidiu parar de chamá-lo, pois estava claro que funcionava, e ela não queria atormentá-lo.

Ele olhou para trás e ela então acenou, e ela soube que ele a tinha entendido. E ela cavalgou atrás dele com seus olhos arregalados e tentou fazer algum sentido deles terem tido uma conversa inteira, desta espécie, sem dizer uma palavra.

Eles acamparam ao lado de um lago, cercado por grandes árvores Sunderan². Enquanto eles desenganchavam suas sacolas dos cavalos, Katsa teve certeza de ver um ganso através dos juncos, bamboleando ao redor na margem oposta. Po estreitou os olhos.

“Isso parece um ganso,” ele disse. “Eu não me importaria de uma coxinha para o jantar.”

Então Katsa partiu se aproximando da criatura em silêncio. Ele pareceu não percebê-la.

Ela decidiu andar direto até ele e lhe quebrar o pescoço, como as cozinheiras faziam nos galinheiros do castelo. Mas enquanto ela ia furtivamente à frente, o ganso a ouviu e começou a guinchar e correr para a água. Ela correu atrás da ave, e ele estendeu suas enormes asas e se levantou no ar. Ela saltou e envolveu seus braços ao redor da ave. O trouxe abaixo, direto para o lago, surpreendida pelo seu tamanho. E agora ela estava lutando na água com um ganso, batendo, chutando, bicando, e espirando água – mas só por um instante. Pois suas mãos cercaram seu pescoço, e o pescoço foi agarrado, antes que ele pudesse fechar seu bico afiado ao redor de

qualquer parte do corpo dela. Ela se virou para a margem em seguida, e ficou surpresa ao encontrar Po ali, pasmo. Ela ficou no lago, a água correndo de seu cabelo e roupas, e segurando o enorme pássaro pelo pescoço para ele ver.

"Eu consegui," ela disse.

Ele olhou para ela por um instante, seu peito subindo e descendo, por ter corrido, aparentemente, à vista da luta debaixo d'água. Ele esfregou suas têmporas.

"Katsa, o que por Lienid você estava fazendo?"

"O que você quer dizer? Eu peguei para nós um ganso."

"Por que você não usou sua faca? Você está em pé num lago. Você está ensopada."

"É só água," ela disse. "De qualquer modo, era hora de eu lavar minhas roupas."

"Katsa –"

"Eu queria ver se eu podia fazer isso," ela disse. "Como seria se eu estivesse viajando sem armas e precisasse comer? É bom saber como pegar um ganso sem armas."

"Você poderia ter ficado em nosso acampamento e atirado, através do lago, se você quisesse. Eu tenho visto sua pontaria."

"Mas agora eu sei que eu posso fazer isso," ela disse, simplesmente.

Ele balançou sua cabeça e estendeu sua mão.

"Saia daí, antes que você pegue um resfriado. E me dê isso. Eu vou depená-lo enquanto você coloca roupas secas."

"Eu nunca pego um resfriado," ela disse enquanto atravessava para a margem.

Ele então riu.

"Oh, Katsa. Eu tenho certeza que você não pegou." Ele pegou o ganso de suas mãos.

"Você ainda quer ter uma luta? Nós podemos praticar enquanto seu ganso está cozinhando."

Lutar com ele era diferente, agora que ela sabia as verdadeiras vantagens dele. Era uma perda de sua energia, ela percebeu fingir um golpe. Ela podia não ter nenhuma vantagem mental sobre ele; nenhuma quantidade de inteligência serviria a ela. Suas únicas

vantagens eram sua velocidade e ferocidade. E agora que ela sabia disso, se tornou fácil o suficiente ajustar sua estratégia. Ela não perdia tempo sendo criativa. Ela só o golpeava tão rápido e forte quanto ela podia. Ele podia saber onde ela apontaria seu próximo golpe, mas depois de barrar um golpe ele simplesmente não podia mais acompanhá-la; ele não podia se mover rápido o suficiente para bloqueá-la. Eles lutaram e combateram enquanto a luz esmaecia e a noite colocava-se no lugar.

Repetidas vezes ele se rendia e se jogava pesadamente de costas, rindo e gemendo.

“Este é um bom treino para mim,” ele disse, “mas eu não posso ver o que você ganha com isso. Além da satisfação de me bater até eu virar uma pasta.”

“Nós teremos que obter alguns novos exercícios.” Ela disse. “Algo que desafie nossas graças.”

“Lute comigo até o céu estar escuro. Nós nos encontraremos mais equilibrados então.

Era verdade. O céu noturno se fechou em torno deles, um céu escuro sem lua e sem estrelas. Eventualmente Katsa não pôde mais ver, só podia vagamente decifrar o contorno dele.

Seus golpes, quando ela os atirava, atingiam por pouco. Ele sabia que ela não podia ver, e se moveu de modo que a confundiu. A defesa dele se tornou mais forte. E os próprios ataques dele acertaram-na em cheio.

Ela o parou. “Isto é exatamente seu sentido de minhas mãos e pés?”

“Mãos e pés, dedos das mãos e dos pés,” ele disse. “Você é tão física, Katsa. Você tem tanta energia física. Eu a sinto constantemente. Mesmo suas emoções parecem físicas às vezes.”

Ela piscou para ele e pensou. “Você poderia lutar com uma pessoa de olhos vendados?”

“Eu nunca precisei – eu nunca poderia ter tentado, é claro, sem levantar suspeitas. Mas sim, eu poderia. Embora fosse mais fácil sobre terreno plano. Meu senso do chão da floresta é muito inconsistente.”

Ela olhou para ele, uma forma escura contra um céu mais escuro.

“Maravilhoso,” ela disse. “Isso é maravilhoso. Eu te invejo. Nós deveríamos lutar mais freqüentemente a noite.”

Ele riu. “Eu não vou reclamar. Seria bom estar na ofensiva de vez em quando.”

Eles lutaram mais um pouco, até que ambos tropeçaram em um galho caído, e Po aterrissou de costas, meio submerso no lago. Ele se levantou engasgando.

“Eu acho que nós fizemos o suficiente no escuro,” ele disse.

“Vamos verificar o seu ganso?”

O ganso chiava sobre a fogueira. Katsa o cutucou com sua faca, e a carne despreendeu do osso.

“Está perfeito,” ela disse.

“Eu vou cortar sua coxa,” ela olhou para ele, e naquele momento ele puxou a camisa molhada por cima de sua cabeça.

Ela forçou sua mente a ficar em branco. Branco como uma folha de papel nova, vazio como céu sem estrelas. Ele veio à fogueira e se agachou. Ele esfregou a água em seus braços e as jogou nas chamas. Ela olhou o ganso e cortou a coxa dele cuidadosamente e através da expressão em branco sobre o rosto em branco ela só poderia imaginar. O ganso estaria delicioso, eles comeriam tanto quanto fosse possível, eles não deveriam desperdiçá-lo; ela pensou sobre isso.

“Eu espero que você esteja com fome,” ela disse a ele. “Eu não quero que esse ganso vá para o lixo.”

“Eu estou faminto.”

Ele ia sentar lá sem camisa, aparentemente, até que o fogo o secasse. Uma marca em seu braço prendeu seu olhar, e ela tomou fôlego e imaginou um livro em branco de páginas após páginas vazias. Mas então uma marca similar em seu outro braço chamou sua atenção, a sua curiosidade levou a melhor. Ela não pode se impedir de estreitar seus olhos para os braços dele.

E estava tudo bem, isso era aceitável. Pois não havia nada de errado em ser curiosa sobre as marcas que pareciam estar pintadas em sua pele. Escuras faixas largas, como uma fita envolvendo cada braço, no lugar onde os músculos de seu ombro terminavam e os músculos do seu braço começavam. As faixas, uma circulando cada

braço, eram decoradas com intrincados padrões que ela pensou que poderiam ser em um número diferente de cores. Era difícil de dizer à luz do fogo.

“É uma ornamentação Lienid,” ele disse, “como os anéis em minhas orelhas.”

“Mas o que é isso?” ela perguntou. “É uma pintura?”

“É uma espécie de corante.”

“E não sai?”

“Não por muitos anos.”

Ele alcançou uma de suas sacolas e puxou uma camisa seca. Ele a deslizou sobre sua cabeça, e Katsa pensou em um grande campo de neve e soltou um pequeno suspiro de alívio.

Ela estendeu a ele a coxa da ave.

“Os Lienid gostam da decoração,” ele disse.

“As mulheres usam as marcas?”

“Não, só os homens.”

“Feitas pelo povo?”

“Sim.”

“Mas ninguém as vê,” Katsa disse. “as roupas Lienid não mostram a parte superior do braço de um homem, não é?”

“Não,” Po disse. “Não mostra. É uma decoração que dificilmente alguém vê.”

Ela captou um sorriso nos olhos dele que piscaram para ela na luz.

“O que? Por que você está rindo?”

“É feito para ser atraente para minha esposa.” Ele disse.

Katsa quase jogou sua faca dentro da fogueira. “Você tem uma esposa?”

“Grandes mares, não! Honestamente, Katsa. Você não acha que eu teria mencionado ela?”

Ele estava rindo agora, e ela bufou. “Eu nunca sei o que você vai escolher para mencionar sobre si mesmo, Po.”

“Significa isso para os olhos da mulher que eu supostamente deveria ter.” ele disse.

“Com quem você vai se casar?”

Ele deu de ombros. "Eu não me imaginei me casando com ninguém."

Ela se moveu para o lado dele na fogueira e cortou a outra coxa para si mesma. Ela voltou e se sentou.

"Você não está preocupado com seu castelo e suas terras? Sobre ter herdeiros?"

Ele deu de ombros de novo. "Não o suficiente para me ligar a uma pessoa. Eu não desejo estar amarrado a ninguém. Eu estou contente o suficiente comigo mesmo."

Katsa ficou surpresa. "Eu pensava em você mais como uma – criatura social, quando você está em sua própria terra."

"Quando eu estou em Lienid eu faço um trabalho decente me envolvendo na sociedade normal, quanto eu preciso. Mas é só uma atuação, Katsa, é sempre uma interpretação. É um esforço esconder minha graça, especialmente de minha família. Quando eu estou na cidade de meu pai há uma parte de mim que simplesmente fica esperando até que eu possa viajar novamente. Ou retornar para meu próprio castelo, onde eu estou sozinho."

Isso ela podia entender perfeitamente.

"Eu suponho que se você se casar, só poderá ser com uma mulher digna de confiança o suficiente para conhecer a verdade sobre sua graça."

Ele soltou uma risada curta.

"Sim, a mulher com que eu me casar teria que cumprir uma série de requisitos impossíveis."

Ele jogou seu osso da coxa dentro da fogueira e cortou outro pedaço de carne do ganso.

Ele assoprou a carne, para esfriá-la.

"E você, Katsa? Você partiu o coração de Giddon com sua partida, não foi?"

O nome dele a preencheu com a impaciência.

"Giddon. E você realmente não pode ver por que eu não desejaria me casar com ele?"

"Eu posso ver mil razões pelas quais você não deseja se casar com ele. Mas eu não sei qual é a sua razão."

“Mesmo se eu desejasse me casar, eu não me casaria com Giddon,” Katsa disse. “Mas eu não irei me casar, com ninguém. Eu estou surpresa que você não tenha ouvido o rumor. Você ficou na corte de Randa por tempo suficiente.”

“Ah, eu ouvi, Mas eu também ouvi que você era um tipo de bandida imprestável e que Randa tinha você debaixo de seu polegar. Nenhum dos que acabou por ser a verdade.”

Ela sorriu então e jogou seu osso dentro do fogo. Um dos cavalos se assustou. Alguma criatura pequena deslizou para o lago, a água se fechando sobre ela com um gole. Ela de repente se sentiu quente e satisfeita, e cheia pela boa comida.

“Raffin e eu conversamos uma vez sobre casamento.” Ela disse.

“Ele não é louco pela idéia de se casar com alguma nobre que só pensa em ser rica e ser rainha. E é claro, ele deve se casar com alguém, ele não tem escolha no assunto. E casar comigo seria uma solução fácil. Nós nos damos bem. Eu não tentaria deixá-lo longe de suas experiências. Ele não esperaria que eu entretece seus convidados, ele não me manteria longe do Conselho.”

Ela pensou em Raffin debruçado sobre seus livros e seus frascos. Ele provavelmente estaria trabalhando em algum experimento agora mesmo, com Bann ao seu lado. No momento em que ela retornasse a corte, talvez ele estivesse casado com uma lady ou outra. Ele casaria, e ela não estaria lá para ele vir e falar sobre isso; ela não estaria lá para contar a ele os seus pensamentos, se ele desejasse escutá-los, como ele sempre fazia.

“No final,” ela disse. “Isso estava fora de questão. Nós rimos, pois eu não podia sequer considerar isso seriamente. Eu jamais consentiria em ser rainha. E Raffin vai requerer filhos, o que eu também nunca consentiria. E eu não serei tão ligada à outra pessoa. Nem mesmo Raffin.”

Ela estreitou os olhos para o fogo, e suspirou por seu primo, cujas responsabilidades eram tão pesadas.

“Eu espero que ele se apaixone por alguma mulher que irá ser uma rainha e mãe feliz.

Seria a melhor coisa para ele. Alguma mulher que queira um poleiro inteiro de crianças.”

Po inclinou sua cabeça para ela. "Você não gosta de crianças?"

"Eu nunca desgostei das crianças que eu encontrei. É só que nunca as quis. Eu não queria servir de mãe para elas. Eu não posso explicar."

Ela se lembrou de Giddon em seguida, que assegurou a ela que isso mudaria. Como se ele conhecesse o coração dela, como se ele tivesse o leve entendimento de seu coração. Ela jogou outro osso dentro do fogo e puxou outro pedaço de carne do ganso. Ela sentiu os olhos de Po, e olhou acima para ele, franzindo a sobrancelha.

"Por que você está me encarando," ele perguntou, "quando por tudo que eu posso dizer, você não está zangada comigo?"

Ela sorriu. "Eu só estava pensando que Giddon me acharia uma esposa muito enfadonha. Eu me pergunto se ele entenderia quando eu plantasse um trecho de seabane³ nos jardins. Ou talvez ele teria pensado em mim como encantadoramente doméstica."

Po pareceu confuso. "O que é uma seabane?"

"Eu não sei se tem um outro nome em Lienid. É uma pequena flor rocha. Uma mulher que come de suas folhas não dá a luz a uma criança."

Eles se envolveram em seus cobertores e deitaram diante do fogo se extinguindo. Po deu um grande e profundo bocejo, mas Katsa não estava cansada. Uma pergunta lhe ocorreu. Mas ela não queria acordá-lo, se ele estava caindo no sono.

"O que é Katsa? Eu estou acordado."

Ela não sabia se iria se acostumar com aquilo.

"Eu estava me perguntando se eu poderia acordar você," ela disse, "por chamar você dentro de sua mente quando você está dormindo."

"Eu não sei," ele disse "Não sinto as coisas enquanto eu estou dormindo, mas se estivesse em perigo ou se alguém se aproximasse, eu sempre acordaria. Você pode tentar –" ele bocejou de novo – "se você quiser."

"Eu vou tentar outra noite," ela disse, "quando você estiver menos cansado."

"Você não está nem mesmo cansada, Katsa?"

“Tenho certeza que eu estou,” ela disse, embora ela não pudesse trazer um exemplo específico à mente.

“Você conhece a história do rei Leck de Monsea?”

“Eu não sabia que havia uma história.”

“Há,” Po disse, “uma história de anos atrás, e você deveria saber se nós vamos para o reino dele. Eu vou te contar e talvez você se sinta mais cansada.”

Ele ficou de costas. Ela deitou de lado e observou a linha do perfil dele na luz do fogo se apagando.

“O último rei e rainha de Monsea eram pessoas gentis. Não particularmente com presença de espírito.” Ele disse. “Mas eles tinham bons conselheiros e eles eram gentis com seu povo, mais do que a maioria hoje poderia imaginar, para um rei e uma rainha. Mas eles não tiveram filhos. Não era uma coisa boa, Katsa, como seria para você. Eles queriam um filho desesperadamente, então eles poderiam ter um herdeiro – também só por que eles queriam um, como eu acho que a maioria das pessoas quer. E então um dia, um garoto veio a sua corte. Um belo menino com cerca de treze anos, com um tapa-olho, pois ele perdeu um olho quando ele era mais novo. Ele não disse de onde ele veio ou quem eram seus pais, ou o que tinha acontecido com seu olho. Ele só veio à corte pedindo e contando histórias em troca de comida e dinheiro.”

“Os servos o acolheram, por que ele contava histórias tão maravilhosas, sobre um lugar além dos sete reinos, onde monstros saiam do mar e ar, e de exércitos que irrompiam de cavernas nas montanhas, e as pessoas eram tão diferentes de qualquer outra que nós já conhecemos. Eventualmente o rei e a rainha foram informados sobre ele e ele foi trazido perante eles para contar suas histórias. O garoto os encantou completamente – os encantou desde o primeiro dia. Eles tiveram pena dele, de sua pobreza e solidão e seu olho perdido. Eles começaram a trazer ele a sua presença nas refeições, ou perguntava por ele quando eles retornavam de longas jornadas, ou o chamava a seus aposentos à noite. Trataram-no como um garoto nobre; ele foi educado, e aprendeu a lutar e cavalgar. Eles o trataram como se ele fosse o seu próprio filho. E quando o garoto completou dezesseis e o rei e a rainha não tinham

seu próprio filho, o rei fez algo extraordinário. Ele nomeou o menino seu herdeiro.”

“Mesmo embora eles não soubessem nada sobre seu passado?”

“Mesmo sem que eles não soubessem nada de seu passado. E é aqui que a história verdadeiramente se torna interessante, Katsa. Por não mais que uma semana depois que o rei tinha nomeado o menino seu herdeiro, o rei e a rainha morreram de uma doença súbita. E os dois conselheiros mais próximos caíram em desespero e se jogaram dentro do rio. Ou é assim que a história conta. Eu não sei se houve alguma testemunha.”

Katsa se apoiou em seu cotovelo e olhou para ele.

“Você acha isso estranho?” ela perguntou.

“Eu sempre achei estranho. Mas o povo de Monsean nunca questionou, e todos na minha família que encontraram Leck me dizem que eu sou um tolo por me espantar. Eles dizem que ele é absolutamente encantador, mesmo seu tapa olho é encantador. Eles dizem que ele sofreu pelo rei e a rainha terrivelmente e não poderia ter tido nada haver com suas mortes.

“Eu nunca soube dessa história,” Katsa disse. “Eu nem sabia que Leck tinha perdido um olho. Você o conheceu?”

“Não,” Po disse, “Mas eu sempre tive a impressão que eu não o tomaria como os outros o tem. Apesar de sua grande reputação de bondade para com os pequenos e fracos.”

Ele bocejou e virou de lado.

“Bem, e eu suponho que descobriremos em breve se nós gostaremos dele, se as coisas correrem como eu espero. Tenha uma boa noite, Katsa. Nós chegaremos à hospedaria amanhã.”

Katsa fechou seus olhos e escutou a respiração dele ficar mais constante. Ela pensou na história que ele tinha dito. Era difícil reconciliar a reputação agradável do rei Leck com esta história. Embora, talvez ele fosse inocente. Talvez houvesse alguma explicação lógica.

Ela se perguntou sobre a recepção que eles receberiam na hospedaria, e se eles iriam ter sorte suficiente de cruzar com alguém que detivesse a informação que eles procuravam. Ela escutou o som do lago e a brisa no mato. Quando ela pensou que Po tinha caído no

sono, ela disse o nome dele uma vez, silenciosamente. Ele não se mexeu. Ela pensou no nome dele, silenciosamente, como um sussurro em sua mente. De novo, ele não se mexeu, e sua respiração não mudou.

Ele estava dormindo.

Katsa exalou, lentamente.

Ela era a mais tola de todos os sete reinos.

Por que, quando ela lutava com ele quase todos os dias, quando ela sabia cada parte do corpo dele; por que, quando ela se sentava sobre o estômago dele, e lutava com ele no chão e podia provavelmente identificar seu abraço mais rápido do que qualquer esposa poderia reconhecer o abraço de seu próprio marido, tinha a visão dos braços dele e de seus ombros embaraçado tanto ela? Ela tinha visto uma centena de homens sem camisa antes, nas salas de treino ou quando viajava com Giddon e Oll. Raffin praticamente se despia em frente dela, eles eram tão acostumados um com o outro. Era como os olhos deles. A não ser que eles estivessem lutando, o corpo de Po tinha o mesmo efeito sobre ela que os olhos dele.

A respiração dele mudou, e ela congelou seus pensamentos. Ela escutou enquanto a respiração dele voltava ao ritmo.

Não ia ser simples com Po. Nada com Po iria ser simples. Ela o ajudaria a descobrir o raptor de seu avô. E seguramente, ela tomaria cuidado de não o derrubar em nenhum lago.

E agora ela deveria dormir. Ela deu suas costas a ele e dispôs sua mente a escuridão.

Capítulo Dezoito



A hospedaria era um grande prédio alto feito de madeiras sólidas. Um trajeto mais ao sul de Sunder, a mais pesada e espessa das madeiras das árvores, e a mais forte e imponente das casas e hospedagens. Katsa não tinha passado muito tempo no centro de Sunder, seu tio a tinha enviado lá duas ou três vezes, talvez. Mas as florestas selvagens e simples, cidades pequenas, tão longe das fronteiras que estavam envolvidas nas tolices dos reis, tinham sempre agradado a Katsa. As paredes da hospedaria eram como paredes de castelo, mas escuras e mais quentes.

Eles se sentaram em uma mesa, em uma sala cheia de homens sentados à mesa – pesadas mesas escuras construídas da mesma madeira como as paredes. Era a hora do dia quando os homens da cidade e viajantes se derramavam na grande sala de jantar e se sentavam, conversando e rindo sobre um copo com algo forte para beber. A sala tinha se recuperado do silêncio da qual foi afligida quando Po e Katsa passaram pela primeira vez pela porta. Os homens estavam barulhentos agora, e joviais, e se eles espreitavam a realeza por sobre seus copos e em torno de suas cadeiras, bem pelo menos eles não olhavam diretamente.

Po se recostou em sua cadeira. Seus olhos passaram preguiçosamente em torno da sala.

Ele bebeu de seu copo de sidra, e seus dedos traçaram o anel molhado deixado sobre a mesa.

Ele apoiou seus cotovelos sobre a mesa e apoiou sua cabeça em sua mão. Bocejou. Ele parecia, Katsa pensou, como se só precisasse de uma canção de ninar e ele cochilaria. Era uma boa atuação.

Seus olhos brilharam para ela e então, e com eles o vislumbre de um sorriso.

“Eu não acho que nós iremos ficar muito tempo nesta hospedaria,” ele disse, sua voz baixa. “Há homens nesta sala que já tomaram interesse em nós.”

Po tinha informado ao dono da hospedaria que eles ofereceriam dinheiro por qualquer informação sobre o seqüestro do avô Tealiff. Homens – particularmente homens Sunderan, se os homens fossem como seu rei – fariam um grande trato pelo dinheiro. Eles mudariam de lealdade.

Eles contariam histórias que eles tinham prometido não revelar. Eles também inventariam histórias, mas isso não importava, pois Po podia dizer tanto de uma mentira quanto ele podia de uma verdade.

Katsa bebeu de seu copo e olhou para o mar de homens. A elegância dos comerciantes se destacavam entre os obscurecidos marrons e laranjas das pessoas da cidade. Katsa era a única mulher na sala, exceto uma garota apressada, a filha do dono, que corria entre as mesas com uma bandeja cheia de copos e canecas. Ela era de estatura pequena, morena e bonita, e um pouco mais nova que Katsa. Ela não prendia os olhos em ninguém enquanto ela trabalhava, e não sorria, exceto para um ocasional morador da cidade velho o suficiente para ser seu pai. Ela tinha trazido a Katsa e a Po suas bebidas silenciosamente, com um rápido e tímido olhar para Po.

A maioria dos homens na sala mostrava a ela um respeito adequado, mas Katsa não gostou muito dos sorrisos nos rostos dos comerciantes cujas mesas ela servia no momento.

“Quantos anos você acha que tem essa garota?” Katsa perguntou. “Você acha que ela é casada?”

Po observou a mesa dos comerciantes e bebericou de seu drink.

“Dezesseis ou dezessete, eu acho. Ela não é casada.”

“Como você sabe?”

Ele parou. “Eu não sei. Foi um palpite.”

“Isso não soou como um palpite.”

Ele bebeu de seu copo. Seu rosto estava impassível. Não tinha sido um palpite, isso ela sabia, e lhe ocorreu subitamente que ele

poderia saber de tal coisa com muita certeza. Ela levou um instante para cuidar da irritação dela pelo interesse de cada garota que tinha admirado Po e pensou em seus sentimentos privados.

“Você é impossível.” Ela disse.

“Você não é melhor do que aqueles comerciantes. E, além do mais, só por que ela pôs os olhos em você não significa –”

“E isso não é justo,” Po protestou. “Eu não posso me impedir de saber. Meu erro foi revelar isso para você. Eu não estou acostumado com alguém que conhece minha graça.”

Ele falou antes de pensar em quanto injusto seria, para a garota.

Ela rolou seus olhos.

“Poupe-me de sua confissão. Se ela não é casada, eu não entendo por que seu pai a manda aqui fora servir estes homens. Eu não estou certa de que ela está segura entre eles.”

“Seu pai está no bar a maior parte do tempo. Ninguém ousaria machucá-la.”

“Mas ele não está lá sempre – ele não está lá agora. E só por que eles não a atacam, não significa que eles a respeitam.” Ou que eles não a procurariam depois.

A garota circulou a mesa dos comerciantes, derramando sidra em cada copo. Quando um dos homens alcançou o braço dela, ela se encolheu.

Os comerciantes explodiram na gargalhada.

O homem que estendeu o braço para ela em seguida o puxou de volta, indo e voltando, a insultando. Seus amigos riram mais alto. E então o homem do outro lado da garota agarrou o pulso dela e a segurou, e houve uma grande algazarra dos homens. Ela tentou se afastar, mas o homem rindo não a soltava.

Vermelha de vergonha, ela olhava para nenhum dos rostos deles, apenas puxava seu braço. Ela era muito parecida com um coelho confuso e estúpido pego em uma armadilha, e de repente Katsa estava de pé. E Po estava de pé, também, e ele tinha Katsa pelo braço.

Por um instante Katsa apreciou a estranha simetria, exceto que diferente da garota, ela podia quebrar o aperto de Po, e diferente do comerciante, Po tinha uma boa razão para segurar o braço dela. E

Katsa não quebraria o aperto dos dedos dele, pois ela não precisava. Seu ficar de pé tinha sido o suficiente. A sala congelou imóvel. O homem largou o braço da garota. Ele olhou para Katsa com o rosto branco e a boca aberta – medo, tão familiar para Katsa quando ela sentia seu próprio corpo. A garota olhou, também, e prendeu sua respiração e pressionou sua mão em seu peito.

“Sente-se Katsa,” a voz de Po era baixa. “Acabou. Sente-se.”

Ela se sentou. A sala respirou com alívio. Depois de alguns instantes, vozes murmuraram, e então conversaram e riram de novo. Mas Katsa não tinha certeza se tinha acabado. Talvez estivesse acabado para a garota, e aqueles comerciantes. Mas haveria um novo grupo de comerciantes amanhã. E estes comerciantes sairiam, e encontrariam para si outra garota.

Mais tarde naquela noite, enquanto Katsa se preparava para ir para cama, duas garotas vieram a seu quarto para lhe cortar o cabelo.

“É muito tarde, senhorita?” Perguntou a mais velha, que carregava uma tesoura e uma escova.

“Não, Quanto mais cedo eu tiver isso fora, melhor. Por favor, entrem.”

Elas eram jovens, mais jovens do que a garçonete. A mais nova, uma criança de dez ou onze anos, carregava uma vassoura e uma pá. Elas sentaram Katsa e se moveram ao redor dela timidamente. Elas falaram pouco. Respiraram ao redor dela não assustadas o suficiente para se aproximarem. A garota mais velha desatou o cabelo de Katsa e começou a trabalhar com seus dedos através do emaranhado.

“Desculpe-me se eu a machuco, senhorita.”

“Isso não me machuca,” Katsa disse. “E você não precisa desembaraçar os nós. Eu quero cortá-lo todo, tão curto quanto você puder. Tão curto quanto de um homem.”

Os olhos das duas garotas se arregalaram.

“Eu cortei o cabelo de muitos homens.” A mais velha disse.

“Você pode cortar o meu como você corta o deles,” Katsa disse. “Quanto mais curto você cortar, mais feliz eu vou ficar.”

A tesoura cortou em torno das orelhas de Katsa, e sua cabeça ficou mais e mais leve.

Como ficou estranho virar seu pescoço e não sentir o cabelo se arrastar, o emaranhado pesado balançando ao redor, atrás dela. A mais nova segurou a pá e varreu o cabelo recortado no instante que eles caíam no chão.

“E sua irmã que eu vi servindo bebidas na sala de jantar?” Katsa perguntou.

“Sim, senhorita.”

“Quantos anos ela tem?”

“Dezesseis, senhorita.”

“E você?”

“Eu tenho catorze, e minha irmã onze, senhorita.”

Katsa observou a mais nova recolher o cabelo com a pá maior do que ela.

“Alguém ensinou as meninas da hospedaria a protegerem a si mesmas? Ela perguntou. “A carregarem uma faca?”

“Nosso pai nos protege, e nosso irmão,” a garota disse, simplesmente.

As garotas juntaram e varreram, e o cabelo de Katsa cessou. Ela estremeceu com o frio não familiar em seu pescoço. E se perguntou se outras garotas em Sunder, e através dos sete reinos, carregavam facas; ou se todas elas esperavam por seus pais e irmãos por proteção.

Uma batida a acordou.

Ela se sentou. Veio da porta que ligava seu quarto ao de Po. Ela não tinha estado dormindo por tanto tempo, e era meia-noite; o luar se derramava o suficiente através de sua janela então se não fosse Po que tivesse batido, e se fosse um inimigo, ela poderia ver bem o suficiente para desacordar a pessoa. Todos esses pensamentos passaram varrendo por sua mente no instante que ela se sentou.

“Katsa, é apenas eu,” a voz dele chamou, através do buraco da fechadura. “É uma porta dupla. Você precisa destrancar ela de seu lado.”

Ela rolou para fora da cama. E onde estava a chave?

“Minha chave estava pendurada ao lado da porta,” ele chamou, e ela levou um momento para olhar na direção dele.

“Eu só posso adivinhar que você está procurando pela chave. Isso não foi minha graça, então não precisa ficar toda ofendida por causa disso.”

Katsa tateou ao longo da parede. Seus dedos tocaram a chave.

“Não te faz nervoso gritar assim? Alguém podia escutar você. Você poderia estar revelando sua preciosa graça para uma legião inteira de meus amantes.”

Sua risada foi abafada pela porta.

“Eu saberia se alguém ouviu minha voz. E eu também saberia se você estivesse com uma legião de amantes. Katsa – você cortou seu cabelo?”

Ela acenou. “Maravilhoso. Isso é maravilhoso. Eu não tenho privacidade, e você sente até meu cabelo.” Ela virou a chave na fechadura e jogou ela aberta. Po esticou uma vela em sua mão.

“Grandes mares,” ele disse.

“O que você quer?”

Ele segurou a vela no rosto dela.

“Po, o que você quer?”

“Ela fez um bom trabalho como eu disse que faria.”

“Eu vou voltar para cama,” Katsa disse, e alcançou a maçaneta.

“Tudo bem, tudo bem. Os homens, os comerciantes. Os homens Sunderan que estiveram incomodando a garota. Eu acho que eles pretendem vir a nós esta noite e falar conosco.”

“Como você sabe?”

“O quarto deles é abaixo dos nossos.”

Ela balançou sua cabeça, incrédula.

“Ninguém nesta hospedaria tem privacidade.”

“Meu sentido deles é fraco, Katsa. Eu não posso sentir todo mundo da raiz as pontas dos cabelos deles, como eu sinto você.”

Ela suspirou. “Que honra, então, ser eu. Eles estão vindo no meio da noite?”

“Sim.”

“Eles têm alguma informação?”

“Eu acredito que eles têm.”

“Você confia neles?”

“Não particularmente. Eu acho que eles virão em breve, Katsa. Quando eles vierem, eu baterei em sua porta.”

Katsa concordou. “Muito bem. Eu estarei pronta.”

Ela voltou para seu quarto e empurrou a porta atrás dela. Ela acendeu uma vela, jogou água sobre seu rosto, e se preparou para a chegada dos comerciantes, tarde da noite.

Seis comerciantes tinham se sentado em torno da mesa no salão e riram para a garota.

Quando a batida de Po a trouxe a porta, ela se encontrou em pé na entrada com os seis, cada um carregando uma vela que lançava uma luz escura sobre um rosto com barba. Eles eram altos e de costas largas, todos os seis deles, enormes próximos a ela, e mesmo o menor, mais alto e forte do que Po. Um bando de provocadores. Ela os seguiu de volta ao quarto de Po.

“Você está acordado e vestido, meu príncipe, minha senhora.”

O mais alto dos comerciantes disse enquanto eles preenchiam o aposento de Po. Era o homem que tinha tentado agarrar o braço da garota, o que primeiro brincou com ela. Katsa registrou o escárnio enquanto ele falava seus títulos. Ele não tinha mais respeito por eles do que eles tinham por ele. O que tinha tomado o pulso da garota ficou ao lado dele, e aqueles dois pareceram ser os líderes do grupo. Eles estavam juntos, no meio da sala, encarando Po, enquanto os outros quatro desapareceram no segundo plano.

Eles estavam bem distribuídos, esses comerciantes. Katsa se moveu para o lado da porta, a porta que dava para seu quarto, e se inclinou contra ela com seus braços cruzados. Ela estava a passos de Po e dos dois líderes, e ela podia ver os outros quatro. Era mais precaução do que necessário. Mas não machucaria a nenhum deles saber que ela estava observando.

“Temos estado recebendo visitantes durante a noite,” Po disse uma mentira fácil.

“Vocês não são os únicos viajantes na hospedaria que tem informação sobre meu avô.”

“Tenha cuidado com os outros, senhor príncipe.” Disse o comerciante maior. “Homens mentem por dinheiro.”

Po levantou uma sobrancelha.

“Obrigado por seu aviso.” Ele andou relaxadamente até a mesa atrás dele e pôs suas mãos em seus bolsos. Katsa engoliu seu sorriso. Ela gostava muito da preguiça arrogante de Po.

“Que informação você tem para nós?” Po perguntou.

“Quanto você irá pagar?” o homem disse.

“Eu vou pagar o que quer que a informação permita.”

“Há seis de nós.” O homem disse.

“Eu daria a vocês em moedas divisíveis por seis,” Po disse. “se isso é que você deseja.”

“Eu quis dizer, príncipe, que não vale a pena para nosso tempo divulgar a informação, se você não nos compensar o suficiente para seis homens.”

Po escolheu aquele momento para bocejar. Quando ele falou sua voz era calma, até mesmo amigável.

“Eu não vou barganhar um preço quando eu não sei a amplitude de sua informação. Vocês vão ser bem compensados. Se isso não o satisfaz, vocês estão livres para sair.”

O homem sacudiu seus pés por um instante. Ele olhou de esguelha para seu parceiro. Seu parceiro concordou, e o homem limpou a garganta.

“Muito bem,” ele disse. “Nós temos a informação que liga o seqüestro ao rei Birn de Wester.”

“Que interessante,” Po disse, e a farsa tinha começado.

Po fez todas as perguntas que faria se alguém estivesse conduzindo este interrogatório seriamente. Qual era a fonte dessa informação? Era de confiança o homem que tinha falado de Birn? Qual foi a motivação para o seqüestro? Birn teve a ajuda de algum outro reino? O avô Tealiff estava nos calabouços de Birn? Como os calabouços de Birn eram guardados?

“Bem, lady,” Po disse, com um olhar na direção dela, “nós teremos que enviar imediatamente uma palavra, então meus irmãos saberão investigar os calabouços de Birn de Wester.”

“Vocês mesmos não irão viajar para lá?” O homem estava surpreso. E muito provavelmente, desapontado, que ele não tinha conseguido enviar Po e Katsa a uma missão inútil.

“Nós vamos para o sul, e leste,” Po disse. Para Monsea, e rei Leck.”

“Leck não é responsável pelo seqüestro,” o homem disse.

“Eu nunca disse que ele era.”

“Leck é inocente. Vocês perderão suas energias procurando em Monsea, quando seu avô está em Wester.”

Po bocejou novamente. Ele deslocou seu peso contra a mesa e cruzou seus braços. Ele olhou de volta para o homem calmamente.

“Nós não vamos a Monsea procurar pelo meu avô,” ele disse.

“A irmã de meu pai é a rainha de Monsea. Ela tem estado muito aflita pelo seqüestro.

Significa que vamos visitar ela. Talvez possamos trazer o conforto de suas notícias para a corte de Monsea.”

Um dos comerciantes ao fundo limpou sua garganta. “A muita doença por lá,” ele disse de seu canto. “Na corte de Monsea.”

Os olhos de Po se moveram para o homem calmamente. “É mesmo?”

O homem grunhiu, “Eu tenho família a serviço de Leck, família distante. Duas garotinhas que trabalhavam em seu abrigo, primas de algum tipo, bem, elas morreram a alguns meses atrás.”

“O que você quer dizer, em seu abrigo?”

“O abrigo de animais de Leck. Ele resgata animais, senhor príncipe, você saberá disso.”

“Sim, é claro.” Po disse. “Mas eu não sabia sobre esse abrigo.”

O homem pareceu não gostar de ser o centro da atenção de Po. Ele olhou para seus companheiros e levantou seu queixo.

“Bem, senhor príncipe, ele tem centenas deles, cachorros, esquilos, coelhos, sangrando dos cortes em suas costas e barrigas.”

Po estreitou seus olhos. “Cortes em suas costas e barrigas.” Ele repetiu cuidadosamente.

“Você sabe. Como se eles tivessem corrido para alguma coisa afiada.” O homem disse.

Po olhou para ele por um momento. “É claro. E nenhum osso quebrado? Nenhuma doença?”

O homem considerou. “Eu nunca ouvi dizer nada sobre isso, príncipe. Só muitos cortes e retalhos que levam um longo tempo

impressionante para se curar. Ele tem uma equipe de crianças que o ajudam a cuidar das pequenas criaturas na recuperação. Eles dizem que ele é muito dedicado a seus animais.”

Po franziu seus lábios. Ele olhou para Katsa. “Estou vendo,” ele disse. “e você sabe de que doença as garotas morreram?”

O homem deu de ombros. “Crianças não são muito fortes.”

“Vamos mudar para um tópico diferente agora,” o comerciante maior falou, interrompendo.

“Nós concordamos dar a você sua informação sobre o seqüestro, e não sobre isso. Nós iremos querer mais dinheiro para compensar.”

“E a propósito, eu estou subitamente morrendo de uma doença chamada tédio.” Seu parceiro disse.

“Oh,” disse o primeiro, “talvez você tenha uma diversão em sua mente.”

“Com uma companhia diferente,” disse o homem no canto.

Eles estavam rindo agora, os seis deles rindo de uma piada privada que Katsa teve a sensação que ela entendeu.

“Ai de mim pelos pais protetores e as portas fechadas de quartos.” O parceiro disse muito baixo para seus amigos, mas não tão baixo para os ouvidos sensíveis de Katsa. Ela se lançou em direção aos homens diante da explosão de gargalhadas que tinha começado.

Po a bloqueou tão rápido que ela sabia que ele devia ter começado imperceptivelmente primeiro.

“Pare,” ele disse a ela suavemente. “Pense. Respire.”

Uma onda de raiva impulsiva a varreu, e ela permitiu que o corpo dele bloqueasse seu caminho para o comerciante, para dois deles, para todos os seis deles, para estes homens que eram todos iguais para ela.

“Você é o único homem nos sete reinos, que pode manter esta gata selvagem em uma coleira.”

Disse um dos dois homens. Ela não tinha certeza de qual, pois ela estava distraída pelo efeito que as palavras tiveram no rosto de Po.

“É uma sorte para nós que ela tenha tal guardião sensível,” o homem continuou.

“E você é um sujeito de sorte para si mesmo. As selvagens são mais divertidas, se você pode controlar elas.”

Po olhou para ela, mas ele não a via. Os olhos dele crepitaram, gelo prateado e fogo dourado. O braço que a bloqueava enrijeceu, e a mão dele apertou em um punho. Ele inalou, parecendo interminavelmente. Ele estava furioso, ela viu isso, e ela pensou que ele estava indo atingir o homem que tinha falado, e por um momento de pânico ela não sabia se o parava ou o ajudava.

Pare ele.

Ela o pararia, pois ele não estava pensando. Ela segurou o antebraço dele, e o apertou fortemente. Ela pensou no nome dele em sua cabeça.

„Po. Pare. Pense”, ela pensou para dentro da mente dele, como ele tinha dito para ela.

„Pense”. Ele começou a exalar tão lentamente quanto ele respirava. Os olhos dele a focaram e ele a viu.

Ele se virou e ficou ao lado dela. Ele encarou os dois homens; sem se importar com o que eles tinham dito.

“Saíam.” A voz dele era muito calma.

“Nós queremos nosso pagamento –”

Po deu um passo na direção dos homens, e eles se afastaram para trás. Ele segurou seus braços em seu lado com uma calma casual que não enganou a ninguém no quarto.

“Você tem a leve noção do que você falou?” Ele perguntou.

“Vocês acham que receberão uma moeda do meu dinheiro, quando vocês falaram desse modo? Vocês têm sorte de eu deixar vocês irem sem arrancar os dentes de suas bocas.”

“Você tem certeza de que não devemos?” Katsa disse olhando para os olhos de cada homem, um após o outro. “Eu gostaria de fazer algo para desencorajar eles de tocar na filha do dono da hospedaria.”

“Não iremos,” um deles arfou. “Nós não tocaremos em ninguém, eu juro.”

“Você vai se lamentar se você o fizer,” ela disse. “Lamentar pelo resto de sua curta e miserável vida.”

“Nós não vamos, minha senhora. Nós não vamos.” Eles se afastaram para a porta, seus rostos pálidos, seus sorrisinhos desaparecidos agora.

“Foi só uma piada, minha senhora, eu juro.”

“Saíam,” Po disse. “Seu pagamento é que não iremos matar vocês pelos seus insultos.”

Os homens tropeçaram para fora do quarto. Po bateu a porta atrás deles. Então ele inclinou suas costas contra a porta e deslizou abaixo até que se sentou no chão. Ele esfregou o rosto com as mãos e deu um profundo suspiro.

Katsa pegou uma vela da mesa e veio se agachar diante dele. Ela tentou medir o cansaço dele e sua raiva, na curvatura de sua cabeça e na rigidez de seus ombros. Ele largou as mãos do rosto e descansou a cabeça contra a porta. Ele observou o rosto dela por um momento.

“Eu realmente achei que eu poderia ferir aquele homem.” Ele disse. “gravemente.”

“Eu não sabia que você era capaz de tal temperamento.”

“Aparentemente eu sou.”

“Po,” Katsa disse, enquanto um pensamento ocorria a ela. “Como você sabia que eu pretendia atacá-los? Minhas intenções eram em direção a eles, não a você.”

“Sim, mas meu senso de sua energia cresceu de repente, e eu conheço você bem o suficiente para adivinhar quando você provavelmente daria cabo de alguém.”

Ele deu um meio sorriso, cansado. “Ninguém poderia acusar você de ser inseqüente.”

Ela bufou. Ela se sentou no chão diante dele e cruzou suas pernas. “E agora você vai me dizer o que descobriu com eles?”

“Sim.” Ele fechou seus olhos.

“O que eu descobri. Para começar, diferente daquele companheiro no canto, eles mal falaram uma verdade. Foi um jogo. Eles queriam nos enganar os pagando por informação falsa.

Como devolução, pelo incidente no salão.

“Eles são mesquinhos.” Katsa disse.

“Muito mesquinhos, mas eles nos ajudaram, apesar de tudo. É Leck, Katsa, eu tenho certeza disso. O homem mentiu quando ele disse que Leck não era responsável. E ainda – e ainda havia algo mais de muito estranho que eu não pude entender.”

Ele balançou sua cabeça e olhou para suas mãos, pensando. “É tão estranho, Katsa, eu senti esta estranha... defensiva aumentar neles.”

“O que você quer dizer, defensiva?”

“Como se todos eles acreditassem de verdade na inocência de Leck e desejassem defender ele de mim.”

“Mas você acabou de dizer que Leck é culpado.”

“Ele é culpado, e estes homens sabem disso. Mas eles também acreditam que ele é inocente.”

“Isso não faz absolutamente nenhum sentido.”

Ele balançou sua cabeça de novo.

“Eu sei. Mas eu tenho certeza do que eu senti. Eu te digo, Katsa, quando o homem disse que Leck não era responsável pelo seqüestro, ele estava mentindo. Mas quando ele disse, um momento depois, “Leck é inocente”, ele quis dizer isso. Ele acreditava em si mesmo por estar dizendo a verdade.”

Po olhou para o teto escuro. “Nós vamos concluir que Leck seqüestrou meu avô por algum motivo inocente? Não pode ser simplesmente isso.”

Katsa não podia compreender as coisas que Po tinha descoberto, não mais do que ela podia compreender a maneira que ele as tinha descoberto.

“Nada disso faz sentido,” ela disse cansada.

Ele aterrissou seus pensamentos por um momento e se focou nela.

“Katsa, me desculpe. Isso deve ser devastador para você. Eu sou capaz de sentir bastante, vê, de pessoas que querem me enganar, mas não sabem guardar seus pensamentos e sentimentos.

Ela não podia entender isso. Ela desistiu de tentar fazer sentido em um rei que era tanto culpado quanto inocente. Ela observou Po enquanto ele se distraía com os pensamentos dele e olhava de novo para suas mãos. Os comerciantes não sabiam guardar para eles seus

pensamentos e sentimentos. Se for uma coisa que podia ser feita, então ela, pelo menos, queria aprender a como fazer isso.

Ela sentiu os olhos dele e percebeu que ele a estava observando. "Você quer manter suas coisas longe de mim," ele disse.

Ela começou, então se focou na escuridão por um momento.

"Ou você tem," ele continuou, "desde que você descobriu minha graça. Quero dizer, eu sinto que você tem que manter coisas longe de mim – você está fazendo isso agora – e eu posso dizer que funciona, por que minha graça nada me mostra. Eu sempre estou um pouco aliviado quando isso funciona, Katsa. De verdade, eu não desejo tomar seus segredos de você."

Ele se sentou ereto, o rosto dele iluminado com uma idéia. "Sabe, você podia me bater até me deixar inconsciente. Eu não te impediria."

Katsa riu em seguida. "Eu não o faria. Eu prometi a você que eu não te bateria, exceto em nossos treinos."

"Mas isso é alto defesa, nesse caso."

"Não é."

"É." Ele insistiu, e ela riu de novo da seriedade dele.

"Eu preferiria fortalecer minha mente contra você," ela disse, "do que te bater toda vez que eu tiver um pensamento que eu não quero que você saiba."

"Sim, bem, eu preferiria isso também, acredite-me. Mas eu concedo minha permissão para me bater, se você precisar."

"Eu desejaria que você não o fizesse. Você sabe como eu sou impulsiva."

"Eu não me importo."

"Se você me conceder permissão, eu provavelmente vou fazê-lo, Po. Eu provavelmente –"

Ele levantou sua mão. "É um equalizador. Quando nós lutamos, você impede sua graça.

Eu não posso impedir minha graça. Então você tem o direito de se defender."

Ela não gostou disso. Mas ela não podia deixar de lado o objetivo dele. E ela não podia perder a vontade dele, a querida vontade dele, ceder sua graça para ela.

“Você sempre terá uma dor de cabeça.” Ela disse.

“Talvez Raffin incluiu seus remédios para dor de cabeça entre os medicamentos. Eu gostaria de mudar meu cabelo, agora que você mudou o seu. Azul combinaria comigo, você não acha?”

Ela estava rindo de novo, e ela jurou para si mesma que não bateria nele; ela não o faria, a menos que estivesse totalmente desesperada. E então a vela no chão ao lado deles se apagou. A conversa deles tinha saído inteiramente fora do trilho. Eles estavam partindo para Monsea cedo de manhã, mais provavelmente, e era o meio da noite e todos na hospedaria e na cidade dormiam. E aqui estavam eles, sentados no chão, rindo no escuro.

“Nós partimos para Monsea amanhã, então?” ela disse. “Nós vamos cair no sono em nossos cavalos.”

“Eu vou cair no sono em meu cavalo. Você vai cavalgar como se você dormisse a dias – como se uma corrida entre nós para ver quem chega primeiro a Monsea.”

“E o que vamos descobrir quando chegarmos lá? Um rei que é inocente de coisas que ele é culpado?”

Ele esfregou sua cabeça.

“Eu sempre achei era estranho minha mãe e meu pai não terem suspeitas sobre Leck, mesmo conhecendo a história dele. E agora aqueles homens pareceram pensar na inocência dele no seqüestro, mesmo sabendo que ele não é.”

“Ele pode ser tão bom no resto de sua vida que todos perdoam seus crimes, ou falham em vê-los?”

Ele ficou sentado por um momento, em silêncio.

“Eu me perguntei... isso me ocorreu recentemente... que ele poderia ser agraciado. Que ele poderia ter uma graça que muda o modo que as pessoas pensam dele. Há tais graças? Eu nunca soube.”

Isso nunca tinha ocorrido a ela. Mas ele poderia ser Agraciado. Com um olho faltando, ele poderia ser Agraciado e ninguém saberia. Ninguém nem mesmo suspeitaria, pois quem poderia suspeitar de uma graça que controla as suspeitas?

“Ele poderia ter a graça de enganar as pessoas,” Po disse.

“A graça de confundir pessoas com mentiras, mentiras que se espalham de reino para reino. Imagine isso Katsa – pessoas carregando suas mentiras em suas próprias bocas, e espalhando elas para ouvidos crédulos; mentiras absurdas, apagando a lógica e a verdade, todo o caminho para Lienid. Você pode imaginar o poder de uma pessoa que tenha tal graça? Ele poderia criar qualquer reputação para si mesmo que ele desejasse. Ele poderia tomar o que quer que ele quisesse e ninguém o faria responsável.”

Katsa pensou no menino que foi nomeado herdeiro, e o rei e a rainha que morreram rapidamente depois disso. Os conselheiros que supostamente pularam juntos no rio. E um reino inteiro de carpideiras⁴, sem passado, sem sangue Monsea através de suas veias – mas que se tornou rei.

“Mas sua bondade,” Katsa disse urgentemente. “Os animais. O homem falou dos animais que ele restaura a saúde.”

“E isso é outra coisa.” Po disse. “Aquele homem realmente acreditava na filantropia de Leck. Mas eu sou a única pessoa que considera um pouco estranho que haja tantos cães e esquilos retalhados em Monsea que precisam ser resgatados? As árvores e as rochas são feitas de vidro quebrado?”

“Mas ele é um homem gentil se ele se importa com eles.”

Po espreitou Katsa estranhando. “Você está defendendo ele também, diante da lógica que diz a você que não, como meus pais e como aqueles comerciantes. Ele tem centenas de animas com cortes bizarros que não curam Katsa, e crianças que ele emprega morrendo de doenças misteriosas, e você não está nem um pouco desconfiada.”

Ele estava certo. Katsa via isso; e a verdade em toda essa repulsividade escorria dentro de sua mente. Ela começou a ter uma concepção de um poder que se espalhava com uma má impressão, como uma doença, dominando todas as mentes que ela tocava.

Poderia ser uma graça mais perigosa do que uma que substitui a visão por uma névoa de falsidade?”

Katsa estremeceu. Pois ela estaria na presença deste rei em breve. Ela não tinha certeza de que defesa ela podia levantar contra

um homem que podia enganar ela a acreditar em sua reputação inocente.

Seus olhos traçaram a silhueta de Po, escura contra a porta negra. Sua camisa branca era a única parte dele verdadeiramente visível, um luminoso cinza na escuridão. Ela desejou, de repente, que ela pudesse ver ele melhor. Ele ficou de pé e a puxou para se levantar. Ele a empurrou para a janela e olhou abaixo para o rosto dela. O luar pegou um brilho em seu olho prateado, e um brilho no ouro de sua orelha. Ela não sabia por que ela se sentiu tão ansiosa ou por que as linhas do nariz e da boca dele, ou a preocupação nos olhos dele a confortariam.

“O que foi?” ele disse. “O que está te aborrecendo?”

“Se Leck tem essa Graça, como você suspeita...” ela começou “Sim?”

“... como eu me protegerei dele?”

Ele a considerou seriamente. “Bem, e isso é fácil,” ele disse. “Minha graça irá me proteger dele. E eu protegerei você. Você estará segura comigo, Katsa.”

Em sua cama, os pensamentos giravam como uma tempestade em sua mente, mas ela se ordenou a dormir. Em um instante, a tempestade se acalmou.

Ela dormiu debaixo de um cobertor de calma.

Capítulo Dezenove



Havia duas maneiras de chegar à cidade de Leck da pousada ou de qualquer ponto de Sunder. Um era viajar do sul para um dos portos Sunderan e velejar a sudeste para Monport, o porto da cidade mais ocidental da península Monsean, onde uma estrada conduzia ao norte para Cidade de Leck, através do terreno plano a leste dos picos mais altos de Monsea. Esta rota era percorrida por comerciantes que carregavam mercadorias, e a maior parte por mulheres, crianças, ou idosos.

O outro caminho era mais curto, mas mais difícil. Ele levava ao sudeste através da floresta Sunderan, que crescia espessa e mais selvagem e subia para encontrar as montanhas que formavam a fronteira de Monsea com Sunder e Estill. O caminho tornava-se muito rochoso e desigual para os cavalos. Aqueles que cruzavam a montanha o faziam a pé. Uma hospedaria de cada lado comprava ou mantinha os cavalos daqueles que se aproximassem das montanhas, e os vendia ou os devolvia para aqueles que vieram das montanhas. Esta era a rota que Katsa e Po tomariam.

A cidade de Leck era uma caminhada de um dia ou mais, além das montanhas, a não ser que eles comprassem cavalos novos. A caminhada para cidade riscava através de vales exuberantes com água que fluía abaixo do topo das montanhas. Era uma paisagem de rios e riachos, semelhantes as do interior de Lienid. Po disse a Katsa – ou assim a rainha de Monsean tinha escrito – que fazia dela uma paisagem diferente de tudo o que Katsa já tinha visto.

Enquanto eles cavalgavam, Katsa não podia se contentar imaginando as estranhas paisagens à frente. Pois quando ela tinha

acordado de manhã na hospedaria Sunderan, a ventania da noite anterior tinha retornado a sua mente.

A Graça de Po protegeria Po de Leck. E Po a protegeria.

Com Po, Katsa estaria segura.

Ele tinha dito isso simplesmente, como se não fosse nada. Mas não era nada para Katsa contar com a proteção de alguém mais. Ela nunca tinha feito tal coisa em sua vida.

E, além disso, não seria fácil para ela matar o rei Leck imediatamente, antes que ele dissesse uma palavra ou levantasse um dedo? Ou amordaçá-lo, imobilizá-lo, encontrar um modo de enfraquecê-lo completamente? Manter o controle e garantisse sua própria defesa? Katsa não precisava de proteção. Haveria uma solução; haveria um modo para ela se proteger de Leck, se de fato ele tinha o poder que eles suspeitavam. Ela só precisava pensar nisso.

No final da manhã o céu começou a gotejar. Pela tarde a garoa tinha se tornado uma chuva fria e implacável que batia e escondia a estrada da floresta de suas vistas. Finalmente eles pararam, ensopados, para ver o que eles podiam fazer sobre abrigos, antes que a noite caísse. O emaranhado de árvores de cada lado da estrada providenciava alguma cobertura. Eles amarraram os cavalos debaixo de um enorme pinheiro que cheirava a seiva escorrendo de seus galhos com a água da chuva.

“É um lugar tão seco quanto nós provavelmente encontraremos,” Po disse. “Uma fogueira será impossível, mas pelo menos nós não dormiremos na chuva.”

“Uma fogueira nunca é impossível,” Katsa disse. “Eu vou fazer uma, e você encontra para nós algo para cozinhar.”

Po foi para as árvores com seu arco, um pouco cético, e Katsa foi fazer uma fogueira. Não foi fácil, com o mundo ao redor dela encharcado. Mas o pinheiro tinha protegido algumas folhas e um ou dois gravetos que não estavam muito encharcados. Com o golpe de sua faca, alguns suaves assopros, e qualquer proteção que seus próprios braços abertos poderiam dar, uma chama começou a lamber seu caminho através da pequena torre de gravetos úmidos. Ela aqueceu seu rosto enquanto ela se inclinava. Isso a agradou. Ela

sempre tinha tido um jeito com fogueiras. Com Oll e Giddon, a fogueira tinha sempre sido responsabilidade dela.

Ela deixou a centelha de luz, e rastejou para encontrar mais comida. Quando Po voltou, encharcado, para o acampamento deles, ela estava grata pelo coelho gordo na mão dele.

“Minha Graça está ainda definitivamente aumentando.” Ele disse, limpando a água de seu rosto.

“Desde que nós entramos na floresta eu tenho notado uma grande sensibilidade para com animais. Este coelho estava se escondendo em um buraco de uma árvore, e me pareceu que eu não teria sabido que ele estava lá – ” ele parou a vista da pequena e fumacenta fogueira. Ele observou enquanto ela assoprava e a alimentava com sua coleção de galhos e gravetos.

“Katsa, como você fez isso? Você é uma maravilha.”

Ela riu daquilo. Ele se agachou ao lado dela. “É bom ouvir você rir,” ele disse. “Você tem estado quieta hoje. Você sabe, eu estou com bastante frio, apesar de que eu não percebi até que senti o calor dessas chamas.”

Po se aqueceu, vendo o jantar deles e conversando. Katsa começou a abrir suas sacolas e pendurar os cobertores e roupas nos galhos mais baixos do pinheiro, para secá-los da melhor maneira possível. Quando a carne do coelho estava fritando sobre as chamas, Po se juntou a ela.

Ele desenrolou os mapas deles e segurou um canto empapado próximo ao fogo. Ele abriu o pacote de medicamentos de Raffin e os inspecionou, colocando os envelopes etiquetados sobre as rochas secas.

Era confortável, o acampamento deles, com gotas caindo abaixo, vindo de cima e o calor da fogueira, e o cheiro de madeira queimando e da carne cozinhando. A conversa de Po era confortável. Katsa manteve a fogueira acesa e sorria para a conversa dele. Ela dormiu naquela noite, em um cobertor parcialmente seco, segura na certeza de que ela poderia sobreviver em qualquer lugar, por contra própria.

Ela acordou no meio da noite em pânico, certa de que Po tinha partido e ela estava sozinha. Mas deve ter sido o fim de um sonho,

bloqueando sua consciência enquanto ele partia, pois ela podia ouvir a respiração dele mesmo com a chuva caindo. Quando ela se virou e sentou, ela pode distinguir a forma dele sobre o chão ao lado dela. Ela estendeu a mão e tocou seu ombro. Só para ter certeza. Ele não a tinha deixado, ele estava lá, e eles estavam viajando juntos através da floresta Sunderan para a fronteira Monsean. Ela deitou de novo, e observou o contorno do corpo dele dormindo na escuridão.

Ela poderia aceitar a proteção dele, se ela verdadeiramente precisasse dela. Ela não estava muito orgulhosa de ser ajudada por seu amigo. Ele já tinha a ajudado de milhares de formas.

E ela o protegeria com ferocidade, se fosse a necessidade dele – se uma luta tornasse demais para ele ou se ele precisasse de abrigo, ou comida, ou uma fogueira na chuva. Ou qualquer coisa que ela pudesse providenciar. Ela o protegeria de tudo.

Isso estava resolvido então. Ela fechou seus olhos e caiu no sono.

Katsa não sabia o que estava de errado com ela quando acordou na manhã seguinte. Ela não podia explicar a fúria que sentia em relação a ele. Não havia explicação; e talvez ele soubesse disso, por que ele não perguntou nada. Ele só comentou que a chuva tinha parado e a observou enquanto ela enrolava seu cobertor, deliberadamente não olhando para ele, e carregando as coisas dele para os cavalos. Enquanto eles cavalgavam, ela ainda não olhou para ele. E embora ele não pudesse ter entendido a força da fúria dela, ele não fez nenhum comentário.

Ela não estava com raiva por haver uma pessoa que podia providenciar a ela ajuda e proteção. Isso seria arrogância, e ela via que a arrogância era tolice; ela deveria se esforçar na humildade – e não havia outra maneira dele ajudá-la. Ele a tinha feito pensar em humildade. Mas não era isso. Era que ela não tinha pedido por uma pessoa em quem ela confiasse, a quem ela faria tanto, a quem ela daria a si mesmo. Ela não tinha pedido por uma pessoa cuja ausência, se ela acordasse no meio da noite, a agoniaria – não por causa da proteção que ele faltaria em dar, mas simplesmente por que ela desejava a sua companhia. Ela não tinha pedido por uma pessoa cuja companhia ela desejasse.

Katsa não podia suportar sua própria idiotice. Ela se colocou em uma casca de mau humor e expulsou todos os pensamentos que entravam em sua mente.

Quando eles pararam para descansar os cavalos ao lado de uma lagoa cheia com a água da chuva, ele se inclinou contra uma árvore e comeu um pedaço de pão. Ele a observou, calmamente, silenciosamente. Ela não olhou para ele, mas ela estava consciente dos olhos dele sobre ela, sempre sobre ela. Nada era mais enfurecedor do que o modo como ele se inclinava contra a árvore, e comia o pão, e observava ela com aqueles olhos brilhando.

“O que você está olhando?” ela finalmente exigiu.

“Esta lagoa está cheia de peixes,” ele disse, “e sapos. Peixes diversos⁵, centenas deles.

Você não acha engraçado que eu saiba isso com tanta clareza?”

Ela o golpearia, pela tranquilidade dele, e sua última habilidade em contar sapos e peixes que ele não podia ver. Ela apertou seus punhos e se virou, se forçando a se afastar. Fora da estrada, entre as árvores, e então ela estava correndo através da floresta, surpreendendo os pássaros. Ela correu passando riachos e trechos de samambaias, e montes cobertos com musgo.

Ela disparou para uma clareira com uma queda d'água que caía das rochas e mergulhava em uma piscina. Ela arrancou suas botas, tirou sua roupa, e saltou para água. Ela gritou com o frio que cercou seu corpo de uma só vez, e seu nariz e boca se preencheram com a água. Ela veio à superfície, tossindo e resfolegando. Ela riu da frieza e nadou até a margem.

E agora, em pé na terra, o frio levantou cada cabelo de seu corpo, ela estava calma.

Foi quando ela retornou para ele, gélida e dona de si, que aconteceu. Ele se sentava contra a árvore, seus joelhos dobrados e a cabeça em suas mãos. Seus ombros caídos.

Cansado, infeliz. Uma ternura sufocou sua respiração a vista dele. E então ele levantou seus olhos e olhou para ela, e ela viu o que ela não tinha visto antes. Ela arfou.

Seus olhos eram bonitos. O rosto dele era bonito para ela em todas as formas, e seus ombros e mãos. E seus braços que descansavam sobre seus joelhos, e seu peito que não estava se movendo, porque ele segurava sua respiração. E o coração em seu peito. Este amigo. Como ela não tinha visto isso antes? Como ela não tinha visto ele? Ela era cega. E então lágrimas sufocaram seus olhos, pois ela não tinha pedido por isso. Ela não tinha pedido por este homem bonito diante dela, com certa esperança em seus olhos que ela não queria.

Ele se levantou e as pernas dela tremeram. Ela colocou sua mão em seu cavalo para se firmar.

“Eu não quero isso,” ela disse.

“Katsa, eu não tinha planejado por isso também.”

Ela apertou as bordas de sua sela para se manter longe do chão entre as patas do seu cavalo.

“Você... você tem um modo de apoiar meus planos,” ele disse, e ela gritou e caiu de joelhos, em seguida se levantou furiosamente, antes que ele pudesse vir até ela e ajudá-la, e tocá-la.

“Suba em seu cavalo,” ela disse, “agora mesmo. Vamos cavalgar.”

Ela montou e saiu, sem nem mesmo esperar para ter certeza de que ele a seguia. Eles cavalgaram, e só um pensamento deslizava em sua mente, mais e mais. Eu não quero um marido. Eu não quero um marido. Ela combinou isso com o ritmo dos cascos do cavalo. E se ele sabia do seu pensamento, tanto melhor.

Quando eles pararam a noite, ela não falou com ele, mas ela não fingia que ele não estava lá. Ela sentia cada movimento que ele fazia, sem vê-lo. Ela sentia os olhos dele observando ela do outro lado da fogueira que ele fez. Foi assim a noite toda, e assim continuaria a ser. Ele sentaria lá brilhando na luz do fogo, e ela incapaz de olhar para ele, por que ele brilhava, e ele era bonito, e ela não podia suportar.

“Por favor, Katsa,” ele finalmente disse. “Pelo menos fale comigo.”

Ela girou ao redor para encarar ele.

“Há o que para se falar? Você sabe como eu me sinto, e o que eu acho sobre isso.”

“E o que eu sinto? Isso não importa?”

A voz dele era pequena, tão inesperadamente pequena, em face de sua amargura que envergonhava ela. Ela se sentou em frente a ele.

“Po. Desculpe-me. Claro que importa. Você pode dizer qualquer coisa que você sente.”

Ele pareceu de repente não saber o que dizer. Ele olhou para seu colo e brincou com seus anéis; ele tomou fôlego e esfregou sua cabeça; e quando ele levantou seu rosto para ela de novo, ela sentiu que os olhos dele estavam expostos, que ela podia ver através deles, dentro das luzes de sua alma. Ela sabia o que ele ia dizer.

“Eu sei que você não quer isso, Katsa. Mas eu não posso me impedir. No momento que você veio para minha vida, eu estava perdido. Eu estou com medo de dizer a você o que eu desejo, por medo de que você irá... oh, eu não sei, me jogar no fogo. Ou mais provável, me recusar. Ou o pior de tudo, me desprezar.” Ele disse, sua voz falhando e seus olhos baixando do rosto dela. O rosto dele caiu em suas mãos.

“Eu te amo,” ele disse, “você é mais querida ao meu coração do que eu jamais soube que alguém poderia ser. E eu fiz você chorar, e eu vou parar.”

Ela estava chorando, mas não por causa das palavras dele. Era por causa da certeza de que ela recusaria a pensar enquanto ela se sentava diante dele. Ela se levantou.

“Eu preciso ir.”

Ele pulou.

“Não Katsa, por favor.”

“Eu não vou para longe, Po. Eu só preciso pensar, sem você em minha cabeça.”

“Eu estou com medo de que se você partir, você não volte.”

“Po.” Esta certeza, pelo menos, ela podia dar a ele.

“Eu vou voltar.”

Ele olhou para ela por um momento.

“Eu sei que você quer dizer isso agora. Mas eu estou com medo de que uma vez que você saia para pensar, você decida que a solução é me deixar.”

“Eu não vou.”

“Eu não posso saber disso.”

“Não,” Katsa disse, “você não pode. Mas eu preciso pensar por mim mesma, e eu me recuso a te nocautear, então você tem que me deixar ir. E uma vez que eu me for, você só tem que confiar em mim, como qualquer pessoa sem sua graça teria que fazer. E como eu tenho que fazer sempre, com você.”

Ele olhou para ela com aqueles olhos expostos e infelizes de novo. Em seguida ele respirou fundo e se sentou.

“Ponha uns bons dez minutos entre nós,” ele disse, “se você quer privacidade.”

Dez minutos era um alcance muito maior do que ela tinha entendido que a graça dele alcançava, mas isso era uma discussão para outra hora. Ela sentiu os olhos dele em suas costas, enquanto ela passava através das árvores. Ela tateou a frente, mãos e pés, em busca da escuridão, distância e solidão.

Sozinha na floresta, Katsa se sentou em um tronco e chorou. Ela chorou como uma pessoa cujo coração está partido e se perguntava como, quando duas pessoas que se amavam não podiam ser tal coração quebrado.

Ela não podia ter ele, e não havia nenhuma dúvida nisso. Ela nunca podia ser esposa dele.

Ela não podia se furtar de Randa só para se dar de novo – pertencer à outra pessoa, ser responsável por outra pessoa, construir seu ser em torno de outra pessoa. Não importava quanto ela amava ele.

Katsa se sentou na floresta Sunderan e compreendeu três verdades.

Ela amava Po.

Ela queria Po.

E ela nunca podia ser de ninguém além dela própria.

Depois de um tempo, ela começou a fazer o caminho de volta a fogueira. Nada tinha mudado em seu sentimento, e ela não estava cansada. Mas Po sofreria se ele não dormisse; e ela sabia que ele não dormiria até que ela retornasse.

Ele estava deitado de costas, bem acordado, olhando para uma meia lua. Ela foi até ele e se sentou em frente. Ele a observou com

olhos suaves e não disse nada. Ela o olhou abaixo, e abriu seus sentimentos para ele, então ele entenderia o que ela sentia, o que ela esperava, e o que ela não podia fazer. Ele se sentou. Olhou para seu rosto por um longo tempo.

“Você sabe que eu nunca esperaria que você mudasse quem é, se você fosse minha esposa,” ele disse finalmente.

“Mudaria-me ser sua esposa,” ela disse.

Ele olhou seus olhos.

“Sim. Eu te entendo.”

Uma lenha caiu no fogo. Eles se sentaram quietamente. Sua voz foi hesitante, quando ele falou.

“Surpreende-me que a desilusão não é a única alternativa para o casamento.” Ele disse.

“O que você quer dizer?”

Ele abaixou sua cabeça por um momento. Ele levantou seus olhos para ela de novo.

“Eu darei a mim mesmo para você, não importe o que você me tomar,” ele disse tão simplesmente que Katsa descobriu que não estava embarçada. Ela observou o rosto dele.

“E aonde isso levaria?”

“Eu não sei. Mas eu confio em você.”

Ela olhou os olhos dele.

Ele se ofereceu a ela.

Ele confiava nela.

Como ela confiava nele.

Ela não tinha considerado essa possibilidade, quando ela tinha sentado sozinha na floresta chorando. Ela não tinha nem mesmo pensado nisso. E sua oferta estava suspensa diante dela agora, para ela se aproximar e reivindicar; e o que tinha parecido claro, simples e doloroso, estava confuso e complicado de novo. Mas também tocado com a esperança.

Ela poderia ser sua amante e ainda pertencer a si mesma?

Esta era a questão; e ela não sabia a resposta.

“Eu tenho que pensar,” ela disse.

“Pense aqui,” ele disse, “por favor. Eu estou muito cansado, Katsa. Eu vou adormecer agora mesmo.”

Ela acenou.

“Tudo bem. Eu vou ficar.”

Ele estendeu a mão e enxugou uma lágrima que ficou em sua bochecha.

Ela sentiu o toque da ponta do dedo dele na base de sua coluna, e lutou contra isso, contra permitir a ele que soubesse disso.

Ele deitou.

Ela ficou de pé e se moveu para uma árvore fora da luz da fogueira. Ela se sentou contra ela e observou a silhueta de Po, esperando que ele adormecesse.

Capítulo Vinte



A noção de ter um amante era para Katsa algo como descobrir um membro que ela nunca tinha notado antes. Um braço extra ou um dedo do pé. Era estranho, e ela cutucava e incitava isso, como ela teria cutucado um dedo estranho inesperadamente nela mesma.

Que o amante seria Po reduzia sua confusão um pouco. Foi pensando em Po, e não na noção de um amante, que Katsa ficou confortável o suficiente para considerar o que significaria deitar na cama dele, mas não ser sua esposa.

Demorou mais do que pensar em uma noite. Eles se moveram através da floresta Suderan, e conversaram, descansaram e fizeram acampamento como antes. Mas seus silêncios eram talvez um pouco menos fáceis do que tinham sido; e Katsa o cortava ocasionalmente, manter sua própria companhia e pensar na solidão. Eles não treinaram o combate, Katsa estava tímida com o toque dele. E ele não a pressionava. Ele nada pressionou sobre ela, mesmo a conversa, mesmo seu olhar.

Eles se moveram tão rapidamente quanto a estrada permitia. Exceto que quanto mais distante eles viajavam, mais a estrada parecia uma trilha de possibilidades, contornando através de ravinas cobertas com vegetação e cercada de árvores do tamanho que Katsa nunca tinha visto. Árvores com troncos tão largos quanto os cavalos eram largos, e galhos que vergavam muito acima deles. Eles mergulharam algumas vezes para evitar cortinas de trepadeiras dos galhos. A terra expandiu a medida que eles se moveram para o leste, e córregos cruzavam o chão da floresta. A rota deles, pelo

menos, providenciou alguma distração para Po, ele não podia parar de olhar ao redor, seus olhos arregalados.

“É selvagem, esta floresta. Você já viu algo assim? É maravilhoso.”

Maravilhoso, cheio de animais se alimentando para o inverno. Caça fácil, e fácil de encontrar abrigo. Mas Katsa sentia palpavelmente que os cavalos estavam se deslocando tão lentamente quanto sua mente.

“Eu acho que nós nos moveríamos mais rápido à pé.” Ela disse.

“Você vai sentir falta dos cavalos quando nós desistirmos deles.”

“E quando vai ser isso?”

“Parece que possivelmente em dez dias.”

“Eu prefiro viajar a pé.”

“Você nunca se cansa,” Po disse, “não é?”

“Me canso, se eu não dormir por um longo tempo. Ou se eu estiver carregando algo muito pesado. Eu me cansei quando eu carreguei seu avô um lance de escadas.”

Ele olhou para ela, as sobrancelhas levantadas.

“Você carregou meu avô um lance de escadas?”

“Sim, no castelo de Randa.”

“Depois de um dia e uma noite de cavalgada difícil?”

“Sim.”

Sua gargalhada explodiu, mas ela não via a piada.

“Eu tive que fazer isso, Po. Se eu não fizesse, a missão teria falhado.”

“Ele pesa tanto quanto você, e mais um pouco.”

“Bem, eu estava cansada no momento em que eu cheguei ao topo. Você teria ficado cansado também.”

“Eu sou maior do que ele é, Katsa. Eu sou mais forte. E eu teria ficado cansado, se eu passasse a noite em meu cavalo.”

“Eu tive que fazê-lo. Eu não tive escolha.”

“Sua graça é mais do que o combate,” ele disse.

Ela não respondeu a isso, e depois de um momento de surpresa, ela esqueceu. Sua mente retornou ao assunto em questão. Como ela não podia impedir de fazer, com Po sempre diante dela. Qual era a diferença entre um marido e um amante?

Se ela tomasse Po como seu marido, ela estaria fazendo a promessa sobre um futuro que ela não podia ainda ver. Na primeira vez que ela se tornasse sua esposa, ela seria sua esposa para sempre. E, não importando quanta liberdade Po desse a ela, ela sempre saberia que isso seria uma dádiva. Sua liberdade não seria dela mesma, ela seria dada por Po ou retida. Isso ele nunca reteria, não fazia diferença. Se isso não viesse dela, isso não seria realmente dela. Se Po fosse seu amante, ela se sentiria capturada, encurralada em uma sensação do para sempre? Ou ela ainda teria a liberdade que lançava de si mesma?

“Como você se sentiria se eu partisse para sempre? Se um dia eu me desse a você e no outro tomasse a mim mesma – sem nenhuma promessa de retornar?”

“Katsa, um homem seria um tolo se tentasse manter você em uma gaiola.”

Eles se deitaram em lados opostos ao fogo se extinguindo numa noite quando uma nova preocupação ocorreu a ela. E se ela tomasse mais de Po do que ela poderia dar a ele?

“Po?”

Ela ouviu ele se virar no lado dele.

“Sim?”

“Mas isso não me diz como você se sentirá, ser o sujeito de meu capricho.”

“Não é o seu capricho. É a necessidade do seu coração. Você se esquece que eu estou em uma posição única de entender você, Katsa. Sempre que você se afastar de mim eu saberei que não é por falta de amor. Ou se for, eu saberei disso também, e eu saberei que está certo você partir.”

“Mas você não respondeu minha pergunta. Como você se sentiria?”

Houve uma pausa.

“Eu não sei. Provavelmente eu vou sentir um monte de coisas. Mas uma das coisas será tristeza; e infelicidade eu estou disposto a arriscar.”

Katsa olhou para o topo das árvores.

“Você tem certeza disso?”

Ele suspirou.

“Eu tenho certeza.”

Ele estava disposto a arriscar a infelicidade. E havia o ponto crucial da questão. Ela não podia saber onde isso levaria, e prosseguir era arriscar a todos os tipos de infelicidade. O fogo bafejou e morreu. Ela estava assustada. Pois como seu acampamento se tornou escuro, ela também se descobriu escolhendo o risco.

O dia seguinte Katsa teria dado tudo por um caminho aberto em linha reta, difícil de cavalgar e os cascos tropejando para afogar todo sentimento. Ao invés disso a estrada enroscava para frente e para trás, acima e abaixo de valas, e ela não sabia como ela se mantinha longe de gritar. O cair da noite os levou a um buraco onde água escorria em uma piscina baixa. Musgo cobria as árvores e o chão. Musgo pendurados nos ramos que pendiam das árvores, e pingavam dentro da piscina que brilhava verde como o piso do pátio de Randa.

“Você parece um pouco nervosa,” Po disse.

“Por que você não caça? Eu vou fazer uma fogueira.”

Ela primeiro permitiu que os animais com os quais ela se deparava, escapassem. Ela achou que se ela mergulhasse mais fundo na floresta e levasse mais tempo, ela poderia vencer algumas de suas tensões. Mas quando ela voltou ao acampamento muito mais tarde com uma raposa na mão, nada tinha mudado. Ele se sentava calmamente diante da fogueira, e ela pensou que poderia explodir. Ela jogou a carne no chão ao lado das chamas. Sentou-se em uma pedra e deixou cair a cabeça em suas mãos. Ela sabia o que estava agitando dentro dela. Era o medo, claro e frio.

Ela se virou para ele.

“Eu entendo que nós não devemos lutar um com o outro quando um de nós está zangado.

Mas há algum dano numa luta quando um de nós está assustado?”

Ele olhou para o fogo e considerou sua questão imparcialmente. Ele olhou para seu rosto.

“Eu acho que depende do que você espera ganhar lutando.”

“Eu acho que isso irá me acalmar. Eu acho que me fará confortável com – com você estando perto.”

Ela esfregou sua testa, suspirando.

“Isso vai me retornar para mim mesma.”

Ele a observou.

“Isso parece ter esse efeito sobre você.”

“Você vai lutar comigo agora, Po?”

Ele olhou para ela por um longo momento e então se afastou da fogueira e apontou para ela o seguir. Ela andou atrás dele, atordoada, sua mente zunindo tão loucamente que estava entorpecida, e quando eles se encararam um ao outro ela se descobriu olhando para ele silenciosamente. Ela balançou sua cabeça para clareá-la, mas não adiantou.

“Golpeie-me,” ela disse.

Ele parou por uma fração de segundo. Então ele mergulhou para seu rosto com um soco e ela lançou seu braço acima para bloqueá-lo. A explosão do braço sobre o braço acordou ela de seu estupor. Ela lutaria com ele e ela o golpearia. Ele não tinha a golpeado ainda, e ele não a golpearia esta noite. Não importava a escuridão, e não importava o turbilhão em sua mente, por agora eles lutariam, o turbilhão tinha desaparecido. A mente de Katsa estava clara.

Ela atacou forte e rápido, com mão, cotovelo, joelho, pé. Ele atacou forte também, mas era como se cada golpe focasse alguma energia dentro dela. Cada árvore que eles se chocavam, cada raiz que eles tropeçavam, centravam ela. Ela sentiu o conforto de lutar com Po, e a luta era feroz.

Quando ela lutou com ele no chão ele empurrou seu rosto, ela gritou.

“Espere. Sangue. Eu provei sangue.”

Ele parou de lutar.

“Onde? Não é sua boca?”

“Eu acho que é de sua mão.” Ela disse.

Ele se sentou e ela se agachou ao lado dele. Ela pegou a mão dele e apertou sua mão.

“Está sangrando? Você pode me dizer?”

“Não é nada. Foi à ponta de sua bota.”

“Nós não deveríamos estar lutando com botas.”

“Nós não podemos lutar descalços na floresta, Katsa. Sério, não é nada.”

“Apesar de tudo –”

“Há sangue em sua boca,” ele disse, em uma espécie de voz divertida, distraída que deixava claro o pouco que ele se importava com sua mão machucada. Ele levantou um dedo e quase tocou seu lábio; e então largou seu dedo, como se percebesse de repente que ele ia fazer algo que ele não deveria. Ele limpou sua garganta e olhou para longe dela.

E ela sentiu então, o quão próximo ele estava. Ela sentiu sua mão e seu pulso, quente sob seus dedos. Ele estava aqui, bem aqui, respirando na frente dela; ela o estava tocando, e ela sentiu o risco, como se fosse água fria espirrando sobre sua pele. Ela sabia que este era o momento para escolher. Ela sabia sua escolha.

Ele virou os olhos para ela, e neles ela sabia que ele compreendeu. Ela subiu dentro dos braços dele. Eles se agarraram um ao outro, e ela estava chorando, tanto de alívio por estar abraçando ele, como de medo do que ela fez. Ele a balançou em seu colo e a abraçou, e sussurrou seu nome mais e mais, até que finalmente suas lágrimas pararam.

Ela enxugou seu rosto na camisa dele. Envolveu seus braços ao redor do pescoço dele.

Ela sentiu o calor dos braços dele, e a calma, e a segurança, e a coragem. E então ela estava rindo, rindo para o quão bom sentia, quão bom o corpo dele era contra o dela. Ele riu para ela, um riso travesso e cintilante que fez ela se aquecer por toda parte. Em seguida os lábios dele tocaram sua garganta e esfregaram seu pescoço. Ela arfou. Sua boca encontrou a dela. Ela virou fogo.

Algum tempo depois, quando ela deitou com ele no musgo, agarrando a ele, hipnotizada por algo que os lábios deles faziam em sua garganta, ela se lembrou da mão dele sangrando.

“Depois.” Ele murmurou, e então ela se lembrou do sangue em sua boca, mas isso só trouxe a boca dele para a sua de novo, provando, procurando, e as mãos dele tateando suas roupas, e as suas mãos tropeçando nas dele. E o calor da pele dele, enquanto

seus corpos exploravam um ao outro. E depois de tudo, eles conheciam o corpo um do outro tão bem quanto qualquer amante; mas este toque era tão diferente, se alongando em direção, ao invés de contra.

“Po” Ela disse uma vez, quando um claro pensamento penetrou sua mente.

“Está nos medicamentos,” ele sussurrou. “Há seabane nos remédios,” e as mãos dele, e sua boca, e seu corpo retornou no dela com despreocupação. Ele a fez embriagada, este homem a fez bêbada, e cada vez que os olhos dele lançavam-se nos dela, ela não podia respirar.

Ela esperou a dor, quando ela veio. Mas ela arfou para sua nitidez; não era como nenhuma dor que ela tinha sentido antes. Ele a beijou e diminuiu e teria parado. Mas ela riu, e disse que dessa vez ela consentiria em se ferir, e sangrar, pelo toque dele. Ele sorriu no pescoço dela e a beijou de novo e ela se moveu com ele através da dor. A dor se tornou um calor que cresceu.

Cresceu, e parou sua respiração. E ela tomou fôlego, sua dor e sua mente para longe de seu corpo, de modo que não havia nada além do seu corpo e do corpo dele e a luz e o fogo que eles fizeram juntos.

Eles deitaram depois, aquecidos um com o outro e pelo calor da fogueira. Ela tocou o nariz dele e sua boca. Ela brincou com os aros em suas orelhas. Ele a abraçou e a beijou, e seus olhos reluziram nos dela.

“Você está bem?” Ele perguntou.

Ela riu. “Eu não me perdi. E você?”

Ele riu. “Eu estou muito feliz.”

Ela traçou a linha do queixo até a orelha dele e abaixou para seu ombro. Ela tocou as marcas que cercavam os braços dele.

“E Raffin pensou que nós acabaríamos desse modo, também.” Ela disse. “Aparentemente, eu sou a única que não viu isso chegando.”

“Raffin vai ser um rei muito bom,” Po disse, e ela riu de novo, e descansou sua cabeça na curva do braço dele.

“Vamos deixar isso para amanhã,” ela disse, pensando nos homens que não eram bons reis.

“Sim, tudo bem. Você está com dor ainda?”

“Não.”

“Porque você acha que isso acontece desse modo? Por que uma mulher sente essa dor?”

Ela não tinha resposta para isso. Mulheres sentiam isso, isso era tudo o que ela sabia.

“Deixe-me limpar sua mão,” ela disse.

“Eu vou limpar você primeiro.”

Ela estremeceu quando ele se levantou para ir ao fogo, encontrar água e roupas. Ele se inclinou na luz, e o brilho e as sombras se moveram através do corpo dele. Ele era bonito. Ela o admirou, e ele lançou um sorriso para ela. Quase tão bonito quanto você é vaidoso, ela pensou para ele, e ele riu alto.

A surpreendeu que isso deveria parecer estranho, estar deitada aqui, observando ele, o provocando. Ter feito o que eles tinham feito, e ser o que eles se tornaram. Mas ao invés disso, pareceu natural e confortável. Inevitável. E só um pouco menos assustador.

Capítulo Vinte e Um



Eles tiveram conversas inteiras em que ela não dizia uma palavra. Pois Po podia sentir quando Katsa desejava falar com ele, e se havia alguma coisa que ela queria que ele soubesse, a Graça dele podia captar aquela coisa. Parecia uma habilidade útil para eles treinarem.

E Katsa descobriu que quanto mais confortável ela aumentava abrindo sua mente para ele, mais treinada ela se tornou em fechá-la também. Isso nunca era inteiramente satisfatório, fechar sua mente, por que quando ela fechava seus sentimentos para ele, ela devia também fechar eles de si mesma. Mas isso era algo mais.

Eles descobriram que era mais fácil para ele captar os pensamentos dela, do que era para ela os formular. Ela pensou em coisas para ele, palavra por palavra primeiro, como se ela estivesse falando, mas silenciosamente. „Você quer parar e descansar? Eu devo pegar nosso jantar? Eu vou procurar por água”.

“É claro que eu entendo quando você é tão precisa.” Ele disse. “Mas você não precisa tentar tanto. Eu posso entender imagens também ou sentimentos, ou pensamentos em frases não formadas.”

Isso foi também difícil para ela de início. Ela estava com medo de ser mal entendida, e ela formulava suas imagens tão cuidadosamente quanto ela formulava suas palavras.

O peixe assando sobre a fogueira deles.

Um córrego.

As ervas, a seabane, que ela deve comer com o jantar.

“Se você abrir um pensamento para mim, Katsa. Eu o verei não importa o quanto você pense nele. Se você tenciona que eu o saiba, eu saberei.”

Mas o que ele queria dizer em abrir um pensamento para ele? Pensar para ele saber? Ela tentou simplesmente alcançar a mente dele sempre que ela queria que ele soubesse de algo. „Po" e em seguida deixava ele recolher a essência do pensamento.

Pareceu funcionar. Ela praticava constantemente, ambos, comunicando e se fechando para ele. Lentamente, a tensão em sua mente relaxou.

Ao lado do fogo uma noite, protegidos da chuva por um abrigo de galhos que ela tinha construído, ela pediu para ver seus anéis.

Ele colocou suas mãos nas dela.

Ela contou.

Seis anéis de ouro puro, de várias larguras, em sua mão direita.

Na sua esquerda, um anel de ouro, um fino com uma pedra cinza incrustada no meio; um largo e pesado com uma afiada pedra branca cintilante – este era o que deve ter arranhado ela na noite, ao lado da pista de arco e flecha; e um de ouro simples como o primeiro, mas todo gravado ao redor com um padrão que ela reconheceu, das marcas nos braços dele. Era este anel que fez ela se perguntar se os anéis tinham significado.

“Sim,”ele disse. “Cada anel usado por um Lienid significa algo. Este da gravação é o anel do sétimo filho do rei. É o anel do meu castelo e meu principado. Minha herança.”

“Seus irmãos possuem um anel diferente, e marcas em seus braços que são diferentes das suas?”

“Sim.”

Ela apontou o anel grande, e pesado com a pedra branca entalhada. Este é um anel de um rei.

“Sim, este anel é para meu pai. E este,” ele disse, apontando o pequeno com uma linha cinza correndo no meio, “para minha mãe. Este simples é para meu avô.”

Ele nunca foi rei?

“Seu irmão mais velho era rei. Quando seu irmão morreu, ele teria sido o rei, se ele desejasse. Mas seu filho, meu pai, era jovem, forte e ambicioso. Meu avô era velho e doente e contentou em passar o reinado para seu filho.”

E a mãe de seu pai, e o pai e a mãe de sua mãe?⁶ Você usa anéis para eles?

“Não. Eles estão mortos. Eu nunca os conheci.”

Ela pegou a mão direita dele. E este? Você não tem dedos suficientes para os anéis nesta mão.

“Estes são para meus irmãos,” ele disse. “Um para cada. O mais largo para o mais velho e o mais fino para o mais novo.”

“Você quer dizer que todos os seus irmãos usam um anel mais fino, por você?”

“Isso mesmo, e minha mãe e meu avô, também, e meu pai.”

“Por que os seus seriam os menores, só por que você é o mais novo?”

“Este é o modo que é Katsa. Mas o anel que eles usam por mim é diferente dos outros.

Tem uma pequenina pedra embutida de ouro, e uma de prata.”

“Por seus olhos.”

“Sim.”

“É um anel especial por sua Graça?”

“Os Lienid honram o Agraciado.”

Bem, e isso era uma idéia nova. Ela não sabia que alguém honrasse o Agraciado.

“Você não usa anéis para as esposas de seus irmãos, ou seus filhos?”

Ele sorriu.

“Felizmente, não. Mas eu usaria um para minha esposa, e se eu tivesse filhos, eu usaria um anel para cada. Minha mãe tem quatro irmãos, quatro irmãs, sete filhos, dois pais e um marido. Ela usa dezenove anéis.”

“Isso é um absurdo. Como ela pode usar seus dedos?”

Ele deu de ombros.

“Eu não tenho nenhuma dificuldade em usar os meus.”

Ele levantou mãos dela para sua boca e então beijou suas juntas.

“Você não vai me apanhar usando esse tanto de anéis.”

Ele riu, virou suas mãos para cima, e beijou as palmas e seus pulsos.

“Eu não vou pegar você fazendo nada que você não queira fazer.”

E aqui estava o que estava se tornando seu aspecto favorito da graça de Po: ele sabia sem ela dizer a ele, as coisas que ela queria fazer. Ele caiu de joelhos diante dela agora, com um sorriso que pareceu travesso. As mãos dele passaram em seu lado e então a puxaram para mais perto. Seus lábios roçaram seu pescoço. Ela prendeu sua respiração e desfrutou do frio de seus anéis de ouro em seu rosto, em seu corpo, em cada lugar que ele tocava.

“Você acredita que Leck retalha aqueles animais,” ela disse a ele um dia enquanto eles estavam cavalgando. “Você não acha?”

Ele olhou para ela.

“Eu notei a aversão na acusação. Mas sim, é isso que eu acredito. E eu também me pergunto sobre a doença que o homem falou.”

“Você acha que ele está matando as pessoas?”

Po deu de ombros e não respondeu.

Katsa disse. “Você acha que a rainha está se afastando dele porque ela descobriu que ele é Agraciado?”

“Eu tenho me perguntado sobre isso também.”

“Mas como ela poderia ter percebido? Ela não estaria completamente sobre o feitiço dele?”

“Eu não tenho idéia. Talvez ele foi longe demais com seus abusos e ela teve um momento de clareza.” Ele levantou um galho que atrapalhava o caminho deles, e mergulhou debaixo dele.

“Talvez sua Graça só funcione em um ponto.”

Ou talvez não era a Graça.

Talvez não fosse mais do que uma noção ridícula de que eles estavam numa desesperada tentativa de explicar as inexplicáveis circunstâncias.

Mas um rei e uma rainha tinham morrido, e ninguém foi achado em culpa. Um rei tinha seqüestrado o avô, e ninguém suspeitou dele.

Um rei com um tapa-olho.

Era uma Graça. Ou se não fosse, era algo sobrenatural.

O caminho ficou mais estreito e fechado com o mato, e eles caminharam com os cavalos mais do que cavalgaram. E agora todas

as árvores pareceram mudar de cor, as folhas laranja, amarelas, vermelho, roxo, e marrom. Só um dia ou dois à frente, antes que eles alcançassem a pousada que tomaria seus cavalos. E então a escalada nas montanhas, com seus pertences em suas costas. Estaria nevando nas montanhas. Po disse, e não haveria muitos viajantes. Eles precisariam se mover cuidadosamente e ter atenção com as tempestades.

“Mas você não está preocupada está, Katsa?”

“Não particularmente.”

“Por que você nunca se resfria, e você pode derrubar um urso com suas mãos e nos fazer uma fogueira em uma nevasca, utilizando cubos de gelo como gravetos.”

Ela não estava com senso de humor para rir dele, mas ela não pôde suprimir um sorriso.

Eles tinham acampado para a noite. Ela estava pescando, e quando ela pescava, ele sempre a provocava, pois ela não pegava peixe com uma linha, como ele teria feito. Ela pescava removendo suas botas, arregaçando as pernas de suas calças, e se arrastava dentro d'água. Ela então arrebatava qualquer peixe que vinha ao seu alcance e o jogava para Po, que se sentava na margem rindo dela, tirando as escamas e limpando o jantar deles, e fazendo companhia.

“Não existe muitas pessoas cujas mãos são mais rápidas do que um peixe,” ele disse.

Katsa agarrou um lampejo rosa prateado que brilhou em seu tornozelo, em seguida jogou o peixe para Po.

“Não há muitas pessoas que saibam que um cavalo tem uma pedra presa no casco mesmo quando o cavalo não mostra nenhum sinal disso. Eu posso ser capaz de matar meu jantar tão facilmente quanto eu mato homens, mas pelo menos eu não estou conversando com cavalos.”

“Eu não converso com cavalos. Eu só comecei, a saber, se eles queriam que nós parássemos. E uma vez que nós paramos, é geralmente fácil o suficiente descobrir o que há de errado.”

“Bem, ainda assim, me parece que você não está numa posição para se maravilhar com a esquisitice da minha Graça.”

Po se apoiou em seus cotovelos e sorriu.

“Eu não acho sua graça estranha. Mas eu acho que não é o que você pensa que é.”

Ela agarrou um vislumbre escuro na água e jogou um peixe para ele.

“O que é então?”

“Agora, eu não sei. Mas uma Graça assassina não pode ser todas as coisas que você pode fazer. O modo que você nunca se cansa. Ou sofre com o frio ou com a fome.”

“Eu me canso.”

“Outras coisas também. O jeito que você tem com o fogo em uma tempestade.”

“Eu sou só mais paciente do que as outras pessoas.”

Po acenou.

“Sim. Paciência sempre tem me impressionado como uma de suas características marcantes.”

Ele evitou o peixe que voou para a cabeça dele e se sentou de volta, rindo.

“Seus olhos são brilhantes quando você fica em pé na água, com o sol atrás de você.” Ele disse.

“Você é linda.”

“Para com isso.”

“E você é um bobo.”

“Saia daí, gata selvagem. Nós temos peixe suficiente.”

Ela foi até a margem. Encontrando com ela no canto da água, ele a puxou para a margem com musgo. Juntos eles reuniram os peixes e foram para a fogueira.

“Eu me canso.” Katsa disse. “E eu sinto frio e fome.”

“Tudo bem, se você diz que sim. Mas apenas compare a si mesma com outras pessoas.”

Comparar a si mesma com outras pessoas. Ela se sentou e secou seus pés.

“Podemos lutar hoje à noite?” ele perguntou.

Ele colocou o peixe em cima das chamas, assobiou e lavou suas mãos, e lançou sua luz para ela do outro lado da fogueira. Ela se

sentou - e pensou sobre o que ela descobriu quando ela se comparava a outras pessoas.

Ela sentia frio, às vezes. Mas ela não sofria com ele como as outras pessoas sofriam. E ela sentia fome às vezes; mas ela podia ir em frente com pouca comida, e fome não a deixava fraca.

Ela não podia se lembrar de se sentir fraca, exatamente, por alguma razão. Não podia se lembrar sequer de ter estado doente. Ela relembrou e teve certeza. Ela nunca tinha tido uma tosse.

Ela olhou para o fogo. Essas coisas, elas eram um pouco incomuns. Ela podia ver isso. E ela sabia que havia mais.

Ela lutava, cavalgava, corria e caía, mas sua pele raramente contundia ou feria. Ela nunca tinha quebrado um osso. E ela não sofria a dor do modo que outras pessoas sofriam. Mesmo quando Po a golpeava muito forte, a dor era facilmente controlável. Se ela estivesse sendo honesta, ela teria admitir que não entendia muito bem o que as outras pessoas queria dizer quando elas se queixavam de dor.

Ela não se cansava como as outras pessoas. Ela não necessitava de muito sono. Na maioria das noites ela se colocava para dormir. Só porque ela sabia que ela deveria.

“Po?”

Ele olhou por cima da fogueira.

“Você pode dizer a si mesmo para ir dormir?”

“O que você quer dizer?”

“Quero dizer, você pode se deitar e se fazer cair no sono? Sempre que você quiser, instantaneamente?”

Ele estreitou os olhos para ela.

“Não. Eu nunca ouvi tal coisa.”

“Hmm.”

Ele a estudou por um longo momento, e em seguida pareceu decidir deixar ela estar. Ela mal o notou. Nunca tinha ocorrido a ela antes, que o controle que ela tinha sobre seu sono poderia ser incomum. E não era só que ela pudesse se comandar para dormir. Ela podia se comandar para dormir em uma específica quantidade de tempo. E a qualquer hora que ela acordasse, ela sempre sabia exatamente que horas eram. A cada momento do dia, de fato, ela

sempre sabia as horas. Como ela sempre sabia exatamente onde ela estava e que direção ela estava se direcionando.

“Que caminho é o norte?” ela perguntou a Po.

Ele olhou acima de novo e considerou a luz. Ele apontou em uma direção que era vagamente ao norte, mas não exatamente. Como ela sabia disso com tanta certeza?

Ela nunca se perdeu. Ela nunca tinha problemas em fazer uma fogueira, ou um abrigo. Ela caçava tão facilmente. Sua visão e audição eram melhores do que daqueles que ela jamais conhecera. Ela se levantou abruptamente. Andou alguns passos de volta a lagoa e olhou para ela sem ver.

As necessidades físicas que limitavam as outras pessoas não a limitavam. As coisas que outras pessoas sofriam não a prejudicavam. Ela sabia instintivamente como viver e estar bem no deserto. Ela podia matar qualquer um. A menor ameaça a sua sobrevivência. Katsa se sentou no chão de repente.

Sua Graça poderia ser a sobrevivência?

No instante em que ela se perguntou isso, ela negou. Ela era apenas uma assassina, tinha sido sempre só uma assassina. Ela tinha matado um primo, à vista da corte de Randa – um homem que não teria machucado ela, não de verdade. Ela tinha o assassinado, sem pensar, sem hesitação – como ela quase assassinou seu tio. Mas ela não tinha assassinado ele. Ela descobriu um modo de evitar isso e permanecer viva.

E ela não queria que seu primo tivesse morrido. Ela tinha sido uma criança, sua Graça mal desenvolvida. Ela não teve o impulso para matar ele, ela só teve o impulso de se proteger si mesma do toque dele. Ela tinha esquecido sobre isso, em algum lugar ao longo da vida, quando as pessoas da corte tinham começado a se afastar dela e Randa começou a usar sua habilidade para seus próprios propósitos, e chamá-la de sua criança assassina.

Sua Graça não era o assassinato. Sua Graça era a sobrevivência.

Ela riu então. Pois isso era quase como dizer que sua Graça era a vida; e é claro, que era ridículo.

Ela ficou em pé de novo e deu as costas para o fogo. Po a observou se aproximar. Ele não perguntou o que ela estava

pensando, ele não se intrometeu; ele esperaria até que ela quisesse dizer a ele. Ela olhou para ele a medindo do outro lado das chamas. Ele estava claramente curioso.

“Eu estava me comparando a outras pessoas,” ela disse.

“Sei,” ele disse, cuidadosamente.

Ela descascou a pele de um dos peixes e cortou um pedaço. Ela o mastigou e pensou.

“Po.”

Ele olhou para ela.

“Se você soubesse que minha Graça não é o assassinato,” ela disse, “mas sobrevivência...”

Ela levantou suas sobrancelhas.

“Isso te surpreenderia?”

Ele franziu seus lábios. “Não. Isso faz mais sentido para mim.”

“Mas – é como dizer que minha Graça é a vida.”

“Sim.”

“Isso é absurdo.”

“É? Eu acho que não. E não é a sua própria vida,” ele disse. “Você salvou muitas vidas com sua Graça.”

Ela balançou sua cabeça. “Não tantas quantas eu feri.”

“Possivelmente. Mas você tem o resto de sua vida para inclinar a balança. Você vai viver muito.”

Katsa descascou a casca de outro peixe de suas espinhas. Ela quebrou uma porção de carne e a comeu, e pensou sobre isso sorrindo.

Capítulo Vinte e Dois



As árvores deram passagem subitamente, e as montanhas surgiram todas de uma vez; e com as montanhas, a cidade que tomara seus cavalos. Os prédios eram feitos de pedra ou de pesada madeira Suderan, mas foi o cenário da cidade que parou a respiração de Katsa. Ela tinha visto as colinas de Estill, mas ela nunca tinha visto montanhas. Ela nunca tinha visto árvores verdes prateadas que subiam direto para o céu, e rochas e neve que subiam ainda mais alto, picos impossivelmente altos que brilhavam dourado no sol.

“Isso me faz lembrar de casa.” Po disse.

“Lienid é assim?”

“Parte de Lienid. A cidade de meu pai fica próxima a montanhas como esta.”

“Bem,” Katsa disse. “Ela não me lembra nada, por eu nunca ter visto algo assim. Eu quase não posso acreditar que estou vendo isso agora.”

Não houve acampamento e caça para eles aquela noite. A refeição foi cozida para eles e servida pela rude e amigável esposa do taberneiro, que parecia despreocupada com os olhos deles e queria saber tudo o que eles viram na viagem deles e todos que eles cruzaram. Eles comeram em uma sala aquecida pela fogueira de uma grande lareira de pedra. Cozido quente, verduras quentes, pão quente, e a sala de jantar inteira para eles mesmos. Cadeiras para se sentar, e uma mesa, e pratos e colheres. Seus banhos mais tarde quentes; suas camas quentes e mais macias do que Katsa tinha se lembrado que uma cama podia ser. Isso era luxuoso, e eles

gostaram disso. Pois eles sabiam que era o último conforto que eles provavelmente experimentaríamos por algum tempo.

Eles partiram antes que o sol nascesse sobre os picos, com provisões embaladas pela esposa do taberneiro, e água quente da pousada também. Eles carregaram a maioria de seus pertences, e tudo o que eles não tinham deixado para trás com os cavalos. Um arco e uma aljava nas costas de Katsa, como ela era a melhor atiradora. Nenhuma de suas espadas, embora ambos carregassem adagas e facas. Seus sacos de dormir, poucas roupas, moedas, seus remédios, os mapas e a lista de contatos do Conselho.

O céu, quando eles subiram adiante, se tornou roxo, então laranja e rosa. O caminho da montanha sustentava os sinais de outros – fogueiras congeladas, impressões de botas na terra.

Em alguns lugares as cabanas tinham sido construídas para o uso dos viajantes, vazias de móveis, mas com rústicas e funcionais lareiras. Criadas pelo esforço combinado de Sunder, Estill, e Monsea, há muito tempo atrás, quando os reinos trabalhavam juntos pela passagem segura dos viajantes através de suas fronteiras.

“Um teto e quatro paredes podem salvar você, em uma nevasca nas montanhas.” Po disse.

“Você já esteve preso nas montanhas durante uma nevasca?”

“Uma vez, com meu irmão Silvern. Nós estávamos escalando, e uma tempestade nos surpreendeu. Nós descobrimos uma cabana de um lenhador – se não tivéssemos, nós provavelmente estaríamos mortos. Nós ficamos presos por quatro dias. Por quatro dias nós comemos nada além de pão e maçãs que nós tínhamos trazido, e a neve. Nossa mãe quase nos deu por perdidos.”

“Qual irmão é Silvern?”

“É o quinto filho de meu pai.”

“É uma pena que você não tivesse a sensação dos animais que você tem agora. Você poderia ter saído e descoberto uma toupeira, ou um esquilo.”

“E me perdido no caminho de volta para a barraca,” ele disse. “E, além disso, ou retornar para um irmão que pensaria que era terrivelmente suspeito que eu tenha conseguido caçar em uma nevasca.”

Eles escalaram a terra e grama que abriam passagem às vezes para rochas, escalaram sempre com picos da montanha subindo diante deles. Era bom estar fora da floresta, escalar, se mover rápido. A vastidão do céu vazio brilhava no sol sobre sua face e preenchia seus pulmões com ar. Ela estava contente.

“Por que você nunca confiou a seus irmãos sobre sua Graça?”

“Minha mãe me proibiu quando eu era criança, me proibiu completamente de dizer a eles.

Eu odiei manter isso deles – especialmente de Silvern, e Skye, que são mais próximos a mim na idade. Mas agora que eu conheço meus irmãos como homens, eu vejo que minha mãe estava certa.”

“Por quê? Eles não são de confiança?”

“Eles são, sobre muitas coisas. Mas eles todos são feitos de ambição, Katsa, cada um deles, constantemente disputando um com o outro para ganhar a atenção de meu pai. Como as coisas estão agora, eu não sou uma ameaça a eles – por que eu sou o mais novo e não tenho ambição. E eles me respeitam, pois eles sabem que levaria todos os seis deles juntos para me bater em uma luta. Mas se eles soubessem da verdade sobre minha Graça, eles tentariam me usar. Eles não seriam capazes de se impedir.”

“Mas você não os permitiria.”

“Não, mas em seguida eles se ressentiriam comigo, e eu não estou certo de que um deles não teria a tentação de dizer a suas esposas ou a seus conselheiros. E meu pai descobriria...

tudo isso desmoronaria.”

Eles pararam em uma corrente de água. Katsa bebeu um pouco e lavou seu rosto.

“Sua mãe teve a precaução.”

“Acima de tudo, ela temia que meu pai descobrisse. Ele não é um pai cruel. Mas é difícil ser rei. Homens trapacearão pelo poder de um rei, qualquer que eles possam. Eu teria sido muito útil para ele. Ele não teria resistido em me usar – ele simplesmente não poderia. E esta seria a maior coisa que minha mãe temia.”

“Ele nunca quis te usar como um lutador?”

“Certamente, eu ajudei ele. Não como você ajudava Randa – meu pai não é tirano como Randa é. Mas era minha mente que

minha mãe temia que ele usasse. Ela queria que minha mente fosse minha mesma, e não dele.”

Não parecia correto para Katsa que uma mãe tivesse que proteger seu filho de seu pai.

Mas ela não sabia muito sobre mães e pais. Ela não tinha tido um mãe ou um pai para proteger ela do uso de Randa. Talvez especialmente do que pais, os reis que eram o perigo.

“Seu avô concordou que ninguém deveria saber a verdade sobre sua Graça?”

“Meu avô concordou.”

“Seu pai ficaria muito zangado, se ele descobrisse a verdade agora?”

“Ele ficaria furioso, comigo, com minha mãe, e meu avô. Eles todos ficariam furiosos. E justamente por isso, uma enorme decepção nos teria afastado Katsa.”

“Vocês tiveram.”

“Apesar de tudo, isso não seria facilmente perdoado.”

Katsa se puxou para um amontoado de pedras e parou para olhar ao redor. Eles pareciam não estar perto dos topos dos picos que se elevavam diante deles. Era só por olhar de volta, para a floresta bem abaixo, que ela sabia que eles tinham escalado; e pela queda da temperatura. Ela deslocou suas sacolas e voltou para a trilha.

E então o pensamento das rainhas protegendo filhos dos reis, registrou-se mais profundamente em sua mente.

„Po. Leck tem uma filha”.

“Sim. Bitterblue. Ela tem dez anos.”

„Biterblue pode ter um papel neste estranho assunto. Se Leck estava tentando machucá-la, isso explicaria a Rainha Ashen escondendo-se com ela”.

Po parou na sua trilha e se virou para olhá-la ansiosamente.

“Se ele retalha animais por prazer, eu odeio pensar no que ele iria querer com sua própria filha.”

A pergunta perdurou no ar entre eles, misteriosa e horrível. Katsa lembrou subitamente das duas meninas mortas.

“Vamos esperar que você esteja errada,” Po disse, a mão dele em seu estômago como se ele se sentisse doente.

“Vamos nos apressar,” Katsa disse. “Só no caso de eu estar certa.”

Eles partiram quase em uma corrida. Eles seguiram o caminho acima através das montanhas que separavam eles de Monsea e qualquer que fosse a verdade que ela continha.

Eles acordaram na manhã seguinte no chão de uma cabana empoeirada, para um fogo extinto e um frio de inverno que se infiltrava através de uma fresta embaixo da porta. As estrelas evaporaram enquanto Po e Katsa escalavam, e a luz se propagava através do horizonte. O caminho ficou mais íngreme e mais rochoso. O ritmo da escalada deles afastou o frio e a rigidez que Katsa não sentia, mas que Po reclamou.

“Eu tenho estado pensando em como nós deveríamos nos aproximar da corte de Leck.” Po disse. Ele escalou de uma rocha para outra e pulou uma terceira.

“No que você estava pensando?”

“Bem, eu gostaria de ter mais certeza de nossa suspeita antes de encontrar ele.”

“Nós deveríamos encontrar uma pousada fora da corte, e ficar lá na nossa primeira noite.”

“É o que eu penso.”

“Mas nós não deveríamos perder tempo algum.”

“Não. Se nós não podemos aprender nada de útil em uma noite, então talvez nós devêssemos ir em frente e nos apresentar a corte.”

Eles escalaram, e Katsa se perguntou como seria - será que eles se posicionariam como amigos na corte e se infiltrariam gradualmente, ou será que eles entrariam em ofensiva e instigariam uma enorme luta.

Ela imaginou Leck como um homem falso, de sorriso forçado, em pé no fim de um tapete de veludo, seu único olho estreitado e astuto. Ela imaginou a si mesma atirando uma flecha no coração dele, então ele se agacharia em seus joelhos, sangrando por todo o tapete, e morrendo aos pés de seus serviçais. Ao comando de Po, ela atacaria. Teria que ser ao comando de Po, pois até que eles

soubessem a verdade da Graça dele, ela não podia confiar em seu próprio julgamento.

“Po? Essa é verdade, não é?”

Ele levou um instante para unir os pensamentos aos dela.

“Eu tenho algumas idéias sobre isso também.” Ele disse. “Uma vez que nós estivermos em Monsea, você consentiria em fazer o que eu disser, e só o que eu dizer? Só até que eu tenha uma percepção do poder de Leck? Você consentiria com isso?”

“É claro que eu aceitaria Po, neste caso.”

“E você deve esperar que eu me comporte estranhamente. Eu terei de fingir que eu sou apenas Agraciado com o combate, não mais, e que eu acredito em cada palavra que ele diz.”

“E eu treinarei meu arco e flecha, e meu lançamento de facas,” Katsa disse. “Pois eu tenho a sensação que quando tudo for inquirido e revelado, rei Leck se encontrará no final da minha espada.”

Po balançou sua cabeça e não sorriu.

“Eu tenho um pressentimento que isso não vai ser tão fácil.”

No terceiro dia da travessia deles estava mais ventoso, e mais frio. As montanhas os levaram a passar entre dois picos que estavam escondidos, às vezes, atrás de ciclones de neve.

Suas botas pisaram ruidosamente através dos trechos de neve, e flocos levados para seus ombros, vindos do céu azul, se derretiam no cabelo de Katsa.

“Eu gosto do inverno nas montanhas,” ela disse, mas Po riu.

“Este não é inverno nas montanhas. Este é o outono nas montanhas, e um outono brando.

O inverno é feroz.”

“Eu acho que eu gostaria disso, também.” Ela disse, e Po riu de novo.

“Eu não ficaria nem um pouco surpreso. Você teria êxito no desafio disso.”

O clima se manteve, então aquela declaração de Katsa não poderia ser posta em prova.

Eles se moveram tão rápido quanto o terreno permitia. Para a admiração dele pela energia de Katsa. Po era forte e rápido. Ele

brincava com ela pelo ritmo que ela impunha, mas ele não reclamava, e se ele parasse algumas vezes por comida e água, Katsa ficava grata, por isso lembrar a ela de comer e beber também. E isso dava a ela uma desculpa para virar ao redor e olhar para trás deles, para as montanhas que se alongavam de leste a oeste, e o mundo inteiro que ela podia ver – por ela estar tão no alto com o sentimento de poder ver o mundo todo.

E então de repente, eles alcançaram o topo de uma passagem. Diante deles as montanhas mergulhavam em uma floresta de pinheiros. Vales verdes se esticavam além, interrompidas por riachos, e fazendas e minúsculos pontos que Katsa achou que eram vacas. Em uma linha, um rio, que estreitava a distância e guiava a uma cidade branca em miniatura no canto da visão deles. A cidade de Leck.

“Eu mal posso ver ela,” Po disse, “mas eu confio em sua visão.”

“Eu vejo prédios,” Katsa disse, “e uma parede escura ao redor de um castelo branco. E

olha, vejo fazendas no vale. Com certeza você pode distingui-las. E as vacas, você pode ver as vacas?”

“Sim, eu posso vê-las, agora que você mencionou isso. É maravilhoso, Katsa. Você já viu uma vista tão maravilhosa?”

Ela riu da felicidade dele. Por um momento, eles olharam abaixo Monsea, o mundo era bonito e sem preocupações.

A descida da colina progredia ainda mais traiçoeira do que a subida. Po queixou-se que os dedos de seus pés estavam prestes a explodirem na ponta de suas botas. E então Katsa percebeu que ele parou de reclamar completamente e se afundou em uma preocupação.

“Po. Nós estamos nos movendo rápido.”

“Sim.” Ele fez sombra em seus olhos com as mãos e espiou os campos de Monsea. “Eu só espero que seja rápido o suficiente.”

Eles acamparam aquela noite ao lado de um córrego que corria misturado com a neve. Ela se sentou em uma pedra e observou os olhos dele que brilhavam com a preocupação. Ele olhou de volta para ela e sorriu subitamente.

“Você gostaria de algo doce para beber com este coelho?”

“É claro,” ela disse, “mas faz pouca diferença o que eu quero, se tudo o que temos é coelho.”

Ele ficou de pé e se virou para os arbustos.

„Onde você está indo?”

Ele não respondeu. As botas dele rangeram na rocha enquanto ele desaparecia na escuridão. Ela ficou de pé.

“Po!”

“Não preocupe seu coração, Katsa.” A voz dele veio à distância.

“Eu só estou procurando o que você quer.”

“Se você pensa que eu vou ficar sentada aqui –”

“Sente-se. Você vai arruinar a minha surpresa.”

Ela se sentou, mas deixou ele saber o que ela achava dele e de sua surpresa, rastejando ao redor do escuro e quebrando seus tornozelos nas rochas, mais provavelmente, então ela teria que carregá-lo pelo resto do caminho abaixo pela montanha. Poucos minutos se passaram, e ela o ouviu voltando. Ele caminhou para a luz e veio até ela, sua mão em concha na frente dele.

Quando ele se ajoelhou diante dela, ela viu uma pequena quantidade de amoras⁷ em suas palmas. Ela olhou para as sombras do rosto dele.

“Amoras?” Ela perguntou.

“Amoras.”

Ela tomou uma das mãos dele e a mordeu. Estalou com uma doçura fria. Ela engoliu a carne macia e olhou o rosto dele, confundida.

“Sua Graça mostrou elas a você, estas amoras.”

“Sim.”

“Po. Isso é novo, não é? Que você deva sentir uma planta com tal clareza. Não é como se estivesse se movendo ou pensando ou se deparando com você.”

Ele sentou em seus calcanhares. Ela cutucou sua cabeça.

“O mundo esta preenchendo ao meu redor,” ele disse, “pedaço por pedaço. A nebulosidade está clareando. Para ser honesto, é um pouco desorientador. Eu estou ligeiramente tonto.”

Katsa olhou para ele. Não havia nada a dizer em resposta a isso; a Graça dele o estava mostrando amoras, e ele estava ligeiramente tonto. Amanhã ele seria capaz de dizer a ela sobre um deslizamento de terra no outro lado do mundo, e ambos desmaiariam. Ela suspirou e tocou o ouro na orelha dele.

“Se você colocar seus pés no córrego, a água gelada vai acalmar os dedos de seus pés, e eu os esfregarei para aquecê-los de volta, quando você tiver terminado.”

“E se eu tiver frio em outros lugares além de meus pés? Você vai me aquecer lá, também?”

A voz dele tinha um sorriso, e ela riu na cara dele. Mas em seguida ele pegou seu queixo e a olhou dentro de seus olhos, sério.

“Katsa. Quando nós nos aproximarmos de Leck, você deve fazer o que quer eu que te diga. Você promete?”

“Eu prometo.”

“Você precisa Katsa. Você deve jurar.”

“Po. Eu prometi isso antes, e eu irei prometer isso de novo, e eu juro, também. Eu farei o que você disser.”

Ele observou seus olhos, e então ele acenou. Ele esvaziou as últimas amoras na mão dela e retirou suas botas.

“Meus dedos estão uma miséria. Eu não estou certo se é sábio soltar eles. Eles podem se revoltar e fugir para as montanhas e recusarem a voltar.”

Ela comeu outra amora.

“Espero ser superior aos seus dedos.”

No dia seguinte não haviam mais piadas vindas de Po, sobre seus dedos ou qualquer outra coisa. Ele dificilmente falava, e quanto mais distante eles se moviam no caminho que levava a cidade de Leck, mais ansioso ele parecia se tornar. Seu humor era contagioso. Katsa estava preocupada.

“Você fará o que eu disser, quando à hora chegar?” Ele perguntou a ela uma vez.

Ela abriu sua boca para dar voz a uma onda de irritação pela pergunta que ela já tinha respondido, e agora deveria responder de novo. Mas ao vê-lo andando com dificuldade pelo caminho ao lado dela, tenso e preocupado, ela perdeu a posse de sua raiva.

“Eu farei o que você disser Po.”

Capítulo Vinte e Três



“Katsa,”

A voz dele a acordou. Ela abriu seus olhos e sabia que eram cerca de três horas antes do amanhecer.

“O que é?”

“Eu não posso dormir.”

Ela se sentou.

“Muito preocupado?”

“Sim.”

“Bem, eu presumo que você não me acordaria só pela minha companhia.”

“Você não precisa dormir; e se eu vou ficar acordado nós podíamos muito bem estar caminhando.”

E ela se levantou, e enrolou seu cobertor, e a aljava e arco e as sacolas em suas costas num instante. Um caminho, inclinado abaixo, corria através das árvores. A floresta estava escura.

Po pegou o braço dela e a guiou o melhor que ele podia, tropeçando nas pedras e descansando sua mão sobre as árvores que ela não podia ver, para firmar a passagem deles.

Quando a luz corajosa e fria finalmente trouxe sombra e forma para o caminho deles, eles se moveram mais rápido, praticamente correram. Neve começou a cair, e a trilha, mais aberta e plana, brilhava um azul pálido. A pousada que venderia os cavalos a eles estava além da floresta, horas de distância a pé. Enquanto eles se apressaram, Katsa se descobriu ansiosa para descansar seus pés e seus pulmões, que os cavalos carregariam. Ela abriu o pensamento para Po.

“É preciso isso,” ele disse, “para cansar você. Correndo, no escuro, sem dormir, e sem comida, depois de dias escalando as montanhas.”

Ele não sorriu, e ele não estava brincando.

“Eu estou feliz. Seja pelo que for que nós estamos correndo, nós provavelmente vamos precisar de sua energia, e sua resistência.”

Aquilo a lembrou. Ela alcançou sua sacola nas suas costas.

“Coma,” ela disse. “Ambos devemos comer ou nós não seremos bons para nada.”

Era o meio da manhã, e a neve ainda era levada pela correnteza, quando nós nos aproximamos de um lugar onde a floresta terminava abruptamente e o campo começava. Po virou-se para ela subitamente, o alarme gritando em cada feição em seu rosto.

Ele começou a correr precipitadamente o caminho entre as árvores, em direção a beira da floresta. E então Katsa ouviu – vozes de homem se elevando, gritando, e o trovejar de cascos, se aproximando. Ela correu atrás de Po e rompeu através das árvores, vários passos atrás dele.

Uma mulher cambaleava através dos campos em direção a ele, uma mulher pequena com braços levantados, sua face uma máscara de terror. Cabelo preto e argolas de ouro em suas orelhas.

Um vestido preto, e ouro nos dedos que ela estendia para Po. E atrás dela um exército de homens a galope, liderados por um homem com trajes esvoaçantes e um tapa-olho, e um arco levantado, e uma flecha apontada que voou do arco e atingiu a mulher nas costas. A mulher teve um espasmo e tombou. Ela caiu com o rosto na neve.

Po congelou.

Ele correu para Katsa, gritando, “Atire nele! Atire nele!”, mas ela já tinha puxado o arco de suas costas e alcançado uma seta. Ela puxou a corda e mirou. E então os cavalos pararam. O homem com o tapa-olho gritou, e Katsa congelou.

“Oh, que acidente!” ele gritou.

A voz dele estava sufocada, um gemido. Tão cheio de desesperada dor que Katsa arfou, e lágrimas subiram aos seus olhos.

“Que terrível, terrível acidente!” o homem gritou. “Minha esposa! Minha amada esposa!”

Katsa olhou para o corpo encolhido da mulher, vestido preto e braços estendidos, a neve branca manchada de vermelho. Os soluços do homem se transmitiam até ela através do campo.

Foi um acidente. Um acidente terrível e trágico. Katsa baixou o arco.

“Não! Atire nele!”

Katsa ficou boquiaberta com Po, chocada por suas palavras, pela selvageria nos olhos dele.

“Mas, isso foi um acidente,” ela disse.

“Você prometeu fazer o que eu dissesse.”

“Sim, mas eu não vou atirar em um homem sofrendo, cuja esposa teve tal acidente –”

A voz dele estava zangada agora, como ela nunca tinha ouvido.

“Me dê o arco.” Ele sibilou, tão estranho e áspero, tão diferente de si mesmo. “Dê ele para mim.”

“Não! Você está fora de si!”

Ele agarrou seus cabelos então, e olhou para trás dele desesperadamente, para o homem que os observava, seu único olho firmado na direção deles, seu olhar frio, examinando. Po e o homem olharam um para o outro só por um momento. A centelha do reconhecimento agitou Katsa por dentro, mas então ela se foi. Po se tornou de volta para ela, calmo agora.

Desesperadamente, urgentemente calmo.

“Você faria algo então?” ele disse. “Algo bem menor, que não vai machucar ninguém?”

“Sim, se não for machucar ninguém.”

“Você fugiria comigo agora, de volta para a floresta? E se ele começar a falar, você cobrirá suas orelhas?”

Que pedido estranho, mas ela sentiu a mesma estranha centelha de reconhecimento; e ela concordou, sem saber por que.

“Sim.”

“Rápido, Katsa.”

No instante que eles se viraram e correram, e quando ela ouviu as vozes, ela tampou com suas mãos as suas orelhas. Mas ela podia

ainda ouvir palavras gritadas aqui e ali, e o que ela ouvia a confundiam. E então a voz de Po, gritando para ela se manter correndo; gritando para ela, ela pensou vagamente, afogando as outras vozes. Ela escutou o barulho abafado dos cascos aumentando atrás deles. O ruído se transformou em um trovão. E em seguida ela viu as setas acertando as árvores ao redor deles.

As setas fizeram-na furiosa.

„Nós podíamos matar estes homens, todos eles", ela pensou para Po. „Nós devíamos lutar".

Mas ele se manteve gritando para ela correr, e sua mão apertada no ombro dela empurrando-a para frente, e ela teve aquela sensação de novo de que tudo não estava certo, que nada daquilo era normal, e que nesta loucura, ela deveria confiar em Po.

Eles correram ao redor das árvores e subiram a encosta, se apressando em qualquer que fosse a direção que Po escolhia. As setas diminuíram enquanto eles se moviam mais fundo na floresta, pelas árvores que atrasavam os cavalos e confundiam os homens. Ainda assim eles se mantinham correndo. Eles vieram para uma parte da floresta de madeira tão densa que a neve era apanhada pelos galhos das árvores e nunca alcançavam o chão. Nossas pegadas, Katsa pensou. Elas os levariam a nós até aqui, então eles não poderão seguir nossas pegadas. Ela se agarrou a aquele pensamento, por que era a única parte dessa insensatez que ela entendia.

Finalmente, Po puxou as mãos da orelha dela. Eles correram mais, até que eles viram uma enorme e larga árvore com galhos marrons, o chão repleto de galhos mortos que tinham caído de seu tronco.

“Tem um espaço vazio, lá em cima.” Po disse. “Há uma abertura no tronco. Você pode subir? Se eu for primeiro, você pode me seguir?”

“É claro. Aqui,” ela disse, fazendo um apoio com suas mãos.

Ele colocou um pé dentro das palmas dela e pulou, e ela o levantou tão alto quando ela podia na árvore. Ela fez apoio para mãos e pés nos lugares ásperos da árvore e se arrastou atrás dele.

“Evite aquele galho,” ele falou para ela. “E este: Uma brisa o derrubaria.”

Ela usou os galhos que ele utilizava; ele subiu e ela o seguiu. Ele desapareceu, e um momento depois os braços dele se estenderam de um grande buraco acima dela. Ele a puxou para dentro da árvore, dentro do espaço vazio que ele tinha sentido do chão. Eles se sentaram no escuro, respirando com dificuldade, suas pernas entrelaçadas na caverna da árvore.

“Nós estaremos seguros aqui, por agora,” Po disse. “Desde que eles não venham atrás de nós com cachorros.”

Mas por que eles estavam se escondendo?

Agora que eles estavam imóveis, a esquisitice de tudo o que tinha acontecido começou a perfurar a mente de Katsa, como as setas dos cavaleiros que atiravam nas costas deles. Porque eles estavam se escondendo, porque eles não estavam lutando? Por que eles estavam com medo? Aquela mulher tinha tido medo, também. Aquela mulher que parecia com um Lienid.

Ashen. A esposa de Leck era uma Lienid, e seu nome era Ashen – e sim, aquilo fazia sentido, por que aquele homem golpeado pelo sofrimento tinha a chamado de sua esposa. Aquele homem com um tapa-olho e um arco em suas mãos era Leck.

Mas não foi a seta de Leck que acertou Ashen? Katsa não podia se lembrar bem; e quando ela tentou ver aquele momento de novo em sua mente, uma neblina e a neve caindo bloquearam sua visão.

Po podia se lembrar. Mas Po tinha estado tão estranho, também, dizendo para ela atirar em Leck enquanto ele sofria por sua mulher. E em seguida dizendo a ela para cobrir as orelhas.

Porque cobrir suas orelhas? Aquela coisa que ela não podia agarrar flutuou de novo em sua mente. Aproximou-se dela e desapareceu. E então ela ficou zangada, pela sua tontura, por sua estupidez. Ela não podia ver o sentido em tudo isso, por que ela era estúpida. Ela olhou para Po, que se encostava à parede da árvore e olhava a frente para o nada. A vista dele a chateou ainda mais, pois o rosto dele parecia apagado, sua boca apertada. Ele estava cansado, esgotado, mais provavelmente faminto. Ele tinha dito algo sobre cachorros, e ela conhecia os olhos dele bem o suficiente para

reconhecer as sombras de preocupação que se assentava dentro deles.

„Po. Por favor, me diga o que há de errado”.

“Katsa.” Ele suspirou seu nome. Esfregou sua cabeça e então olhou para o rosto dela.

“Você se lembra sobre nossa conversa sobre o rei Leck, Katsa? O que nós dissemos sobre ele, antes que nós o víssemos?”

Ela olhou para ele e lembrou que eles tinham dito algo; mas ela não podia se lembrar do que era.

“Sobre os olhos dele, Katsa. Algo que ele escondia.”

“Ele é...” Isso veio para ela de repente. “Ele é Agraciado.”

“Sim. Você se lembra qual é a Graça dele?”

E então começou a escoar de volta para ela, pedaço por pedaço, de alguma parte de sua mente que ela não tinha sido capaz de alcançar antes. Ela viu de novo claramente. Ashen, aterrorizada, fugindo de seu marido e de seu exército; Leck gritando para Ashen atrás; Leck gritando e fingindo angústia, suas palavras enevoando a mente de Katsa, transformando o assassinato aos seus olhos como sendo um trágico acidente, que ela não podia lembrar. Po gritando para ela atirar em Leck; e ela recusando. Ela não pode olhar ele no rosto, pela vergonha inundando ela.

“Não é culpa sua,” ele disse.

“Eu jurei fazer o que você dissesse. Eu jurei isto, Po.”

“Katsa. Ninguém seria capaz de manter esta promessa. Se eu sequer soubesse quão poderoso Leck era, seu eu tivesse tido a mínima idéia – eu nunca teria trazido você aqui.”

“Você não me trouxe aqui. Nós viemos juntos.”

“Bem, e agora ambos estamos em perigo.” Ele se enrijeceu. “Espere,” ele sussurrou.

Ele parecia estar escutando algo, mas Katsa não podia ouvir nada.

“Eles estão procurando na floresta,” ele disse depois de um minuto. “Aquele foi embora. Eu não acho que eles têm cachorros.”

“Mas por que nós estamos nos escondendo deles?”

“Katsa –”

“O que você quer dizer com nós estarmos em um grande perigo? Por que nós não lutamos com esses assassinos, por que...” ela abaixou seu rosto em suas mãos. “Eu estou tão confusa. Eu sou desesperadamente estúpida.”

“Você não é estúpida. É a Graça de Leck que afasta seu próprio pensamento, e é minha Graça que vê muito mais do que uma pessoa deveria. Você está confusa por que Leck confundiu você deliberadamente com suas palavras, e por que eu não te disse ainda o que eu sei.”

“Então me conte. Me diga o que você sabe.”

“Bem, Ashen está morta – o que, eu não tenho que te dizer. Ela está morta por que tentou escapar de Leck com Bitterblue. Aqui nós vimos à punição dela por proteger a criança.”

Ela ouviu sua amargura e se lembrou que Ashen não era uma estranha para ele, que ele tinha tido um membro de sua família assassinado hoje.

“Eu acredito que você estava certa sobre Bitterblue,” ele disse. “Eu tenho quase certeza do que Ashen queria, quando ela correu na minha direção.”

“O que ela queria?”

“Ela queria que eu encontrasse Bitterblue, e protegesse-a. Eu... eu não sei o que Leck quer com ela, exatamente. Mas eu acho que Bitterblue está na floresta, se escondendo, como nós.”

“Nós devemos encontrar ela antes que eles o façam.”

“Sim, mas há mais que você precisa saber Katsa. Nós estamos em particular perigo, você e eu. Leck nos viu, ele nos reconheceu. Leck nos viu...”

Ele se interrompeu, mas aquilo não importava. Ela entendeu, de repente, o que Leck tinha visto. Ele tinha os visto fugindo quando eles não deveriam ter tido a menor idéia do perigo. Ele tinha visto ela colocar suas mãos sobre suas orelhas quando eles não deveriam saber o poder das palavras dele.

“Ele não – ele não sabe o quanto da verdade eu sei,” Po disse. “Mas sabe que a Graça dele não funciona em mim. Eu sou uma ameaça para ele e ele me quer morto. E você, ele quer viva.”

Os olhos de Katsa saltaram para o rosto dele. “Mas eles estavam atirando em nós –”

“Eu ouvi o comando, Katsa. As flechas eram para mim.”

“Nós deveríamos ter lutado,” Katsa disse. “Nós poderíamos ter tomado aqueles soldados.

Nós devemos encontrá-lo agora e matá-lo.

“Não, Katsa. Você sabe que não pode estar na presença dele.”

“Eu posso cobrir meus ouvidos de algum modo.”

“Você não pode bloquear todo o som, e ele apenas falará mais alto. Ele gritará e você o escutará – sua audição é muito boa – e as palavras dele não são menos perigosas se elas são abafadas. Mesmo as palavras dos soldados dele são perigosas. Katsa, você irá terminar confusa novamente e nós teremos que fugir – ”

“Eu não irei deixar ele fazer isso comigo de novo, Po –”

“Katsa.”

Havia um cansaço na voz dele, e ela não queria ouvir o que ele estava indo dizer.

“Só levou para ele umas poucas palavras,” ele disse, “e ele tinha você. Umhas poucas palavras apagaram tudo o que você tinha visto. Ele quer você, Katsa, ele quer sua Graça. E eu não posso te proteger.”

Ela odiava a verdade das palavras dele, pois ele estava certo. Leck podia fazer o que ele quisesse com ela. Ele podia fazer dela um monstro, se esse fosse o desejo dele.

“Onde ele está agora?”

“Eu não sei; não nas proximidades. Mas ele está provavelmente na floresta, procurando por nós ou por Bitterblue.”

“Será difícil evitar ele?”

“Eu acho que não. Minha Graça irá me dizer se ele estiver próximo, e nós podemos fugir e nos esconder.”

Uma sensação doentia interrompeu sua respiração. E se ele tentasse virar ela contra Po?

Ela pegou sua adaga de seu cinto e a estendeu para ele. Ele olhou de volta para ela com olhos calmos, compreendendo.

“Não chegará a isso,” ele disse.

“Bom,” ela disse. “Pegue-a de qualquer jeito.”

Ele apertou sua boca, mais não discutiu. Ele pegou a adaga e deslizou ela em seu próprio cinto. Ela puxou a faca de sua bota e passou para ele. Ela estendeu a ele o arco e o ajudou a prender a aljava nas costas dele.

“Não há muito que possamos fazer quanto as minhas mãos e pés,” ela disse, “mas pelo menos eu estou desarmada. Você teria uma chance contra mim, Po, se você tivesse uma espada em cada mão e eu não tivesse nenhuma.”

“Não vai chegar a isso.”

Não, provavelmente não chegaria. Mas se chegasse, não havia mal nenhum em estar preparado. Ela observou o rosto dele, seus olhos, que mal brilhavam. Seus olhos cansados, seus queridos olhos. Ele seria mais capaz de defender a si mesmo se as mãos dela estivessem amarradas. Ela se perguntou, eles deveriam amarrar suas mãos?

“E agora você cruzou o limite do absurdo,” ele disse.

Ela sorriu.

“Nós podíamos tentar isso, pelo menos, em nossas lutas.”

Um sorriso torceu no canto da boca dele.

“Eu podia concordar com isso, algum dia, quando tudo isso ficar para trás.”

“Agora,” ela disse, “vamos achar sua prima.”

Capítulo Vinte e Quatro



Não foi fácil para ela caminhar tão impotente através da floresta, Po decidindo para onde ir e sabendo quando e onde se esconder, congelando em seus passos à sensação de coisas que ela não podia ver ou sentir. A Graça dele era inestimável, ela sabia disso. Mas Katsa nunca tinha se sentindo tanto como uma criança.

“Ela ficou esperançosa quando me viu,” Po disse, falando rapidamente enquanto eles se apressavam através das árvores. “Ashen. À minha visão, o coração dela se encheu de esperança, por Bitterblue.”

Esta esperança era o que direcionava os passos deles agora. Ashen esperou tão fortemente que Po encontrasse Bitterblue que ela o deixou sentir um lugar que ela acreditava que Bitterblue estivesse, um lugar particular que ambas, ela e a criança, conheciam de cavalgadas que tiveram juntas. Era ao sul da montanha – além da estrada, em um espaço com um riacho.

“Eu sei um pouco como ele parece,” Po disse. “Mas eu não sei exatamente onde é, e eu não sei se ela teria permanecido lá, uma vez que ela percebesse que um exército inteiro esta procurando por ela.”

“Pelo menos nós sabemos onde começar,” Katsa disse. “Ela não pode ter ido tão longe.”

Eles correram através da floresta. A neve tinha parado, e a água gotejava das agulhas dos pinheiros⁸ e corriam através das correntes. Eles passaram por trechos de lama pisada com os pés dos soldados que procuravam eles.

“Se ela deixou pegadas grandes como essas, eles irão encontrar ela agora,” Katsa disse.

“Vamos esperar que ela tenha herdado alguma astúcia de seu pai.”

Mais de uma vez um soldado veio desconfortavelmente para perto, e Po alterava o caminho deles com o fim de ladeá-lo. Uma vez quando eles evitaram um soldado, eles quase correram para outro. Eles subiram em uma árvore, e Po preparou uma seta, mas o rapaz nunca tirou seus olhos do chão.

“Princesa Bitterblue,” o homem chamou. “Venha, princesa. Seu pai está muito preocupado com você.”

O soldado se afastou, mas foram alguns minutos depois que Katsa foi capaz de descer.

Ela tinha escutado as palavras dos homens, mesmo com suas mãos em seus ouvidos. Ela lutou contra elas, mas ainda elas enevoavam sua mente. Ela sentou na árvore, estremeando, enquanto Po agarrava seu queixo, olhando dentro dos olhos dela, e falava com ela através de sua confusão.

“Tudo bem,” ela disse finalmente. “Minha mente está clara.”

Eles desceram da árvore. Moveram-se rapidamente e deixaram traços o menos possível na própria passagem deles.

Próximo a entrada da floresta, as coisas se tornaram complicadas. Os soldados estavam em toda parte, reunidos em grupos, se movendo em cada direção. Ela e Po correram em rompantes curtos, quando Po decidia que era seguro, e eles se escondiam.

Uma vez, Po agarrou seu braço e a jogou para trás, e eles correram de volta pelo caminho que eles tinham vindo. Eles encontraram uma grande rocha coberta com musgo, e se agacharam atrás dela, as mãos de Po tampando os ouvidos dela, e seus olhos brilhando com uma concentração feroz. Entalada entre a rocha e Po, o coração dele batendo rápido contra seu corpo, ela sabia que desta vez eles estavam se escondendo de mais do que meros soldados. Eles esperaram, e pareceu interminável. Então Po tomou seu pulso e acenou para ela o seguir. Eles se arrastaram por uma rota diferente, uma que alargou a distância entre eles e o rei Monsean.

Quando eles estavam próximos da entrada da floresta tanto quanto Po considerava seguro, eles viraram para o sul, como eles esperavam que Bitterblue tivesse feito. Quando um riacho borbulhante cruzou o caminho deles, Po parou. Ele se agachou e agarrou sua cabeça.

Katsa parou ao lado dele e observou e escutou, esperando que ele sentisse alguma coisa vinda da floresta ou vinda da memória da esperança de Ashen.

"Não há nada," ele finalmente disse. "Eu não posso dizer se este é o riacho certo."

Katsa se agachou ao lado dele.

"Se os soldados não a descobriram ainda," ela disse, "então ela não deve ter deixado nenhum traço óbvio, mesmo em toda esta neve e lama. Ela deve ter tido a presença de espírito de andar dentro do riacho, Po. Cada riacho nesta floresta escorre da montanha para o vale. Ela teria sabido ir para o oeste, longe dos vales. Existe algum problema em seguirmos este riacho para o oeste? Se nós não depararmos com ela, nós podemos continuar ao sul e procurar o próximo riacho."

"Isso parece um pouco desesperado," Po disse, mas ele se levantou, se virou para ela, e seguiu o curso a oeste.

Quando Katsa descobriu um tufo de cabelos longos e escuros presos em um galho que bateu contra seu estômago, ela chamou o nome de Po em sua mente. Ela segurou o tufo de cabelos para ele ver. Ela o enfiou em sua manga e se alegrou com a leve, mas esperançosa expressão no rosto dele.

A corrente de água fez uma curva acentuada e entrou em um pequeno buraco de grama e samambaias, Po parou e levantou sua mão. "Eu reconheço este lugar. É este."

"Ela está aqui?"

Ela se calou por um momento.

"Não. Mas vamos ir adiante com a correnteza. Rápido. Temo que possa haver soldados na nossa cola."

Só minutos depois que ele se virou para ela, alívio nas linhas de seu rosto cansado.

"Eu a sinto agora." Ele se afastou do rio e Katsa o seguiu.

Ele teceu seu caminho através das árvores, até que ele foi a um tronco caído estendido no chão da floresta. Ele mediu o tronco com os olhos. Ele foi até uma das pontas, se agachou, e olhou dentro.

"Bitterblue," ele disse dentro do tronco. "Eu sou o seu primo Po, o filho de Ror. Nós viemos proteger você."

Não houve resposta. Po falou calma e gentilmente.

"Nós não vamos machucar você, prima. Nós estamos aqui para te ajudar. Você está com fome? Nós temos comida."

Ainda assim não houve resposta vinda da árvore caída. Po se levantou e se virou para Katsa. Ele falou em voz baixa.

"Ela está com medo de mim. Você deve tentar."

Katsa concordou.

"Você acha que ela estará com menos medo de mim?"

"Ela está com medo de mim por que eu sou um homem. Cuidado. Ela tem uma faca, e ela pretende usá-la."

"Bom para ela."

Katsa se ajoelhou diante do final do buraco do tronco e olhou dentro. Ela só podia distinguir a garota, encolhida, sua respiração curta, em pânico. Suas mãos apertando uma faca.

"Princesa Bitterblue," ela disse. "eu sou lady Katsa, de Middluns. Eu vim com Po para te ajudar. Você tem que confiar em nós, Bitterblue. Ambos somos lutadores Agraciados. Nós podemos manter você segura."

"Diga a ela que nós sabemos sobre a Graça de Leck," Po sussurrou.

"Nós sabemos que seu pai está atrás de você," Katsa disse para a escuridão. "Nós sabemos que ele é Agraciado. Nós podemos manter você segura, Bitterblue."

Katsa esperou por algum sinal vindo da garota, mas não houve nada. Ela olhou acima para Po e encolheu os ombros.

"Você acha que nós poderíamos cortar a árvore?" ela perguntou. Mas em seguida de dentro do tronco veio uma pequena voz trêmula.

"Onde está minha mãe?"

Os olhos de Katsa voltaram para os de Po. Eles procuraram nos rostos um do outro, incertos; e então Po suspirou, e acenou. Katsa se virou de volta ao tronco.

“Sua mãe está morta, Bitterblue.”

Ela esperou por soluços, gritos. Mas ao invés disso houve uma pausa, e então a voz veio de novo. Mais pequena agora.

“O rei a matou?”

“Sim,” Katsa disse.

Houve outro silêncio dentro da árvore. Katsa esperou.

“Os soldados estão vindo,” Po murmurou para ela. “Eles estão a minutos de distância.”

Ela não queria lutar com estes soldados que carregavam o veneno de Leck em suas bocas; e eles poderiam não ter, se eles apenas pudessem carregar esta criança para fora.

“Eu posso ver esta faca, princesa Bitterblue.” Ela disse. “Você sabe como usá-la? Mesmo uma menina pequena pode fazer bastante dano com uma faca. Eu poderia te ensinar.”

Po se ajoelhou e tocou seu ombro.

“Obrigado, Katsa.”

Ele respirou, e então ele estava de pé de novo, dando alguns passos para dentro das árvores, olhando ao redor e escutando por qualquer coisa que sua Graça pudesse dizer a ele. Ela entendeu o porquê ele agradeceu a ela, pela criança que estava rastejando seu caminho para fora da árvore. Seu rosto apareceu vindo da escuridão, e então suas mãos e ombros. Seus olhos cinza e seu cabelo escuro, como o de sua mãe. Seus olhos arregalados, seu rosto molhado com lágrimas, e seus dentes batendo. Seus dedos agarravam fortemente ao redor da faca que era mais longa do que seu antebraço.

Ela escorregou para fora do tronco da árvore e Katsa a agarrou e sentiu suas bochechas e testa. A criança estava tremendo de frio. Suas saias estavam molhadas e grudadas em suas pernas; suas botas estavam ensopadas. Ela não usava nem um casaco ou cachecol, ou luvas.

“Grandes colinas, você está congelando,” Katsa disse.

Ela puxou seu próprio casaco e empurrou-o sobre a cabeça da criança. Ela tentou puxar os braços de Bitterblue através das mangas, mas a garota não largou seu aperto sobre a faca.

“Solte isso por um minuto, criança. Só um segundo. Apresse-se, há soldados vindo.” Ela afastou a faca dos dedos da garota e se apressou colocando o casaco no lugar. Ela estendeu a faca de volta. “Você pode andar, Bitterblue?”

A garota não respondeu, mas oscilou seus olhos desfocados.

“Nós podemos carregar ela,” Po disse, de repente ao lado de Katsa. “Nós devemos ir.”

“Espere,” Katsa disse. “Ela está muito fria.”

“Agora. Neste instante, Katsa.”

“Dê-me seu casaco.”

Po arrancou suas sacolas, sua aljava e arco. Ele puxou seu casaco e jogou ele para Katsa.

Ela enfiou o casaco sobre a cabeça de Bitterblue, lutou com os dedos ao redor da faca de novo.

Ela puxou o capuz sobre as orelhas da garota e rapidamente o apertou. Bitterblue parecia um saco de batata, um pequeno, saco de batata trêmulo com olhos vazios e uma faca. Po pôs a garota sobre seus ombros e eles reuniram suas coisas.

“Tudo bem,” Katsa disse. “Vamos lá.”

Eles correram, pisando sobre as folhas dos pinheiros e nas rochas sempre que eles podiam, deixando o menor sinal da passagem deles quanto possível. Mas o chão estava muito molhado, e os soldados eram mais rápidos em suas montarias. A trilha deles era também fácil de seguir, e a distância deles Katsa ouviu galhos quebrando e o barulho dos cascos dos cavalos.

Po? Quantos deles?

“Quinze”, ele disse, “pelo menos.”

Ela respirou através de seu pânico. „E se as palavras deles me confundirem?”

A voz dele foi baixa. “Eu gostaria de poder lutar com eles sozinho, Katsa, e fora do alcance de sua audição. Mas significaria estarmos separados, e agora mesmo há soldados por todos os nossos lados. Eu não arriscarei você ser descoberta quando eu não estiver lá.”

Katsa bufou. „Nem eu vou permitir que você lute com quinze homens, sozinho”.

“Devemos matar quantos deles for possível.” Po disse, “antes que eles se aproximem o suficiente para conversar. E esperemos que uma vez que eles estiverem sob ataque, eles não sejam muito tagarelas. Vamos encontrar um lugar para esconder a garota. Se eles não a verem, eles serão menos prováveis de falar com ela.”

Eles enfiaram a garota atrás de rochas e ervas daninha dentro de um nicho na base de uma árvore.

“Não faça nenhum som, princesa.” Katsa disse. “E me empreste sua faca. Eu vou matar um dos homens de seu pai com ela.” Ela tomou a faca dos dedos confusos da menina.

Po, Katsa pensou, sua mente voando. „Dê-me as facas e as adagas. Eu irei matar ao primeiro sinal”.

Po puxou duas adagas de seu cinto e uma faca de cada bota e as atirou para ela, uma por uma. Ela recolheu as lâminas juntas, ele preparou o arco e armou uma flecha. Eles se agacharam atrás de uma pedra e esperaram, mas não foi uma espera longa. Os homens vieram através das árvores, se movendo rapidamente em seus cavalos, os olhos deles deslizando no chão por rastros. Katsa contou dezessete homens. Eu vou primeiro, ela pensou sombriamente para Po.

Você vai depois. E com aquilo ela se levantou e lançou uma faca após outra. As facas e as adagas de Katsa foram enterradas no peito de cinco homens, e Po tinha matado dois, antes que os soldados compreendessem a emboscada.

Os corpos dos mortos caíram de seus cavalos para o chão, e os corpos dos vivos pulavam acima deles, puxando espadas de suas bainhas, berrando, gritando inteligivelmente, um ou dois atentos atirando setas. Katsa correu em direção aos homens; Po continuou atirando. O primeiro veio a ela com olhos selvagens e uma boca gritando, balançando sua espada tão erraticamente que não foi problema para Katsa se esquivar de sua lâmina, chutar outro homem correndo na cabeça, puxar primeiro a adaga de um homem de seu cinto e apunhalar ambos no pescoço.

Ela manteve a adaga, agarrou uma espada, e saiu girando. Ela acertou outra espada de um homem de suas mãos e correu ela através do estômago dele. Ela girou sobre dois homens que vieram

por trás e os matou com sua adaga enquanto ela lutava com um terceiro com sua espada. Ela arremessou a adaga no peito de um soldado sobre um cavalo que apontou uma flecha para Po.

E de repente um homem foi deixado, sua respiração irregular e os olhos arregalados de medo. Aquele homem retrocedeu e começou a correr. Em um flash Katsa puxou a faca do peito de outro homem e correu atrás dele; mas então ela ouviu o deslizar da liberação de uma seta, e o homem gritou e caiu, e ficou imóvel.

Katsa olhou para sua túnica e calças manchadas de sangue. Ela enxugou seu rosto, e sangue veio em sua manga. Todos em torno dela assassinados, homens que não sabiam nada mais, cujas mentes não eram mais fracas do que a dela. Katsa ficou doente e desanimada, e furiosa com um rei que tinha feito este banho de sangue necessário.

“Vamos nos certificar que eles estão mortos,” ela disse, “e colocá-los sobre os cavalos.

Nós devemos enviá-los de volta, para por Leck fora do nosso caminho.”

Eles estavam mortos, cada um deles. Katsa puxou as setas e espadas de peitos e costas e tentou não olhar em seus rostos. Ela limpou as facas e adagas e as deu de volta a Po. Ela carregou a faca de Bitterblue de volta para ela e encontrou a garota de pé, braços cruzados contra o frio, os olhos alertas agora, lúcida. Katsa olhou abaixo para suas roupas ensanguentadas. Ela se descobriu esperando que a criança não tivesse testemunhado o massacre dos homens.

“Eu me sinto mais quente,” Bitterblue disse.

“Ótimo. Quanto da luta você viu?”

“Eles não tiveram muita chance, não é?” Foi sua única resposta. “Onde nós estamos indo agora?”

“Eu não tenho certeza. Nós precisamos encontrar um lugar seguro para nos esconder, onde nós possamos comer e dormir. Nós precisaremos falar sobre o que vai ser em seguida.”

“Vocês terão que matar o rei,” ela disse, “Se vocês querem que ele pare de nos perseguir.”

Katsa olhou para esta criança, que mal chegava ao seu peito.

As mangas de Po indo quase aos joelhos da garota; seus olhos e seu nariz grandes por debaixo do capuz muito grande para seu rosto pequeno.

Sua voz um guincho.

Mas a calma em sua maneira de falar, a certeza quando ela recomendou o assassinato de seu pai.

Capítulo Vinte e Cinco



Eles mantiveram dois cavalos para si mesmos.

Bitterblue cavalgou com Katsa.

Eles cortaram o caminho deles de volta ao riacho para se limparem do sangue dos soldados. Então eles viraram para o oeste. Eles andaram com os cavalos através do riacho, se movendo em direção as montanhas, até que a terra ao redor deles crescesse rochosa o suficiente para esconder as pegadas dos cascos. Lá, eles cortaram pelo sul ao longo da base das montanhas e começaram sua busca por um lugar adequado para se esconder a noite.

Um lugar que poderiam defender; um lugar longe o suficiente de Leck por segurança, mas não tão longe que eles não pudessem alcançar Leck, para matá-lo.

Mas é claro que Bitterblue estava certa. Leck tinha que morrer. Katsa sabia disso, mas ela não gostava de pensar nisso. Pois ela era uma assassina, e o assassinato deveria ser dela; mas estava claro que Po teria de ser o único a fazê-lo. Po matar um rei guardado por um exército de soldados. Por si próprio, e sem sua ajuda.

„Você não deve se aproximar deste castelo“, ela pensou para Po enquanto eles cavalgavam. „Você nunca seria capaz de chegar perto o suficiente dele. Você é evidente demais.

Eles te emboscarão“.

Os cavalos escolheram seu caminho através das rochas. Po não reconheceu os pensamentos dela, nem mesmo olhou para ela, mas ela sabia que ele tinha ouvido.

„Faria bem você se esgueirar sobre ele na floresta enquanto está procurando pela criança, e atirar nele. Tão longe quanto possível“.

Po cavalgou adiante delas, suas costas eretas. Seus braços firmes, apesar do seu cansaço e do frio e sua falta de casaco.

„E então fugir tão rápido quanto você puder”.

Ele diminuiu então e veio para o lado delas. Ele olhou para seu rosto, e algo forte nos olhos prateado e dourado a confortaram e a tranqüilizaram. Po não era nem fraco, nem indefeso. Ele tinha sua Graça e sua força. Ele alcançou sua mão. Quando ela a deu a ele, ele a beijou. Ele cavalgou a frente, e eles prosseguiram.

Bitterblue se sentava quietamente a frente dela. Ela tinha se enrijecido quando Po se aproximou; mas se ela achou a troca de silêncio deles estranho, ela não disse nada. Eles chegaram a um lugar onde a terra descia para a esquerda e formava um profundo barranco, com um lago que brilhava bem abaixo deles. Para a direita o caminho subia para um penhasco que se projetava para o lago.

“Se cruzarmos para o outro lado daquele penhasco e nos escondermos lá,” Katsa disse, “quem vier atrás de nós ou terá que atravessar o penhasco como nós fizemos ou escalar o barranco. Eles serão facilmente vistos.”

“Eu tive o mesmo pensamento,” Po disse. “Vamos ver o que está lá.”

E então eles subiram. O caminho do penhasco inclinava-se muito preocupantemente em direção a queda, mas era um caminho largo, e os cavalos se agarraram acima da beirada. Seixos deslizaram debaixo de seus cascos e rolaram a encosta, tinindo sobre a beirada e despencando dentro do lago, mas os viajantes estavam seguros.

Do outro lado, eles encontraram um pouco mais do que rochas e arbustos e umas poucas árvores desordenadas crescendo nas fissuras. Uma caverna rasa e forte, voltada para o barranco e o caminho do penhasco, que pareceu a melhor escolha para o acampamento deles.

“Não vai dar uma cama macia,” Po disse, “mas irá esconder nossa fogueira. Você está com fome, prima?”

A garota se sentou em uma rocha, quieta, suas mãos agarradas a sua faca. Ela não se queixou de fome, ou de qualquer outra coisa. Mas agora ela observou com olhos grandes enquanto Po desembulhou a pouca comida que eles tinham, carne vinda da noite

passada, e uma pequena maçã que carregaram por todo o caminho da pousada em Sunderan a base das montanhas. Os olhos de Bitterblue observaram a comida, e ela mal parecia estar respirando. Ela estava esfomeada, qualquer um podia ver isso.

“Quando foi a última vez que comeu?” Po perguntou, enquanto ele colocava a comida diante dela.

“Algumas amoras, esta manhã.”

“E antes disso?”

“Ontem. Ontem de manhã.”

“Devagar,” Po disse, enquanto Bitterblue pegava a carne em suas mãos e rasgava um pedaço grande com seus dentes. “Devagar, ou você ficará doente.”

“Eu vou descer o barranco e encontrar para nós carne,” Katsa disse. “O sol vai se por em breve. Eu levarei uma faca, Po, se você mantiver guarda por mim.”

Po deslizou uma faca de sua bota e a atirou para ela.

“Se você ouvir o som de um pio de coruja, corra. Dois pios, corra para o sul. Três pios, corra de volta aqui para o acampamento.

Ela acenou. “Concordo.”

“Tente se apressar para o sul do lago,” ele disse. “E apanhe algumas pedras em seu caminho para baixo. Eu acho que posso ter visto algumas codornas.”

Katsa acenou, mas não disse nada. Ela lançou um olhar para a garota, que só via a comida em suas mãos. Então ela se virou, fez seu caminho em torno das rochas, e começou a forjar um caminho para dentro do barranco.

Quando Katsa voltou ao acampamento com uma corda cheia de codornas, depenadas e limpas, o sol estava se afundando atrás das montanhas. Po estava empilhando galhos perto da parte de trás da caverna. Bitterblue deitava-se nas proximidades envolvida em um cobertor.

“Notei que ela não tem dormido muito nos últimos dias,” Po disse.

“Ela vai estar bem agora que suas roupas estão secas. Nós a manteremos quente e alimentada.”

“Ela é uma coisinha calma, não é? Pequena para dez anos. Ela me ajudou a encontrar madeira, até que ela estivesse praticamente desmaiando de cansaço. Eu disse a ela para dormir até que tivéssemos mais comida. Ela está com seus dedos envolvidos ao redor da faca. E ela ainda está com medo de mim - eu tenho a sensação que ela não está acostumada a homens mostrando sua bondade.”

“Po, eu estou começando a pensar que eu não quero saber o que é tudo isso. Não posso fazer nenhum sentido. Eu não posso entender o que seu avô tem haver nisso tudo.”

Po balançou sua cabeça e olhou para a garota, que estava encolhida no chão em seus cobertores e casacos.

“Eu não tenho certeza do quanto disso tem haver com sanidade ou lógica. Mas nós a manteremos segura, e nós mataremos Leck. E eventualmente nós descobriremos qualquer que seja a verdade que há para saber disso.”

“Ela vai ser uma rainha terrivelmente jovem.”

“Sim, eu tenho pensado sobre isso, também. Mas não há como impedir isso.”

Eles se sentaram quietamente e esperaram pela escuridão que esconderia a fumaça da fogueira deles. Po puxou outra camisa sobre uma que ele já usava. Ela observou seu rosto, suas feições familiares, seus olhos, que capturavam a luz rosa do fim do dia. Ela mordeu seu lábio contra a preocupação que ela sabia que não seria útil para ele.

“Como você vai fazer isso?” ela perguntou.

“Mais provavelmente, como você disse. Nós falaremos sobre isso quando Bitterblue acordar. Eu espero que ela seja capaz de ajudar.”

Ajuda para tramar o assassinato do pai. Sim, ela provavelmente ajudaria, se ela pudesse.

Por tal loucura que rondava o ar neste reino enquanto eles se sentavam em seu acampamento rochoso na margem das montanhas Monsean.

A luz da fogueira, ou seu crepitar, ou o cheiro da carne chiando sobre ela, acordou Bitterblue. Ela veio se sentar com eles pelas chamas, seu cobertor ao redor de seus ombros e sua faca na mão.

“Eu irei te ensinar como usar esta faca,” Katsa disse a ela, “quando você se sentir melhor.

Como defender a si mesma, como mutilar um homem. Nós podemos usar Po como modelo.”

Os olhos da criança voaram para Katsa timidamente, e então ela olhou para seu colo.

“Maravilhoso,” Po disse. “Está realmente bastante aborrecido, o modo que você me espanca até a morte com suas mãos e pés, Katsa. Será animador ter você partindo para mim com uma faca.”

Bitterblue olhou para Katsa de novo.

“Você é a melhor lutadora?”

“Sim.” Katsa disse.

“De longe a melhor”, Po disse. “Não tem comparação.”

“Mas Po tem outras vantagens.” Katsa disse. “Ele é forte. Ele pode ver melhor no escuro.”

“Mas em uma luta,” Po disse, “sempre aposte na lady, Bitterblue. Mesmo no escuro.”

Eles se sentaram quietamente, esperando que a codorna assasse. Bitterblue estremeceu e puxou seu cobertor mais apertadamente ao redor de seus ombros.

“Eu gostaria de ter uma Graça,” ela disse, “que permitisse que eu protegesse a mim mesma.”

Katsa segurou sua respiração e se forçou a esperar pacientemente e não fazer perguntas.

Depois de um momento, Bitterblue disse. “O rei quer a mim.”

“Para que?” Katsa perguntou, por que ela não pôde se impedir.

Bitterblue não respondeu a isso. Ela apoiou seu queixo em seu peito e trouxe seus braços perto de seus lados, fazendo a si mesma pequena.

“Ele tem uma Graça,” ela disse. “Minha mãe me disse. Ela me disse que ele podia manipular a mente das pessoas com suas palavras, então elas acreditam no que quer que ele diga. Mesmo se eles escutarem isso da boca de outro alguém; mesmo se é um rumor que ele comece que se espalhe para além dele. Seu poder enfraquece quando isso se espalha, mas não desaparece.”

Ela olhou infeliz para a faca em sua mão.

“Ela me disse que ele é o tipo errado de homem para ter nascido com uma Graça como esta. Ele faz brincados das pessoas pequenas e fracas. Ele gosta de causar dor.”

Po colocou sua mão na coxa de Katsa, que era a única coisa que mantinha ela de se lançar em pé com raiva.

“Minha mãe suspeitava de tudo isso,” Bitterblue continuou, “de tempos em tempos, desde que ela primeiro o conheceu. Mas ele sempre foi capaz de confundi-la a esquecer sobre isso. Até que há uns poucos meses atrás, quando ele começou a ter um interesse particular em mim.”

Ela parou de falar e tomou alguns poucos fôlegos. Seus olhos assentados nos de Katsa, pestanejando com alguma coisa desconfortável.

“Eu não posso dizer o que ele quer de mim, exatamente. Ele sempre foi... encontrado na companhia de garotas. E ele tinha alguns estranhos hábitos com minha mãe, e eu vim a entender. Ele dilacera animais, com facas. Ele os tortura e os mantém vivos por um longo tempo, então ele os mata.” Ela limpou sua garganta. “Eu não acho que é só com animais que ele faça isso.”

Bondade pelas crianças e ajuda as criaturas, Katsa pensou, lutando para afastar as lágrimas da fúria. Sua vida inteira ela acreditou na reputação beneficente de Leck. Ele convencia suas vítimas também, que ele estava fazendo a elas um bem, mesmo quando ele as cortava com suas facas?

“Ele disse a minha mãe que ele queria começar a passar um tempo comigo a sós.”

Bitterblue disse. “Ele disse que era a hora de ele conhecer a filha dele melhor. Ele ficou tão zangado quando ela se recusou. Ele bateu nela. Ele tentou usar sua Graça em mim, tentou me pegar para me levar aos seus viveiros com ele, mas toda vez que eu via as contusões no rosto de minha mãe eu me lembrava da verdade. Elas clarearam minha mente, só um pouco – o suficiente para que eu soubesse que tinha que recusar.”

Então Po tinha estado certo. As mortes na corte de Leck começaram a fazer mais sentido para Katsa. Leck provavelmente arrumava muitas pessoas para morrer - pessoas cujo uso se tornaria

mais problema do que valia a pena, por que ele tinha machucado elas tão gravemente que elas tinham começado a compreender a verdade.

“Então ele seqüestrou vovô,” Bitterblue disse, “por que ele sabia que não havia ninguém que minha mãe amasse mais. Ele disse a minha mãe que iria torturar vovô, a menos que ela concordasse em me entregar. Ele disse a ela que ele o traria para Monsea e o mataria a nossa vista. Nós esperávamos que isso tudo fosse só suas mentiras costumeiras. Mas então nós recebemos cartas vindas de Lienid e soubemos que vovô estava realmente desaparecido.”

“Vovô não foi torturado ou morto,” Po disse. “Ele está a salvo agora.”

“Ele poderia apenas ter me levado,” Bitterblue disse, sua voz interrompida com a súbita estridência. “Ele tem um exército inteiro que nunca o desafiaria. Mas ele não o fez. Ele tem essa... paciência doentia. Não lhe interessava nos forçar. Ele queria nos ouvir dizer sim.”

Por que iria satisfazer mais ele desse modo, Katsa pensou.

“Minha mãe nos trancou dentro de nossos quartos,” Bitterblue disse. “O rei nos ignorou por um tempo. Ele tinha comida e bebida trazida para nós, e água e lençóis limpos. Mas ele falava conosco através das portas às vezes. Ele tentava persuadir minha mãe a me enviar para fora. Ele me confundia às vezes. Algumas vezes ele a confundia. Ele vinha com as razões mais convincentes pela qual eu deveria sair, e nós tínhamos que lembrar a nós mesmas da verdade. Eram muito assustador.”

Uma lágrima correu no rosto dela agora, e ela se manteve falando, rapidamente, como se ela não pudesse conter mais sua estória.

“Ele começou a enviar animais para nós, ratos todos cortados, cachorros e gatos, ainda vivos, chorando e sangrando. Foi horrível. E então um dia a garota que trazia nossa comida tinha cortes em seu rosto, três linhas em cada bochecha, sangrando livremente. E outros machucados, também, que nós não podíamos ver. Ela não estava caminhando bem. Quando nós perguntamos a ela o que aconteceu,

ela disse que não podia se lembrar. Ela era uma menina da minha idade.”

Ela parou por um momento, sufocada pelas lágrimas. Ela enxugou seu rosto em seu ombro.

“Foi quando minha mãe decidiu que nós tínhamos que escapar. Nós amarramos lençóis e cobertores juntos e os soltamos através das janelas. Eu pensei que não seria capaz de fazer isso, por medo. Mas minha mãe falou comigo, por todo o caminho abaixo.”

Ela olhou para dentro das chamas.

“Minha mãe matou um guarda, com uma faca. Nós corremos para as montanhas. Nós esperávamos que o rei achasse que nós tínhamos tomado o caminho de Port Road para o mar.

Mas na segunda manhã nós os vimos vindo atrás de nós, através dos campos. Minha mãe torceu seu tornozelo em um buraco. Ela não podia correr. Ela me enviou a frente, para me esconder na floresta.”

A menina respirou furiosamente, enxugando seu rosto de novo, apertando suas mãos em punhos. Através de alguma enorme força de vontade, ela parou de derramar suas lágrimas. Ela agarrou a faca que deitava em seu colo e falou amargamente.

“Se eu fosse treinada no arco e flecha. Ou se eu pudesse utilizar uma faca. Talvez eu pudesse ter matado meu pai quando essa coisa toda começou.”

“Segundo alguns relatos, é tarde demais,” Po disse. “Mas eu matarei ele amanhã, antes que ele faça algo mais.”

Os olhos de Bitterblue se lançaram para ele.

“Por que você? Por que não ela, se ela é a melhor lutadora?”

“A Graça de Leck não funciona em mim,” Po disse. “Ela funciona em Katsa. Nós descobrimos isso hoje, quando nós o encontramos nos campos. Devo ser eu quem vai matar ele, pois ele não pode me manipular ou me confundir como ele pode com Katsa.”

Ele ofereceu a Bitterblue uma das codornas, espetada em uma vareta. Ela a pegou e olhou para ele atentamente.

“É verdade que sua Graça perdeu alguma de sua força sobre mim,” ela disse, “quando ele machucou minha mãe. E perdeu um

pouco de sua força sobre minha mãe, quando ele me ameaçou. Mas porque ela não funciona sobre você?”

“Eu não posso dizer,” Po disse. “Ele está ferindo muitas pessoas. Deve haver muitos por quem sua Graça é fraca – mas ninguém provavelmente admitiria isto, por medo de sua vingança.”

Bitterblue estreitou seus olhos.

“Como ele te machucou?”

“Ele seqüestrou meu avô,” Po disse. “Ele assassinou minha tia diante de meus olhos. Ele ameaçou minha prima.”

Bitterblue pareceu satisfeita com isso; ou, pelo menos, ela se voltou para sua comida e a comeu esfomeadamente por alguns minutos. Ela olhava para ele ocasionalmente, para suas mãos enquanto ele supervisionava a fogueira.

“Minha mãe usava um monte de anéis, como você,” ela disse. “Você parece com minha mãe, exceto pelos seus olhos. E você soa como ela, quando fala.”

Ela tomou um fôlego profundo e encarou a comida em suas mãos.

“Ele estará acampando na floresta hoje à noite, e ele estará procurando por mim de novo amanhã. Eu não sei como vocês o encontrarão.”

“Nós descobrimos você,” Po disse, “não foi?”

Os olhos dela lampejaram nos dele e então voltaram para sua comida.

“Ele terá sua guarda pessoal com ele, todos eles são Agraciados. Eu direi a você o que você estará enfrentando.”

Era um plano simples o suficiente. Po sairia cedo, antes da primeira luz, com comida, um cavalo, um arco, uma aljava, uma adaga, e duas facas. Ele faria seu caminho de volta para a floresta e esconderia seu cavalo. Ele encontraria o rei – qual fosse o tempo que isso levasse. Ele se aproximaria não mais do que a distância de um vôo de uma seta. Ele teria o alvo, e ele teria o tiro. Ele garantiria que o rei estava morto. E então ele correria, o mais rápido que ele podia, de volta a seu cavalo e para o acampamento.

Um plano simples, e Katsa aumentava mais e mais a preocupação enquanto eles falavam, pois ambos, ela e Po, sabiam

que isso nunca terminaria tão simplesmente. O rei tinha uma guarda interna, feita de cinco espadachins agraciados. Estes homens seriam uma pequena ameaça para Po; eles sempre ficavam ao lado do rei, e Po esperava nunca estar dentro do alcance deles. Era a guarda externa que Po deveria estar preparado para encontrar. Estes eram dez homens que estariam posicionados em um amplo círculo ao redor de Leck, a alguma distância dele e de um dos outros, mas cercando o rei enquanto ele se movia através da floresta.

Eles eram todos agraciados, alguns lutadores, um par de excelentes atiradores com arco. Um agraciado com a velocidade dos pés; um enormemente forte; um que subia em árvores e pulava de galho em galho como um esquilo. Um com uma extraordinária visão e audição.

“Você vai conhecer este pela sua barba vermelha,” Bitterblue disse. “Mas se você estiver perto o suficiente para vê-lo, então ele certamente já localizou você. Uma vez que você estiver localizado eles acionarão o alarme.”

“Po,” Katsa disse. “Deixe-me ir com você até o círculo externo. Há muitos deles, e você poderia precisar de ajuda.”

“Não,” Po disse.

“Eu só lutaria com eles e então partiria.”

“Não, Katsa.”

“Você nunca...”

“Katsa.” A voz dele estava aguda. Ela cruzou seus braços e olhou para a fogueira. Ela tomou fôlego e engoliu em seco.

“Muito bem,” ela disse. “Vá dormir agora, Po, e eu mantereirei a guarda.”

Po concordou. “Me acorde em algumas horas e eu assumirei o controle.”

“Não,” ela disse. “Você precisa de seu sono se você vai fazer esta coisa. Eu mantereirei a guarda hoje à noite. Eu não estou cansada, Po,” ela disse quando ele começou a protestar. “Você sabe que eu não estou. Deixe-me fazer isso.”

E então Po se deitou para dormir, encolhido em um cobertor ao lado de Bitterblue. Katsa se sentou no escuro e analisou o plano em sua cabeça.

Se Po não retornasse ao acampamento deles acima do barranco ao pôr-do-sol, então Katsa e Bitterblue deveriam partir sem ele. Pois se ele não retornasse, poderia significar que o rei não estava morto. Se o rei não estava morto, então nada protegeria Bitterblue dele, exceto a distância.

Deixar Po para trás, nesta floresta de soldados. Era inimaginável para Katsa, e enquanto ela se sentava sobre uma rocha no frio e no escuro, ela não se permitiria pensar nisso.

Ela observou os mínimos movimentos, escutou os mínimos sons.

E recusou a pensar sobre tudo o que podia acontecer amanhã na floresta.

Capítulo Vinte e Seis



Po acordou cedo na manhã fria e reuniu suas coisas silenciosamente. Ele puxou Katsa e a abraçou contra ele.

“Eu voltarei,” ele disse; e então ele partiu.

Ela ficou de guarda, como ela tinha feito a noite toda, e observou o caminho que ele tinha tomado. Ela manteve seus pensamentos em controle.

Ela usou um anel em um fio ao redor de seu pescoço, um anel que Po tinha dado a ela antes dele subir nas costas de seu cavalo e sair através do caminho do penhasco. Ele era frio contra a pele de seu peito, e ela o tocou enquanto esperou pelo sol nascer. Era o anel com as gravuras que combinavam com as marcas nos braços dele. O anel do castelo de Po, e seu principado. Se Po não retornasse hoje, então Katsa deveria levar Bitterblue ao sul para o mar.

Elas deveriam arrumar a passagem em um navio no sentido oeste da costa Lienid. Nenhum Lienid iria detê-la ou questioná-la, se ela usasse o anel de Po. Eles saberiam que ela agiu sob as instruções dele; eles a saudariam e cuidariam dela. E Bitterblue poderia ser mantida a salvo no castelo de Po, enquanto Katsa pensava e planejava e esperava ouvir algo de Po.

Quando a luz veio e Bitterblue acordou, ela e Katsa guiaram o cavalo para o lago para beber e pastar. Elas reuniram madeira, no caso delas ficarem neste acampamento de novo naquela noite. Elas comeram amoras de um grupo de arbustos ao lado da água. Katsa pegou e limpou peixes para seu jantar. Quando elas subiram de volta para o acampamento rochoso, o sol nem mesmo chegou ao ápice.

Katsa pensou em fazer alguns exercícios, ou ensinar Bitterblue a usar sua faca. Mas ela não queria atrair atenção com o som que isso faria. Nem ela queria perder o mais leve vislumbre ou som de uma aproximação inimiga, ou de Po. Não havia nada a fazer além de sentar-se imóvel e esperar. Os músculos de Katsa gritavam com sua impaciência.

No início da tarde ela estava andando para frente e para trás através do acampamento, completamente agitada. Ela andava, punhos fechados, e Bitterblue se sentava contra as rochas no sol, faca na mão, a observando.

“Você não está cansada?” Bitterblue perguntou. “Quando foi a última vez que você dormiu?”

“Eu não preciso de muito sono como as outras pessoas,” Katsa disse.

Os olhos de Bitterblue a seguiram enquanto ela marchava para frente e para trás.

“Eu estou cansada.” Bitterblue disse.

Katsa parou e se agachou diante da garota. Ela sentiu as mãos e a testa de Bitterblue.

“Você está com frio, ou calor? Você está com fome?”

Bitterblue balançou sua cabeça.

“Eu só estou cansada.”

E é claro que ela estava cansada, seus olhos arregalados e seu rosto fechado. Qualquer pessoa nesta situação estaria cansada.

“Durma,” Katsa disse. “É seguro para você dormir, e é melhor para você manter suas forças.”

Não que a criança precisasse ter forças para fugir aquela noite, pois sem dúvida a qualquer momento, Po viria subindo o caminho do penhasco em seu cavalo.

O sol se arrastou atrás das montanhas ocidentais e tornou o acampamento rochoso delas laranja, e Po ainda não veio. A mente de Katsa estava congelada no lugar. Com certeza ele se materializaria nos próximos poucos minutos; mas só em caso de não, ela acordou Bitterblue. Ela puxou seus pertences juntos e removeu todos os traços da fogueira delas. Ela espalhou a lenha.

Ela colocou a sela no cavalo e prendeu a sacola delas na fina sela Monsean.

Então ela se sentou e olhou para o caminho do penhasco que brilhava amarelo e laranja na luz diminuta.

O sol estava se pondo, e ele não tinha vindo.

Ela não podia se impedir de pensar, então, o que empurrava seu caminho dentro de sua mente – que não seria retido mais, não importava o quão forte ela afastasse isso.

Po podia estar na floresta, ferido, o rei podia estar morto e todos podiam estar seguros, e Po podia estar em algum lugar, precisando de sua ajuda, e ela incapaz de dá-la por causa da chance do rei estar vivo. Ele podia até mesmo estar perto, só além do caminho do penhasco, mancando, tropeçando na direção delas. Precisando delas, precisando dela; e ela, em questão de minutos, montaria em seu cavalo e galoparia na direção oposta.

Elas então iriam, por que elas deviam. Mas elas recuariam só um pouco, pela possibilidade dele estar por perto. Katsa olhou rapidamente ao redor do acampamento rochoso para ter certeza de que elas não deixavam nenhum sinal da presença delas.

“Bem, princesa,” ela disse, “é melhor nós irmos indo.”

Ela evitou os olhos de Bitterblue e a levantou para a sela. Ela desamarrou as rédeas do cavalo e as estendeu para a criança. E nisso ela ouviu pedras rolando ao longo do penhasco.

Ela correu de volta para o caminho. O cavalo estava vindo ao longo do topo do penhasco, tropeçando através dele, sua cabeça baixa. Muito perto, só um pouco perto de cair. E Po deitado sobre as costas do cavalo, imóvel; e uma seta, uma seta em seu ombro. Sua camisa ensopada com sangue. E muitas setas no pescoço e na lateral do cavalo que ela não tentou contar, de repente as pedras estavam se espalhando sobre a beira do penhasco. O cavalo estava deslizando e o caminho inteiro estava deslizando debaixo dos cascos em pânico. Ela gritou o nome de Po dentro de sua mente, e correu. Ele levantou sua cabeça, e seus olhos brilharam nos dela. O cavalo relinchou e lutou fortemente para se firmar no chão, mas ela não pôde alcançá-lo a tempo. No limite o cavalo caiu, sobre o limite, e

ela gritou de novo, alto desta vez; e ele se foi abaixo, caindo através da luz amarela.

O cavalo girou no ar. Po bateu primeiro o seu rosto dentro da água e o cavalo colidiu após ele, e pedras voaram em confusão aos pés de Katsa enquanto ela se arrancava violentamente na trilha para o barranco, nada sentindo enquanto suas canelas batiam contra rochas e galhos que açoitavam através de seu rosto. Ela apenas sabia que Po estava naquela água e que ela devia pegá-lo.

Havia a mínima ondulação na superfície da água para direcionar seu mergulho. Ela jogou suas botas nos juncos e mergulhou. No choque da água gelada do lago, ela viu o lugar onde lama e bolhas subiam e onde uma grande forma marrom afundava e outra forma menor se debatia. Ele se debatia, o que significava que ele estava vivo. Ela nadou para mais perto e viu que ele lutava.

Sua bota estava presa em um estribo. O estribo afivelado na sela, e o cavalo afundando rapidamente. Seus esforços eram inúteis, e a água em torno de seu ombro e sua cabeça escorria em vermelho com seu sangue. Katsa agarrou o cinto dele e sentiu ao redor, até que ela encontrou uma faca. Ela sacudiu a lâmina e serrou o estribo. O couro partiu, e o estribo afundou com o cavalo. Katsa envolveu seu braço ao redor de Po e bateu as pernas furiosamente acima.

Eles romperam a superfície.

Ela carregou o peso morto dele para a margem, agora ele estava inconsciente; mas enquanto ela o empurrava para os juncos na beira do lago ele tornou de repente, violentamente consciente. Ele arfou, e tossiu e vomitou água do lago, vez após outra de novo. Ele não ia se afogar, então; mas isso não significava que ele não sangraria até a morte.

“O outro cavalo,” Katsa gritou para Bitterblue, que pairava ansiosamente nas proximidades. “O cavalo tem remédios,” ela gritou, e a garota deslizou e tropeçou de volta para o acampamento.

Katsa arrastou Po para um terreno seco e o colocou lá. O frio e o molhado – que poderiam também matá-lo. Ele devia parar de sangrar, e ele devia estar quente e seco. Ah, como ela desejava por Raffin naquele momento.

“Po,” ela disse. “Po, o que aconteceu?”

Sem resposta.

„Po. Po.“

Os olhos dele abriram-se, mas eles estavam vagos, desfocados. ele não a via.

Ele vomitou.

“Tudo bem. Fique imóvel. Isso vai doer,” ela disse, mas quando puxou a seta de seu ombro, ele nem mesmo pareceu notar. Seus braços maneavam pesadamente enquanto ela despiu sua camisa de suas costas, e ele vomitou de novo.

Bitterblue voltou ruidosamente na trilha com o cavalo.

“Eu preciso de sua ajuda,” Katsa disse, e por um bom tempo Bitterblue foi assistente de Katsa, arrancando as sacolas abertas para encontrar roupas que podiam ser usadas para secá-lo ou estancar seu sangue, vasculhando por medicamento que limpava os ferimentos, molhando os tecidos ensangüentados no lago.

“Você pode me ouvir, Po?” Katsa perguntou enquanto ela rasgava uma blusa para fazer uma atadura. “Você pode me ouvir? O que aconteceu com o rei?”

Ele olhou acima para ela vagamente, enquanto ela enrolava a bandagem em seu ombro.

“Po,” ela disse, mais e mais. “O rei. Você precisa me dizer se o rei está vivo.”

Mas ele estava incapaz, e desacordado – não melhor do que inconsciente. Ela retirou suas botas e suas calças e o enxugou o melhor que ela podia. Ela vestiu nele novas calças e esfregou seus braços e pernas para aquecê-lo. Ela pegou seu casaco de volta de Bitterblue, o puxou sobre sua cabeça, e puxou seus braços flexíveis através das mangas.

Ele vomitou de novo.

Foi o impacto de sua cabeça batendo na água. Isso Katsa sabia: que um homem vomitava se batesse forte o suficiente na cabeça, que o tornaria esquecido e confuso. A cabeça dele estava clara, no momento. Mas eles não tinham tempo, não se o rei estava vivo. E então ela se ajoelhou diante dele e agarrou seu queixo. Ela ignorou o estremecer dele, a dor nos olhos. Ela pensou para a mente dele.

Po. Eu preciso saber se o rei está vivo. Eu não vou parar de aborrecer você até que você me diga se o rei está vivo.

Ele olhou para ela então, esfregou seus olhos, e os semicerrou para ela fortemente.

“O rei,” ele disse dubiamente. “O rei. Minha seta. O rei está vivo.”

O coração de Katsa afundou. Agora eles deviam sumir, todos os três, com Po neste estado e só com um cavalo. No escuro e no frio, com pouca comida, e sem a Graça de Po para alertá-los de seus perseguidores.

Sua graça teria que servir.

Ela entregou a Po seu frasco.

“Beba isto,” ela disse, “tudo. Bitterblue,” ela disse, “me ajude a tirar essas coisas molhadas.

Foi uma boa coisa você ter dormido hoje, pois eu preciso que você seja forte hoje a noite.”

Po pareceu entender quando foi à hora dele montar no cavalo. Ele não contribuiu para o esforço, mas ele não lutou com isso também. Ambas, Katsa e Bitterblue, o empurravam em cima da sela com todas as suas forças, e embora ele quase se arremessasse precipitadamente sobre o animal e caia do outro lado, algum entendimento desfocado o levou a agarrar o braço de Katsa e se firmar.

“Você vai atrás dele,” Katsa disse para Bitterblue, “para que você possa vê-lo. Aperte-o se ele começar a cair, e me chame se você precisar de ajuda. O cavalo vai estar se movendo rapidamente, tão rápido quanto eu posso fugir.”

Capítulo Vinte e Sete



Na escuridão de uma montanha, ninguém pode se mover rapidamente se não tiver alguma Graça em particular para fazer isso. Eles se moveram, e Katsa não quebrou seus tornozelos andando cegamente a frente do cavalo, como outros teriam, mas eles não caminharam rapidamente. Katsa mal respirava, tão fortemente ela estava escutando atrás deles. Seus perseguidores estariam em cavalos, e haveria muitos deles, e eles carregariam tochas. Se Leck tinha enviado um grupo na direção certa, então havia muito pouco para impedi-los do sucesso de sua busca.

Katsa estava em dúvida por que mesmo em terreno plano, eles não podiam se mover muito mais rapidamente, de tão mal que Po estava. Ele agarrava-se a crina do cavalo, olhos fechados, se concentrando fortemente em não cair. Ele estremecia a cada movimento. E ele ainda estava sangrando.

“Deixe-me amarrá-lo ao cavalo,” Katsa disse para ele uma vez, quando ela parou em um córrego para encher os cantis. “Então você pode ser capaz de descansar.”

Ele levou um momento para processar as suas palavras. Ele se curvou para frente e suspirou na crina do cavalo.

“Eu não quero descansar,” ele disse, “quero ser capaz de dizer a você se eles estiverem vindo.”

Assim eles não estavam completamente sem a Graça dele; mas ele estava completamente fora de razão, para fazer tal comentário enquanto Bitterblue se sentava diretamente atrás dele, quieta, atenta, e nada perdendo do eu era dito. „Cuidado”, ela pensou para ele. „Bitterblue”.

“Eu vou amarrar ambos no cavalo,” ela disse alto, “e então cada um de vocês escolhe se quer ou não descansar.”

„Descanse”, ela pensou para ele, enquanto ela enrolou uma corda ao redor de suas pernas.

„Você não vai estar bem para nós, se sangrar até a morte”.

“Eu não vou sangrar até a morte,” ele disse alto, e Katsa evitou os olhos de Bitterblue, determinada a não falar com Po dentro de sua mente de novo, até que a razão dele tivesse voltado.

Eles continuaram ao sul lentamente. Katsa tropeçou e cambaleou em cima das rochas, e sobre as raízes de teimosas árvores montanhosas que se agarravam as rachaduras na terra.

Enquanto a noite avançava, seu cansaço aumentou e ocorreu-lhe que ela estava cansada. Ela enviou sua mente de volta a algumas noites atrás, e contou. Era sua segunda noite sem sono, e a noite anterior que eles tinham dormido só por algumas horas. Ela teria que dormir, então, alguma hora em breve, mas por agora ela não pensaria nisso. Não havia utilidade, considerando o impossível.

Várias horas depois do amanhecer, ela começou a pensar no peixe que ela tinha pegado mais cedo, o peixe descamado e limpo, e embalado e guardado com os sacos no cavalo. A uma única luz que surgisse eles seriam incapazes de arriscar até mesmo a menor das fogueiras. Eles tinham comido muito pouco naquele dia, e eles tinham muita pouca comida para o próximo. Se eles parassem agora só por uns minutos, ela podia cozinhar o peixe. Ela não teria que pensar em comida novamente, até o próximo cair da noite.

Mas mesmo isso era arriscado, pois a luz de uma fogueira poderia atrair atenção na escuridão.

Po sussurrou seu nome em seguida, e ela parou o cavalo e voltou-se para ele.

“Há uma caverna,” ele sussurrou, “a poucos passos ao sudeste.” Sua mão balançou no ar e então descansou no ombro dela. “Fique aqui ao meu lado. Eu nos levarei para lá.”

Ele dirigiu os passos dela sobre as pedras e em torno das rochas, se ela tivesse estado menos cansada, Katsa teria tomando um momento para apreciar a clareza com que a Graça dele o mostrava a paisagem. Mas agora eles estavam na entrada da caverna de Po, e

havia muito mais para consumir sua mente. Ela precisava acordar Bitterblue, desamarrá-la, e ajudá-la a descer. Ela devia pegar Po do cavalo e colocá-lo no chão. Ela devia encontrar madeira para construir uma fogueira, e então pegar o peixe para cozinhar. Ela precisava fazer o curativo no ombro de Po novamente, por que ele ainda sangrava livremente, não importava o quão apertado ela o enrolava.

“Durma enquanto o peixe assa,” ele disse, enquanto ela enrolava faixas limpas de tecido ao redor do seu braço e peito para estancar o fluir do sangue. “Katsa. Durma um pouco. Eu acordarei você, se nós precisarmos.”

“Você é quem precisa dormir,” ela disse.

Ele pegou o braço dela enquanto ela se ajoelhava diante dele.

“Katsa. Durma por um quarto de hora. Ninguém está perto. Você não terá outra chance para dormir hoje à noite.”

Ela sentou em seus calcanhares e olhou para ele. Sem camisa, sem cor, estreitando os olhos pela dor. Contusões escurecendo seu rosto. Ele largou seu braço e suspirou.

“Eu estou tonto,” ele disse. “Eu tenho certeza que pareço como a morte, Katsa, mas eu não vou sangrar até a morte e eu não vou morrer de tontura. Durma, por alguns minutos.”

Bitterblue veio à frente.

“Ele está certo,” ela disse. “Você devia dormir. Eu tomarei conta dele.”

Ela pegou o casaco dele e o ajudou a se vestir, movendo o ombro enfaixado gentil, e cuidadosamente. Com certeza, Katsa pensou, eles podiam se arrumar sem ela, por alguns minutos. Certamente eles todos estariam melhor, se ela tirasse uma soneca.

Então ela se deitou em frente ao fogo e se instruiu para dormir só por um quarto de hora.

Quando ela acordou, Po e Biterblue mal tinham se movido. Ela se sentiu melhor.

Eles comeram silenciosamente e rápido. Po inclinou-se contra a parede da caverna, olhos fechados. Ele alegou ter pouco apetite, mas Katsa não teve nenhuma misericórdia. Ela se sentou na frente dele e lhe deu pedaços de peixe até que ela ficou satisfeita que ele

tivesse comido o suficiente. Katsa sufocou o fogo com suas botas, e Bitterblue estava juntando os restos de peixe, quando ele falou.

“Foi bom você não estar lá, Katsa,” ele disse. “Por que hoje eu escutei Leck tagarelar por horas sobre seu amor por sua filha seqüestrada. Sobre como seu coração estaria partido até que ele a encontrasse.”

Katsa foi se sentar diante dele. Bitterblue se arrastou mais próxima, assim ela podia ouvir as palavras sussurradas dele.

“Eu passei através da guarda externa facilmente,” Po disse, “eu fui para dentro do campo de visão para vê-lo, finalmente, no início da tarde. Sua guarda interna o cercava tão de perto que eu não podia atirar nele. Eu esperei muito. Eu os segui. Eles nunca me escutaram; mas eles nunca se afastavam do rei.”

“Ele estava esperando por você,” Katsa disse. “Eles foram lá por você.”

Ele acenou, então estremeceu.

“Diga-nos mais tarde, Po,” Katsa disse. “Descanse por agora.”

“É uma história curta,” ele disse.

“Eu finalmente decidi que minha única opção era remover um de seus guardas. Então eu atirei em um. Mas no instante que ele caiu, é claro, o rei se protegeu. Eu atirei de novo, e minha seta passou raspando pelo pescoço de Leck, mas só um pouco. Era um trabalho destinado a você, Katsa. Você teria acertado ele no alvo. Eu não pude fazê-lo.”

“Bem,” Katsa disse. “Eu nunca teria encontrado ele em primeiro lugar. E mesmo se eu tivesse, eu nunca teria matado ele. Você sabe disso. Não era um trabalho destinado a nenhum de nós.”

“Depois disso, é claro, sua guarda interna foi atrás de mim,” Po disse, “E então sua guarda externa, e seus soldados também, uma vez que eles ouviram o alarme. Foi... foi um banho de sangue. Eu devo ter matado uns doze homens. Foi tudo o que eu pude fazer para escapar, e em seguida eu cavalguei para o norte, para despistá-los no caminho.”

Ele parou por um momento e fechou seus olhos, então os abriu de novo. Ele estreitou os olhos para Katsa.

“Leck tem um arqueiro que é tão bom quanto você, Katsa. Você viu o que ele fez com o cavalo.”

„E ele teria feito o mesmo com você”, ela pensou para ele. „Se não fosse sua recém descoberta habilidade de sentir as setas que voam em sua direção.”

Ele sorriu, só levemente. Então ele olhou para Bitterblue.

“Você começou a confiar em mim,” ele disse.

“Você tentou matar o rei,” Bitterblue disse, simplesmente.

“Tudo bem,” Katsa disse, “chega de conversa.”

Ela retornou para a fogueira, e a sufocou. Elas empurraram Po para cela de novo, e de novo ela amarrou seus fardos ao cavalo. E em sua mente, mais e mais, ela o advertiu, implorou a Po para parar de anunciar em alta voz cada menor coisa que sua Graça lhe revelava.

A luz do dia eles se moveram mais rápido, mas o movimento era difícil para Po. Ele não reclamou do balançar do cavalo. Mas a respiração dele era curta e seus olhos lançavam um tipo de selvageria, e Katsa podia reconhecer a dor tão facilmente quanto ela reconhecia o medo. Ela viu a dor no rosto dele, e no enrijecer dos músculos dos braços dele e seu pescoço todas as vezes que ela colocava os curativos em seu ombro.

“O que dói mais?” ela perguntou a ele de manhã cedo. “Seu ombro ou sua cabeça?”

“Minha cabeça.”

Uma pessoa que estava com a cabeça doendo não podia cavalgar um animal que a cada passo reverberava como um machado em seu crânio; mas andar estava fora de questão. Ele não tinha equilíbrio. Ele estava sempre tonto e nauseado. Ele sempre estava esfregando seus olhos; eles o incomodavam. Pelo menos o sangramento em seu ombro tinha diminuído para um gotejar.

E falar não parecia mais confundi-lo, ele parecia se lembrar, finalmente, de esconder a Graça de sua prima.

“Não estamos nos movendo rápido o suficiente,” ele disse várias vezes aquele dia. Katsa, também, irritava-se com o ritmo deles. Mas enquanto a cabeça dele não melhorasse, ela não iria correr com o cavalo sobre as colinas rochosas.

Bitterblue era mais ajuda do que Katsa podia ter esperado. Ela parecia considerar Po como seu dever especial. Sempre que eles paravam, ela o ajudava a sentar numa rocha. Ela trazia para ele comida e água. Se Katsa saía por um minuto para caçar um coelho, quando ela retornava Bitterblue estava limpando o ombro de Po e o envolvendo em ataduras limpas. Katsa ficou acostumada à visão de Po se inclinando sobre sua pequena prima, a mão dele descansando sobre o ombro dela.

No momento que o sol começou a se pôr, Katsa sentiu a fadiga dos últimos dias e das últimas noites sem dormir. Po e Bitterblue estavam dormindo nas costas do cavalo. Talvez se Po descansasse agora, ele seria capaz de fazer algum tipo de guarda mais tarde e dar a ela algumas horas de sono. O cavalo, também, precisava de descanso. Eles não podiam parar a noite toda, não quando eles viajavam nesse ritmo. Mas algumas horas. Uma poucas horas de descanso poderia ser possível.

Quando ele acordou de novo na pálida luz do luar, ele a chamou. Ele a ajudou a encontrar um espaço em um anel de rochas que esconderia a luz de uma fogueira.

“Nós não estamos nos movendo rápido o suficiente,” ele disse de novo, e ela deu de ombros, havia muito pouco a ser feito sobre isso. Ela acordou Bitterblue, a desenrolou, e a deslizou do cavalo. Po deslizou a si mesmo, cuidadosamente.

“Katsa,” ele disse. “Venha aqui, minha Katsa.”

Ele se estendeu para ela, e ela veio para ele. Ele envolveu seus braços ao redor dela. Seu ombro ferido e rígido, mas seu braço ileso forte e quente. Ele a abraçou apertado, e ela o segurou firmando. Ela descansou seu rosto no espaço do pescoço dele, e um grande suspiro cresceu dentro dela. Ela estava tão cansada, e ele estava tão mal. Eles não estavam se movendo rápido o suficiente. Mas pelo menos eles podiam estar nos braços um do outro, e ela podia sentir o calor dele contra seu rosto.

“Há algo que nós precisamos fazer,” ele disse, “e você não vai gostar disso.”

“O que é?” ela murmurou no pescoço dele.

“Nós –” Ele tomou fôlego e parou. “Você precisa me deixar para trás.”

“O que?” Ela se afastou dele.

Ele oscilou, mas se agarrou no cavalo para não cair. Ela olhou para ele, e então rompeu atrás de Bitterblue, que estava colhendo galhos para a fogueira. Deixe-o lidar com si. Deixe-o fazer seu próprio caminho ao acampamento se ele vai fazer tais afirmações absurdas.

Mas ele não se moveu. Ele ficou ao lado do cavalo, o braço dele agarrando as costas do animal, esperando por alguém para ajudá-lo; e lágrimas subiram aos olhos dela a vista da impotência de Po. Ela voltou para ele. „Desculpe-me, Po”, ela deu a ele seu ombro e o guiou pelo chão rochoso para o lugar onde eles fariam a fogueira deles. Ela o sentou e se agachou na frente dele. Ela sentiu o rosto dele; sua testa queimava. Ela escutou a respiração dele e ouviu a dor na sua brevidade.

“Katsa,” ele disse. “Olhe para mim. Eu não posso nem mesmo andar. A coisa mais importante agora é velocidade, e eu estou retendo você. Eu não sou mais do que um fardo.”

“Isso não é verdade. Nós precisamos de sua Graça.”

“Eu posso te dizer que eles estão a sua procura,” ele disse, “e eu posso te prometer que eles continuarão a procurar por você, enquanto você estiver em Monsea. Eu posso te dizer que eles provavelmente encontrarão nossa trilha, e eu posso dizer a você que uma vez que eles o façam, o rei estará em nossos calcanhares. Você não precisa de mim com você, para repetir isso mais e mais.”

“Eu preciso de você para manter minha mente clara.”

“Eu não posso manter sua mente firme. O único modo de você se manter centrada é fugir daqueles que podem confundir você. Fugir é a única esperança para a criança.”

Bitterblue veio então para o lado deles, com um braço cheio de gravetos e galhos.

“Obrigada, princesa,” Katsa disse a ela. “Aqui, traga o coelho que eu peguei. Eu irei fazer uma fogueira.”

Ela pensaria sobre a fogueira, e não prestaria atenção em Po.

“Se você me deixar para trás,” Po disse, “você pode cavalgar mais rápido. Mais rápido do que qualquer exército de soldados.”

Katsa o ignorou. Ela empilhou os gravetos juntos e se focou na chama aumentando entre suas mãos.

“Ele irá nos apanhar, Katsa, se nós continuarmos neste ritmo. E eu não serei capaz de defender nenhum de nós dele.”

Katsa adicionou mais gravetos ao seu fogo, e soprou as chamas, gentilmente. Ela empilhou os gravetos no topo dos galhos.

“Você tem que me deixar para trás,” Po disse. “De outra forma, você está arriscando a segurança de Bitterblue.”

Katsa se atirou de pé, seus punhos zangados e duros, de repente além de qualquer pretensão de calma.

“E eu estou arriscando a sua se eu deixá-lo para trás. Eu não vou te deixar nesta montanha, procurando sua própria comida e fazendo seu abrigo e defendendo a si mesmo quando Leck está vindo, quando você... você nem mesmo pode caminhar, Po. O que você vai fazer, rastejar para longe dos soldados? Sua cabeça vai estar melhor em breve. Você vai conseguir seu equilíbrio de volta e nós nos moveremos mais rápido.”

Ele estreitou os olhos para ela e suspirou. Ele olhou para suas mãos. Ele virou seus anéis ao redor de seus dedos.

“Eu não irei conseguir meu equilíbrio de volta por algum tempo, eu acho,” ele disse, e algo estranho na voz dele a interrompeu.

“O que você quer dizer?”

“Isso não importa, Katsa. Mesmo se eu acordasse amanhã completamente curado, você teria que me deixar para trás. Nós só temos um cavalo. A menos que você e Bitterblue cavalguem rápido, vocês serão alcançadas.”

“Eu não vou deixar você para trás.”

“Katsa. Isso não é sobre você ou eu. Isto é sobre Bitterblue.”

Ela se sentou de repente, a força anestesiando suas pernas. Pois isso era sobre Bitterblue.

Ele tinha vindo por todo este caminho por Bitterblue, e ela era a única esperança de Bitterblue.

Ela engoliu em seco. Ela ficou sem expressão, pois a criança não deveria saber o quanto a machucava elevar a segurança de

Bitterblue acima da de Po.

E então ela sabia de repente que ela iria chorar. Ela segurou sua respiração firmemente e não olhou para ele.

“Eu tinha pensado em tirar algumas horas de sono,” ela disse.

“Sim,” ele disse. “Durma um pouco, amor.”

Ela desejou que a voz dele não fosse tão suave e gentil. Ela se envolveu em um cobertor e deitou ao lado da fogueira de costas para ele. Ela se comandou a dormir. Uma lágrima escorreu sobre a base de seu nariz e abaixo em sua orelha, mas ela ordenou a si mesma de novo.

Ela dormiu.

Quando ela acordou, Bitterblue dormia no chão ao lado dela. Po se sentava na rocha a frente do fogo crepitando e olhava para as mãos dele. Katsa se sentou com ele. A carne tinha assado, e ela a comeu grata, pois se ela comesse ela não tinha que falar, e se ela falasse, ela sabia que iria chorar.

“Nós podemos pegar outro cavalo,” ela finalmente conseguiu dizer. Ela olhou para a fogueira, e tentou não olhar para as luzes que brilhavam no rosto dele.

“Aqui, na base das montanhas, Katsa?”

Tudo bem então. Não haveria outro cavalo.

“Mesmo se pudéssemos,” ele disse, “levaria tempo para que eu pudesse cavalgar rápido o suficiente. Minha cabeça não vai curar enquanto eu estiver chacoalhando em cima de um cavalo.

É o melhor para mim também, Katsa, se você me deixar para trás. Eu me recobrarei mais rápido.”

“E como você irá se defender? Como você irá comer?”

“Eu me esconderei. Nós encontraremos um lugar, amanhã cedo, para eu me esconder.

Vamos, Katsa, você sabe que eu me escondo melhor do que qualquer um que você já conheceu, ou ouviu.”

Ela ouviu um sorriso na voz dele.

“Venha, minha gata selvagem. Venha aqui.”

Não houve como impedir suas lágrimas. Por elas deixarem Po para trás, cuidando de si mesmo e se mantendo vivo se escondendo, embora ele não pudesse nem mesmo caminhar sem ajuda. Ela se

ajoelhou diante dele e ele a tomou na curva de seu braço ileso. Ela chorou no ombro dele como uma criança. Envergonhada de si mesma, pois isso era apenas uma despedida, e Bitterblue não tinha chorado dessa maneira nem mesmo sobre uma morte.

“Não fique envergonhada,” Po sussurrou. “Sua tristeza é estimada por mim. Não fique assustada. Eu não vou morrer, Katsa. Eu não vou morrer e nós nos encontraremos de novo.”

Quando Bitterblue acordou, Katsa estava empacotando os pertences deles. Bitterblue observou o rosto de Katsa por um momento. Então ela observou Po, que olhava para o fogo.

“Nós estamos deixando você, então,” ela disse para Po.

Ele olhou acima para a criança e concordou.

“Aqui?”

“Não, prima. Quando a manhã vier, nós procuraremos por um esconderijo.”

Bitterblue chutou o chão. Ela cruzou seus braços e considerou Po.

“O que você fará em seu esconderijo?”

“Eu me esconderei,” Po disse, “e recobrarei as minhas forças.”

“E quando você estiver forte de novo?”

“Eu me juntarei a vocês em Lienid, ou onde quer que vocês estejam, e nós planejaremos a morte do rei Leck.”

A garota considerou Po por um longo momento. Ela acenou.

“Nós esperamos por você, primo.”

Katsa olhou para cima para ver um ligeiro sorriso no rosto de Po às palavras da criança.

Então Bitterblue se virou para ajudar Katsa com os medicamentos.

Os dentes da criança batiam enquanto ela se ajoelhava ao lado de Katsa. Ela não tinha casaco, e o cobertor que ela usava enquanto eles viajavam estava surrado. A garota carregou seus pacotes para o cavalo, trouxe água para Po, e estremeceu.

Por que Katsa não tinha guardado as peles dos coelhos que ela tinha matado?

Ela teria que fazer algo.

Ela teria que encontrar algo quente para Bitterblue vestir. Pois a proteção da criança era sua tarefa, e ela devia pensar em tudo.

Seus cuidados por Bitterblue deveriam ser dignos do sacrifício de Po.

Capítulo Vinte e Oito



No amanhecer cor de rosa eles se depararam com uma pequena cabana com pouco a oferecer, exceto seu teto; uma cabana abandonada, talvez o covil de algum eremita Monsean. Ela ficava num espaço mais gramado do que rochoso, com uma árvore ou duas, e um caminho de mato que parecia como se ele tivesse servido uma vez como um jardim. Persianas quebradas e uma lareira fria. Um cobertor de pó sobre o piso rústico de madeira, sobre uma mesa e a cama, sobre o armário que se apoiava em três pernas tortas com a porta colocada aberta entortada.

“Aqui é aonde eu vou me esconder,” Po disse.

“Este é um lugar para se viver, Po,” Katsa disse. “Não um lugar para se esconder. É óbvio demais, ninguém vai passar sem vir para dentro.”

“Mas eu poderia ficar aqui, Katsa, e me esconder em algum lugar próximo se eu os ouvir vindo.”

E que esconderijo ele tinha sentido nas proximidades? “Po —”

“Eu me perguntou se há uma lagoa por perto?” ele disse. “Venham comigo, ladies. Eu tenho certeza que ouvi o barulho de água corrente.”

Não havia som de água que Katsa pudesse ouvir, o que significava que Po não podia ouvir nenhum, também. Ela suspirou.

“Sim,” ela disse. “eu acho que eu ouvi, também.”

Eles atravessaram o mato atrás de cabana. Po inclinado contra Katsa, e Bitterblue guiando o cavalo. Logo Katsa ouviu a água, e quando eles subiram uma elevação amarronzada e a grama deu lugar a pedras, ela a viu. Três grandes correntezas desciam das

rochas acima, juntando-se, e se derramando em uma piscina funda. Aqui e ali, suas margens transbordavam, e vários cursos de água escorriam abaixo e ao leste em direção a floresta Monsean.

„Muito bem“, Katsa pensou para ele. „E onde está o esconderijo“?

“Havia uma queda d'água como esta nas montanhas próximas ao castelo de meu irmão Skye”, Po disse. “Nós estávamos nadando um dia, e encontramos um túnel debaixo da água que levava a uma caverna.”

Katsa sabia onde isso estava indo, e o olhar confuso de Bitterblue – não, seria mais correto dizer olhar suspeito – sugeria que Po já tinha dito mais do que o suficiente. Katsa interrompeu Po.

Ela puxou uma de suas botas.

“Se há um esconderijo nesta piscina, Po, eu o encontrarei para você.

Ela puxou sua outra bota. “Mas só por que um esconderijo existe não significa que ele fará algum bem a você. Você não pode ficar da cabana para esta piscina por sua conta.”

“Eu posso,” ele disse, “para salvar minha vida.”

“O que você vai fazer? Rastejar?”

“Não há vergonha nenhuma em rastejar quando você não pode andar. E nadar requer menos equilíbrio.”

Ela o encarou, e ele a olhou calmamente de volta, uma leve pista de divertimento em seu rosto. E por que ele deveria estar se divertindo? Pois era ela que estava prestes a pular numa água gelada para procurar por um túnel que ele já sabia que existia, e explorar uma caverna que ele já sabia o tamanho, a forma a localização exatas.

“Eu vou tirar minhas roupas,” ela disse, “então olhe para lá, príncipe.”

Ela podia pelo menos poupar suas roupas, e se o episódio inteiro era uma atuação para Bitterblue, então eles poderiam também fingir que Po não estava em posição para ver ela sem roupas. Embora Katsa achasse que Bitterblue não estava nem um pouco mais enganada por aquela pretensão do que pelos outros. Ela ficou ao

lado do cavalo e manteve sua própria opinião; e seus olhos estavam arregalados e ingênuos, mas eles não eram cegos.

Katsa suspirou. Ela tirou seu casaco. Aponte-me a direção certa, Po.

Ela seguiu o olhar dele na base da queda d'água. Ela atirou suas calças nas rochas ao lado de seu casaco e das botas. Ela apertou seus dentes contra o frio e foi para a piscina. Sua parte rasa inclinou, e com um gorgolejo ela ficou submersa. Ela mergulhou.

As rochas do chão da piscina brilhavam em verde bem abaixo dela, e um peixe prateado cintilou na luz. Ela ficou surpresa pela profundidade deste buraco de água. Ela nadou na direção da cascata. Sua visão estava nada mais que inútil pela cascata de bolhas na sua base, mas ela sentiu ao longo das rochas com suas mãos e descobriu, na escuridão abaixo da água torrencial, uma cavidade que devia ser o túnel de Po. Ela sorriu, apesar de tudo. Ela nunca teria encontrado este lugar secreto por conta própria; provavelmente nem mesmo uma única pessoa tinha feito o que ela estava prestes a fazer. Ela se atirou na superfície para buscar ar, então afundou de volta e se empurrou através da abertura.

Era escuro neste túnel, preto, e a água era ainda mais fria do que a água da piscina. Ela nada podia ver. Ela nadou através do túnel e calculou constantemente. Rochas arranharam seus braços, e ela bateu à frente com suas mãos para evitar bater sua cabeça contra alguma coisa inesperada. Era estreito, mas não perigosamente. Po não teria problemas, se ele estivesse bem suficiente para nadar.

Quando sua contagem se aproximou de trinta, a passagem alargou, e então as paredes do túnel desapareceram ao redor. Ela se atirou para cima, esperando atravessar a superfície, pois ela não sabia onde encontrar o ar nesta caverna escura se não estivesse bem acima. Ela estava consciente agora de seu senso de direção, da qual Po tinha sempre se maravilhado. Se ela perdesse o túnel nesta escuridão, e se ela não pudesse encontrar uma abertura para a superfície, estava acabado para Katsa. Mas Katsa sabia exatamente onde o túnel estava, atrás e abaixo dela.

Ela sabia o quão longe ela tinha ido, e em que direção; ela sabia acima e abaixo, leste e oeste. A escuridão não exigiria dela.

E, é claro, Po nunca a teria enviado a esta caverna se houvesse um lugar onde ela não pudesse permanecer. Seu ombro acertou uma rocha e ela ouviu uma batida abafada que soou como a água da superfície na margem. Ela chutou a frente na direção do som e então sua cabeça rompeu acima a água, e ela estava respirando. Ela sentiu ao redor e descobriu a pedra cujo lado ela tinha acertado. Ela se projetava acima na superfície e parecia plana e com musgos no topo.

Ela se puxou sobre ela, os dentes batendo.

Estava negro nesta caverna do que qualquer noite que ela tinha conhecido. Não havia um flash de água, nem mesmo uma escuridão menos densa para dar forma ao espaço ao redor dela.

Ela esticou seus braços, mas não tocou em nada. Ela não teve sensação do peso do teto ou da profundidade dessas paredes. Ela pensou ter ouvido água batendo contra rocha a alguma distância, mas ela não podia ter certeza sem explorar. E ela não exploraria, porque eles não tinham tempo.

Então esta era a caverna de Po. Ele estaria seguro o suficiente aqui, se ele pudesse levar a si mesmo, pois ninguém que não compartilhasse da Graça dele poderia descobrir ele neste buraco frio e escuro debaixo da montanha.

Katsa deslizou de volta para a água gelada e mergulhou para o túnel.

Ela veio à margem com um par de peixes se contorcendo em suas mãos.

“Eu descobri sua caverna,” ela disse, “será fácil o suficiente para você se arranjar, se por algum milagre da medicina e da cura você for capaz de nadar. O túnel é bem abaixo da queda d'água. E aqui está seu jantar.”

Ela jogou o peixe nas rochas e se secou com um pano que Bitterblue trouxe para ela. Ela se vestiu. Ela estendeu sua mão para a faca de Po, e ele a atirou para ela. Ela tirou a cabeça do peixe e o cortou. Ela jogou suas entranhas de volta a lagoa.

“Vocês precisam ir agora,” Po disse. “Não há o porquê em adiar.”

“Há o porquê em adiar,” Katsa disse. “O que você vai comer depois que esses peixes se forem?”

“Eu me arranja.”

Katsa acenou. “

Você se arranja. Você nem mesmo tem um arco, e mesmo se você fizesse eu gostaria de ver sua mira agora. Nós não te deixaremos até que você tenha bastante comida e lenha.”

“Katsa, honestamente. Você deve ir, você simplesmente deve-”

“O cavalo precisa do resto da manhã,” Katsa disse. “De agora em diante ele correrá mais.

E – e-” Ela recusou, simplesmente recusou, a ceder ao pânico que sacudiu dentro dela. „E o inverno está chegando, e você pode me fazer deixar você aqui, mas eu não posso deixar você aqui para morrer de fome”.

Po esfregou seus olhos. Ele suspirou.

“Você precisará de bastante lenha. Eu vou começar,” Bitterblue disse, e Po gargalhou.

“Eu estou em desvantagem,” ele disse. “Muito bem. Façam o que vocês devem. Mas antes que a manhã passe, vocês estarão a caminho.”

A manhã foi um turbilhão. Quanto mais rápido Katsa se movia, menos ela poderia pensar, e enquanto ela se movia tão rápido quanto seus pés e seus dedos eram capazes. Ela pegou dois coelhos, que ele poderia cozinhar com o peixe naquela noite e estocar seguramente por vários dias. Ela amaldiçoou o clima. Estava frio o suficiente para Po estar desconfortável durante o dia, quando ele não podia arriscar uma fogueira. Mas não estava frio o suficiente para congelar a carne; nem eles tinham sal para conservá-lo. Ela não podia matar a carne agora para o fim do inverno, ou mesmo para o fim de algumas semanas. E em algumas semanas a caça se tornaria difícil até mesmo para caçadores que caminhavam equilibradamente em seus pés e carregavam um arco.

“Você alguma vez já fez um arco?” ela perguntou a ele.

“Nunca.”

“Eu encontrarei para você a madeira,” ela disse, “antes de nós partirmos. E você terá as peles desses coelhos para reforçar a vara e

o fio. Eu lhe explicarei como ele é feito.”

Ela se amaldiçoou pelas penas que ela tinha descartado de todas as aves que ela tinha matado. Mas quando ela se apressou numa passagem sobre as rochas, ela perturbou um ninho de codornas, ela varreu as pedras do chão e matou a maioria delas. Elas seriam o jantar de Bitterblue e o seu próprio, e Po teria as penas para as flechas.

Quando ela encontrou uma árvore jovem com tronco forte e flexível ela escolheu um pedaço curvo para o arco e alguns longos e retos para setas. E foi quando ela teve um pensamento. Ela cortou mais galhos e os separou de lado. Ela começou a tecer uma espécie de cesta, quadrada, com lados, topo e fundo sobre o comprimento de seu braço. Ela a teceu firmemente, com pequenas aberturas entre as ripas. Quando ela voltou para a piscina onde Po ainda estava sentado e Bitterblue ainda tropeçava pela lenha, ela carregou a cesta sobre um ombro, e as codornas e os galhos debaixo de seu outro braço. Ela cortou um par de pedaços de corda e os amarrou nas beiradas de sua cesta. Ela abaixou a cesta na piscina, só fundo o suficiente para que ela não pudesse ser vista, e amarrou as cordas na base de um arbusto na margem. Então ela tirou suas botas, seu casaco, suas calças e se preparou mais uma vez para o choque gelado da água.

Ela mergulhou. Ela susteve-se debaixo da água, e esperou e esperou. Quando um peixe passou nas proximidades, ela agarrou. Ela nadou para a cesta e deslizou para trás as ripas de novo. Ela apertou o peixe se contorcendo lá dentro e fechou as ripas de novo. Ela mergulhou de volta para baixo, arrebatou outro peixe, nadou para a margem, e depositou o corpo se contorcendo dentro da cesta. Ela pegou o peixe para Po; tantos peixes que no momento ela tinha feito; a cesta fervilhava com seus corpos.

“Você pode ter que alimentá-los,” ela disse, uma vez que ela retornou a margem e vestiu-se. “Mas eles devem durar por algum tempo.”

“E agora vocês precisam ir,” Po disse.

“Eu quero fazer para você apoios⁹ primeiro.”

“Não,” Po disse. “Vocês tem que ir agora.”

“Eu quero – ”

“Katsa, você acha que eu quero que você se vá? Se eu estou dizendo para você ir é porque você precisa.”

Ela olhou para o rosto dele, e então olhou para longe.

“Nós precisamos dividir nossos pertences.” Ela disse.

“Bitterblue e eu fizemos isso.”

“Eu preciso fazer o curativo em seu ombro pela última vez.”

“A criança já fez isso.”

“Seu cantil –”

“Está cheio.”

Bitterblue veio da parte de cima do topo e se juntou a eles.

“A cabana está cheia de lenha,” ela disse.

“É hora de vocês irem,” Po disse, e se inclinou a frente, equilibrando-se, e se levantou.

Katsa afastou seus protestos e deu a ele seu ombro. Bitterblue desamarrou o cavalo, e eles foram de volta à cabana.

Seu equilíbrio está melhor, Katsa pensou para ele. Venha com a gente.

“Prima,” Po disse, “não deixe que ela corra com o cavalo cansado. E se certifique que ela durma e coma de vez em quando. Ela vai tentar dar toda a comida para você.”

“Você tem feito isso,” Bitterblue disse, e Po sorriu.

“Eu tentei te dar a maioria da comida.” Ele disse. “Katsa vai tentar dar a você ela toda.”

Eles pararam na entrada da cabana, e Po se inclinou contra a moldura da porta. „Venha com a gente”, Katsa pensou enquanto ela ficava em frente a ele.

“Eles estarão na cola de vocês,” Po disse. “Vocês não devem deixá-los chegar perto o suficiente para falarem com vocês. Pensem em se disfarçar. Vocês estão sujas e enlameadas, mas qualquer idiota reconheceria uma ou outra. Katsa, eu não sei o que você pode fazer sobre seus olhos, mas você deve fazer alguma coisa.”

„Venha com a gente”.

“Bitterblue, você deve ajudar Katsa se ela ficar confusa por qualquer palavra que ela escutar. Vocês devem ajudar uma à outra.

Não confiem em nenhum Monsean, vocês entenderam? Vocês não devem confiar em ninguém que pode ter sido tocado pela Graça de Leck. E nem por um momento pense em defender ele, Katsa. Sua segurança está em escapar dele. Vocês entenderam?"

„Venha com a gente".

"Katsa," a voz dele foi áspera, mas gentil, "você entende o que eu estou dizendo?"

"Eu entendo," ela disse, quando uma lágrima escorreu por sua bochecha, ele estendeu a mão e a enxugou com um dedo.

Ele estudou seu rosto por um momento, e então ele se voltou para Bitterblue. Ele se curvou sobre um joelho e pegou as mãos dela.

"Adeus, prima." Ele disse.

"Adeus," a criança disse séria.

Ele ficou de pé de novo, cautelosamente, e se apoiou de volta na moldura da porta. Ele fechou seus olhos e suspirou. Ele abriu seus olhos e olhou para o rosto de Katsa. Sua boca se contorceu em um leve sorriso.

"Você sempre quis me deixar, Katsa."

Ela arfou em um soluço.

"Como você pode brincar? Você sabe que não é isso o que eu pretendia."

"Oh, Katsa. Gata selvagem." Ele tocou o rosto dela. Ele sorriu, e machucou ela olhar para ele, e ela tinha certeza de que não poderia deixá-lo sozinho. Ele a puxou e a beijou, e sussurrou algo em seu ouvido. Ela o abraçou tão forte que o ombro dele deve ter doído, mas ele não reclamou.

Katsa não olhou para trás enquanto elas cavalgavam. Mas ela apertou Bitterblue fortemente; e ela o chamou, seu nome explodindo dentro dela tão dolorosamente que foi por um longo tempo que ela não pode sentir nada.

Capítulo Vinte e Nove



Elas seguiram as margens das montanhas Monseans e empurraram o pobre do cavalo para o sul. Elas ocasionalmente corriam em espaço aberto, não mais freqüente do que seus progressos sendo diminuídos pelos penhascos, fendas, e cachoeiras – lugares onde não havia nenhuma base plana que fosse para o cavalo. Lá, Katsa precisou desmontar, recuar, e guiar o animal para um terreno mais baixo. E então o cabelo arrepiou-se na parte de trás de seu pescoço e cada som parava sua respiração; ela não podia respirar tranquilamente até que elas subissem de novo. A parte mais baixa da terra deu lugar a floresta, e Katsa sabia que a floresta devia estar fervilhando com o exército de Leck.

O exército passaria o pente fino na floresta, em Port Road, e nas terras entre elas. Eles vasculhariam as montanhas passando a fronteira de Sunder e Estill. Eles montariam acampamentos em Monport e observariam os navios que vinham e partiam, procurando em qualquer navio que provavelmente estaria escondendo a filha seqüestrada do rei.

Não.

Como o dia se tornava noite, Katsa sabia que ela estava se enganando. Eles procurariam em cada navio, suspeito ou não. Eles procurariam em cada edifício na cidade do porto. Eles vasculhariam o litoral leste de Monport, e a oeste até as montanhas e procurariam em cada navio que tivesse chance de se aproximar da margem Monsean. Eles vasculhariam fortemente os navios Lienid. E dentro de um ou dois dias, Katsa e Bitterblue estariam dividindo as bases dos picos Monsean com as hordas dos soldados de Leck. Para lá

havia só dois caminhos para fora de Monsea: o mar, e as montanhas passando sobre as fronteiras Sunderan e Estillan. Se os fugitivos não fossem encontrados na passagem de Port Road ou na floresta, se os fugitivos não aparecessem na passagem da montanha, em Monport, ou a bordo de um navio, então Leck saberia que eles estavam nas montanhas, presos entre a floresta e o mar, com os picos que formavam a fronteira de Monsea e Sunder nas suas costas.

Quando a noite caiu, Katsa fez uma pequena fogueira contra uma parede de rochas. "Você está cansada?" Ela perguntou a Bitterblue.

"Sim, mais não muito." A criança disse. "Eu estou aprendendo a dormir sobre o cavalo."

"Você terá que dormir sobre o cavalo de novo hoje à noite," Katsa disse, "nós devemos nos manter nos movendo. Diga-me, princesa. O que você sabe sobre esta cadeia de montanhas?"

"A cadeia que nos divide de Sunder? Muito pouco. Eu não acho que alguém saiba muito sobre estas montanhas. Não são muitas as pessoas que tem ido entre elas, exceto ao norte, é claro, pela passagem."

"Hmm."

Katsa cavou através de suas sacolas e retirou o rolo de mapas. Ela os estendeu em seu colo e os folheou. Claramente, Raffin tinha acreditado em Po, quando ele disse que não tinha certeza por onde eles estavam indo. Ela folheou os antigos mapas de Nander e Wester, mapas da cidade de Drowden e Birn. Um mapa de Sunder, e outro da cidade de Murgon. Numerosos mapas de várias partes de Monsea. Ela puxou uma página curva de uma pilha, e a deitou sobre o chão ao lado da fogueira, e colocou pedras em suas beiradas para segurá-lo plano. Então ela se sentou em seus calcanhares e estudou a princesa, que montava guarda nas codornas cozinhando.

Havia pessoas em todos os sete reinos com olhos cinza e cabelo escuro; a coloração de Bitterblue não era incomum. Mas mesmo no esmaecido brilho da fogueira, ela se destacava. Seu nariz afilado, e a linha serena de sua boca. Ou era na espessura de seu cabelo, ou no modo que seu cabelo varria em sua testa. Katsa não podia decidir realmente o que era, mas ela sabia que mesmo sem as argolas em suas orelhas ou os anéis em seus dedos, a criança tinha alguma

coisa de Lienid em sua aparência. Alguma coisa que ia além de seu cabelo escuro e seus olhos luminosos.

Em um reino que procurava desesperadamente por uma criança de dez anos de idade de uma mãe Lienid, Bitterblue seria muito difícil de disfarçar. Mesmo se elas fizessem o óbvio: Cortar seu cabelo, trocar suas roupas, e torná-la um menino.

E a companhia da criança não era um problema a menos. Katsa não fazia um garoto convincente durante a luz do dia, como ela fazia no escuro. E ela teria que cobrir seu olho verde de algum modo. Um garoto afeminado com um único olho azul brilhante, um tapa-olho, e uma criança Lienid que atrairia mais atenção na luz do dia do que elas possivelmente agüentariam. E ela não podia se dar ao luxo de viajar somente a noite. E mesmo que elas fizessem isso, tão longe quanto de serem vistas de Monport, uma vez que eles as vissem, elas seriam reconhecidas instantaneamente. Elas seriam capturadas, e ela teria que matar pessoas. Ela teria que comandar um barco, ou roubar um, ela não sabia nada sobre barcos. Leck ouviria sobre isso e saberia exatamente onde encontrá-las.

Seus olhos caíram da princesa para o mapa sobre o chão diante dela. Era o mapa da fronteira Sunderan e Monsean, os intransitáveis picos Monsean. Se Po estivesse lá, ele suspeitaria do que ela estava pensando. Ela podia imaginar a monstruosa discussão que eles estariam tendo. Ela imaginou a briga, por que isso a ajudava a tomar uma decisão. Quando elas comeram seus jantares, ela enrolou os mapas e atou seus pertences a sela.

“Vamos lá, Bitterblue. Nós não podemos perder esta noite. Nós devemos ir em frente.”

“Po alertou você a não correr com o cavalo cansado,” Bitterblue disse.

“O cavalo está prestes a desfrutar um descanso merecido. Nós estamos indo para as montanhas, e uma vez que nós chegemos um pouco mais alto, nós iremos libertá-lo.”

“Para as montanhas?” Bitterblue disse. “O que você quer dizer para as montanhas?”

Katsa espalhou os restos da fogueira delas. Ela cavou um buraco com sua adaga para esconder os ossos do jantar delas.

“Não há segurança para nós em Monsea. Nós vamos cruzar as montanhas para Sunder.”

Bitterblue ficou imóvel ao lado do cavalo e olhou para ela. “Cruzar as montanhas? Estas montanhas aqui?”

“Sim. A passagem da montanha ao norte da fronteira estará vigiada. Nós devemos encontrar nossa própria passagem aqui.”

“Mesmo no verão, ninguém cruza estas montanhas,” a garota disse. “E é quase inverno.

Nós não temos roupas quentes. Nós não temos ferramentas, só sua adaga e minha faca. Não é possível. Nós não sobreviveremos.”

Katsa tinha uma resposta para aquilo, embora ela não conhecesse nenhuma em particular.

Ela levantou a garota para a sela e virou o cavalo atrás dela. Ela virou o animal para o oeste.

Ela disse: “Eu vou mantê-la viva.”

Elas não tinham realmente só uma adaga e uma faca para trazer com elas para os picos de Monsean para Sunder. Elas tinham a adaga e a faca; um pedaço de corda; uma agulha e alguns cordões, os mapas; uma fração de remédios; a maior parte do ouro, uma pequena quantidade de roupa extra; o cobertor surrado que Bitterblue usava; dois alforjes; uma sela; e uma rédea. E elas tinham tudo que Katsa podia capturar, matar, ou construir com suas próprias mãos, enquanto elas escalavam. Isto, em primeiro lugar, deveria incluir a pele de algum animal, para proteger a criança do frio persistente que elas encontrarão aqui e o perigoso frio que esperava por elas – e Katsa não iria falar demais, por que quando ela falava demais, ela começava a duvidar de si mesma.

Ela faria um arco, e possivelmente sapatos de neve – como os que ela usou uma vez ou duas nas florestas no inverno, fora da cidade de Randa. Ela achava que se lembrava de como os sapatos de neve pareciam, e como eles funcionavam.

Quando o céu atrás delas começou a se iluminar e colorir, Katsa puxou a criança do cavalo. Elas dormiram por uma hora ou algo assim, encolhidas juntas em uma fenda na rocha coberta com musgos. O sol nasceu ao redor delas. Katsa acordou ao som dos dentes da garota batendo. Ela devia acordar Bitterblue, e elas

deviam continuar andando, e antes que o dia terminasse, ela devia ter uma solução para o frio que não dava a esta garota nenhum descanso.

Bitterblue piscou para a luz.

“Nós estamos mais alto,” ela disse. “Nós subimos a noite.”

Katsa estendeu a criança o que era a sobra do jantar de ontem.
“Sim.”

“Você ainda tem em mente nós cruzarmos as montanhas.”

“É o único lugar em Monsea que Leck não procurará por nós.”

“Porque ele sabe que nós seríamos loucos se tentássemos.”

Havia algo queixoso no tom da criança, a primeira dica de preocupação da garota, desde que Katsa e Po tinham encontrado ela na floresta. Bem, ela tinha o direito. Ela estava cansada e com frio; sua mãe estava morta. Katsa espalhou o mapa dos picos de Monsea pelo seu colo e não disse nada.

“Há ursos nas montanhas,” Bitterblue disse.

“Os ursos estão dormindo até a primavera,” Katsa disse.

“Há outros animais. Lobos. Leões da montanha. Animais que você nunca viu em Middluns.

E neve que você jamais viu. Você não sabe o que são estas montanhas.”

Entre dois picos no mapa de Katsa estava um caminho que parecia ser a rota menos complicada para Sunder. A Passagem de Grella, de acordo com as palavras rabiscadas, e presumivelmente a única rota através dos picos que tinha sido percorrida por outros.

Ela enrolou seus mapas e os deslizou no saco na sela. Ela ergueu a menina de volta a sela.

“Quem é Grella?” ela perguntou.

Bitterblue bufou e não disse nada. Katsa mexeu o cavalo embaixo da criança. Elas viajaram por vários minutos antes que Bitterblue falasse.

“Grella foi um famoso explorador das montanhas Monsean.” Ela disse. “Ele morreu na passagem que leva seu nome.”

“Ele era agraciado?”

“Não. Ele não era agraciado como você. Mas ele era louco como você.”

A ferroada da observação não mexeu com Katsa. Não havia razão para Bitterblue acreditar que um Agraciado que só recentemente tinha visto sua primeira montanha, poderia guiá-las através da Passagem de Grella. Katsa por si mesma não estava muito certa disso. Ela só sabia que quando ela pesou o perigo do rei de Monsea contra o perigo de ursos, lobos, tempestades e gelo, ela descobriu, com certeza absoluta, que sua Graça seria o melhor equipamento para encarar as montanhas.

Então Katsa nada disse, e ela não mudou de idéia. Quando o vento aumentou e Katsa sentiu que Bitterblue tremia, ela puxou a menina para mais perto, e cobriu as mãos dela com as suas. O cavalo foi titubeando pelo caminho acima, e Katsa pensou sobre a sela delas. Se ela a retira-se e a molhasse e batesse, seu couro suavizaria. Ela faria um casaco rústico para Bitterblue, ou talvez calças. Não havia razão para desperdiçá-lo, se isso pudesse ser feito, para fornecer calor; e muito em breve o cavalo não necessitaria mais.

Elas subiram cegamente, mesmo durante o dia, nunca sabendo o que elas poderiam encontrar a seguir, pelas colinas e árvores que cresciam adiante delas e escondia o terreno mais alto de sua visão. Katsa pegou esquilos, peixe e camundongos para suas refeições, e coelhos, se elas tivessem sorte. Ao lado da fogueira delas a cada noite, ela esticava e secava as peles de seus jantares. Ela esfregou os óleos dos peixes e a gordura na sela. Ela reunia as peles, experimentando elas e insistindo, até que dela fez um casaco rústico de peles para a menina, com as extremidades que envolveram em torno do pescoço dela como um cachecol.

“Tem um cheiro engraçado,” Bitterblue disse, “mas é quente.”

Aquilo era tudo que Katsa precisava ouvir.

O terreno ficou mais acidentado, e o frio mais selvagem e parecendo perigoso. À noite, enquanto a fogueira queimava e Bitterblue dormia, Katsa ouviu ruídos ao redor do acampamento delas, e que ela não tinha ouvido antes. Ruídos que fizeram o cavalo nervoso; e uivos algumas vezes, não muito distante, que acordaram a criança e trouxeram-na, tremendo, para o lado de Katsa, admitindo os pesadelos. Sobre os estranhos monstros uivadores que

às vezes sua mãe, ela disse, não parecia querer entrar em detalhes. Katsa não quis estimulá-los.

Foi em uma dessas noites, quando o som dos lobos levou a criança à Katsa, que ela pôs abaixo uma vara que ela estava talhando em uma seta, e pôs seus braços em torno da garota.

Ela aqueceu as mãos rachadas de Bitterblue. E então ela disse a criança, por que isto estava em sua mente, sobre seu primo Raffin, que amava a arte da medicina e seria dez vezes o rei que seu pai era; e sobre Helda, que tinha sido amiga de Katsa quando ninguém mais era e acreditava em nada além do que casar ela com algum lorde; e sobre o Conselho, e a noite em que Katsa, e Oll e Giddon tinham resgatado o avô de Bitterblue e Katsa tinha brigado com um estranho nos jardins de Murgon e deixado ele inconsciente no chão – um estranho que acabou por ser Po.

Bitterblue riu daquilo, e Katsa disse a ela como ela e Po tinham se tornado amigos, e como Raffin tinha cuidado e trazido o avô de Bitterblue de volta a saúde; e como Katsa e Po tinham partido para Sunder para desvendar a verdade por trás do seqüestro e seguiram as pistas para Monsea e para as montanhas, a floresta, e a garota.

“Você não é realmente como a pessoa nas histórias,” Bitterblue disse. “As histórias que eu ouvi, antes de conhecer você.”

Katsa se preparou contra a inundação de memórias que nunca pareciam perder seu frescor e sempre a faziam envergonhar-se.

“As histórias são verdadeiras,” ela disse. “Eu sou essa pessoa.”

“Mas como pode ser você? Você não quebraria um braço de um homem inocente, ou cortaria fora seus dedos.”

“Eu fiz essas coisas para meu tio,” Katsa disse, “no tempo que ele tinha poder sobre mim.”

E Katsa sentiu a certeza de novo de que elas estavam fazendo a coisa certa, subir em direção a Passagem de Grella, o único lugar que Leck não as seguiria. Por que Katsa não poderia proteger Bitterblue, a menos que seu poder permanecesse para ela mesma. Seu braço se apertou sobre a garota.

“Você deve saber que minha Graça não é apenas a luta, criança. Minha Graça é a sobrevivência. Eu vou levá-la através dessas montanhas.”

A criança não respondeu, mas colocou sua cabeça sobre o colo de Katsa, enrolou seu braço sobre a perna de Katsa, e se enterrou contra ela. Ela caiu no sono com aquilo, para o uivo dos lobos, e Katsa decidiu não insistir de novo. Elas cochilaram juntas diante da fogueira; e então Katsa acordou e levantou a menina para o cavalo. Ela tomou as rédeas e guiou o animal acima, através da noite Monsean.

O dia veio quando o terreno ficou impossível para o cavalo. Katsa não queria matar o animal, mas ela se forçou a considerar isso. Havia o couro para se retirar dele. E se ele fosse deixado vivo, ele vagaria pelas colinas e faria com que os soldados o descobrissem, uma pista da localização dos fugitivos. Por outro lado, se Katsa matasse o cavalo, ela não poderia, possivelmente, se dispor de todo seu corpo. Ela teria que deixar a carcaça na montanha para os animais que se alimentassem da carniça; e se os soldados o descobrissem, seus ossos limpos, ele serviria muito mais como uma definitiva marca da localização delas e direção, do que um cavalo vagueando livremente. Katsa decidiu com algum alívio que o cavalo deveria viver. Elas removeram os sacos dele, sua sela, e sua rédea. Elas desejaram a ele o melhor e o enviaram em seu caminho.

Elas escalaram com suas próprias mãos e pés, Katsa ajudando Bitterblue acima nas encostas íngremes, e a levantando sobre as rochas muitos grandes para que ela subisse.

Felizmente, no dia em que ela caiu das paredes de seu castelo, agarrada a lençóis atados, Bitterblue tinha usado botas. Mas ela tropeçava agora sobre seu vestido surrado. Finalmente Katsa cortou as saias e as moldou em um rude par de calças. A travessia da menina depois disso ficou mais rápida e menos frustrante.

O couro da sela era mais duro do que Katsa tinha antecipado. Ela lutou com ele a noite, enquanto Bitterblue dormia, e finalmente decidiu cortar para a garota quatro leggings provisórias, uma de cada perna e uma para cada coxa, com tiras para amarrá-las no lugar, sobre as calças.

Elas pareciam um pouco engraçadas, mas elas davam a ela mais proteção para o frio e a umidade. E mais e mais freqüentemente

agora, enquanto elas se arrastavam acima, a neve caía pela corrente vinda do céu.

A comida se tornou escassa. Katsa não deixava nenhum animal se desperdiçar; se algo se movia, ela trazia abaixo. Ela comeu pouco e deu a maioria de sua comida para Bitterblue, que engolia o que quer que lhe fosse dado.

Na luz de cada manhã, Katsa removeu as botas da menina e checou seus pés atrás de bolhas. Ela inspecionou as mãos da menina para ter certeza de que os dedos dela não estavam congelando. Ela esfregou pomada sobre a pele rachada de Bitterblue. Ela estendia o frasco de água a Bitterblue a cada vez que elas paravam para descansar. E Katsa parava freqüentemente para estes descansos, pois ela começou a suspeitar que esta criança desmaiaria antes de admitir que ela estava cansada.

Katsa não estava cansada. Ela sentia a força de seus braços e pernas e a rapidez de sua lâmina. Ela sentia mais penetrantemente a lentidão do ritmo delas. Às vezes ela queria carregar a criança sobre seus ombros e correr acima a montanha a toda velocidade. Mas Katsa suspeitou que eventualmente, nesta montanha, ela precisaria de cada porção de sua força; e então ela não se esgotaria agora. Ela freou sua impaciência da melhor maneira que ela pôde, e focou suas energias para fornecê-la para a criança.

O leão da montanha foi uma dádiva, realmente, vindo como ele o fez, no início da primeira tempestade real de neve que encontraram.

A tempestade tinha sido formada por toda a tarde. As nuvens se uniram. Os flocos de neve aumentaram e se acentuaram. Katsa fez o acampamento no primeiro lugar possível, uma fenda profunda na montanha abrigada por uma saliência rochosa. Bitterblue saiu para recolher gravetos e Katsa saiu, sua adaga em seu cinto, para encontrar algum jantar.

Ela descobriu um caminho acima, acima da placa de rocha que formava o teto do abrigo delas. Ela se guiou em um dos grupos de árvores que cresciam em direção ao céu nesta montanha, raízes agarrando-se mais a rocha do que ao solo. Seus sentidos estavam alerta a qualquer movimento.

O que ela viu primeiro foi uma leve oscilação, no canto de seu olho. Um oscilar marrom acima na árvore, um oscilar que se curvava e se levantava, diferente de algum jeito do modo que um galho de árvore se movia, e o galho de uma árvore que virava de uma modo estranho – saltando, realmente, não como o vento moveria ele, mas como se algo pesado o ancorasse.

Seu corpo se moveu mais rápido do que sua mente, reconhecendo o predador e compreendendo a ele mesmo como uma presa. Instantaneamente sua adaga foi em sua mão. O grande gato mergulhou, rosnando, e ela atirou a lâmina em seu estômago. Enquanto ela caía e rolava, as garras dele rasgaram seu ombro. Então o gato estava sobre ela, as grandes patas pesadas batendo seus ombros contra o chão e prendendo suas costas. Ele veio rosnando para ela, garras afiadas e dentes à mostra, tão rápido que era tudo o que ela podia fazer para manter seu peito e pescoço de serem rasgados fora. Ela lutou com os braços dele desesperadamente fortes, e jogou sua cabeça se afastando quando os dentes deles se atiraram junto de onde seu rosto tinha estado. Ele retalhou seu peito selvagemmente. Quando seus dentes se arremessaram para sua garganta, Katsa agarrou sua garganta e gritou, empurrando as mandíbulas dele para longe de seu rosto. O animal se levantou acima dela e varreu seus braços com suas garras. Ela viu o vislumbre de algo em sua barriga, e se lembrou da adaga. Os dentes dele desceram de novo e Katsa se afastou, quebrando o nariz dele com seu punho. Ele recuou por um mero segundo, atordoado, e naquele segundo ela alcançou o punhal desesperadamente. O gato se arremessou de novo, e Katsa empurrou a adaga dentro de sua garganta.

O gato fez um terrível sibilar, um barulho borbulhante. Então ele caiu sobre o peito de Katsa, e suas garras deslizaram para longe de sua pele. A montanha estava silenciosa, e o leão estava morto.

Katsa empurrou o gato para longe. Ela se apoiou sobre seu cotovelo direito e limpou o sangue quente do animal de seus olhos. Ela testou seu ombro esquerdo e fez uma careta de dor.

Ela reprimiu a enorme onda de irritação que ela teria agora por uma lesão que poderia retardar a descida delas, e rasgou seu casaco

e suspirou, enojada, pelos cortes profundos em seu peito que ardiavam quase tão ruim quanto aqueles em seu ombro. E outros rasgões e cortes, ela percebia agora, quando a cada movimento descobria um novo ardor. Cortes menores, sobre seu pescoço e através de sua barriga e braços; cortes mais fundos em suas coxas, onde o gato tinha prendido ela em suas patas traseiras.

Bem, não havia nenhuma razão para se deitar e sentir pena de si mesma. A neve estava caindo mais forte agora. Esta luta tinha trazido a ela danos e inconvenientes, mas também tinha trazido alimento que duraria por um bom tempo, e peles para um casaco que Bitterblue precisava muito.

Katsa se jogou em seus pés. Ela considerou o grande leão que estava morto e ensangüentado diante dela. Sua cauda – que era o que ela tinha visto balançando e se curvando naquela árvore. O primeiro indício que salvou sua vida. Da cabeça a cauda o felino era maior do que sua altura, e ela adivinhou que ele pesava um boa quantidade a mais do que ela. O pescoço dele era grosso e poderoso, seus ombros e costas fortemente musculosos. Seus dentes eram tão longos quanto seus dedos, e suas garras. A ocorreu que ela não tinha se saído tão mau nesta luta, apesar do que Bitterblue pensaria quando a visse. Este não era um animal que ela escolheria para lutar num combate mão a mão. Este animal poderia tê-la matado.

Ela percebeu então quanto tempo ela tinha deixado Bitterblue sozinha e uma rajada de vento soprou fortemente em seu rosto. Ela puxou sua adaga da garganta do gato, a limpou na neve, e deslizou-a em seu cinto.

Ela rolou o gato de costas e prendeu uma de suas pernas em cada mão. Ela rangeu seus dentes contra a dor em seu ombro, e arrastou o gato abaixo para a caverna delas. Bitterblue correu do acampamento quando ela viu Katsa se arrastando. Seus olhos se arregalaram. Ela fez um ruído ininteligível que soou como um engasgo.

“Eu estou bem, criança,” Katsa disse. “Ele só me arranhou.”

“Você está coberta de sangue.”

“A maior parte do sangue é do felino.”

A garota balançou sua cabeça e puxou as tiras do casaco de Katsa.

“Grandes mares,” ela disse, quando viu os talhos no peito de Katsa. “Grandes mares,” ela sussurrou de novo, a vista dos ombros, braços e barriga de Katsa. “Nós teremos que costurar alguns desses cortes. Vamos limpar você. Eu vou pegar os remédios.”

Naquela noite o acampamento estava lotado, mas o fogo aquecia seu pequeno espaço, e cozinhava as carnes do leão, e secava a pele marrom amarelada que em breve se tornaria o casaco de Bitterblue. Bitterblue supervisionava o cozimento da carne; elas carregariam o extra congelado, enquanto elas subiam.

A neve caía mais forte agora. O vento rajava os flocos de neve para dentro de sua fogueira, onde ele chiava e morria. Se a tempestade durasse, elas estariam suficientemente confortáveis aqui. Comida, água, um teto, e calor, elas tinham tudo o que elas precisavam. Katsa se deslocou o suficiente para que o calor da fogueira a tocasse e secasse a roupa esfarrapada que ela tinha colocado de novo depois de lavá-la, por que ela não tinha mais nada para vestir.

Ela estava trabalhando em um grande arco que tinha estado fazendo há alguns dias atrás.

Ela vergou o arco, e testou sua força. Ela cortou um pedaço de corda para o fio. Ela prendeu apertadamente em uma extremidade do arco e o puxou, fortemente, para esticá-lo na outra extremidade. Ela gemeu com a dor em seu ombro, e a irritabilidade em sua perna onde o arco pressionou em um de seus cortes.

“Se é isso o que é ser ferido, eu nunca vou entender por que Po adora tanto lutar comigo.

Não se é assim como ele se sente depois.”

“Eu não entendo muito qualquer um de vocês.” a menina disse.

Ela ficou em pé e puxou, experimentando o fio. Ela pegou uma das flechas que ela tinha talhado. Ela mirou a seta e disparou um tiro através da neve caindo, em uma árvore ao lado de sua caverna. A seta acertou com um baque e se embutiu profundamente.

“Nada mau,” Katsa disse. “Vai servir.”

Ela marchou para fora na neve e arrancou a flecha da árvore. Ela voltou, se sentou, e se pôs a entalhar mais setas.

“Eu preciso dizer que eu trocaria um bife de felino por uma simples cenoura. Ou uma batata. Você pode imaginar que luxo vai ser comer uma refeição em uma hospedaria, uma vez que estivermos em Sunder, princesa?”

Bitterblue apenas olhou para ela e mastigou a carne do gato. Ela não respondeu. O vento uivou, e um tapete de neve que formava do lado de fora da caverna ficou mais espesso. Katsa disparou outra seta na árvore e vagou lá fora na tempestade para recuperar ela. Quando ela voltou de novo e bateu suas botas contra as paredes para retirar a neve, ela notou que os olhos de Bitterblue ainda a observavam.

“O que é criança?”

Bitterblue balançou sua cabeça. Ela mastigou um pedaço de carne e engoliu. Ela puxou uma fatia de carne da fogueira e a passou para Katsa.

“Você não está agindo como se estivesse realmente ferida.”

Katsa encolheu os ombros. Ela mordeu a carne do gato e franziu seu nariz.

“Eu tenho fantasiado sobre pão,” Bitterblue disse.

Katsa riu.

Elas se sentaram juntas amistosamente, a criança e a matadora de leão, ouvindo o vento que levava a neve lá fora na caverna da montanha.

Capítulo Trinta



A menina estava exausta. Aquecida agora na pele do felino, mas exausta. Era uma subida sem fim, e as pedras que deslizavam debaixo de seus pés, puxando ela para baixo quando ela tentava ir em frente. Era uma encosta íngreme de pedra que ela não podia subir, a menos que Katsa a empurrasse por trás; e era inútil o conhecimento de que no topo desta encosta estava outra tão íngreme quanto esta, ou outro rio de pedras que deslizaria abaixo enquanto elas tentavam subir. Era a neve que ensopava suas botas e o vento que fazia caminho por baixo das beiradas de suas roupas. E eram os lobos e os felinos que sempre apareciam, tão de repente, salivando e rosnando, rompendo em direção a elas através da rocha. Katsa era rápida com seu arco. As criaturas eram sempre mortas antes que elas estivessem dentro do alcance, e às vezes antes que Bitterblue ficasse ciente da presença delas. Mas Katsa viu quanto tempo levava para a respiração de Bitterblue se acalmar e aumentava sempre de novo após cada ataque, e ela sabia que o cansaço da garota resultava não só do esforço físico, mas do medo.

Katsa quase não podia suportar a lentidão do ritmo delas ainda mais. Mas ela fez isso por que ela tinha que fazer. “Não será útil se nosso resgate matar ele,” Oll tinha dito na noite que eles resgataram o avô Tealiff. Se Bitterblue desvanecesse nesta montanha, a responsabilidade seria de Katsa.

Nevava forte agora, quase constantemente, e mesmo agora quando nevava, elas se mantinham caminhando. Katsa envolvia as mãos de Bitterblue em peles, e seu rosto, só seus olhos eram expostos. Ela sabia pelo mapa que não havia árvores na passagem

de Grella. Antes delas alcançarem aquele caminho alto e com ventania entre os picos, as árvores acabariam.

E então ela começou a fazer sapatos de neve, com aquilo ela não se encontraria precisando deles em um lugar com nenhuma madeira para fazê-los. Ela planejou fazer só um par. Ela não sabia que terreno elas encontrariam na passagem. Mas ela tinha idéia pelo vento e o frio. Não seria um lugar para andar lentamente, a menos que elas quisessem se congelar até a morte. Ela adivinhou que estaria carregando a criança.

De noite Bitterblue afundava imediatamente em um sono exausto, choramingando às vezes, como se ela estivesse tendo pesadelos. Katsa a protegia e mantinha a fogueira acesa. Ela reunia pedaços de madeira e tentava não pensar em Po. Tentava e freqüentemente falhava.

Seus ferimentos estavam cicatrizando bem. Os menores mal apareciam mais, e mesmo os maiores tinham parado de perder sangue há algumas horas. Eles não eram mais do que uma irritação, embora as sacolas que ela carregava puxassem os cortes e os sapatos de neve semi-contruídos batiam contra eles. Seu ombro e seu peito protestavam um pouco a cada vez que sua mão voava para a aljava em suas costas, a aljava que ela tinha feito com um pedaço do couro da sela. Ela teria cicatrizes sobre seu ombro e seu seio, possivelmente em suas coxas. Mas elas seriam as únicas marcas que o gato deixara em seu corpo.

Ela faria algum tipo de suporte da próxima vez, quando ela tivesse terminado com os sapatos de neve. Antecipando-se para carregar a criança. Algum arranjo de cordas e laços, feito do equipamento do cavalo, então com isso ela poderia carregar Bitterblue, seus braços estariam livres para carregar o arco. E talvez um casaco para si mesma, agora que Bitterblue estava aquecida. Um casaco, vindo do próximo lobo ou leão da montanha que elas encontrassem.

E a cada noite, com a fogueira alimentada e seu trabalho feito, e os pensamentos em Po tão próximos que ela não podia escapar deles, ela se curvava contra Bitterblue e dava a si mesma algumas horas de sono.

Quando Katsa se descobriu que ela estava tremendo para dormir a noite, envolvendo sua própria cabeça e pescoço com peles, e batia os pés para afastar a dormência em seus pés, ela achou que elas deveriam estar perto da passagem de Grella. Não poderia ser muito longe. Por que a passagem de Grella seria ainda mais fria que isso; e Katsa não acreditava que o mundo poderia ficar mais frio.

Ela ficou assustada pelos dedos dos pés e mãos da criança, e a pele do rosto dela. Ela parava com frequência para massagear os dedos de Bitterblue. A criança não estava falando, e escalava entorpecida, cansada; mas sua mente estava presente. Ela acenava e balançava sua cabeça em resposta as perguntas de Katsa. Ela envolvia seus braços ao redor de Katsa sempre que Katsa a levantava ou carregava. Ela gritava, com o alívio, quando a fogueira noturna delas a aquecia. Ela chorava de dor quando Katsa a acordava para as manhãs frias. Elas tinham de estar perto da Passagem de Grella. Elas tinham, por que Katsa não tinha certeza do quanto mais esta criança poderia agüentar.

Uma tempestade de gelo irrompeu uma manhã, enquanto elas andavam com dificuldade acima, através das árvores e arbustos. Durante a maior parte da manhã elas estavam cegas, as cabeças encurvadas contra o vento, corpos golpeados pela neve e gelo. Katsa mantinha seu braço ao redor da criança, como ela sempre fazia durante as tempestades, e seguia seu forte senso de direção acima e para o oeste. E notou, depois de algum tempo, que o caminho ficou menos íngreme, e que ela não estava mais tropeçando nas raízes de árvores ou em arbustos da montanha. Ela se sentia pesada, como se a neve tivesse aprofundado e ela devia empurrar seu caminho através dela.

Quando a tempestade se ergueu, tão abruptamente quanto ela tinha começado, a paisagem tinha mudado. Elas estavam na base de uma longa, e plana inclinação coberta com neve, sem vegetação, o vento capturando cristais de gelo em sua superfície e os fazendo dançar para o céu. Alguma distância à frente, dois penhascos escuros elevavam-se para a esquerda e a direita. A inclinação subia na passagem entre eles.

A brancura era ofuscante, o céu tão próximo e de tão azul abrasador que Bitterblue estendeu sua mão para bloquear seus olhos. A Passagem de Grella: Nenhum animal experimentaria, nenhuma rocha ou arbusto percorrendo. Apenas uma simples elevação estendendo-se na neve limpa para quem caminhasse através, logo acima da cordilheira e abaixo para Sunder.

Ela quase parecia pacífica.

Um alerta começou a buzinar, e então o alarido, na mente de Katsa. Ela observou os redemoinhos de neve que chicoteavam ao longo da passagem da superfície. Por um lado, seria uma distância maior do que parecia. Por outro, não haveria nenhuma proteção contra o vento.

Nem seria tão suave quanto parecia daqui, com o sol brilhando nela diretamente. E se ela soprasse forte, ou melhor, quando ela soprasse forte, seria o estado condizente com estes topos das montanhas, onde nenhuma coisa viva sobrevivia, e tudo o que tinha alguma esperança de durar era a rocha ou o gelo.

Katsa limpou a neve que se agarrava nas peles da menina. Ela quebrou os pedaços de gelo que se envolviam em torno do rosto de Bitterblue. Ela despreendeu os sapatos de neve das suas costas e os colocou, envolvendo as tiras em torno de seus pés e tornozelos, e apertando-os firmemente. Ela desembarçou o suporte que ela tinha construído e ajudou a criança a entrar nele, uma perna esgotada de cada vez. Bitterblue não protestou ou pediu por uma explicação. Ela se movia lentamente. Katsa se abaixou, agarrou seu queixo, e olhou dentro de seus olhos.

“Bitterblue”, ela disse. “Bitterblue. Você deve ficar alerta. Eu irei carregar você, mas só porque nós temos que nos mover rápido. Você tem que permanecer acordada. Se eu achar que você está caindo no sono, eu colocarei você abaixo e farei você andar. Você me entendeu? Eu farei você andar, princesa, não importa o quão difícil é para você.”

“Eu estou cansada”, a criança sussurrou, e Katsa agarrou seus ombros e os balançou.

“Eu não me importo se você está cansada. Você fará o que eu te disser. Você colocará cada pingão de força para permanecer

acordada. Você entendeu?”

“Eu não quero morrer”, Bitterblue disse, e uma lágrima vazou de seu olho e congelou em seu cílio. Katsa se ajoelhou e abraçou o pequeno pacote frio da garota.

“Você não vai morrer”, Katsa disse. “Eu não vou deixar você morrer.” Mas levaria mais do que sua vontade para manter Bitterblue viva, e então ela alcançou sua capa e puxou seu frasco de água. “Beba isso,” ela disse. “tudo.”

“Está frio”, Bitterblue disse.

“Isso irá te ajudar a manter você viva. Rápido, antes que ele congele.”

A criança bebeu, e Katsa fez uma decisão numa fração de segundo. Ela jogou seu arco no chão. Ela puxou suas sacolas e a aljava sobre sua cabeça e as deixou cair ao lado do arco. Então ela tirou as peles de lobo que ela usava de seus ombros, as peles que ela se permitiu manter e vestir, só depois que a criança estivesse coberta em várias camadas de peles da cabeça aos pés.

O vento encontrou os rasgões no casaco manchado de sangue de Katsa, e o frio cortou seu estômago, e as feridas remanescentes em seu peito e em seu ombro; mas logo ela estaria correndo, ela disse para si mesma, e o movimento a esquentaria. As peles que cobriam seu pescoço e cabeça seriam o suficiente. Ela envolveu o grande couro do lobo ao redor da criança, como um cobertor.

“Você perdeu a cabeça”, Bitterblue disse, e Katsa quase sorriu por que se a menina podia formar opiniões insultantes então, pelo menos, ela estava lúcida.

“Eu estou prestes a fazer um exercício muito perigoso”, Katsa disse. “Eu não gostaria de me superaquecer. Agora, me dê aquele frasco, criança.”

Katsa se curvou e encheu o frasco de neve. Então ela rapidamente o fechou, e o enterrou ao lado dos casacos de Bitterblue.

“Você vai ter que carregá-lo”, ela disse, “senão ele vai congelar.”

O vento vinha de todas as direções, mas Katsa achou que ele soprava mais ferozmente vindo do oeste em seus rostos. Então ela carregaria a criança em suas costas. Ela pendurou todo o resto

através de sua frente e puxou as alças do suporte da menina sobre seus ombros. Ela ficou em pé com o peso da menina e se empertigou. Ela deu alguns passos cautelosos com os sapatos de neve.

“Feche seus punhos”, ela disse para a menina, “e os coloque debaixo de seus braços.

Ponha seu rosto contra a pele ao redor de meu pescoço. Preste atenção em seus pés. Se você começar a achar que não pode senti-los, me diga. Você entendeu Bitterblue?”

“Entendi”, a garota disse.

“Então, tudo bem”, Katsa disse, “estamos saindo.”

Ela correu.

Ela ajustou rapidamente os sapatos de neve e precariamente equilibrou a carga em suas costas e a frente. A garota não pesava praticamente nada, e os sapatos de neve funcionavam bem o suficiente, uma vez que ela dominou a habilidade de correr com as pernas ligeiramente perpendiculares. Ela não podia acreditar em um vento que podia soprar tão forte e tão insistentemente, sem nunca diminuir. Cada respiração desse ar era uma lâmina cinzelando dentro de seus pulmões. Seus braços, suas pernas, seu torso, especialmente suas mãos – cada parte dela que não estava coberta com a pele queimava com o frio, como se ela tivesse jogado a si mesma em uma fogueira.

Ela correu, e no início ela pensou que bater seus pés e pernas criaria algum calor, e então o incessante baque, baque, baque tornou-se uma dor cortante, e então monótona; e finalmente ela não podia continuar a sentir o golpear, mas se forçou a continuar em frente, acima, perto do pico que sempre parecia a mesma distância.

As nuvens se reuniram de novo e a golpearam com a neve. O vento urrou, e ela correu cegamente. Mais e mais, ela gritava para Bitterblue. Ela fazia perguntas a menina, perguntas sem sentido sobre Monsea, sobre a cidade de Leck, sobre sua mãe. E sempre as mesmas perguntas sobre se ela podia sentir suas mãos, se ela podia mover os dedos de seus pés, se ela se sentia tonta ou entorpecida. Ela não sabia se Bitterblue entendia suas perguntas. Ela não sabia o que Bitterblue gritava de volta. Mas Bitterblue gritou; e se Bitterblue

estava gritando, então Bitterblue estava acordada. Katsa apertou seus braços sobre as mãos da criança. Ela estendia as mãos para trás e agarrava as botas da criança de vez em quando, fazendo sempre o que ela podia para esfregar os dedos dos pés dela. E ela correu, e se manteve correndo, mesmo quando ela sentia como se o vento estivesse a empurrando para trás. Mesmo quando suas próprias perguntas começaram a fazer menos e menos sentido, e seus dedos não podiam esfregar e seus braços não podiam apertar mais.

Eventualmente, ela estava consciente de só duas coisas: a voz da menina, que continuava em sua orelha, e a inclinação diante delas, que ela tinha que continuar correndo acima.

Quando o grande sol vermelho se afundou do céu e começou a mergulhar atrás no horizonte, Katsa registrou isso entorpecidamente. Se ela viu o pôr do sol, isso devia significar que a neve não caia mais. Sim, agora que ela considerava a questão, ela podia ver que tinha parado de nevar, embora ela não pudesse se lembrar de quando. Mas o pôr do sol significava que o dia estava acabando. A noite estava vindo; e a noite era sempre mais fria que o dia.

Katsa manteve-se correndo, por que em breve estaria mais frio. Suas pernas se moviam; a criança falava agora e de novo; ela não podia sentir nada exceto a frieza apunhalando seus pulmões a cada respiração. E então algo mais começou a se registrar na névoa em sua mente.

Ela podia ver o horizonte que repousava muito abaixo dela.

Ela observou o sol afundar atrás de um horizonte que repousava muito abaixo dela.

Ela não sabia quando a visão tinha mudado. Ela não sabia de que ponto ela tinha passado do topo e começado a descer. Mas ela tinha feito. Ela não podia ver os picos negros mais, e então eles deveriam estar atrás dela. O que ela podia ver era o outro lado da montanha; e florestas, florestas infindáveis; e o sol trazendo o dia para mais perto enquanto ela corria, a criança viva e respirando em suas costas, abaixo em Sunder. E não muito longe a frente dela, o fim deste declive nevado, e o começo de árvores e arbustos, e uma

descida que seria muito mais fácil para a criança do que a subida tinha sido.

Ela notou os tremores então, os violentos tremores, e o pânico a consumiu, torturando sua mente entorpecida para acordar. A criança não devia adoecer agora, não agora que elas estavam tão perto da segurança. Ela estendeu suas mãos atrás e agarrou as botas de Bitterblue. Ela gritou seu nome. Mas então ela ouviu a voz de Bitterblue, chorando algo em sua orelha; e ela sentiu os braços da garota serpenteando ao redor de sua frente e a abraçando forte. A linha abaixo de seus seios onde os braços de Bitterblue a circularam parecia de repente diferente. Quente, estranhamente quente. Katsa escutava seus próprios dentes batendo. Ela percebeu que não era a garota que estava tremendo. Era ela mesma.

Ela descobriu-se rindo, embora nada fosse engraçado. Se ela não podia nem mesmo se manter viva, não havia esperança para a garota. Ela não devia ter deixado isso acontecer; ela tinha sido louca em trazê-las a Sunder por este caminho. Ela pensou em suas mãos, e as segurou acima para seu rosto. Ela abriu seus dedos, os forçou a abrir, e amaldiçoou a si mesma quando ela viu as pontas brancas dos dedos. Ela enfiou seus punhos debaixo de seus braços.

Ela desejou que sua mente pensasse clara, e lucidamente. Ela estava com frio, muito frio. Ela devia levá-las a um lugar onde as árvores começavam, então elas podiam ter lenha, e proteção contra o vento. Ela devia começar uma fogueira. Ir a este lugar, e começar uma fogueira. E manter a criança viva. Aquelas eram suas necessidades, aqueles eram seus objetivos, e ela manteria aqueles pensamentos em sua cabeça enquanto ela corria.

No momento em que elas alcançaram as árvores, Bitterblue estava choramingando pela dormência e frio. Mas quando Katsa desabou ela em seus joelhos, a garota se desenrolou do suporte. Ela se atrapalhou em remover as peles de lobo de suas próprias costas e as envolvê-las ao redor do corpo de Katsa. Ela se ajoelhou diante de Katsa e arrancou as amarras dos sapatos de neve com seus dedos rachados e sangrando. Katsa se despertou e ajudou com as tiras. Ela rastejou para fora dos sapatos e jogou fora suas sacolas, a aljava, o suporte, e o arco.

“Lenha,” Katsa disse. “Lenha.”

A garota fungou, e concordou e tropeçou ao redor, debaixo das árvores, coletando o que ela podia encontrar. A madeira que ela trouxe de volta para Katsa estava úmida com a neve. Os dedos de Katsa estavam lentos e desajeitados com sua adaga, instáveis com o tremor que atormentava seu corpo. Ela nunca em sua vida teve dificuldade em começar um fogo antes, nem uma vez em sua vida. Ela concentrou-se ferozmente, e na sua décima ou décima primeira tentativa, uma chama brilhou e pegou em um canto seco da madeira. Katsa alimentou com folhas de pinheiro a chama e a protegeu, a direcionou, e fez força para ela não morrer, até que ela lambeu as extremidades dos galhos que ela tinha reunido. Elas tinham fogo.

Katsa se agachou, tremendo, e observou as chamas, ignorando ferozmente as punhaladas de dor que elas trouxeram a seus dedos e o palpitar aos seus pés.

“Não,” ela sussurrou, quando Bitterblue ficou de pé e se afastou para encontrar mais lenha.

“Aqueça-se primeiro. Fique aqui e se aqueça primeiro.”

Katsa construiu o fogo, lentamente, e enquanto ela se inclinava sobre ele, e enquanto ele aumentava, seus tremores se acalmaram. Ela olhou para a garota, que se sentava no chão, seus braços envolvendo ao redor de suas pernas. Seus olhos fechados, seu rosto descansando sobre seus joelhos. Suas bochechas listradas com as lágrimas. Viva.

“Que tola eu sou,” Katsa sussurrou. “Que tola eu sou.”

Ela se forçou a ficar de pé e se empurrou de árvore em árvore para recolher mais madeira.

Seus ossos doíam, suas mãos e pés gritavam com a dor. Talvez fosse melhor que ela tivesse sido tão tola, pois se ela soubesse o quão difícil isso seria, talvez ela nunca tivesse feito.

Ela retornou ao seu acampamento e fez a fogueira aumentar mais. Hoje à noite a fogueira seria enorme; hoje à noite elas teriam uma fogueira para que toda Sunder pudesse ver. Ela se arrastou para a criança e pegou suas mãos. Ela inspecionou os dedos da menina.

“Você pode senti-los?” ela perguntou. “Você pode movê-los?”

Bitterblue acenou. Katsa arrancou suas sacolas, e tateou o interior delas até que encontrou os remédios. Ela massageou a pomada de Raffin nas mãos rachadas e sangrando da menina.

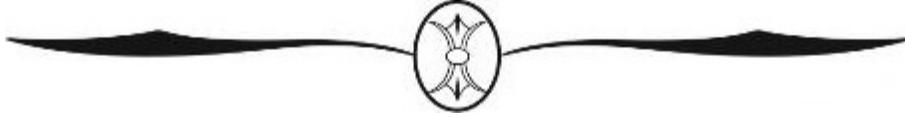
“Deixe-me ver seus pés agora, princesa.” Ela esfregou para aquecer os dedos dos pés da menina e os colocou de volta em suas botas.

“Você fez a travessia da Passagem de Grella,” ela disse para Bitterblue, “toda intacta. Você é uma menina forte.”

Bitterblue envolveu seus braços ao redor de Katsa. Ela beijou as bochechas de Katsa e a abraçou forte. Se Katsa tivesse tido energia suficiente para se espantar, ela teria estado espantada. Ao invés disso, ela abraçou a menina de volta entorpecidamente.

Katsa e Bitterblue abraçaram-se uma a outra, e seus corpos movendo lentamente seu caminho de volta ao calor. Quando Katsa deitou nesta noite diante da fogueira crepitante, a criança se encurvou em seus braços, nem mesmo a dor em suas mãos e pés poderia ter mantido ela acordada.

Parte ③



(A Mudança de Mundo)

Capítulo Trinta e Um



A hospedaria se assentava no que se passava por uma clareira aqui ao sul de Sunder, mas teria sido chamada de uma floresta em qualquer outro lugar. Havia espaço entre os carvalhos e bordos para a hospedaria, um estábulo, um celeiro, e um trecho de jardim; e o céu suficientemente aberto para permitir que a luz tremeluzisse abaixo e refletisse as árvores em torno das janelas dos edifícios.

A pousada não estava cheia, embora não estivesse vazia. O tráfego através de Sunder era sempre constante, mesmo no início do inverno, mesmo a beira das montanhas. Carroças trabalhavam para o norte puxando barris de cidra monsean, ou a madeira das florestas de Sunder, ou o gelo das montanhas a leste de Sunder. Comerciantes Lienids com sacos de tomates, uvas, damascos; jóias Lienid e ornamentos; e peixes encontrados somente nos mares Lienid, ao norte vindo das cidades portuárias sunderan, acima para Middluns, para Wester, Nander, e Estill. E ao sul vindo daqueles mesmos reinos vinham peixes de água doce, grãos e feno, milho, batatas, cenouras – todas as coisas que as pessoas que vivem nas florestas precisam – ervas, maçãs, pêras e cavalos, para serem carregados em navios e transportados para Lienid e Monsea.

Um comerciante permanecia agora no quintal da hospedaria, ao lado de uma carroça repleta de barris. Ele batia seus pés e soprava suas mãos. Os barris estavam demarcados e o comerciante não pertencia a nenhuma classe, seu casaco e botas simples, nenhum de seus seis cavalos carregavam uma marca ou ornamentação indicando de que reino ele veio. O estalajadeiro irrompeu para o quintal com seus filhos, gesticulando para eles e para seus cavalos.

Ele gritou algo que o comerciante e sua respiração congelaram no ar. O comerciante respondeu de volta, mais não alto o suficiente para carregar o som para a densidade das árvores do lado de fora da clareira, onde Katsa e Bitterblue se agachavam, observando.

“Ele parece ser monsean,” Bitterblue sussurrou, “vindo dos portos e fazendo sua passagem através de Sunder. Sua carroça está muito cheia. Se ele tivesse vindo de um dos outros reinos ele não teria vendido mais do que o que quer que ele carrega até agora? Exceto um Lienid, é claro – mas ele não tem a aparência de um Lienid, não é?”

Katsa vasculhou através de seus mapas.

“Isso dificilmente importa. Mesmo se nós determinarmos que ele é de Nander ou Wester, não sabemos quem mais está nesta hospedaria, ou quem mais provavelmente vai chegar. Nós não podemos arriscar, não até que nós saibamos se uma das histórias de seu pai tem se espalhado em Sunder. Nós estamos a semanas nas montanhas, criança. Nós não temos idéia do que estas pessoas tem escutado.”

“A história pode não ter chegado tão longe. Nós estamos a alguma distância dos portos e da passagem da montanha, e este lugar é isolado.”

“Verdade”, Katsa disse, “mas nós não queremos lhes proporcionar uma história, ou para se espalhar até a passagem na montanha ou abaixo nos portos. O quanto menos Leck souber sobre onde nós estivemos, é melhor.”

“Mas neste caso, na hospedaria nós estaremos a salvo. Nós teremos que chegar por nós mesmas daqui para Lienid sem que ninguém nos veja.”

Katsa examinou seus mapas e não respondeu.

“A menos que você esteja planejando matar todo mundo que nos ver,” Bitterblue resmungou. “Oh, Katsa, veja – aquela garota está carregando ovos. Oh, eu mataria por um ovo.”

Katsa olhou acima para ver a garota, de cabeça descoberta e tremendo, escapando do celeiro para a hospedaria com uma cesta de ovos pendurada sobre um braço. O estalajadeiro gesticulou para ela e gritou. A garota colocou a cesta na base de uma enorme

árvore e se apressou até ele. Ele e o comerciante estenderam a ela o saco após o saco, e ela os atirou sobre suas costas e ombro, até que Katsa mal podia vê-la pelos sacos que a cobriam. Ela cambaleou para dentro da hospedaria. Ela saiu de novo, e eles a carregaram de novo.

Katsa contou as árvores dispersas que ficavam entre o esconderijo delas e a cesta de ovos. Ela olhou para os restos congelados na horta. Então ela se arrastou através dos mapas de novo e agarrou a lista dos contatos do Conselho em Sunder. Ela estendeu a página em seu colo.

“Eu sei onde nós estamos”, Katsa disse. “Há uma cidade não muito distante daqui, talvez a dois dias de caminhada. De acordo com Raffin, um lojista lá é simpatizante do Conselho. Eu acho que nós poderíamos ir para lá em segurança.”

“Só por que ele é simpatizante do Conselho não significa que ele não seja capaz de ver através de qualquer estória que Leck está espalhando.”

“Verdade,” Katsa disse. “Mas nós precisamos de roupas e informações. E você precisa de um banho quente. Se nós chegássemos a Lienid sem encontrar ninguém, nós o faríamos, mas é impossível. Se nós precisamos confiar em alguém, eu preferiria que fosse um simpatizante do Conselho.”

Bitterblue fez uma careta. “Você precisa de um banho tanto quanto eu.”

Katsa sorriu.

“Eu preciso de um banho tanto quanto você. O meu não precisa ser quente. Eu não vou meter você em algum lago meio congelado, para afundar e morrer, depois de tudo a que você sobreviveu.” Agora, criança, Katsa disse, enquanto o comerciante e o estalajadeiro carregavam seus próprios sacos e se guiavam para a entrada da hospedaria, “não se mexa até eu voltar.”

“Onde...” Bitterblue começou, mas Katsa já tinha voado de árvore em árvore, se escondendo atrás de um tronco pesado e então em outro, espreitando para observar as janelas e portas da hospedaria.

Quando momentos depois que Katsa e Bitterblue retornaram a sua jornada através da floresta sunderan, Katsa tinha quatro ovos

dentro de sua manga e uma abóbora congelada em seu ombro. O jantar naquela noite teria ares de uma celebração.

Não havia muito o que Katsa pudesse fazer sobre sua aparência ou a de Bitterblue, quando chegasse a hora de bater na porta do dono da loja, ou limpar a terra e sujeira o melhor que ela pudesse de seus rostos, movendo com força o emaranhado dos cabelos de Bitterblue para alguma coisa parecida com uma trança, e esperar até o anoitecer cair. Estava muito frio também para esperar que Bitterblue removesse sua manta de peles e as peles de lobo de Katsa, não importasse o quanto alarmante, eram menos chocantes do que o casaco manchado e esfarrapado que elas escondiam.

O dono da loja foi facilmente identificado, seu prédio era o maior e mais movimentado na cidade com exceção a hospedaria. Ele era um homem de altura e constituição mediana, tinha uma robusta e sisuda esposa e um número excessivo de filhos que pareciam passar por toda a gama da infância, até a idade de Katsa e os mais velhos. Ou assim Katsa entendeu, enquanto ela e Bitterblue passavam seu tempo entre as árvores na beira da cidade, esperando o cair da noite.

Sua loja era de bom tamanho, e a casa marrom que subia acima e atrás dela, enorme. Como teria que ser, Katsa pensou, para conter tantas crianças. Katsa desejou, enquanto o dia progredia e mais e mais crianças se derramavam do prédio para alimentar as galinhas, ajudar os comerciantes a descarregar suas mercadorias, brincar e brigar, e disputar no pátio, que este contato do Conselho não tivesse tomado o dever de procriar tão a sério. Elas teriam que esperar não só até que a cidade se aquietasse, mas até que a maioria das crianças dormisse, se Katsa desejasse que sua aparição na soleira da porta causasse menos que um tumulto.

Quando a maioria das casas estavam às escuras, e quando a luz brilhou vindo de só uma das janelas da casa do dono da loja, Katsa e Bitterblue se arrastaram das árvores. Katsa envolveu seu punho em sua manga e bateu na sólida madeira sunderan tão silenciosamente quanto ela podia e ainda esperava ser ouvida. Depois de um instante a luz na janela acendeu.

Depois de outro instante a porta foi colocada aberta com um estalo, e o dono as espiou, uma vela em sua mão. Ele as olhou de cima a baixo, duas pequenas figuras peludas em sua porta, e manteve um firme aperto em sua maçaneta.

“Se é comida o que vocês querem, ou camas,” ele disse rispidamente, “vocês encontrarão a hospedaria no topo da estrada.”

A primeira pergunta de Katsa foi a mais arriscada, e ela se endureceu contra a resposta.

“É informação que nós buscamos. Você ouviu alguma notícia de Monsea?”

“Nada há meses. Nós escutamos pouco de Monsea deste lado da floresta.”

Katsa soltou sua respiração. “Segure sua luz no meu rosto, comerciante.”

O homem grunhiu. Ele estendeu seu braço através da fissura da porta e segurou a vela no rosto de Katsa. Seus olhos se estreitaram, e então se arregalaram, e todas as suas maneiras mudaram. Em um instante ele abriu a porta, as arrastou através dela, e jogou a trava por trás deles.

“Desculpe-me, minha senhora.” Ele gesticulou para uma mesa e começou a puxar as cadeiras. “Por favor, por favor, sentem-se. Marta!” ele gritou para uma porta adjacente. “Comida,”

ele disse para uma mulher confusa que apareceu na entrada, “e mais luz. E acorde o —”

“Não,” Katsa disse rispidamente. “Não. Por favor, não acorde ninguém. Ninguém deve saber que nós estamos aqui.”

“É claro, minha senhora,” o homem disse. “Perdoe a minha... minha...”

“Você não estava nos esperando,” Katsa disse. “Nós entendemos.”

“Na verdade,” o homem disse. “Nós ouvimos o que aconteceu na corte do rei Randa, minha senhora, e nós sabíamos que vocês passariam através de Sunder com o príncipe Lienid.

Mas em algum lugar ao longo do caminho os rumores perderam seu rumo.”

A mulher veio alvoroçada de volta a sala e colocou um prato de pão e queijo sobre a mesa.

Uma garota da idade de Katsa seguiu com canecas e um jarro. Um menino, um rapaz mais alto até mesmo que Raffin, levantou por último, e iluminou as tochas nas paredes ao redor da mesa.

Katsa ouviu um suspiro suave e olhou para Bitterblue. A garota encarava, olhos arregalados e boca babando, o pão e queijo sobre a mesa diante dela. Ela captou o olhar de Katsa. "Pão," ela sussurrou, e Katsa não pode se impedir de sorrir.

"Coma, criança," Katsa disse.

"Certamente, senhorita," a mulher disse. "Coma o quanto você quiser."

Katsa esperou até que todos estivessem sentados, e até que Bitterblue estivesse satisfeita enchendo sua boca com pão. Então ela falou.

"Nós precisamos de informação," ela disse. "Nós precisamos de conselho. Nós precisamos de banho e de algumas roupas – preferencialmente roupas de garotos – que vocês puderem ser capazes de ceder. Acima de tudo, nós precisamos de sigilo absoluto sobre nossa presença nesta cidade."

"Nós estamos ao seu serviço, minha senhora," o comerciante disse.

"Nós temos roupas suficientes nesta casa para vestir um exército," sua esposa disse. E qualquer suprimento que vocês precisarem na loja. E um cavalo, eu garanto, se vocês desejarem um. Vocês podem ter certeza que nós nos manteremos calados, minha senhora. Nós sabemos o que você tem feito com seu Conselho e faremos a vocês o que quer que nós pudermos."

"Nós agradecemos."

"Que informação você procura, minha senhora?" o comerciante pediu. "Nós temos escutado muito pouco vindo de qualquer um dos reinos."

Os olhos de Katsa descansaram em Bitterblue, que rasgava o pão e o queijo como uma coisa selvagem. "Devagar, criança," ela disse, distraidamente. Ela esfregou sua cabeça e considerou o quanto dizer para esta família sunderan. Algumas coisas eles precisariam saber, e

certamente a única coisa mais provável para combater a influência do qualquer engano que Leck espalhasse a seguir era a verdade.

“Nós viemos de Monsea,” Katsa disse. “Nós cruzamos as montanhas através da Passagem de Grella.”

Isto foi recebido com silêncio, e um arregalar de olhos. Katsa suspirou.

“Se isso é difícil para vocês acreditarem,” ela disse, “vocês descobrirão que o resto de nossa história não é menos do que inacreditável. Verdade, eu não estou certa por onde começar.”

“Comece com a Graça de Leck,” Bitterblue disse com sua boca cheia de pão.

Katsa observou a criança lamber os farelos de seus dedos. Bitterblue parecia como se ela estivesse se aproximando de um estado de êxtase que mesmo a história da traição de seu pai não poderia perturbar. “Muito bem,” Katsa disse. “Vamos começar com a Graça de Leck.”

Katsa não tomou um banho naquela noite, mais dois. O primeiro para se livrar da terra e retirar a camada superficial de sujeira, o segundo para se limpar de verdade. Bitterblue fez o mesmo. O comerciante, sua esposa, e seus dois filhos mais velhos moviam-se silenciosa e eficientemente, buscando a água, a aquecendo, esvaziando a banheira, e queimando seus velhos e esfarrapados trajes. Apresentando novas roupas, roupas de garotos, e ajustando elas aos seus convidados. Reunindo chapéus, casacos, cachecóis e luvas de seus próprios armários e da loja.

O corte no cabelo de Bitterblue era do comprimento de um garoto, e aparar os de Katsa, então ele descansaria perto de seu couro cabeludo novamente.

A sensação de limpeza era surpreendente. Katsa não podia contar o número de vezes que ela ouviu o suspiro silencioso de Bitterblue. Um suspiro por estar quente e limpa, de lavar-se com sabão; e o gosto de pão em sua boca, e a sensação do pão em seu estômago.

“Temo que não vá dormir hoje à noite, criança.” Katsa disse. “Nós devemos deixar esta casa antes que o resto da família acorde de manhã.”

“E você acha que isso me incomoda? Esta noite tem sido uma bênção. A falta de sono não será nada.”

No entanto, quando Katsa e Bitterblue deitaram-se em uma cama pela primeira vez depois de um tempo muito longo – a cama do comerciante e sua esposa, apesar de Katsa ter protestado pelo sacrifício deles – Bitterblue caiu num sono exausto. Katsa deitou de costas e tentou não deixar a respiração calma de sua companheira de cama, a suavidade do colchão e o travesseiro a iludirem em acreditar que estavam a salvo. Ela pensou nas lacunas que ela tinha deixado na história que ela tinha dito aquela noite.

A família do comerciante agora entendia o horror que era a Graça de Leck. Eles entendiam o assassinato de Ashen e os eventos que cercavam o seqüestro do avô Tealiff. Eles tinham imaginado, embora Katsa não tenha lhes dito explicitamente, que a criança comendo pão e queijo como se ela nunca tivesse visto isso antes, era a princesa monsean que fugiu de seu pai. Eles até entenderam que se Leck escolhesse espalhar uma falsa história através de Sunder, suas mentes poderiam perder a verdade de tudo o que ela tinha dito a eles. Por tudo isso, a família se maravilhou, aceitou e compreendeu.

Katsa tinha omitido uma verdade, e ela tinha dito uma mentira. A verdade omitida era o destino delas. Leck podia ser capaz de confundir esta família em admitir que a lady e a princesa tinham batido em sua porta e dormido debaixo de seu teto. Mas ele nunca seria capaz de convencê-los a revelar um destino que eles não sabiam.

A mentira era que o príncipe Lienid estava morto, morto pelos guardas de Leck quando ele tentou assassinar o rei monsean. Katsa supunha que esta mentira era uma perda de tempo. A oportunidade para a família falar sobre isso nunca surgiria. Mas enquanto ela pudesse, ela faria Po estar morto. Quanto mais pessoas pensassem que ele estivesse morto, menos pessoas pensariam em procurá-lo e fazer-lhe mal.

Para as cidades portuárias sunderan, elas deviam ir agora. Cavalgar ao sul para navegar a oeste. Mas seus pensamentos enquanto ela se deitava ao lado da princesa dormindo tenderam para o leste, para uma cabana ao lado de uma queda d'água; e ao

norte, para um laboratório em um castelo e uma figura inclinada sobre um livro, uma caneca, ou uma fogueira.

Como ela desejou poder levar Bitterblue ao norte, para cidade de Randa e escondê-la lá, como eles tinha escondido seu avô. Ao norte para o conforto de Raffin, a paciência e os cuidados de Raffin. Mas mesmo ignorando as complicações de seu próprio status na corte de Randa, isso era impossível. Impensável esconder a criança em tal lugar óbvio, e tão perto do domínio de Leck; impensável tomar esta crise para aqueles que Katsa mais amava. Ela não embarçaria Raffin com um homem que afastava toda a razão, e distorcia os objetivos. Ela não levaria Leck a seus amigos. Ela não envolveria seus amigos de modo algum.

Ela e a criança começariam amanhã. Elas cavalgariam no terreno. Elas encontrariam a passagem para Lienid, e ela esconderia a criança; e então ela pensaria.

Ela fechou seus olhos e se ordenou que dormisse.

Capítulo Trinta e Dois



A primeira visão de Katsa do mar foi como ela viu a primeira vez as montanhas, embora as montanhas e o mar não tivessem nada haver um com o outro. As montanhas eram silenciosas, e o mar era um ruído impetuoso, calmo, e o ruído impetuoso de novo. As montanhas eram altas, e o mar era plano alcançando tão longe à distância que ela estava surpresa que não pudesse ver as luzes de alguma terra distante brilhando de volta para ela. Eles não eram nada parecidos. Mas não podia se impedir de olhar o mar, ou respirar o ar marítimo, e dessa forma tinha as montanhas afetado ela.

O pano amarrado sobre seu olho verde limitava sua visão. Katsa desejou ardentemente rasgá-lo fora, mas ela não se atreveu, quando elas haviam chegado tão longe, primeiro através da periferia desta cidade e finalmente através das ruas da cidade. Elas tinham apenas a noite, e ninguém tinha reconhecido elas. O que era a mesma coisa que dizer que ela não tinha matado ninguém. Uma briga aqui e ali, quando ladrões em uma rua escura tinham ficado um pouco mais curiosos sobre dois garotos deslizando para o sul em direção a água à meia-noite. Mas nunca o reconhecimento, e nunca problemas a mais do que Katsa podia lidar sem levantar suspeitas.

Esta era Suncliff, a maior cidade portuária de Sunderan e com o tráfego mais pesado de comércio. Uma cidade que a noite surpreendia Katsa pela decadência e sombriedade, repleta de ruas estreitas que parecia como se elas devessem conduzir a uma prisão ou um bairro pobre, e não a esta imensidão espantosa de água. Água se alongando, preenchendo-a, apagando qualquer consciência

dos bêbados e ladrões, os edifícios e ruas arruinados em suas costas.

“Como vamos encontrar um navio Lienid?” Bitterblue perguntou.

“Não só um navio Lienid,” Katsa disse. “Um navio Lienid que não tenha estado recentemente em Monsea.”

“Eu poderia checar ao redor,” Bitterblue disse, “enquanto você se esconde.”

“Absolutamente não. Mesmo que você não fosse quem é, este lugar seria inseguro.

Mesmo se não fosse noite. Mesmo se você não fosse tão pequena.”

Bitterblue envolveu seus braços fortemente ao redor de si mesma e virou suas costas para o vento. “Eu a invejo por sua Graça.”

“Vamos,” Katsa disse. “Nós devemos achar um navio hoje à noite, ou nós passaremos o amanhã escondendo debaixo dos narizes de centenas de pessoas.”

Katsa puxou a menina para a proteção de seu braço. Elas fizeram seu caminho através das rochas das ruas e escadas que levavam as docas.

As docas eram estranhas durante a noite. Os navios eram corpos negros tão grandes quanto castelos saindo do mar, esqueletos de mastro e velas agitando, com vozes de homens invisíveis ecoando de seus cordames.

Cada navio era seu próprio reinozinho, com sua própria guarda que permaneciam, espadas puxadas, diante das pranchas, e seus próprios marinheiros que iam e vinham do convés para a doca ou se reunindo ao redor de pequenas fogueiras na praia. Dois garotos andando entre os navios, empacotados contra o frio e carregando um par de sacolas usadas, estavam longe de dignos de atenção neste ambiente. Elas eram fugitivas, ou pobres, a procura de trabalho ou passagens.

Uma cadência familiar na conversa de um grupo de guardas captou os ouvidos de Katsa.

Bitterblue virou-se para ela, sobrancelhas levantadas.

“Eu ouvi,” Katsa disse. “Vamos nos manter caminhando, mas lembre-se deste navio.”

“Por que não falamos com eles?”

“Há quatro deles, e há também muitos outros nas proximidades. Se houver problemas eu nunca serei capaz de manter isso em silêncio.”

Katsa desejou subitamente por Po, por sua Graça, então eles poderiam saber se foram reconhecidos, e se isso importava. Se Po estivesse aqui, ele saberia com uma única pergunta se aqueles guardas lienids eram seguros.

É claro, se Po estivesse aqui suas dificuldades em se disfarçar seriam multiplicadas em dobro; entre seus olhos e anéis em suas orelhas, e seu sotaque, e mesmo em sua maneira de proceder, ele precisaria usar um saco sobre sua cabeça para evitar chamar atenção. Mas será que os marinheiros lienids fariam qualquer coisa que seu príncipe desejasse, apesar do que eles tinham ouvido? Ela sentiu o anel dele repousando frio contra a pele de seu peito, o anel com gravações que combinavam com seus braços. Este anel era seu bilhete se algum navio Lienid fosse servir a elas de boa vontade, e não em resposta ao tratamento da Graça dela ou pelo peso de sua bolsa. Embora ela entregasse sua Graça ou sua bolsa, se necessário.

Elas passaram despercebidas por um grupo de navios menores cujos guardas pareciam estar envolvidos em algum tipo de conversa, contando vantagem entre eles. Um grupo Westeran e outro – “Monsean,” Bitterblue sussurrou, e embora Katsa não mudasse sua marcha, seus sentidos se aguçaram e todo seu corpo vibrou com prontidão até que elas deixaram aqueles navios para trás e vários mais além deles. Elas continuaram, misturando-se com a escuridão.

O marinheiro se sentava sozinho na beirada de um passadiço de madeira, com os pés balançando sobre a água. A doca em que ele se sentava dava para um navio em um incomum estado de atividade, o convés fervilhando com homens e meninos. Homens e meninos lienids, pelas orelhas e dedos, na luz de suas lanternas, Katsa captou flashes de ouro. Ela nada sabia sobre navios, mas ela pensou que este devia pelo menos estar chegando ou só de partida.

“Navios partem altas horas da noite?” ela perguntou.

“Eu não tenho idéia”, Bitterblue disse.

“Rápido. Se este estiver a caminho, melhor ainda.”

E se aquele marinheiro solitário desse a elas algum problema, ela poderia derrubar ele na água e confiar que os homens se apressando no convés do navio acima não notariam a ausência dele.

Katsa deslizou para cima da passarela, Bitterblue bem atrás. O homem as percebeu imediatamente. Sua mão foi para seu cinto.

“Calma, marinheiro”, Katsa disse, sua voz baixa. “Nós só temos algumas perguntas.”

O homem não disse nada e manteve sua mão em seu cinto, mas ele permitiu que as duas figuras se aproximassem. Enquanto Katsa se sentava ao lado dele, ele se moveu e se inclinou para longe – para melhor avançar, ela sabia, no caso dele decidir usar sua faca. Bitterblue se sentou ao lado de Katsa, escondida do homem pelo corpo dela. Katsa agradeceu a Middluns pela escuridão e por seus casacos pesados, que escondiam seu rosto e suas formas deste homem.

“De onde seu navio veio por último, marinheiro?” Katsa pediu.

“Da cidade de Ror”, ele respondeu em uma voz menos grossa do que a dela, e ela soube que ele não seria um homem, mas um garoto – largo e sólido, mas mais jovem do que ela.

“Vocês partem hoje à noite?”

“Sim.”

“E para onde vocês vão?”

“Para Sunport e South Bay, Westport, e cidade de Ror de novo.”

“E não para Monport?”

“Nós não temos comércio em Monsea desta vez.”

“Vocês tem alguma notícia de Monsea?”

“Está claro que nós estamos em um navio lienid, não é? Encontre um navio monsean se é notícias monsean que você está querendo.”

“Que tipo de homem é o seu capitão”, Katsa perguntou, “e o que vocês carregam?”

“É um bom número de perguntas”, o garoto disse. “Você quer notícias sobre Monsea e informações sobre nosso capitão. Vocês querem saber onde nós temos estado e o que nós estamos carregando. Murgon emprega crianças para serem suas espiãs então?”

“Eu não tenho idéia de quem Murgon emprega para serem seus espiões. Nós procuramos por passagem”, Katsa disse, “para o oeste.”

“Vocês estão sem sorte.” O garoto disse. “Nós não precisamos de mãos extras, e vocês não parecem do tipo que paga.”

“Ah? Você é agraciado com a visão noturna?”

“Eu posso ver muito bem, o suficiente para saber que vocês são um par de moleques”, o garoto disse, “que estiveram lutando, pelo jeito dessa atadura sobre seu olho.”

“Nós podemos pagar.”

O garoto hesitou.

“Ou vocês estão mentindo, ou vocês são ladrões. Eu aposto que ambos são verdade.”

“Nós não somos nenhum.” Katsa alcançou sua bolsa em um bolso de seu casaco. O garoto desembainhou a faca e pulou ficando de pé.

“Calma, marinheiro. Eu só peguei minha bolsa”, Katsa disse. “Você pode pegá-la de meu bolso, se você quiser. Vamos lá.” Ela disse, enquanto ele hesitava. “Eu manterei minhas mãos acima e meu amigo ficará afastado.”

Bitterblue em pé se afastou alguns passos, gentilmente. Katsa de pé, com os braços levantados afastados de seu corpo. O garoto parou, e então se estendeu em direção a seu bolso.

Enquanto uma mão ocupava-se em descobrir a bolsa, a outra segurava a faca logo abaixo da garganta de Katsa. Ela pensou que ela deveria parecer nervosa. Ainda outra razão para estar grata pela escuridão que fazia seu rosto ilegível.

Com sua bolsa finalmente em mãos, o garoto se afastou um ou dois passos. Ele a abriu e sacudiu algumas peças de ouro em sua palma. Ele inspecionou as moedas ao luar, e então na luz da fogueira brilhando fracamente nas margens.

“Este ouro é Lienid”, ele disse. “Não só vocês são ladrões, mas vocês são ladrões que roubam de homens Lienid.”

“Leve-nos ao seu capitão e deixe-o decidir se aceita nosso ouro. Se você fizer isso, uma peça dessas é sua – independente do que você escolher.”

O garoto considerou a oferta, e Katsa esperou. Na verdade, não importava se ele concordava ou não com os termos dela, pois elas não encontrariam um navio para as suas finalidades melhor do que este. Katsa as colocaria a bordo de um jeito ou de outro, mesmo se ela tivesse que golpear este garoto na cabeça e arrastá-lo acima pela prancha, acenando o anel de Po diante dos narizes dos guardas.

“Tudo bem”, o garoto disse. Ele escolheu uma moeda da pilha em sua palma e a enviou dentro de seu casaco. “Eu os levarei a capitã Faun por uma peça de ouro. Mas eu garanto que vocês se encontrarão atirados na cela por roubo. Ela não vai acreditar que vocês acham-se honestamente, e nós não temos tempo para denunciá-los as autoridades nesta cidade.”

A palavra não tinha escapado a atenção de Katsa. “Ela? Seu capitão é uma mulher?”

“Uma mulher,” o garoto disse, “e Agraciada.”

Uma mulher e agraciada. Katsa não sabia o que devia a surpreender mais. “Este é um navio do rei, então?”

“É o navio dela.”

“Como –”

“Os Agraciados em Lienid são livres. O rei não é dono deles.”

Sim, ela se lembrava que Po tinha explicado isso.

“Vocês vêm.” O garoto disse, “ou nós vamos ficar aqui conversando?”

“Qual é a Graça dela?”

O garoto se afastou e acenou para elas à frente com a faca.

“Vão em frente”, ele disse. E então Katsa e Bitterblue subiram para a doca, mas Katsa esperou por sua resposta. Se esta capitã era uma leitora de mentes, ou mesmo uma lutadora competente, ela queria saber antes que eles alcançassem os guardas, então ela decidiria se continuar em frente ou empurrar este garoto para a água e correr.

À frente deles, os guardas falavam uns com os outros e riam de alguma piada. Um deles segurava uma tocha. A chama se esticava contra o vento e brilhava em seus rostos grosseiros, seus peitos largos, suas espadas desembainhadas. Bitterblue arfou, levemente,

e Katsa deslocou sua atenção para a criança. Bitterblue estava assustada. Katsa descansou sua mão sobre o ombro da garota e apertou.

“Será uma graça de natação”, ela disse preguiçosamente para o garoto atrás delas, “ou alguma habilidade de navegação. Eu estou certa?”

“A graça dela é a razão para nós partirmos no meio da noite”, o garoto disse. “Ela vê tempestades antes que elas cheguem. Nós partiremos agora para vencer uma tempestade que está vindo do leste.”

Uma vidente do tempo. A Graça que previa era melhor do que as Graças de leitores de mente, muito melhor, mas ainda ela dava a Katsa uma sensação se rastejando sobre sua pele.

Bem, esta profissão de capitão era bem adaptada a Graça dela de qualquer modo, e não era contrária a finalidade delas – poderia até ser vantajosa. Katsa encontraria esta capitã Faun e a avaliaria, então decidiria o quanto dizer a ela.

Os guardas olharam para eles enquanto se aproximavam. Um segurou uma tocha em seus rostos. Katsa mergulhou seu queixo na gola de seu casaco e olhou de volta para ele com um único olho visível.

“O que é isso que você está trazendo a bordo, Jem?” o homem perguntou.

“Eles vão para a capitã”, o garoto disse.

“Prisioneiros?”

“Prisioneiros ou passageiros. A capitã irá decidir.”

O guarda gesticulou para um de seus companheiros.

“Vá com eles, Bear”, ele disse, “e se certifique que nenhum perigo caia sobre nosso jovem Jem.”

“Eu posso me cuidar”, Jem disse.

“É claro que você pode. Mas Bear pode lidar com você também, e com ele mesmo, e seus dois prisioneiros, e carregar uma espada, e segurar uma lanterna – tudo ao mesmo tempo. E manter nossa capitã a salvo.

Jem podia estar prestes a protestar, mas com a menção da capitã, ele concordou. Ele tomou a liderança enquanto Katsa e

Bitterblue subiam a prancha. Bear ficou atrás delas, sua espada balançando em uma mão e uma lanterna levantada na outra. Ele era um dos maiores homens que já tinha visto. Enquanto eles caminhavam para o convés do navio, marinheiros se afastavam, em parte para os dois pequenos e esfarrapados estranhos e em parte para sair do caminho de Bear.

“O que é isso, Jem?” vozes perguntaram. “Nós vamos a capitã,” Jem respondia, mais e mais, e os homens se afastavam e voltavam para suas obrigações.

O convés era longo, e estava cheio com homens se acotovelando e com formas não familiares que surgiam por todos os lados e lançavam sombras estranhas contra a luz da lanterna de Bear. Uma vela desenrolou de repente, livre de seu confinamento nos cordames. Ela tremulou sobre a cabeça de Katsa, brilhando um luminoso cinza, parecendo muito como um enorme pássaro tentando quebrar suas amarras e levantar vôo para o céu; e então ela subiu de novo como se de repente, dobrasse e se amarrasse de volta ao seu lugar. Katsa não tinha idéia do que isso tudo significava, toda esta atividade, mas ela sentiu uma espécie de excitação pelo exotismo e a rapidez, as vozes gritando comandos que ela não reconhecia, o vento soprando, o piso se arremessando.

Levou a ela dois passos para se ajustar a inclinação e o rolar do convés. Bitterblue não estava tão confortável, e seu equilíbrio não foi ajudado pelo constante alarme aos acontecimentos ao redor dela. Katsa finalmente pegou a garota e a segurou próximo a sua lateral. Bitterblue se inclinou sobre ela, aliviada, e abdicou a Katsa o trabalho de mantê-la ereta.

Jem parou em uma abertura no chão do convés.

“Sigam-me”, ele disse.

Ele prendeu sua faca entre seus dentes, andou para a escuridão da abertura, e desapareceu. Katsa o seguiu, confiando na escada que ela não podia ver, para se materializar abaixo de suas mãos e pés, parando para ajudar a criança nos degraus acima dela. Bear desceu por último, sua luz lançando suas sombras contra as paredes do corredor estreito em que elas finalmente estavam.

Eles seguiram a forma escura de Jem abaixo de uma entrada. Bitterblue se inclinou contra Katsa e virou seu rosto contra seu peito. Sim, o ar era abafado aqui embaixo, e bolorento e desagradável. Katsa tinha ouvido que pessoas se acostumavam a navios. Até que Bitterblue se acostumasse a isso, Katsa a manteria em pé e respirando.

Jem as guiou através da entrada escura, em direção a um retângulo de luz laranja que Katsa adivinhou que se abria para a moradia da capitã agraciada. A mulher capitã. Vozes emanavam da abertura iluminada, e uma delas era forte, imperiosa, e feminina.

Quando eles alcançaram a entrada a conversa parou. De seu lugar nas sombras, atrás do garoto, Katsa ouviu a voz da mulher.

“O que é, Jem?”

“Imploro por seu perdão, capitã”, Jem disse. “Estes dois garotos sunderan desejam comprar passagens para o oeste, mas eu não confio no ouro deles.”

“E o que há de errado com o ouro deles?” a voz perguntou.

“É ouro Lienid, capitã, e mais dele do que parece a mim que eles deveriam ter.”

“Tragam eles para dentro”, a voz disse, “e me deixe ver este ouro.”

Elas seguiram Jem para dentro de um quarto bem iluminado que lembrou a Katsa um dos laboratórios de Raffin, sempre cheio de livros abertos, garrafas de líquidos estranhamente coloridos, ervas secando em ganchos, e estranhos experimentos que Katsa não entendia. Exceto aqui, os livros foram substituídos por mapas e gráficos, e as garrafas por instrumentos de cobre e ouro que Katsa não reconhecia, e as ervas por cordas, cordões, anzóis, redes – itens que Katsa sabia pertencer a navios, mas não sabia o propósito de nenhum, mas do que ela sabia dos propósitos dos experimentos de Raffin. Uma cama estreita ficava em um canto, um baú aos seus pés. Esta, também, como nos laboratório de Raffin, para algumas vezes ele dormir ali, na cama que ele tinha estalado para aquelas noites quando sua mente estava mais em seu trabalho do que em seu conforto.

A capitã em pé diante da mesa, um marinheiro quase tão grande quanto Bear ao seu lado, um mapa estendido diante deles. Ela era uma mulher de meia idade, seu cabelo cinza- aço e puxado firmemente em um nó na nuca. Suas roupas como aquelas dos outros marinheiros: calças marrons, casaco marrom, botas pesadas e uma faca em seu cinto. Seu olho esquerdo um cinza claro, e seu direito um azul tão brilhante quanto o olho azul de Katsa. Seu rosto severo, e seu olhar, enquanto ela se virava para os dois desconhecidos, rápidos e penetrantes. Katsa sentiu pela primeira vez, neste quarto iluminado com os olhos brilhosos desta mulher relampejando sobre elas, que seus disfarces tinham chegado ao fim de sua utilidade.

Jem derrubou as moedas de Katsa nas mãos estendidas da capitã.

“Há muito mais também, capitã, em sua bolsa.”

A capitã considerou o ouro em sua mão. Ela levantou seus olhos estreitados para Katsa e Bitterblue.

“Onde você conseguiu isso?”

“Nós somos amigos do príncipe Greening de Lienid”, Katsa disse. “Este é seu ouro.”

O marinheiro grande ao lado da capitã bufou. “Amigos do príncipe Po”, ele disse. “É claro que eles são.”

“Se vocês roubaram de nosso príncipe –” Jem começou, mas a capitã Faun levantou uma mão.

Ela olhou para Katsa tão duramente que Katsa sentiu como se o olhar da mulher estivesse raspando atrás de seu crânio. Ela olhou para o casaco de Katsa, seu cinto, suas calças, suas botas, e Katsa se sentiu nua diante da inteligência daqueles olhos desiguais.

“Você espera que eu acredite que o príncipe Po deu uma bolsa de ouro a dois meninos sunderan esfarrapados?” A capitã finalmente perguntou.

“Eu acho que você sabe que não somos garotos sunderan”, Katsa disse, alcançando o pescoço de seu casaco. “Ele me deu este anel então você pode confiar em nós.”

Ela puxou o cordão sobre sua cabeça. Ela segurou o anel para a capitã ver. Ela registrou a expressão chocada da mulher, e então os

gritos indignados de Jem e Bear a alertaram do aparecimento súbito da confusão na sala. Eles estavam se lançando em direção a ela, ambos, Jem brandindo a sua faca, Bear balançando sua espada; e o marinheiro ao lado da capitã tinham também puxado uma lâmina.

Po poderia ter mencionado que a vista do seu anel seu povo ficaria louco, mas ela agiria agora e contemplaria seu aborrecimento mais tarde. Ela girou Bitterblue para um canto para que seu próprio corpo estivesse entre a criança e todos os demais naquela sala. Ela virou suas costas e bloqueou o braço com a faca de Jem tão forte que ele gritou e largou a lâmina no chão. Ela golpeou seus pés para fora dele, evitou a espada balançando de Bear, e virou seu pontapé atingindo Bear na cabeça. No momento que o corpo de Bear tinha se dobrado no chão. Katsa segurou a própria faca de Jem em sua garganta. Agarrando com seu pé por baixo da espada de Bear e a chutando para o ar. Ela a agarrou com sua mão livre e a segurou em direção ao marinheiro restante, que ficava em pé fora de seu alcance, faca puxada, pronto para soltar. O anel ainda pendurado em seu cordão, apertado na mesma mão que apertava a espada, e era o anel que segurava o olhar da capitã.

“Pare”, Katsa disse ao marinheiro restante. “Eu não desejo feri-lo, e nós não somos ladrões.”

“Príncipe Po nunca daria este anel a um moleque sunderan.” Jem arfou.

“E você dá pouca honra a seu príncipe”, Katsa disse, enfiando seu joelho nas costas dele, “se você pensa que um moleque sunderan poderia tê-lo roubado.”

“Tudo bem”, a capitã disse. “Isso é mais do que o suficiente. Largue essas espadas, lady, e liberte meu homem.”

“Se o seu companheiro vier em minha direção”, Katsa disse, apontando a espada para o marinheiro restante, “ele irá acabar dormindo ao lado de Bear.”

“Para trás, Patch”, a capitã disse a seu homem, “e devagar com esta faca. Faça,” ela disse rispidamente, quando Patch hesitou. A expressão que ele atirou para Katsa era feia, mas ele obedeceu.

Katsa largou suas armas no chão. Jem ficou em pé, esfregou seu pescoço, e jogou uma careta na sua direção. Katsa pensou em

algumas escolhas de palavras que ela gostaria de dizer a Po. Ela girou o anel dele em torno de seu pescoço.

“O que exatamente você fez a Bear?” A capitã perguntou.

“Ele vai acordar em breve o suficiente.”

“É melhor que ele acorde.”

“Ele irá.”

“E agora se explique”, a capitã disse. “As últimas que nós ouvimos de nosso príncipe era que eles estava em Middluns, na corte do rei Randa. Treinando com você, se eu não estou enganada.”

Um ruído veio do canto. Elas se viraram para ver Bitterblue de joelhos, encolhida contra a parede, vomitando no chão. Katsa foi até a garota e a ajudou a se levantar. Bitterblue agarrou-se a ela desajeitadamente. “O chão está se movendo.”

“Sim,” Katsa disse. “Você irá se acostumar a ele.”

“Quando? Quando eu irei me acostumar a ele?”

“Venha, criança,”

Katsa praticamente carregou Bitterblue de volta para a capitã. “Capitã Faun”, ela disse, “esta é a princesa Bitterblue de Monsea. Prima de Po. Como você adivinhou, eu sou Katsa de Middluns.”

“Eu também adivinharia que não há nada de errado com este olho”, a capitã disse.

Katsa puxou o tecido de seu olho verde. Ela olhou para o rosto da capitã, que encontrou seu olhar friamente. Ela se virou para Patch e Jem, que olhavam de volta para ela, entendendo agora, sobrancelhas levantadas. Tão familiares, em suas feições em seus rostos, com cabelo escuro, o ouro em suas orelhas. A imparcialidade com que eles olharam para ela.

Katsa se virou de volta para a capitã. “A princesa esta em grande perigo”, ela disse. “Eu estou levando ela para Lienid para escondê-la de... daqueles que desejam feri-la. Po disse que vocês nos ajudariam quando eu mostrasse o anel dele. Mas se vocês não vão, eu farei qualquer coisa no poder de minha graça para forçar a sua ajuda.”

A capitã olhou para ela, estreitando os olhos e o rosto difícil de se ler. “Deixe-me ver este anel mais de perto.”

Katsa andou a frente. Ela não removeria o anel de seu lugar ao redor de seu pescoço de novo, não quando à vista dele inspirou tão

loucura. Mas a capitã não a temia, ela se inclinou para o pescoço de Katsa e tomou o circulo de ouro entre seus dedos. Ela o virou, deste modo ele ficaria na luz. Ela largou o anel e estreitou seus olhos para Bitterblue. Ela se virou de volta a Katsa.

“Onde está nosso príncipe?” ela perguntou.

Katsa deliberou e decidiu que ela devia dar a esta mulher partes, pelo menos, da verdade.

“Há alguma distância daqui, recuperando-se dos ferimentos.”

“Ele está morrendo?”

“Não”, Katsa disse espantada. “É claro que não.”

A capitã a olhou, e franziu as sobrancelhas. “Então por que ele deu este anel a você?”

“Eu te disse. Ele o deu para mim para que um navio Lienid nos ajudasse.”

“Tolice. Se isso é tudo o que ele queria, então por que ele não deu a você o anel do rei ou da rainha?”

“Eu não sei”, Katsa disse. “Eu não sei o significado dos anéis, a parte às pessoas que ele representa. Este é o que ele escolheu me dar.”

A capitã bufou. Katsa apertou seus dentes e se preparou para dizer algo muito cáustico, mas a voz de Bitterblue a parou.

“Po deu o anel a Katsa”, ela disse miseravelmente. Sua voz era grossa, seu corpo encurvado sobre si mesmo. “Po queria que ela o tivesse. E como ele não explicou o que ele significava, você deve explicar por ele. Agora mesmo.”

A capitã considerou Bitterblue. Bitterblue levantou seu queixo, sombria e teimosa. A capitã suspirou.

“É muito raro para um Lienid dar um de seus anéis, é quase desconhecido que ele dê o anel de sua própria identidade. Dar este anel é esquecer-se de sua própria identidade. Princesa Bitterblue, sua senhora tem ao redor de seu pescoço o anel do sétimo príncipe de Lienid. Se o príncipe Po tem verdadeiramente dado a ela este anel, isso significa que ele abdicou de seu principado. Ele não é mais um príncipe de Lienid. Ele fez dela uma princesa e deu a ela seu castelo e sua herança.”

Katsa a encarou. Ela puxou uma cadeira e se sentou. "Não pode ser."

"Ninguém em mil Lienids desiste deste anel." a capitã disse. "A maioria o usa em seus sepultamentos no mar. Mas ocasionalmente – se uma mulher está morrendo e quer que uma irmã tome seu lugar como mãe de seus filhos, ou se um comerciante morrendo quer que sua loja vá para um amigo, ou se um príncipe está morrendo e quer mudar sua linha sucessória – um Lienid faria um presente deste anel."

A capitã se virou para olhar para Katsa.

"Os Linieds amam seus príncipes, mais especialmente o príncipe mais jovem, o príncipe Agraciado. Roubar o anel do príncipe Po seria considerado um crime terrível."

Mas Katsa estava balançando sua cabeça, da confusão que Po teria feito com tal coisa, e do medo da palavra que a capitã dizia repetidamente. Morrendo. Po não estava morrendo.

"Eu não o quero", ela disse, "que ele deveria me dar isso, e não me explicar –"

Bitterblue se inclinou contra a mesa, seu rosto cinza, e gemeu. "Katsa, não se preocupe.

Você pode ter certeza que ele tinha alguma razão."

"Mas que razão ele teria? Seus ferimentos não eram tão ruins -"

"Katsa," A voz da criança era paciente, mas cansada. "Pense. Ele deu o anel a você antes que ele fosse ferido. Isso não é uma coisa estranha para se fazer, sabendo que ele poderia morrer numa luta."

Katsa viu então o que isso significava; e sua mão foi para sua garganta. Isso era bem dele.

E agora ela estava lutando contra as lágrimas, por que era apenas o tipo de coisa louca que ele colocaria em sua mente para fazer – louca e tola, demasiada amável, e desnecessária, por que ele não iria morrer.

"Por que em Middluns ele não me disse?"

"Se ele tivesse", Bitterblue disse, "você não teria pego."

"Você está certa. Eu não o teria pego. Você pode me ver tomando tal coisa de Po? Você pode me ver concordando com tal coisa? E ele estava certo em ter dado dele, por que ele vai morrer,

por que eu vou matá-lo quando vê-lo da próxima vez, por fazer tal coisa e me assustar e não me dizer o que isso significava.”

“Claro que você vai”, Bitterblue disse, tranquilizando.

“Não é permanente, não é?”

Katsa perguntou, virando-se para a capitã. Ela então percebeu pela primeira vez que a capitã estava olhando para ela diferente. Como estavam Patch e Jem. Seus rostos pálidos, e algo chocados e silenciosos em seus olhos. Eles acreditavam nela agora, que ela não tinha roubado o anel, e eles acreditavam que seu príncipe o tinha dado a ela. E Katsa estava aliviada que pelo menos aquela parte desta prova estava para trás.

“Eu posso devolvê-lo a ele”, ela perguntou a capitã, “não posso?”

A capitã limpou sua garganta. Ela acenou. “Sim, princesa.”

“Grandes colinas”, Katsa disse, angustiada. “Não me chame assim.”

“Você pode devolvê-lo a ele quando quiser princesa”, a capitã disse, “ou dá-lo a alguém mais. E ele pode reclamá-lo. Entretanto, sua posição lhe dá o direito a cada poder e autoridade ocupada por um príncipe de Lienid. E é nosso dever cumprir as suas ordens.”

“Eu ficarei feliz se você nos levasse rapidamente ao castelo de Po na costa ocidental,”

Katsa disse. “e parar de me chamar de princesa.”

“É seu castelo agora, princesa.”

O temperamento de Katsa estava começando a jogar faíscas, pois ela não queria nada desse tratamento; mas antes que ela pudesse discutir, um homem bateu na moldura da porta.

“Nós estamos prontos, capitã.”

Katsa puxou Bitterblue para o lado enquanto a sala irrompia com a agitação.

A capitã começou a gritar ordens.

“Patch vá de volta a seu posto e nos tire fora daqui. Jem, veja Beat. E limpe esta bagunça no canto. Eu preciso subir ao convés, princesa, Venha para cima, se você desejar. O enjôo de princesa Bitterblue será menor lá.”

“Eu te falei para não me chamar disso”, Katsa disse.

A capitã a ignorou e marchou para a entrada. Katsa colocou Bitterblue debaixo de seu braço e a seguiu, olhando para as costas da mulher enquanto elas passavam através do corredor.

E então na escuridão aos pés da escada, a capitã parou. Ela se virou para Katsa.

“Princesa”, ela disse. “O que você está fazendo aqui – e por que vocês estão disfarçadas, e por que a princesa criança está em perigo – é seu assunto. Eu não pedirei por uma explicação.”

Mas se há qualquer ajuda que possa dar, você só precisa expressá-la. Eu estou a seu serviço, completamente.”

Katsa alcançou seu peito e tocou o círculo de ouro. Ela estava grata, depois de tudo, pelo poder que ele dava a ela, se o poder ajudaria a servir Bitterblue. E que poderia ser uma explicação para o presente de Po também; talvez ele só quisesse que ela tivesse plena autoridade, para que ela pudesse proteger melhor a criança. Mas ela não queria que todos no convés vissem o anel, se ele inspirava tal adoração. Ela não queria todos falando sobre ele e o apontando e a tratando dessa forma. Ela soltou a gola de seu casaco e enfiou o anel no interior.

“Príncipe Po está se recobrando de seus ferimentos?” Capitã Faun perguntou, e Katsa ouviu a preocupação, a verdadeira preocupação, como se a capitã estivesse perguntando sobre um membro de sua própria família. E Katsa também ouviu o título real, menos facilmente retirado do nome de Po do que adicionado ao seu próprio.

“Ele está se recuperando”, ela disse.

E lhe ocorreu se perguntar então se os Lienides amariam seu príncipe tanto se eles soubessem a verdade da Graça dele. Era tudo muito confuso, tudo o que aconteceu desde que ela veio a bordo desta embarcação, e muitas partes disso machucava seu coração.

No convés, ela guiou Bitterblue para o lado do navio. Juntas elas respiraram o ar marinho e observaram o cintilar escuro da água.

Capítulo Trinta e Três



O que ela realmente amava era se apoiar nas beiradas e observar a proa do navio singrar as ondas. Ela amava isso, especialmente quando as ondas eram altas e o navio subia e descia, ou quando estava nevando e os flocos salpicavam o seu rosto. Os homens riam e diziam uns aos outros que a princesa Katsa tinha nascido um marinheiro. A qual Bitterblue acrescentou, uma vez que ela estava bem o suficiente para vir acima no convés e se juntar a brincadeira deles, que Katsa tinha nascido para fazer qualquer coisa que as pessoas normais poderiam considerar aterrorizantes.

O que ela realmente queria era subir no mais alto dos cordames, do mastro mais alto e se suspender no céu; e num dia claro quando Patch, que passou a ser o primeiro companheiro, mandou um amigo chamado Red desenrolar um emaranhado de cordas, ele disse a ela para ir junto.

“Você não devia encorajá-la”, Bitterblue disse para Patch, suas mãos em seus quadris e seu rosto virado para encará-lo. Seu semblante feroz, por tudo aquilo ela era um quinto do tamanho de Patch.

“Princesa, eu calculo que ela irá lá em cima eventualmente com ou sem minha palavra – então eu prefiro que isso seja agora enquanto eu estou olhando, do que a noite, ou durante uma tempestade.

“Se você acha que enviar ela lá em cima agora a manterá longe –”

“Cuidado”, Patch disse, enquanto o convés se inclinava e Bitterblue arremessava-se a frente. Ele a segurou e a levantou em

seus braços. Eles observaram Katsa escalar com mãos e pés o mastro atrás de Red; e quando Katsa finalmente olhou para baixo deles de seu lugar no céu, balançando tão selvagememente para trás e para frente, ela se maravilhou com a capacidade de Red de desembaraçar qualquer coisa, ela pensou em como Bitterblue não confiava em nenhum homem quando elas se encontraram pela primeira vez. E agora a garota permitia que este enorme marinheiro a apanhasse e a segurasse, como um pai, e o braço da garota estava ao redor do pescoço do Patch, e ela e Patch riram juntos de Katsa.

A capitã predisse que a viagem duraria quatro ou cinco semanas, mais ou menos. O navio se movia rápido, e a maior parte do tempo eles estavam sozinhos no oceano. Katsa nunca subia os cordames sem forçar seus olhos por algum sinal de perseguição, mas ninguém foi atrás deles.

Era um alívio não se sentir caçada, e não se sentir como um que devesse se esconder. Era seguro no mar aberto, isoladas com a capitã Faun e sua tripulação, pois nenhum marinheiro parecia olhar para elas com desconfiança, e ela ficou gradualmente confiante que nenhum deles tinha sido tocado por qualquer rumor de Leck.

“Nós não estávamos nem mesmo a um dia em Suncliff.” a capitã disse a ela. “Você tem sorte, princesa. Você tem a minha Graça a agradecer por isso.”

“E por sua velocidade”, Katsa disse. Pois era um inverno tempestuoso no mar, e apesar deles mudarem de curso por tantas vezes que seu trajeto parecia com alguma estranha dança através da água, elas conseguiram evitar o pior. O progresso deles para oeste era constante.

Katsa tinha dito a capitã sobre a Graça de Leck e as razões que elas fugiram, nos primeiros dias, quando Bitterblue tinha ficado muito doente e Katsa não tinha tido nada para fazer além de cuidar da menina e pensar. Ela disse a capitã porque tinha ocorrido a ela, com um sentimento penetrante, que os quarenta e tantos homens abordo deste navio sabiam exatamente quem ela e Bitterblue eram, e exatamente para onde elas estavam indo. O que os fazia quarenta e tantos informantes, uma vez que Katsa e Bitterblue

fossem entregues ao seu destino e o navio retornasse para sua rota comercial.

“Eu posso garantir a fidelidade da maioria de meus homens, princesa”, capitã Faun disse.

“A maioria, se não todos.”

“Você não entende”, Katsa disse. “Onde rei Leck está envolvido eu não posso garantir minha própria segurança. E não é o suficiente que eles jurem não dizer nada a ninguém. Se uma das histórias tocarem seus ouvidos, eles esqueceram seus juramentos.”

“O que eu teria que fazer princesa?”

Katsa odiou pedir isso, e então ela olhou para os mapas sobre a mesa diante delas, franziu os lábios, e esperou que a capitã a entendesse. Não levou muito tempo.

“Você quer que nós permaneçamos no mar, uma vez que nós tenhamos deixado vocês em Lienid”, a capitã disse, sua voz ríspida e ficando mais ríspida enquanto ela falava. “Você quer que nós nos mantenhamos no mar, fora do caminho, todo o inverno - distante, talvez indefinidamente – até que você e príncipe Po, que sequer está em comunicação, tenham encontrado um modo de imobilizar o rei de Monsea. Em que ponto eu suponho que devemos esperar por alguém vir em nossa busca e nos convide a voltar à costa? O que restaria de nós, porque nós vamos ficar sem suprimentos, princesa – nós somos uma embarcação comercial, sabe, projetada para navegar de porto em porto e tornar a abastecer nossa comida e água a cada parada. É pressão suficiente que nós estejamos indo direto de volta a Lienid -”

“Seu compartimento está cheio de frutas e verduras de seus comércios”, Katsa disse, “e seus homens sabem como pescar.”

“Nós vamos ficar sem água.”

“Então navegue seu navio para uma tempestade.” Katsa disse.

O rosto da capitã ficou incrédulo. Katsa supôs que era uma sugestão absurda – tudo isso era absurdo, para ela esperar que esse navio estivesse em círculos em algum canto congelado do mar, à espera de aproximação de notícias que poderiam nunca vir. Tudo pela segurança de uma jovem vida. A capitã fez um ruído parte de descrença e parte uma bronca, riu, e Katsa se preparou para discutir.

Mas a mulher olhou para suas mãos, pensando; e quando ela finalmente falou, ela surpreendeu Katsa.

“Você pede um grande acordo”, ela disse, “mas eu não posso fingir que eu não entendo por que você o pede. Leck deve ser parado, e não só pelo bem da princesa Bitterblue. A Graça dele é ilimitada, e um rei com suas tendências é um perigo para os sete reinos. Se minha tripulação evitar qualquer contato com fofoca ou rumores, que é de quarenta e três homens e uma mulher cujas mentes estão claras para a tarefa a mão.”

“E”, ela continuou, “eu prometi ajudá-la de qualquer modo que eu possa.”

Foi a vez de Katsa ficar agora descrente. “Você faria realmente essa coisa?”

“Princesa”, a capitã disse. “Não está em meu poder recusar qualquer coisa que você me pede. Mas esta coisa eu farei de boa vontade, o tanto quanto eu puder sem por em perigo meus homens e meu navio. E sob a condição que eu serei reembolsada por meus negócios perdidos.”

“Quanto a isso não há dúvidas.”

“Nada no mundo dos negócios é sem dúvidas, princesa.”

E assim elas fizeram um acordo. A capitã se manteria no mar em um lugar próximo a Lienid, um lugar específico a oeste em uma ilha inabitada que ela poderia descrever e outra embarcação poderia encontrar, até que o outro navio a viesse, ou circunstâncias abordo de seu navio tornasse impossível continuar o seu isolamento.

“Não tenho idéia do que dizer a minha tripulação”, a capitã disse.

“Quando a hora chegar para explicações”, Katsa disse, “diga a eles a verdade.”

A capitã perguntou a Katsa e para Bitterblue um dia, enquanto elas se sentavam na cozinha¹⁰ durante uma refeição, como elas tinham chegado a Suncliff sem serem vistas.

“Nós cruzamos os picos Monsean para Sunder”, Katsa disse, “e viajamos através das florestas. Quando nós alcançamos os limites de Suncliff, nós viajávamos apenas a noite.”

“Como vocês cruzaram a passagem das montanhas, princesa? Não estavam vigiadas?”

“Nós não cruzamos a passagem da montanha. Nós fomos pela passagem de Grella.”

A capitã espreitou Katsa por cima do copo que ela levantava em seu rosto. Ela colocou o copo abaixo. “Eu não acredito em você.”

“É verdade.”

“Vocês cruzaram a passagem de Grella e mantêm seus dedos das mãos e pés, sem falar de suas vidas? Eu poderia acreditar nisso quanto a você, princesa, mas eu não posso acreditar nisso com a criança.”

“Katsa me carregou”, Bitterblue disse.

“E nós tivemos bom tempo”, Katsa acrescentou.

O riso da capitã soou. “Não adianta mentir para mim sobre o tempo, princesa. Neva na passagem de Grella todos os dias desde o verão, e há poucos lugares nos sete reinos mais frio.”

“No entanto poderia ter sido pior o dia que nós cruzamos.”

A capitã ainda estava rindo. “Se eu precisar de um protetor, princesa, eu espero te encontrar por perto.”

Um ou dois dias mais tarde, depois que Katsa tinha vindo de um dos banhos gelados do oceano que ela gostava de tomar – os banhos que Bitterblue considerava mais uma prova que ela era louca – ela se sentou no beliche de Bitterblue e retirou suas roupas ensopadas. Seus quartos mal eram o suficiente para as duas camas que elas dormiam e mal iluminado por uma lamparina que se pendurava do teto. Bitterblue trouxe um pano para Katsa secar sua pele e seu cabelo molhados e congelados. Ela se aproximou para tocar o ombro de Katsa. Katsa olhou abaixo e viu, na luz tremulante, as linhas de pele branca que tinha segurado a atenção da garota.

As cicatrizes, onde as garras do leão da montanha tinham rasgado sua pele. Linhas sobre seus seios, também.

“Você se curou bem”, Bitterblue disse. “Não há dúvida de quem venceu aquela luta.”

“Com tudo isso”, Katsa disse, “nós não estávamos equilibrados, e o felino tinha a vantagem. Em um dia diferente, ele teria me matado.”

“Eu gostaria de ter sua habilidade”, Bitterblue disse. “Eu gostaria de ser capaz de me defender contra qualquer coisa.”

E não foi a primeira vez que Bitterblue tinha dito algo como aquilo. E era só uma das incontáveis vezes que Katsa tinha se lembrado, com uma punhalada de pânico, que Bitterblue estava errada, que seu primeiro e único encontro com Leck, Katsa tinha ficado indefesa.

Ainda assim, Bitterblue não tinha que ser tão indefesa quanto ela era. Quando Patch brincou com ela um dia sobre a faca que ela usava embainhada na sua cintura – a mesma faca, grande como seu antebraço, que ela tinha carregado desde o dia que Katsa e Po tinham a encontrado na floresta de Leck – Katsa decidiu que a hora tinha chegado a ser uma ameaça a Bitterblue. Ou tanto quanto ameaçada uma criança podia estar. Quão absurdo era que em todos os sete reinos, as mais fracas e vulneráveis das pessoas – meninas, mulheres – eram desarmadas e não eram ensinadas em nada sobre combate, enquanto os fortes eram treinados para alcançar o mais alto de suas habilidades.

E então Katsa começou a ensinar a criança. Primeiro a se sentir confortável com a faca em sua mão. A segurar ela apropriadamente, então ela não deslizaria de seus dedos; carregar ela facilmente, como se ela fosse uma extensão natural de seu braço. Esta primeira lição dada à criança deu mais problemas do que Katsa tinha antecipado. A faca era pesada. Ela era também afiada. Fez Bitterblue ficar nervosa em carregá-la desembainhada em um piso que se inclinava e submergia. Ela segurava o cabo tão firmemente, tão firmemente que seu braço doía e bolhas se formavam na palma de sua mão.

“Você teme sua própria faca”, Katsa disse.

“Eu tenho medo de cair sobre ela”, Bitterblue disse, “ou machucar alguém com ela por acidente.”

“Isso é bastante natural. Mas você está tão passível de perder controle sobre ela se você a está segurando tão firme quanto está relaxada. Relaxe seu aperto, criança. Ela não irá cair de seus dedos se você a segurar como eu te ensinei.”

E então a criança relaxou a mão que segurava a faca, até que o chão se inclinasse de novo ou um dos marinheiros se aproximasse; então ela esquecia o que Katsa tinha dito e apertava a lâmina de novo com toda a sua força.

Katsa mudou as táticas. Ela colocou um fim oficial nas lições, e ao invés disso Bitterblue tinha que andar ao redor do navio com a faca em sua mão toda a tarde por vários dias. Faca em mãos, a criança visitava os marinheiros que eram seus amigos, subia a escada entre o convés, comia as refeições na cozinha, e esticava seu pescoço para observar Katsa se enrolar ao redor dos cordames. No início ela suspirava freqüentemente e passava a faca pesadamente de uma mão para a outra. Mas então, depois de um dia ou dois, isso pareceu não aborrecê-la tanto.

Alguns dias mais e a faca pendia frouxamente de seu lado. Não esquecida, pois Katsa podia ver o cuidado que ela tomava com a lâmina quando o chão mexia, ou quando um amigo estava próximo. Embora confortável em sua mão. Familiar. E agora, finalmente, era a hora da garota aprender a como usar a arma que ela segurava. As próximas lições progrediram lentamente, Bitterblue era persistente e ferozmente determinada; mas seus músculos não eram treinados, desacostumados aos movimentos que Katsa agora esperava dela. Katsa estava angustiada às vezes em saber o que lhe ensinar. Havia alguma utilidade em ensinar a criança a bloquear ou dar golpes no sentido normal – alguns, mas não muitos. Ela nunca duraria numa batalha se ela tentasse lutar pelas regras habituais.

“O que você deve fazer”, Katsa disse a ela, “é infligir tanta dor quando possível e esperar por uma abertura.”

“E ignorar sua própria dor”, Jem disse, “o melhor que você pode.”

Jem ajudava com as lições, como fazia Bear, e qualquer outro marinheiro que pudesse encontrar tempo. Alguns dias as lições serviam como distrações na hora da refeição para os homens na cozinha, ou nos dias bons como diversão no canto do convés. Os marinheiros não entendiam porque uma garota jovem deveria aprender a lutar. Mas nenhum deles ria de seus esforços, mesmo quando os métodos de Katsa a encorajavam a usar os tão indignos quanto morder, arranhar e puxar cabelos.

“Você não precisa ser forte para direcionar seus polegares no saco de um homem”, Katsa disse, “mas isso faz muito dano.”

“Isso é nojento.” Bitterblue disse.

“Alguém de seu tamanho não tem o luxo de lutar limpo, Bitterblue.”

“Eu não estou dizendo que eu não faria. Eu só estou dizendo que é nojento.”

Katsa tentou esconder seu sorriso. “Sim, bem. Eu acho que é nojento.”

Ela ensinou a Bitterblue todos os lugares suaves para se apunhalar um homem se ela quisesse o matar – garganta, pescoço, estômago e olhos – os lugares fáceis que exigiam menos força. Ela ensinou a Bitterblue como esconder uma pequena faca em sua bota e como sacá-la rapidamente. Como direcionar uma faca com ambas as mãos e como segurar uma em qualquer das mãos. Como manter uma faca longe de cair no tumulto do ataque, quando tudo estava acontecendo tão rápido que sua mente não podia prosseguir.

“Esse é o jeito de se fazer”, Red falou um dia quando Bitterblue tinha acotovelado Bear com sucesso na virilha e curvado ele, gemendo.

“E agora que ele está distraído,” Katsa disse, “o que você fará?”

“Apunhalar ele no pescoço com minha faca”, Bitterblue disse.

“Boa garota.”

“Ela é uma coisinha valente”, Red disse, aprovando.

Ela era uma coisinha valente. Tão pequena, tão completamente pequena, que Katsa sabia, como cada um desses marinheiros devia saber, quanta sorte ela precisaria se tivesse que se defender de um atacante. Mas o que ela estava aprendendo daria a ela uma chance de lutar. A confiança que ela estava ganhando também ajudaria. Estes homens, estes homens ao lado gritando seus encorajamentos – eles ajudavam também, mais do que eles podiam saber.

“É claro, ela nunca precisará dessas habilidades”, Red adicionou. “Uma princesa de Monsea sempre terá guarda-costas.”

Katsa não disse as primeiras palavras que vieram a sua mente.

“Parece-me melhor para a criança ter estas habilidades e nunca as utilizar, do que não tê-las e um dia precisar”, ela disse.

“Eu não posso negar isso, princesa. Ninguém saberia melhor do que você, ou príncipe Po.

Eu imagino que dois de vocês poderiam reunir uma tropa inteira de crianças em um exército decente.”

Uma visão de Po, tonto e desequilibrado, apareceu na mente de Katsa. Ela a afastou.

Ela foi checar Bitterblue e focou seus pensamentos no próximo exercício dela.

Capítulo Trinta e Quatro



Katsa estava nos cordames com Red quando ela viu pela primeira vez Lienid. Era como Po tinha descrito, e era irreal, como algo de uma tapeçaria ou de uma música. Penhascos escuros subiam do mar, campos cobertos de neve no alto deles. Subindo dos campos um pilar de rochas, e acima da rocha, uma cidade. Cintilando tão brilhante que de início Katsa tinha certeza de que ela era feita de ouro.

Enquanto o navio se aproximava ela viu que não estava tão errada. Os prédios da cidade eram arenito¹¹ marrom, mármore amarelo, e quartzo branco que cintilava com a luz vinda do céu e da água. E as cúpulas e torres da estrutura que subia acima de outras e espalhava-se pelo horizonte, na verdade, ouro: O castelo de Ror e a casa da infância de Po. Tão grande e tão brilhante que Katsa se segurou nos cordames com a boca escancarada. Red riu dela e gritou para Patch que uma coisa, pelo menos, imobilizava o escalar e arrastar da princesa.

“Terra à vista!” ele gritou, e homens acima e abaixo do convés gritavam.

Red deslizou para baixo, mas Katsa ficou nos cordames e observou a cidade de Ror aumentar diante dela. Ela podia distinguir a estrada que espiralava da base de um pilar até a cidade, e as plataformas, também, se elevando dos campos para a cidade em cordas muito finas para seus olhos discernirem.

Quando o navio contornou a extremidade sudeste de Lienid e foi para o norte, ela se virou e manteve a cidade em sua vista, até que

ela desaparecesse. Ela machucou seus olhos, quase, a Cidade de Ror, e não a surpreendeu que Po viesse de um lugar que brilhava.

Ou de uma terra tão dramaticamente bonita. O navio contornava ao redor do reino, norte e depois oeste, e Katsa mal piscava. Montanhas desapareciam em nuvens tempestuosas. Torres de pedra talhadas nelas e pendendo, camufladas, acima do mar. Árvores em um precipício, rígidas e desfolhadas, negras contra o céu de inverno.

“Árvores Po”, Patch disse quando ela as apontou. “Nosso príncipe te disse? As folhas se tornam prateadas e douradas no outono. Elas eram bonitas há dois meses atrás.”

“Elas são bonitas agora.”

“Eu creio que sim. Mas Lienid é cinzenta no inverno. As outras estações são uma explosão de cores. Você verá princesa.”

Katsa olhou para ele com surpresa, e então se perguntou por que ela devia estar surpreendida. Ela veria, se ela ficasse tempo suficiente, e provavelmente ela estaria aqui por algum tempo.

Seus planos, uma vez que elas chegassem ao castelo de Po, eram vagos. Ela exploraria a construção, descobriria seus esconderijos, e os fortaleceria. Ela montaria uma guarda, com qualquer que fosse o pessoal que ela encontrasse lá. Ela pensaria e planejaria, e esperaria ouvir algo de Po ou Leck. E enquanto ela fortificava o castelo, ela fortificaria sua mente, contra qualquer notícia que ela ouvisse que poderia transportar o veneno das mentiras de Leck.

“Eu sei o que você pediu para nós fazermos, princesa.” Patch disse ao seu lado.

Dessa vez ela olhou para ele realmente surpresa. Ela observou as árvores passando, o rosto dele sério.

“Capitã Faun me contou”, ele disse. “Ela disse a poucos de nós – muito poucos. Ela queria alguns de nós ao seu lado quando chegasse à hora de contar ao resto.”

“E você está do lado então?” Katsa perguntou.

“Ela eventualmente me traria para seu lado.”

“Eu estou feliz”, Katsa disse. “E eu lamento.”

“Isso não é sua culpa, princesa. É a culpa do monstro que é o rei de Monsea.”

Uma leve neve começou a cair. Katsa estendeu suas mãos para encontrá-la.

“O que você acha que há de errado com ele, princesa?” Patch perguntou.

Katsa pegou um floco de neve no meio de sua palma.

“O que você quer dizer com errado com ele?”

“Bem, por que ele se agrada em ferir pessoas?”

Katsa deu de ombros. “A graça dele faz disso tão fácil.”

“Mas todos têm algum tipo de poder para ferir as pessoas”, Patch disse. “Isso não significa que elas o fazem.”

“Eu não sei”, Katsa disse, pensando de Randa a Murgon e os outros reis e seus atos sem sentido. “Parece-me que um bom número de pessoas ficam felizes em ser tão cruéis quanto seus poderes permitem, e ninguém é mais poderoso do que Leck. Eu não sei por que ele faz isso, eu só sei que nós precisamos pará-lo.”

“Você acha que Leck sabe onde você está princesa?”

Katsa observou os flocos misturando-se ao mar. Ela suspirou.

“Nós cruzamos com poucas pessoas”, ela disse, “uma vez que nós deixamos Monsea. E nós não dissemos a ninguém o nosso destino, até nos virmos abordo deste navio. Mas... ele nos viu Patch, eu e Po, e é claro que ele nos reconheceu. Há apenas poucos lugares que nós poderíamos esconder a criança. Ele a procurará por lá, eventualmente. Eu devo encontrar um lugar para esconder, no castelo ou nas terras. Ou até mesmo em algum lugar selvagem em Lienid.”

“O tempo estará ruim, princesa, até a primavera.”

“Sim. Bem, eu posso não ser capaz de mantê-la confortável. Mas eu a mantereí a salvo.”

Po tinha dito que seu castelo era pequeno, mas semelhante a uma casa grande do que um castelo. Mas depois de ver o modo como o castelo de Ror preenchia o céu, Katsa se perguntou se a escala de medição de Po poderia ser diferente das de outras pessoas. O castelo de Randa era grande. O de Ror era gigantesco. Onde o de Po se encaixava estava ainda para ser visto.

Quando ela viu finalmente o castelo de Po, ela ficou satisfeita. Ele era pequeno, ou pelo menos, ele parecia da sua posição nos

cordames do navio mais abaixo. Ele era simplesmente construído de uma pedra manchada de branco, as varandas e as molduras das janelas pintadas de um azul que combinavam com o céu, e só uma única torre, subindo de algum lugar lá atrás, sugeria que era mais do que uma casa.

Sua posição, é claro, era longe de ser simples, e sua posição agradava a Katsa ainda mais do que sua simplicidade. Um penhasco atingia acima e fora da água, e o castelo equilibrava-se nos penhascos bem às margens. Parecia como se ele pudesse tombar a frente a qualquer momento, como se o vento pudesse descobrir um ponto de apoio em alguma rachadura nas fundações, e inclinasse o castelo, rangendo e gritando, acima do declive e para o mar. Ela podia entender por que as varandas eram perigosas no inverno. Algumas delas pairavam sobre o espaço vazio.

Abaixo do castelo; o mar se jogava contra a base do penhasco. Mas havia uma brecha na rocha, uma pequena enseada onde a água quebrava e espumava sobre a areia. Uma minúscula praia. E uma escadaria que subia da praia, se elevando contra a lateral do penhasco girando em si mesma, desaparecendo ocasionalmente, e indo acima finalmente para uma lateral do castelo e para uma daquelas varandas vertiginosas.

“Onde nós vamos ancorar?” ela perguntou a capitã quando ela desceu para o convés.

“Há uma baía do outro lado dessa elevação, a alguma distância além da praia. Nós ancoraremos lá. Um caminho leva acima da baía e para o castelo – você achará que está indo para o caminho errado, princesa – mas então ele volta, e a leva acima de uma grande colina para frente do castelo. Pode haver neve, mas o caminho é mantido limpo no caso do retorno do príncipe.”

“Você fala como se conhecesse ele bem.”

“Eu capitaneei um pequeno navio a poucos anos atrás, princesa, um navio de suprimentos. Os castelos Lienids são todos lindamente situados, mas acredite-me quanto eu digo a você que nenhum deles é fácil de se abastecer. É um caminho íngreme até a porta.”

“Qual a quantidade de pessoal que ele mantém?”

“Eu esperaria poucas pessoas, princesa. E vou lembrar a você que é o seu castelo no momento, e seus servos, embora você continue a se referir a eles como dele.”

Sim, isso ela sabia; e essa era uma das razões que ela não estava ansiosa pelo seu primeiro encontro com os moradores do castelo. A aparição de lady Katsa de Middluns, conhecida por assassina, de posse do anel de Po, a absurda e trágica história que ela tinha a dizer sobre Leck e Ashen, e suas subseqüentes intenções de tornar o castelo uma fortaleza e cortar o contato com o mundo exterior. Katsa tinha a sensação que não seria fácil.

O caminho era como a capitã tinha descrito, e a colina íngreme e sulcada com elevações de neve. Mas o maior problema eram as pernas acostumadas ao mar de Bitterblue. Ela andava em terra quase tão desajeitada quanto ela tinha andado pela primeira vez sobre o mar. A rajada de vento vinha de trás, então parecia como se elas estivessem sendo golpeadas na colina.

O castelo não era muito como um castelo deste ângulo. Ele parecia como uma casa branca alta no topo de uma encosta, com várias árvores grandes sombreando um pátio que seria agradável num tempo melhor; uma grande torre subindo atrás das árvores; janelas altas, tetos altos, pelo menos uma varanda no topo; estábulos em uma lateral e um jardim congelado no outro, e nenhuma indicação, enquanto as orelhas não captavam o quebrar das ondas, que por atrás de tudo havia uma queda para o mar.

Elas alcançaram o topo da colina. Uma rajada de vento as empurrou sobre uma superfície azulejada colorida do pátio. Bitterblue suspirou, aliviada por se encontrar em terra plana.

Elas se aproximaram da casa, e Katsa levantou seu punho para a grande porta de madeira de Po. Antes que ela pudesse bater, a porta foi aberta e um ímpeto de calor golpeou seus rostos.

Um homem Lienid diante dela, idoso, vestido como um servo em um longo casaco marrom.

“Saudações”, ele disse, “Por favor, venham para a sala de recepção. Rápido.” o homem disse, enquanto Katsa ficava imóvel, surpresa pela recepção apressada dele. “Nós estamos deixando o calor escapar.”

O homem as conduziu a um salão escuro. À primeira vista, Katsa viu tetos altos, uma escadaria levado a passagens com corrimão acima, e pelo menos três lareiras acesas. Bitterblue firmou-se no braço de Katsa.

“Eu sou lady Katsa de Middluns”, Katsa começou, mas o homem acenou para elas irem em frente a um conjunto de portas duplas.

“Por aqui”, ele disse. “Meu mestre está esperando por vocês.”

O queixo de Katsa caiu em surpresa. Ela olhou para o homem, incrédula.

“Seu mestre! Você quer dizer que ele está aqui? Como isso é possível? Onde ele está?”

“Por favor, minha senhora”, o servo disse. “Venha por aqui. A família inteira está esperando na sala de recepções.”

“A família inteira!”

O homem acenou sua mão em direção às portas bem à frente. Katsa olhou para Bitterblue e sabia que o rosto espantado da menina devia espelhar o dela própria. Certamente havia tido tempo para Po ir para sua casa; Katsa e Bitterblue tinham se demorado nas montanhas. Mas como ele podia, em tal estado de saúde? E como deixou seu esconderijo sem ser visto? Por que, como -

O homem as enxotou à frente para as portas, e Katsa tentou formular uma pergunta, qualquer pergunta.

“A quanto tempo o príncipe está aqui?” ela perguntou.

“O príncipe acabou de chegar”, o homem disse, e antes que ela pudesse perguntar o que ele queria dizer, ele abriu as portas.

“Que maravilha”, uma voz lá dentro disse. “Bem vindas, minhas amigas! Entre e tomem seus lugares de honra em nosso círculo feliz!”

Era uma voz familiar, e ela pegou Bitterblue e segurou a garota para seu lado quando a criança arfou e caiu. Katsa olhou para ver estranhos assentados ao redor das paredes de uma longa sala; e no final da sala, sorrindo e as avaliando através de seu único olho, rei Leck de Monsea.

Capítulo Trinta e Cinco



Bem vindas. Amigas. Lugar de honra. Círculo feliz.

Katsa sentiu imediatamente que havia algo que ela não confiava neste homem que disse coisas tão boas, e em tal voz bondosa e calorosa. Havia algo sobre ele, alguma qualidade que mantinha seus sentidos tensos numa elevada prontidão. Ela não gostava dele.

Ainda assim, suas palavras eram gentis, e acolhedoras, e esta sala com estranhos que sorriam para ele, e sorriam para ela, e não havia razão para seu desconforto. Não havia razão para não gostar do homem tão instantaneamente. Ela hesitou na porta, e foi à frente. Ela procederia cuidadosamente.

A criança estava doente. Cedendo finalmente, Katsa pensou, para a constante vertigem sob seus pés. Bitterblue chorou e se agarrou a Katsa, e se manteve dizendo a ela para ir embora.

“Ele está mentindo”, ela continuou dizendo. “Ele está mentindo.” Katsa olhou para ela fixamente. Claramente a criança não gostava deste homem. Katsa levaria isso em consideração.

“Minha filha está doente. Me fere ver minha filha sofrer.” Leck disse; e Katsa se lembrou e compreendeu que este homem era o pai de Bitterblue. “Ajude sua prima”, Leck disse a mulher a sua esquerda. A mulher pulou e veio em direção a ela com os braços estendidos.

“Pobre criança”, a mulher disse.

Ela tentou puxar a menina para longe de Katsa, a abraçando e murmurando algo para confortá-la; mas Bitterblue começou a gritar e a bater na mulher, e agarrava-se a Katsa como uma coisa enlouquecida e assustada. Katsa pegou a criança em seus braços e a

silenciou, distraidamente. Ela olhou sobre a cabeça de Bitterblue para a mulher que era de algum modo a tia de Bitterblue. O rosto da mulher tremeu em sua mente. Sua testa, seu nariz eram familiares.

Não a cor dos olhos, mas o formato deles. Katsa olhou para as mãos da mulher e entendeu. Esta era a mãe de Po.

"Ela está histérica", A mãe de Po disse para Katsa.

"Sim," Katsa disse. Ela segurou a criança mais próxima. "Eu cuidarei dela."

"Onde está meu filho?" A mulher perguntou, seus olhos ficando alargados com a preocupação. "Você sabe onde meu filho está?"

"De fato", Leck disse em sua voz estrondosa. Ele inclinou sua cabeça, e seu único olho observou Katsa. "Está faltando um de seu grupo. Posso esperar que ele esteja vivo?"

"Sim", Katsa disse - e então ela se perguntou, vagamente, se ela queria fingir que ele estava morto. Ela não tinha antes fingido uma vez que ele estava morto? Mas por que ela teria feito aquilo?

O olho de Leck piscou. "Ele está realmente? Que notícia maravilhosa. Talvez nós possamos ajudá-lo. Onde ele está?"

Bitterblue gritou. "Não diga a ele, Katsa. Não diga a ele onde Po está, não diga a ele, não diga a ele..."

Katsa silenciou a menina. "Está tudo bem, criança."

"Por favor, não diga a ele."

"Eu não direi", Katsa disse. "Eu não direi."

Ela inclinou o rosto no gorro de Bitterblue e decidiu que era certo não dizer a este homem onde Po estava, não quando isso aborrecia tanto a criança.

"Muito bem", Leck disse. "Estou vendo como as coisas são."

Ele ficou em silêncio por um momento. Ele parecia estar pensando. Seus dedos mexiam no cabo de uma faca em seu cinto. Seus olhos deslizaram para Bitterblue e demoraram-se; e Katsa descobriu-se puxando a criança para mais perto de seu próprio corpo, e cobrindo a criança com seus braços.

"Minha filha não está em si", Leck disse. "Ela está confusa, ela está doente, sua mente está perturbada; e ela acha que eu a feriria. Eu tenho dito a família de Po sobre a doença de minha filha." Ele acenou sua mão em torno da sala. "Eu tenho falado a eles sobre

como ela fugiu de casa depois do acidente com sua mãe. Sobre como você e príncipe Po descobriram ela, lady Katsa, e como vocês a tem mantido segura para mim.”

Katsa seguiu o gesto dele em torno da sala. Rostos mais familiares, um deles um homem mais velho que Leck, o rei. O pai de Po. Suas feições eram fortes e orgulhosas, mas havia uma confusão em seus olhos. Uma incerteza nos olhos de todos nesta sala, dos mais jovens homens que deviam ser os irmãos de Po, e estas mulheres que deveriam ser suas esposas. Ou era uma confusão em sua própria mente que a impedia de ver seus rostos claramente?

“Sim,” ela disse, para qualquer comentário que Leck tinha acabado de fazer. Algo sobre a segurança de Bitterblue. “Sim. Eu a mantive a salvo.”

“Diga-me”, a voz de Leck estrondou. “Como você deixou Monsea? Vocês cruzaram as montanhas?”

“Sim”, Katsa disse.

Leck jogou sua cabeça para trás e riu. “Eu achei que vocês deviam, quando nós perdemos o rastro. Eu quase decidi voltar e esperar. Eu sabia que vocês apareceriam em algum lugar, eventualmente; Mas quando eu fiz perguntas, eu descobri que você não era bem-vinda em sua própria corte, Lady Katsa. E isso me deixou louco, absolutamente louco, não fazer nada enquanto minha querida criança estava -” Seus olhos descansaram de novo em Bitterblue e ele esfregou sua mão sobre sua boca. “Enquanto minha menina estava longe de mim. Eu decidi arriscar. Eu ordenei a meu povo que continuasse a procura, é claro, através dos outros reinos; mas eu decidi tentar Lienid por mim mesmo.”

Katsa balançou sua cabeça, mas a névoa em sua mente não dissipava. “Você não precisava se preocupar”, ela disse, “Eu mantive ela segura.”

“Sim”, ele disse. “E agora que você a trouxe para mim, direto pela minha porta, para meu castelo aqui na costa ocidental de Lienid.”

“Seu castelo”, Katsa disse entorpecidamente. Ela tinha achado que este castelo era de Po.

Ou ela achou que ele era seu próprio castelo? Não, aquilo era um absurdo; ela era uma lady de Middluns, e ela não tinha castelo. Ela deve não ter compreendido algo que alguém disse, em algum lugar.

“Agora é hora de você dar minha criança de volta.” Leck disse.

“Sim”, Katsa disse, mas preocupou-se em ceder os cuidados da menina, que tinha parado de lutar, mas estava desmoronada contra Katsa agora, de novo murmurando bobagens para si mesma e choramingando. Repetindo as palavras de Leck, repetidamente, em sussurros atordoados, como se ela estivesse testando como elas soavam em sua própria voz.

“Sim”, Katsa disse de novo. “Eu irei – mas não até que ela se sinta melhor.”

“Não”, Leck disse. “Traga ela para mim agora. Eu sei como fazê-la se sentir melhor.”

Katsa verdadeiramente não gostava desse homem. O modo que ele a ordenou – e o modo que ele olhava para Bitterblue, com algo em seu olhar que Katsa tinha visto antes, mas ela não podia ter certeza do lugar. Bitterblue era a responsabilidade de Katsa. Katsa levantou seu queixo.

“Não. Ela ficará comigo até que ela se sinta melhor.”

Leck riu. Ele olhou ao redor da sala.

“Lady Katsa é nada se não o oposto”, ele disse. “Mas eu não creio que nenhum de nós deve culpá-la por ser protetora. Bem, não importa. Eu desfrutarei a companhia da minha filha – seu olho se lançou para a garota de novo - “mais tarde.”

“E agora você irá me falar sobre meu filho?” A mulher ao lado de Katsa pediu. “Por que ele não está aqui? Ele não está ferido, está?”

“Sim”, Leck disse. “Conforte uma mãe ansiosa, lady Katsa. Digam-nos tudo sobre o príncipe Po. Ele está por perto?”

Katsa se virou para a mulher, confusa, tentando descobrir muitos quebra-cabeças de uma vez. Certamente havia algumas coisas que eram seguras a se dizer sobre Po; mas não havia alguns pontos que deveriam ser mantidos em silêncio? As categorias estavam se borrando.

Talvez o melhor fosse não dizer nada.

“Não quero falar de Po”, ela disse.

“Você não quer?” Leck disse. “Isso é lamentável? Pois eu desejo falar sobre Po.”

Ele bateu no braço de sua cadeira por um momento, pensativo.

“Ele é um jovem forte, nosso Po”, ele continuou. “Forte e valente. Um crédito para sua família. Mas ele não o é, sem seus segredos, é?”

Katsa sentiu, de repente, seus nervos gritarem até a ponta de seus dedos.

Leck a observou.

“Sim”, ele disse. “Po é um bocado problemático, não é?” Ele abaixou as sobrancelhas e franziu seus lábios; e então ele pareceu tomar uma decisão. Ele olhou ao redor da sala, os vários membros da família de Po, e ficou radiante. Ele falou agradavelmente.

“Eu estava pensando em manter algo para mim mesmo”, ele disse. “Mas me ocorre agora que Po é realmente muito forte; e ele pode aparecer algum dia em nossa porta. E talvez, em antecipação a estes fatos, seria melhor para eu dizer a vocês todos algo que pode...” e sorriu brevemente - “ter alguma influência em como vocês vão receber ele. Veja bem, minha lady Katsa”, ele disse, seu olho preso aos dela. “Eu estive pensando muito sobre nosso querido Po, e eu desenvolvi uma teoria. Uma teoria que vocês todos acharão fascinante, se não um pouco perturbadora. Sim.” ele disse, sorrindo para os rostos confusos que observavam ele. “É sempre um pouco perturbador descobrir que alguém foi traído, e por um membro da família. E você é a pessoa mais indicada para testar minha teoria, lady Katsa, por que eu acho que você pode estar em posse da verdade sobre o príncipe Po.”

O pai de Po e seus irmãos deslocaram-se de suas cadeiras e franziram suas sobrancelhas; e a mente de Katsa estava entorpecida com o pânico e confusão.

“É uma teoria sobre a Graça de príncipe Po.” Leck disse.

Katsa ouviu um pequeno suspirar ao seu lado, da mulher que era a mãe de Po. A mulher deu um passo em direção a Leck, e colocou sua mão em sua garganta. “Espere”, ela disse. “Eu não sei - ” ela parou. Ela virou seus olhos para Katsa, confusa, aterrorizada. E Katsa estava em chamas com a confusão e com o alarme

desesperado. Ela sentiu - ela entendeu – ela quase mal podia se lembrar.

“Eu acredito que nosso Po tem estado escondendo um segredo de vocês”, Leck disse.

“Diga-me se eu estou certo, lady Katsa, que o príncipe Po é na verdade –”

Foi então, por fim, que um precipitar de certeza atingiu Katsa. Nesse momento ela se moveu. Ela largou a criança, arrebatou um punhal de seu cinto, e jogou. Não por que ela se lembrou que Leck devia morrer. Não por que ela se lembrou da verdadeira Graça de Po. Mas por que ela se lembrou que Po tinha um segredo, um terrível segredo, a revelação que o feriria de algum modo terrível, do qual ela sentia profundamente, mas não podia se lembrar – e aqui estava este homem, o segredo na ponta da língua dele. E ela devia pará-lo, de algum modo detê-lo; ela silenciaria este homem, antes que as palavras destruidoras fossem ditas. No fim, Leck devia ter ficado com suas mentiras. Pois era a verdade que ele quase disse que matara ele.

A adaga voou direta e certa. Ela se encaixou na boca aberta de Leck e o pregou nas costas de sua cadeira. Ele sentou-se lá, braços e pernas flácidos, seu único olho arregalado e sem vida. Sangue espirrando em torno do cabo da lâmina e abaixo, em frente a sua túnica. E agora as mulheres estavam gritando e os homens estavam gritando em indignação, correndo em direção a ela com suas espadas puxadas, e Katsa sabia, instantaneamente, que ela devia ter cuidado com esta luta. Ela não devia machucar os irmãos de Po e seu pai. E de repente eles pararam, por que com um longo olhar para Leck, Bitterblue ficou de pé.

Ela se colocou em frente à Katsa, puxou sua própria faca de sua bainha, e a segurou trêmula contra eles.

“Vocês não vão machucar ela”, Bitterblue disse. “Ela agiu certo.”

“Criança”, Rei Ror disse. “Vá para o lado, nós não queremos machucar você. Você não está bem. Princesa Bitterblue, você está protegendo a assassina de seu próprio pai.”

“Eu estou perfeitamente bem agora que ele está morto”, Bitterblue disse, sua voz ficando mais forte e sua mão mais firme. “E

eu não sou uma princesa. Eu sou a rainha de Monsea. A punição de Katsa é minha responsabilidade, e eu digo que ela agiu certo, e vocês não vão machucá-la.”

Ela parecia bastante – capaz com sua faca em sua mão, composta, e muito determinada.

Os irmãos de Po e seu pai em pé em um semicírculo, espadas levantadas. Anéis em seus dedos e argolas em suas orelhas. Como sete variações de Po, Katsa pensou, distraidamente – mas com nenhuma luz em seus olhos. Ela esfregou seus próprios olhos. Ela estava cansada, ela não conseguia pensar direito. Várias mulheres ao fundo estavam chorando.

“Ela assassinou seu pai”, Rei Ror disse de novo agora, mais fracamente. Ele levantou sua mão a sua testa. Ele olhou para Bitterblue confuso.

“Meu pai era mau”, Bitterblue disse. “Meu pai tinha a Graça de enganar as pessoas com suas palavras. Ele vinha lhes enganando – sobre a morte de minha mãe, minha doença, suas intenções em relação a mim. Katsa tem estado me protegendo dele. Hoje ela me salvou completamente.”

Todas as mãos deles estavam sobre suas cabeças. Todas as suas sobrelhas estavam arqueadas, todos os rostos máscaras de confusão.

“Ele disse – Leck disse que ele possuía este castelo? Ele - ” a voz de Ror falhou. Seus olhos olharam para os anéis em suas mãos.

A mãe de Po puxou uma respiração trêmula. Ela se virou para seu marido. “Me parece possível que o que Lady Katsa fez não foi totalmente injustificado”, ela disse. “Ele estava claramente fazendo alguma absurda acusação sobre nosso Po. Eu, por exemplo, estou disposta a considerar a possibilidade de que ele tenha estado mentindo o tempo todo.” Ela pressionou sua mão em seu peito. “Nós devemos sentar e tentar resolver isso.”

Seu marido e seus filhos coçaram suas cabeças, e as acenaram vagamente.

“Vamos todos nos sentar,” Ror disse, acenando seus braços para as cadeiras. Ele olhou para o corpo de Leck e continuou, como se ele tivesse esquecido que ele sentava-se lá, tombado e sangrando.

“Tragam as cadeiras aqui, para o meio da sala, longe deste – espetáculo. Filhos, ajudem as senhoras. Lá, lá, elas estão chorando. Princesa – rainha – Bitterblue, você pode repetir as coisas que você acabou de dizer? Eu confesso que minha cabeça está confusa. Filhos, mantenham suas espadas desembainhadas – não há sentido em ser descuidado.”

“Eu desarmarei ela”, Bitterblue disse, “se isso fará você mais confortável. Por favor, Katsa”, ela disse se desculpando, estendendo sua mão.

Katsa alcançou dentro de sua bota e entregou a criança sua faca, entorpecida. Ela se sentou na cadeira que trouxeram para ela e entorpecidamente registrou o apressar das pessoas formando um círculo, o tilintar das espadas, as mulheres enxugando seus rostos e arfando, pegando nos braços de seus maridos. Ela jogou sua cabeça em suas mãos. Sua mente estava retornando, e ela entendeu agora o que ela tinha feito.

Era como um feitiço que se desvanecia lentamente, estourando uma bolha num momento, e deixando suas mentes vazias. Verdadeiramente vazios, eles falaram estupidamente, lentamente, se esforçando em reconstruir uma conversa que eles não podiam se lembrar, mesmo que cada um deles tivesse estado presente nela.

Ror não podia nem mesmo dar respostas diretas as perguntas de Bitterblue, sobre quando Leck tinha chegado a Lienid, o que ele tinha dito; o que ele tinha feito para convencer eles que o castelo de Po era seu. Convencer Ror a deixar sua cidade e sua corte e vir para um canto remoto de seu reino, com sua esposa e seus filhos, e divertir e se subjugar a Leck, enquanto Leck esperava por sua filha que poderia nunca chegar. Que coisas Leck tinha dito durando seu tempo de espera veio lentamente, incredulamente dos lábios de Ror. “Eu acho... creio que me disse que ele gostaria de se estabelecer em minha cidade. Ao lado de meu trono!”

“Eu acredito que ele disse algo sobre minhas servas, algo que eu não repetirei”, a rainha de Ror disse.

“Ele falou sobre alterações em nosso acordo de comércio! Eu tenho certeza disso!” Ror exclamou. “Em favor de Monsea!”

Ror se levantou e começou a andar em torno da sala. Katsa se levantou rigidamente, em respeito a um rei em pé, mas a rainha a puxou de volta.

“Se nós nos levantarmos cada vez que ele andar por aí nós sempre estaríamos de pé”, ela disse.

Sua mão descansou sobre o braço de Katsa um pouco mais do que o necessário, e seu olhar sobre o rosto de Katsa. Sua voz foi gentil. A reunião promovida foi para revelar as manipulações de Leck, a mais gentil das rainhas de Lienid parecia olhar com respeito à lady ao seu lado.

A fúria de Ror se expandiu, e a fúria de seus filhos, cada um afastando de seu estupor e se levantando um a um. Gritando sua indignação, discutindo um com o outro sobre o que tinha sido dito.

“Po realmente está bem?” um deles perguntou a Katsa, um dos mais novos que parou diante de sua cadeira e olhou para o rosto dela.

Uma lágrima caiu sobre sua bochecha, e ela deixou Bitterblue dizer a eles a história, dizer as verdades sobre Leck que tinha atingido a reunião como setas. Que Leck tinha desejado ferir a criança de modo estranho e horrível, que Leck tinha seqüestrado o avô Tealiff, que Leck tinha assassinado Ashen. Que seus homens quase tinham assassinado Po. E agora o pesar de Ror correspondia com sua fúria, e ele ajoelhou sobre o chão soluçando, por seu pai e seu filho e especialmente por sua irmã; e seus filhos gritaram ainda mais alto e mais incrédulos. Katsa pensou entorpecidamente que não era de se admirar que Po fosse tão fluente. Em Lienid todos eram, e todos falavam ao mesmo tempo. Ela enxugou suas lágrimas de seu rosto e lutou contra sua própria confusão.

Quando o irmão mais novo se agachou diante de Katsa de novo e ofereceu a ela seu lenço, ela o tomou e olhou estupidamente para seu rosto.

“Você acha que Po está bem?” Ele perguntou. “Você vai voltar para ele agora? Eu gostaria de ir com você.”

Ela enxugou seu rosto com o lenço. “Qual deles é você?”

O irmão sorriu. “Eu sou Skye. Eu nunca tinha visto alguém atirar um punhal tão rápido.

Você é exatamente como eu imaginei.”

Ele se levantou de novo e foi para seu pai. Katsa segurou seu estômago e tentou acalmar a acidez surgindo dentro dela. A neblina da Graça de Leck estava mais lenta para deixá-la, do que deixar os outros, e ela estava doente com o que ela tinha feito. Sim, Leck estava morto, e isso era uma coisa boa. Mas era por que ela tinha usado um punhal - um punhal – para parar alguém falando. Era tão violento quanto qualquer coisa que ela tinha feito por Randa. E ela sequer sabia o que ela estava fazendo.

Ela devia ir até Po. Ela devia deixá-los fragmentar a verdade juntos por si mesmos. Não importava, esses detalhes que eles selecionavam e discutiam e argumentavam, mais e mais, enquanto o dia se tornava noite. Bitterblue estava a salvo, era o que importava; Po estava sozinho e ferido, e lutando contra um inverno Monsean, e isso é que importava.

“Você vai dizer a eles sobre o anel?” Bitterblue perguntou a ela naquela noite, enquanto Katsa ficava em seu quarto, forçando sua mente lenta a fazer um balanço da situação de seus suprimentos.

“Não”, ela disse. “Não há necessidade. Isso só iria preocupá-los. A primeira coisa que eu vou fazer quando eu chegar até Po é devolvê-lo a ele.”

“Nós vamos sair muito cedo?”

Os olhos de Katsa saltaram para a criança que estava de pé diante dela, seu rosto sério, uma mão descansando na faca em sua cintura. A rainha de Monsea, em calças e cabelo curto, por tudo no mundo se parecendo com uma miniatura de pirata.

“Você não precisa vir”, Katsa disse. “Será uma jornada difícil. Uma vez que nós chegemos a Monport nós estaremos viajando muito rápido, e eu não vou diminuir meu ritmo para o seu conforto.”

“É claro que eu vou.”

“Você é a rainha de Monsea agora. Você pode incumbir um grande navio e viajar em luxo.

Você pode esperar até que a estação mude.”

“E me afligir, aqui em Lienid, até que você envie uma mensagem de que Po esteja bem? É claro que eu irei com você.”

Katsa olhou para o seu colo e engoliu um caroço em sua garganta. Ela não gostava de admitir o quanto isso a confortou, saber que Bitterblue estaria com ela nisso.

“Nós partiremos ao alvorecer”, ela disse, “em um barco mobiliado de Ror na próxima vila. Nós iremos primeiro nos juntar a capitã Faun e reabastecer seu navio. Então ela nos levará a Monport.”

Bitterblue concordou.

“Então eu vou tomar um banho e ir dormir. Onde você acha que eu posso ir para encontrar alguém que traga água quente?”

Katsa sorriu, levemente.

“Toque o sino, rainha. Os servos de Po estão um pouco sobrecarregados no momento, eu acredito; mas pela regente de Monsea, alguém virá.”

Foi, na verdade, a mãe de Po que veio. Ela avaliou a situação e conseguiu uma serva que arrastou Bitterblue para outro quarto, murmurando garantias sobre a temperatura da água e fazendo reverências o melhor que ela podia com seus braços cheios de toalhas.

A mãe de Po ficou para trás e sentou-se ao lado de Katsa sobre a cama. Ela apertou suas mãos em seu colo. Os anéis em seus dedos captaram a luz da lareira e prenderam os olhos de Katsa.

“Po me disse que você usava dezenove anéis”, ela se ouviu dizendo, sem sentido. Ela tomou fôlego. Ela apertou sua testa e tentou, pela centésima vez, dirigir sua mente da imagem de Leck pregado em sua cadeira por seu punhal.

A rainha abriu suas mãos e considerou seus anéis. Ela as fechou de novo, e olhou de lado para Katsa.

“Os outros acham que você se lembrou da verdade, de repente, sobre Leck”, ela disse.

“Eles acham que você se lembrou de repente e o silenciou imediatamente, antes que suas mentiras a fizessem esquecer de novo. E talvez foi isso o que aconteceu. Mas eu acredito que eu compreendo por que você encontrou forças para agir naquele momento.”

Katsa olhou de volta para a mulher, para seu rosto calmo e tranqüilo, seus olhos inteligentes. Ela respondeu a pergunta que ela

viu naqueles olhos.

“Po me disse a verdade sobre sua Graça.”

“Ele deve te amar muito”, a rainha disse tão simplesmente, que Katsa sobressaltou-se.

Katsa abaixou sua cabeça.

“Eu estava muito zangada”, ela disse, “quando ele me disse primeiro. Mas eu... me recuperei da raiva.”

Foi uma lamentável descrição inadequada de seus sentimentos, isso Katsa sabia. Mas a rainha a observava, e Katsa achou que a mulher entendeu o que ela não disse.

“Você se casará com ele?” A rainha perguntou tão baixo, que Katsa se assustou de novo, mas isso ela podia responder com franqueza. Ela olhou nos olhos da rainha.

“Eu nunca me casarei.” Ela disse.

A testa da rainha se enrugou com o espanto, mas ela não disse nada. Ela hesitou e então falou: “Você salvou a vida de meu filho em Monsea,” ela disse, “e você a salvou hoje de novo. Eu nunca esquecerei.”

Ela se levantou, se inclinou e beijou a testa de Katsa, e pela terceira vez desde a chegada desta mulher, Katsa se sobressaltou com surpresa. A rainha se virou e deixou o quarto, suas saias varrendo através da entrada. Com a porta fechada atrás dela, e Katsa surpresa com o vazio onde a mãe de Po tinha estado, a imagem de Leck subiu de novo a sua mente.

Capítulo Trinta e Seis



Katsa se manteve num canto distante do convés enquanto Bear, Red e vários outros homens puxavam as cordas que traziam o caixão de Leck a bordo. Ela desejou não ter nada haver com isso, desejou que as cordas arrebentassem e jogassem o corpo de Leck no mar, para ser despedaçado pelas criaturas marinhas. Ela subiu no mastro e se sentou sozinha nos cordames.

Havia uma grande procissão da realeza que traçava um curso agora para Monsea. Não só era Bitterblue uma rainha, mas príncipe Skye e rei Ror ocupavam-se dela. Filha de sua irmã, Ror tinha chamado a atenção, ela era uma criança. E mesmo se ela não fosse, ela retornaria para uma situação impossível. Um reino afundado sob um feitiço; um reino que acreditava que seu rei seria virtuoso e sua princesa estar doente, possivelmente até mesmo louca. Uma criança rainha não podia ser enviada para Monsea rapidamente para anunciar que ela estava agora no comando, e denunciar a morte do rei, em um reino inteiro que o adorava, Bitterblue precisaria de autoridade, e ela precisaria de orientação. Ambos, Ror podia providenciar.

Ror enviaria Skye para Po. Silvern, Ror tinha enviado em um navio diferente para Middluns, para recolher o avô Tealiff e trazê-lo para casa. Seus filhos remanescentes, Ror os enviou para casa, para suas famílias e seus deveres, fazendo-se de surdo a cada insistência dos filhos de que seu lugar era na cidade de Ror, cuidando dos negócios de Ror. Ao invés disso, Ror deixou seus negócios com sua rainha, como ele sempre fazia quando as circunstâncias o afastavam do seu trono. A rainha era mais do que capaz.

Katsa observou Ror, dia após dia, de seu lugar nos cordames. Ela ficou familiarizada com o som de sua risada, e sua conversa bem-humorada com o grupo de marinheiros. Não havia nada de humilde ou comprometedor sobre Ror. Ele era bonito, como Po, e confiante, como Po, e muito mais autoritário em sua atitude do que Po poderia ser. Mas – e isso Katsa veio gradualmente a entender – ele não era embriagado pelo seu poder. Ele nunca poderia sonhar em ajudar um marinheiro a puxar uma corda, mas ele ficaria ao lado do marinheiro, interessado, enquanto o marinheiro puxava a corda, e faria perguntas sobre a corda, sobre seu trabalho, seu lar, sua mãe e pai, seu primo que passou um ano pescando nos lagos de Nander. Isso golpeou Katsa, aqui estava uma coisa que ela nunca tinha encontrado: Um rei que se importava com o povo, ao invés de ser acima deles, um rei que via fora de si mesmo.

Katsa simpatizou facilmente com Skye. Ele subia ocasionalmente os cordames, arfando, seus olhos cinzentos se arregalando com a risada cada vez que o navio mergulhava na depressão de uma onda. Ele se sentava próximo a ela, nunca tão relaxado em seu poleiro quanto ela estava no dela, mas calmo, contente, e uma boa companhia.

“Eu achei, depois de encontrar sua família, que Po era o único homem entre vocês capaz de ficar em silêncio.” Katsa disse para ele uma vez, quando eles se sentaram por algum tempo sem conversar.

Um sorriso aqueceu seu rosto.

“Eu pularia para uma discussão, rápido o suficiente, se você quiser uma”, ele disse. “E eu tenho uma centena de perguntas que eu gostaria de fazer a você. Mas eu acho que se você gostasse de conversar – bem, você estaria falando, não estaria? Ao invés de subir aqui para ser arremessada para sua morte cada vez que nós nos levantamos numa onda.”

A companhia dele, o burburinho amigável da voz de Ror abaixo. As pequenas gentilezas dos marinheiros para com Bitterblue quando a garota vinha para o convés para o exercício.

Capitã Faun, que era tão competente e tão firme, e que sempre encontrava os olhos de Katsa com respeito. Todas essas coisas confortavam Katsa, e uma rígida casquinha começou a se esticar

sobre a ferida que tinha aberto nela, quando seu punhal tinha golpeado Leck.

Ela se encontrava pensando em seu tio. O quão Randa parecia pequeno agora, o quanto sem fundamento em seu poder. O quão tolo que tal pessoa tinha sido capaz de controlar ela.

Controle. Esta era a ferida de Katsa: Leck tinha tirado o controle dela. Isso nada tinha haver com se autocondenar; ela não podia se culpar pelo que tinha acontecido. Como não poderia ter acontecido? Leck tinha sido muito forte. Ela podia respeitar um oponente forte, como ela tinha respeitado o leão e a montanha. Mas nenhuma quantidade de humildade ou respeito fazia disso menos horrível, por ter perdido o controle.

“Perdoe-me Katsa”, Skye disse uma vez, enquanto eles se penduravam juntos sobre o mar. “Mas há uma coisa que eu quero perguntar a você.”

Ela tinha visto a confusão nos olhos dele às vezes antes. Ela sabia o que ele ia perguntar.

“Você não é a esposa do meu irmão, é?”

Ela sorriu sombria. “Não.”

“Então por que os Lienids neste navio a chamam de princesa?”

Ela tomou fôlego, para aliviar o abalo da pergunta na ferida. Ela alcançou dentro da gola de seu casaco e puxou o anel para ele ver.

“Quando ele me deu isso”, ela disse, “ele não me disse o que ele significava. Nem me contou por que ele me deu.”

Skye olhou para o anel. Seu rosto registrava o espanto, depois o medo, e então uma teimosia, obstinado a negar.

“Ele teve alguma motivo racional para isso”, ele disse.

“Sim”, Katsa disse. “E eu pretendo acabar com isso.”

Skye deu uma risada curta, e caiu em silêncio. Um vinco de preocupação demorou-se em sua testa. E Katsa sabia que a dura cicatriz que se formou sobre a dor, sem ela ter algo a fazer com sua futura falta de controle, como seu passado. Ela não podia fazer Po estar bem, não mais do que ela tinha sido capaz de pensar claramente na presença de Leck. Algumas coisas estavam além de seu poder, e ela tinha que se preparar para o que quer que ela

encontrasse, quando ela alcançasse a cabana de Po na base das montanhas Monsean.

O atraso, uma vez que o navio atracou em Monport e o grupo desembarcou, era insuportável. O capitão de uma guarda em Monport e os nobres da corte de Leck situados em Monport tinham sido convocados e os fizeram entender as incríveis verdades que Ror lhes apresentou. A busca por Bitterblue, ainda em curso, tinha que ser cancelada, como as instruções de tomar Katsa viva e Po morto. O tom de Ror neste último ponto petrificou alguma coisa muito fria.

“Ele foi encontrado?” Katsa interrompeu.

“Ele... ele quem?”

O capitão da guarda de Monport perguntou estupidamente, a mão dele em sua cabeça, suas maneiras aflitas com a incerteza de uma pessoa Lienid reconhecida.

“Seus homens encontraram o príncipe Lienid?” Ror falou bruscamente; então mais gentilmente, enquanto os olhos do capitão e dos nobres se moviam confusamente para Skye. “o jovem príncipe. Ele é um Agraciado, com olhos prateado e dourado. Alguém o viu?”

“Eu não acredito que ele foi visto, rei. Sim, Eu tenho certeza disso. Nós não o encontramos. Perdoe-me, rei. Esta história que você disse... minha memória...”

“Sim”, Ror disse. “Eu entendo. Nós devemos ir com calma.”

Katsa poderia ter destruído a cidade, pedra por pedra, tão selvagem que isso fez ela ficar.

Ela começou a andar para frente e para trás do rei Lienid. Ela se agachou no chão e agarrou seus cabelos. A conversa ficou monótona. Isso levaria horas – horas – para estes homens se libertarem do feitiço de Leck, e Katsa não podia suportar.

“Talvez nós pudéssemos ver alguns cavalos, pai”, Skye murmurou, “e ir a caminho?”

Katsa pulou em pé. “Sim”, ela disse. “Sim, em nome de Middluns, por favor.”

Ror olhou de Skye para Katsa, e então para Bitterblue. “Rainha Bitterblue”, ele disse, “se você me confiar em cuidar desta situação em sua ausência, eu não vejo razão para atrasar vocês.”

“É claro que eu confio em você”, a criança disse, “e meus homens vão adiar o seu julgamento em todas as coisas enquanto eu estiver fora.”

O capitão e os nobres olharam boquiabertos para sua nova rainha, a metade da altura de Ror, vestida como um menino, e totalmente digna. Eles franziram suas sobrancelhas e coçaram suas cabeças, e Katsa estava pronta para arrancar seus próprios olhos. Ror se virou para ela.

“Quanto mais rápido você alcançar Po, melhor”, ele disse. “Eu não a deterei.”

“Nós precisamos de dois cavalos”, Katsa disse, “os mais rápidos na cidade.”

“E vocês precisam de uma guarda Monsean,” Ror disse, “para que ninguém por quem vocês passem perceba o que aconteceu. Qualquer soldado Monsean que vê-la tentará te capturar.”

Katsa estalou sua mão impacientemente.

“Muito bem, uma guarda. Mas se eles não se mantiverem comigo, eu os deixarei para trás.”

Ela foi em direção a Skye.

“Eu espero que você cavalgue tão bem quanto seu irmão.”

“Ou você deixará ele para trás também?” Ror disse. “E a rainha Monsean – se ela pesar em seu cavalo, você a deixaria para trás? E o cavalo, suponho, uma vez que ele desmaie de exaustão e falta de utilidade?”

Ele ficou muito ereto, e sua voz estava ríspida.

“Seja racional, Katsa, você levará uma guarda, e ela cavalgará a frente e eles atrás de você. Na viagem inteira, está claro? Você vai carregar a rainha de Monsea e você viaja com meu filho.”

Katsa praticamente cuspiu de volta para ele.

“Você acha que eu preciso de uma guarda para proteger eles dos soldados de Monsea?”

“Não”, Ror rebateu. “Eu não tenho dúvidas que você é mais capaz de trazer a rainha, meu filho e o resto dos meus filhos, e uma centena de gatinhos nanderan através de um ataque de agressores se você quisesse.”

Ele ficou ainda mais alto.

“Escute a razão. Não vai fazer nenhum bem para nós neste momento, você ir a toda velocidade através de Monsea com a rainha de um reino em seu cavalo, matando seus soldados a torto e a direito. No que exatamente isso acabaria? Você viajará com uma guarda, e a guarda fará sua explicação e assegurará que vocês não sejam atacados. Estou sendo claro?”

Ele não esperou para saber se tinha sido claro? Ele se virou abruptamente para o capitão, que hesitou diante do intercâmbio inteiro como se isso machucasse sua cabeça.

“Capitão, os quatro cavaleiros mais rápidos em sua guarda”, ele disse, “e seus seis cavalos mais rápidos, imediatamente.”

Ele se voltou para Katsa e olhou ela abaixo.

“Você recobrou seu senso?” Ele rugiu.

Era seu temperamento que ela tinha perdido, não sua razão – ou se era sua razão, ela voltou para ela agora, com a promessa dos quatro cavaleiros rápidos, seis cavalos velozes, e uma cavalgada trovejante para Po.

Eles cavalgaram rapidamente e cruzaram com poucas pessoas. Port Road era grande, sua superfície uma mistura de terra e neve que dificultava embaixo dos cascos dos inúmeros cavalos.

Bancos de neve aumentavam em ambos os lados da estrada, e os campos de neve além deles.

Longe a oeste, eles podiam delinear uma linha escura na floresta, e nas montanhas além. O ar era gelado, mas a criança no cavalo atrás dela estava aquecida o suficiente, e contente por ser impulsionada mais forte do que era confortável. A rainha sobre o cavalo atrás dela, Katsa pensou, se corrigindo. E a rainha Bitterblue estava muito mudada da criatura arisca que ela e Po tinham adulado no interior de um tronco oco alguns meses atrás.

Bitterblue daria uma boa regente um dia. E Raffin um bom rei; e Ror era forte e capaz e viveria um longo tempo. Estes eram os três dos sete reinos em boas mãos. Três de sete, apesar disso parecer inadequado, seria uma grande melhora.

Havia cidades ao longo de Port Road, cidades com hospedarias. O grupo parou ocasionalmente para uma refeição ligeira, ou para buscar abrigo nas amargas noites de inverno tardio. A guarda deles

era a única coisa que fazia isso possível, pois cada soldado em cada sala que eles entravam, pulavam a vista deles, mão em armas e ficavam daquela maneira até que, pelas explicações da guarda, e algumas palavras de Bitterblue, relaxavam sua vigilância. Numa hospedaria, as explicações da guarda vieram muito lentamente. Um atirador cruzou uma sala vazia e disparou uma seta que teria acertado Skye, se Katsa não tivesse pulado no príncipe e o jogado no chão. Ela estava em pé de novo antes que Skye tivesse até mesmo registrado sua queda, seu corpo bloqueou o da rainha e sua própria seta puxada, mas a guarda tinha intervindo, e então tudo acabou. Katsa tinha puxado Skye para cima. Ela o olhou em seus olhos e entendeu o que tinha acontecido.

“Ele pensou que você era Po”, ela disse para Skye. “O arqueiro. Ele viu as argolas em suas orelhas, seus anéis, e o cabelo escuro, e ele atirou antes que ele visse seus olhos. Você deve esperar até que os guardas tenham falado, a partir de agora, antes que você entre em uma sala.”

Skye beijou a testa dela.

“Você salvou minha vida.”

Katsa sorriu.

“Vocês Lienids são muito extrovertidos em sua afeição.”

“Eu vou dar seu nome ao meu primeiro filho.”

Katsa riu com aquilo.

“Pelo bem da criança, espere por uma menina. Ou melhor, espere até que todos os seus filhos fiquem mais velhos e dê meu nome para o que for mais problemático e obstinado.”

Skye explodiu numa gargalhada e a abraçou, e Katsa devolveu seu abraço. E percebeu que sem intencional, seu coração resguardado tinha feito outro amigo.

O grupo foi varrido escadas acima para um brevíssimo sono. O arqueiro foi levado embora, mais provavelmente para ser punido corretamente por soltar uma seta tão perto de uma menina pequena de olhos cinza que acontecia de ser Bitterblue. E se as pessoas vivendo nas cidades e viajando nas estradas não soubessem dos detalhes da morte de Leck ou suspeitassem de sua traição, pelo

menos começaria a ser entendido em Monsea que Bitterblue estava a salvo, Bitterblue estava bem, e Bitterblue era a rainha.

A estrada estava limpa e rápida, mas a estrada não ia direto para Po. O grupo virou a oeste eventualmente para os campos amontoados com o gelo e a neve, e Katsa sentiu a diminuição do ritmo deles severamente. Os cavalos forçados a cortar um caminho através da neve que alcançava às vezes os seus lombos.

Dias depois o grupo irrompeu debaixo da cobertura da floresta, e foi mais fácil continuar. E então a terra começou a subir, e as árvores a definharem. Logo eles estavam escalando. Eles desceram de suas montarias, todos, exceto a rainha e fizeram seu caminho colina acima a pé.

Eles estavam quase lá, quase lá; e Katsa guiou os companheiros ferozmente, arrastando os cavalos, esvaziando sua mente de tudo exceto seu progresso feroz à frente.

“Eu acredito que nós alejamos um dos cavalos”, Skye informou a ela, mais cedo numa manhã, quando eles estavam tão próximos que ela podia sentir seu corpo vibrando com isso.

Ela parou e virou para olhar para trás. Skye gesticulou para o cavalo que ele estava levando.

“Vê? Eu tenho certeza que o pobre animal está mancando.”

A cabeça do animal caiu, e ele suspirou profundamente através do seu focinho. Katsa segurou sua paciência.

“Ele não está mancando”, ela disse. “É só cansaço, e nós estamos quase lá.”

“Como você pode dizer isso quando você nem mesmo dá um passo?”

“Bem, ande então.”

“Eu não posso até você ter se movido.”

Katsa olhou para ele, mortiferamente. Ela cerrou seus dentes.

“Segure-se firme, rainha”, ela disse a Bitterblue, que se sentava em seu cavalo. Ela apertou o cabresto de seu cavalo e puxou seu animal adiante.

“Ainda fazendo o seu melhor para arruinar os cavalos, estou vendo.”

Katsa congelou. A voz veio de cima e não de trás, e não soava muito como a de Skye. Ela se virou.

“Eu achava que supostamente era impossível escapar de você. Olhos de um falcão e ouvidos de um lobo e tudo mais”, ele disse – e lá, lá estava ele, em pé, seus olhos brilhando, sua boca se contorcendo, e o caminho que ele tinha varado através da neve se esticando atrás dele.

Katsa gritou e correu, tomando Po tão forte que ele caiu para trás na neve e ela por cima dele. E ele riu, e a abraçou forte, e ela estava chorando, e então Bitterblue veio e se atirou gritando em cima deles. Po abraçou sua prima. Ele abraçou seu irmão e bagunçaram o cabelo um do outro e riram entre si e se abraçaram de novo. E então Katsa estava nos braços dele de novo, chorando lágrimas quentes em seu pescoço, e o abraçando tão forte que ele reclamou que não podia respirar.

Po apertou as mãos dos guardas que sorriam exaustos e guiou o grupo, o cavalo coxo e tudo mais, acima para sua cabana.

Capítulo Trinta e Sete



A cabana estava limpa, e em melhor estado do que tinha sido quando eles a encontraram.

Uma pilha de madeira ficava no lado de fora da porta; uma fogueira queimando na lareira; o armário ainda em pé torto sobre as três pernas, mas a poeira tinha sumido; um lindo arco pendurado na parede. Katsa absorveu tudo isso em um olhar. E foi o suficiente para isso, pois o que ela queria era preencher seus olhos com Po.

Ele caminhou suavemente, com sua velha calma. Ele parecia forte. Muito magro, mas quando ela comentou sobre isso, ele disse.

“Peixes não são particularmente engordantes, Katsa, e eu tenho comido pouco além de peixes desde que você partiu. Eu posso te dizer o quão enjoado eu estou de peixe.”

Eles trouxeram pão para ele então, e maçãs, e damascos secos e queijo, e os espalhou sobre a mesa. Ele comeu, e riu, e se declarou em êxtase.

“Os damascos vieram de Lienid”, Katsa disse, por Suncliff, e Lienid de novo, e um lugar no meio dos mares Lienid, e finalmente Monport.

Ele sorriu para ela, e seus olhos captaram a luz no fogo da lareira, e Katsa ficou muito feliz.

“Você tem uma história para me contar”, ele disse, “e eu posso ver quem tem um final feliz. Mas você vai começar do início?”

E então eles começaram do início.

Katsa forneceu os principais tópicos e Bitterblue os detalhes.

“Katsa me fez um chapéu de peles de animal.” Bitterblue disse. “Katsa lutou com um leão da montanha. Katsa fez sapatos de neve.

Katsa roubou uma abóbora.”

Bitterblue listou os feitos de Katsa um por um, como se ela estivesse se gabando de sua irmã mais velha; e Katsa não se importou. As partes divertidas da história fizeram mais fáceis relatar as desagradáveis.

Foi durante a história do que tinha acontecido no castelo de Po que a mente de Katsa se surpreendeu com algo que tinha incomodado ela. Po estava distraído. Ele observava a mesa ao invés das pessoas falando; seu rosto estava ausente, ele não estava escutando. No momento que ela reconheceu sua falta de atenção ele levantou os olhos para ela. Por um instante ele pareceu vê-la e se concentrar nela, mas em seguida ele olhou de forma vazia para suas mãos de novo. Ela podia jurar que um tipo de tristeza se assentou nas linhas de sua boca.

Katsa fez uma pausa em sua história – de repente – estranhamente – assustada. Ela estudou o rosto dele, mas ela não estava bastante certa do que ela estava procurando.

“A essência é que nós estávamos sob seu feitiço”, ela disse, “até que eu tive um lampejo de lucidez e o matei.”

Eu lhe direi a verdade do que realmente aconteceu mais tarde, ela pensou para ele.

Ele piscou, perceptivelmente, e ela ficou alarmada; mas um instante depois ele estava sorrindo como se nada houvesse de errado, e ela se perguntou se tinha imaginado isso.

“E então você voltou”, ele disse alegremente.

“Tão rápido quanto nós pudemos”, Katsa disse, mordendo seu lábio, confusa. “E agora eu tenho um anel para te devolver. Seu castelo é um lugar lindo, como você disse.”

A dor que atravessou seu rosto, a tristeza, era tão aguda que ela arfou. Ela desapareceu tão rápido quanto tinha vindo, mas ela tinha visto desta vez, ela sabia que ela tinha visto, e ela não podia mais esconder seu alarme. Ela se atirou da cadeira e se aproximou dele, sem saber bem o que ela estava indo fazer ou dizer.

Po se levantou também – ele tinha recuperado seu equilíbrio? Ela não tinha certeza, mas ela achou que ele deveria. Ele tomou sua mão e sorriu.

“Venha caçar comigo, Katsa”, ele disse. “Você pode experimentar o arco que eu fiz.”

A voz dele era leve, e Skye e Bitterblue estavam sorrindo. Katsa sentiu que ela era a única pessoa no mundo que tinha idéia que algo havia de errado. Ela se forçou a sorrir.

“É claro”, ela disse. “Eu adoraria.”

“O que há de errado?” ela perguntou, no instante que eles deixaram a cabana para trás.

Ele sorriu ligeiramente.

“Não há nada errado.”

Katsa enrijeceu e afastou seus sentimentos. Eles fuçaram através de um caminho na neve que ela supunha que Po tinha desgastado. Eles passaram a piscina. A queda d'água era uma massa de gelo, com só um ligeiro gotejar em seu meio.

“Minha armadilha de peixes funcionou para você?”

“Funcionou maravilhosamente. Eu ainda a uso.”

“Os soldados procuraram a cabana?”

“Sim.”

“Deu tudo certo na caverna, apesar de seus ferimentos?”

“Eu estava me sentindo muito melhor até então. Eu consegui facilmente.”

“Mas você teria estado com frio e molhado.”

“Eles não ficaram muito tempo, Katsa. Eu voltei para cabana logo depois e fiz uma fogueira.”

Katsa subiu uma elevação rochosa. Ela agarrou um tronco fino de árvore e se puxou para um morro. Uma rocha longa e plana projetada de neve intocada. Ela a afastou e se sentou. Ele a seguiu e sentou-se ao lado dela. Ela o considerou. Ele não olhava para ela.

“Eu preciso saber qual o problema”, ela disse.

Ele franziu seus lábios, e ainda não olhou para ela. Sua voz foi cuidadosamente prática.

“Eu não forçaria seus sentimentos, se você não quisesse compartilhá-los.”

Ela olhou para ele, os olhos arregalados.

“Verdade. Mas eu não mentiria para você, como você está mentindo agora, quando disse que não há nada de errado.”

Uma estranha expressão dominou seu rosto. Aberta, vulnerável, como se ele fosse uma criança de dez anos, tentando afastar as lágrimas. Sua garganta doeu ao ver aquele olhar no rosto dele.

„Po... ”

Ele piscou, e a expressão sumiu.

“Não, por favor”, ele disse, “isso me faz ficar tonto, quando você fala comigo em minha mente. Machuca minha cabeça.”

Ela engoliu, e tentou pensar no que dizer.

“Sua cabeça ainda dói, desde sua queda?”

“De vez em quando.”

“É isso o que está de errado?”

“Eu já te disse, não há nada errado.”

Ela tocou o braço dele.

“Po, por favor...”

“Não é nada que vale a sua preocupação.” Ele disse e afastou sua mão.

E agora ela ficou chocada e ferida, e lágrimas picaram seus olhos. O Po que ela se lembrava não afastaria sua preocupação, ele não se afastaria de seu toque. Este não era Po, este era um estranho; e havia algo faltando aqui que tinha estado lá antes. Ela alcançou a gola de seu casaco e puxou o cordão sobre sua cabeça. Ela estendeu o anel para ele.

“Isto é seu”, ela disse.

Ele nem mesmo olhou para ele, seus olhos estavam grudados em suas mãos.

“Eu não o quero.”

“Do que em Middluns você está falando? É seu anel.”

“Você deve ficar com ele.”

Ela olhou para ele incrédula.

“Po, o que faz você pensar que eu ficaria com seu anel. Eu não sei o porquê você o deu para mim em primeiro lugar. Eu queria que você não o tivesse...”

A boca dele estava apertada com a infelicidade, e ele ainda olhava para suas mãos.

“No momento em que eu o dei a você, eu o fiz por que eu sabia que eu podia morrer. Eu sabia que os homens de Leck podiam me

matar e que você não tinha uma casa. Se eu morresse, eu queria que você ficasse com minha casa. Minha casa combina com você”, ele disse, com uma amargura que a feriu, e que ela não podia entender.

Ela descobriu que estava chorando. Ela enxugou as lágrimas de seu rosto, furiosamente, e deu as costas para ele, por que ela não podia continuar olhando para aquela fachada de pedra olhando em suas mãos.

“Po, eu imploro que você me diga qual o problema.”

“É tão errado que você deva manter o anel? Meu castelo é isolado, em um canto selvagem do mundo. Você seria feliz lá. Minha família respeitaria sua privacidade.”

“Você ficou louco? O que você vai fazer uma vez que eu tenha sua casa e suas posses? Onde você vai morar?”

Sua voz ficou muito quieta.

“Eu não quero voltar para minha casa. Eu tenho pensado em ficar aqui, onde é tranquilo, e longe de todos. Eu...eu quero ficar sozinho.”

Ela ficou boquiaberta.

“Você deveria ir em frente com sua vida, Katsa. Fique com o anel. Eu disse que eu não o quero.”

Ela não conseguia falar. Ela balançou sua cabeça, rigidamente, então estendeu a mão e deixou cair o anel dentro das mãos dele.

Ele o olhou e então suspirou.

“Eu o darei a Skye”, ele disse, “para devolvê-lo a meu pai. Ele pode decidir o que fazer com isso.”

Ele ficou de pé, e desta vez ela tinha certeza que ele controlava seu equilíbrio. Ele marchou para longe dela, o arco em suas mãos. Ele apoderou-se da raiz de um arbusto e puxou-se sobre uma borda da rocha. Ela observou enquanto ele escalava para as montanhas, e para longe dela.

Durante a noite, ao som da respiração de todos ao seu redor, Katsa tentou solucionar o problema. Ela se sentou contra a parede e observou Po deitado em um cobertor sobre o chão ao lado de seu irmão e dos guardas Monsean. Ele dormia, e seu rosto estava em paz. Seu lindo rosto.

Quando ele tinha voltado para a cabana depois da conversa deles, com seu arco em uma mão e um braço carregado de coelhos na outra, ele contente descarregou sua caça sobre seu irmão e retirou seu casaco. Em seguida ele veio até ela, onde ela se sentava meditando contra a parede. Ele se agachou diante dela, tomou suas mãos nas dele e as beijou, e esfregou seu rosto frio contra elas.

“Desculpe-me”, ele tinha dito; e ela sentiu de repente que tudo estava normal, e Po era ele mesmo, e eles começariam novamente, forte e renovado.

Então o jantar acabou, enquanto os outros se provocavam e Bitterblue caçoava de sua guarda. Katsa observou Po se fechar. Ele comeu pouco. Ele se afundou no silêncio, a infelicidade nas linhas de seu rosto. E seu coração doeu tanto por olhar para ele que ela saiu da cabana e vagueou ao redor, sozinha no escuro. Em certos momentos ele parecia feliz. Mas alguma coisa estava claramente errada. Se ele apenas... se ele apenas olhasse para ela. Se ele apenas olhasse em seu rosto.

E é claro, se solidão era o que ele precisava, solidão era o que ela daria. Mas... ela pensou que isso seria injusto, mas ainda assim ela decidiu – ela ia exigir provas. Ele ia ter que convencê-la, convencê-la totalmente, que a solidão era a sua necessidade. Só então ela o deixaria com sua estranha angústia.

Pela manhã Po parecia alegre o suficiente; mas Katsa, que estava começando a se sentir como uma mãe dominadora, registrou sua falta de interesse na comida, mesmo na comida Lienid, espalhada pela mesa. Ele praticamente não comeu nada, e então fez algo vago e improvável, como verificar o cavalo manco. Ele se arrastou para fora.

“O que há de errado com ele?” Bitterblue perguntou.

Os olhos de Katsa deslizaram para o rosto da criança, e sustentou seu firme olhar cinza.

Não havia razão para fingir que ela não sabia o que Bitterblue dizia. Bitterblue nunca tinha sido estúpida.

“Eu não sei”, Katsa disse. “Ele não vai me dizer.”

“Algumas vezes ele parece ele mesmo”, Skye disse, “e outras vezes ele afunda no mau humor.” Ele limpou sua garganta. “Mas eu

achei que isso poderia ser uma briga de amantes.”

Katsa olhou para ele, francamente. Ela comeu um pedaço de pão.

“É possível, mas eu acho que não.”

Ele levantou uma sobrancelha e sorriu. “Parece-me que você sabe se foi.”

“Se as coisas fossem tão simples”, Katsa disse, secamente.

“Há algo estranho nos olhos dele.” Bitterblue disse.

“Sim”, Katsa disse, “bem, é possível que ele tenha os olhos mais estranhos em todos os sete reinos. Mas eu tinha esperado que você notasse isso antes.”

“Não”, Bitterblue disse. “Eu quero dizer que há algo diferente nos olhos dele.”

Algo diferente nos olhos dele.

Sim, havia uma diferença. A diferença era que ele não olhava para ela, ou para nenhum deles. Quase como se isso doesse em seu coração, levantar seus olhos e se concentrar em uma pessoa. Quase como se...

Uma imagem surgiu em sua mente, do nada. Po caindo através da luz, um corpo enorme de cavalo caindo em cima dele. Po, batendo com o rosto na água primeiro, o cavalo caindo após ele.

E mais imagens, Po, doente e triste diante da fogueira, a pele em seu rosto contundida. Po estrábico e esfregando seus olhos.

Katsa engasgou com o pão. Ela se jogou em pé e derrubou sua cadeira.

Skye bateu em suas costas.

“Grandes mares, Katsa. Você está bem?”

Katsa tossiu, e engasgou algo sobre o cavalo manco. Ela correu para fora da cabana.

Po não estava com os cavalos, mas quando Katsa perguntou por ele, um dos guardas apontou na direção da piscina. Katsa correu atrás da cabana e acima a colina.

Ele estava em pé, de costas para ela, olhando para o lago congelado. Seus ombros caídos e as mãos em seus bolsos.

“Eu sei que você é invencível, Katsa”, ele disse sem se virar ao redor. “Mas mesmo você deveria por um casaco quando você vem

para fora.”

“Po”, ela disse. “Vire-se e olhe para mim.”

Ele baixou sua cabeça. Seus ombros subiam e desciam com uma respiração profunda. Ele não se virou.

“Po”, ela disse. “Olhe para mim.”

Ele se virou então, lentamente. Ele olhou para o rosto dela. Seus olhos pareceram se focar nos dela, mas só por um instante; e em seguida seus olhos baixaram. Eles esvaziaram. Ela viu isso acontecer, ela viu seus olhos vazios.

Ela sussurrou. “Po. Você está cego?”

Com aquilo, algo nele pareceu despedaçar. Ele caiu de joelhos. Uma lágrima fez um rastro gelado em seu rosto. Quando Katsa foi até ele e caiu diante dele, ele a deixou vir; a resistência tinha o abandonado e ele a deixou entrar. Os braços de Katsa vieram ao redor dele. Ele puxou Katsa contra ele, praticamente a sufocando com seu aperto, e chorou em seu pescoço. Ela o abraçou, simplesmente o abraçou e o tocou, e beijou seu rosto frio.

“Ah, Katsa”, ele chorou. “Katsa.”

Eles se ajoelharam daquele modo por um longo tempo.

Capítulo Trinta e Oito



Naquela manhã uma ventania se levantou. Pela tarde a ventania tinha se transformado em uma tempestade.

“Eu não posso suportar a idéia de mais clima de inverno na viagem.” Bitterblue disse, meio adormecida diante da fogueira. “Agora que nós estamos aqui com Po, nós não podemos ficar aqui, Katsa, até que pare de nevar?”

Mas nos calcanhares daquela tempestade veio outra, e depois daquela, outra tempestade, como se o inverno tivesse rasgado a programação das estações e decidido que não ia acabar.

Bitterblue enviou dois guardas com uma carta para Ror. Ror escreveu de volta da corte de Bitterblue que o tempo estava melhor assim; e quanto mais tempo Bitterblue desse a ele para selecionar as histórias que ele tinha deixado para trás, mais suave e seguro seria a transição para o trono. Ele planejava a coroação para a primavera, e ela podia se delongar tanto quanto ela quisesse.

Katsa sabia que os quartos fechados da cabana eram penosos para Po, sobrecarregado como ele estava com seu triste segredo. Mas se todos ficassem, pelo menos ele não teria ainda que justificar suas próprias intenções de não partir. Ele mantinha seu desconforto para si mesmo e ajudou os guardas a guiarem os cavalos para um abrigo próximo na rocha que ele alegou ter encontrado durante sua recuperação.

A história dele viria lentamente, sempre que ele e Katsa fossem capazes de planejar maneiras para estarem sozinhos.

O dia da partida de Katsa e Bitterblue não tinha sido fácil para Po. Ele ainda tinha sua visão, mas ela não parecia boa para ele, ela

tinha mudado de algum modo sua cabeça que estava muito confusa para determinar a quantidade, e de algum modo isso deu a ele um profundo senso de desconfiança.

“Você não me disse”, Katsa disse. “Você me deixou partir assim.”

“Se eu tivesse te dito, você nunca teria ido. Você tinha que ir.”

Po tinha tropeçado até a cama na cabana. Ele passou a maior parte daquele dia deitado em seu lado ileso com seus olhos fechados, esperando pelos soldados de Leck e para que sua tontura passasse. Ele tentou se convencer de que quando sua cabeça clareasse, sua visão clarearia também. Mas acordando na manhã seguinte, ele abriu seus olhos para a escuridão.

“Eu estava com fome”, ele disse a ela, “e desequilibrado. E eu não tinha comida, o que significava que eu tinha que encontrar o caminho para a armadilha de peixes. Eu não podia ser incomodado. Eu não comi, naquele dia ou no seguinte.”

O que finalmente o levou a piscina não foi sua fome. Foram os soldados de Leck. Ele tinha sentido eles escalando as rochas em direção a cabana.

“Eu estava de pé e tropeçando.” ele disse a ela, “antes que eu percebesse o que estava fazendo. Eu mal pude ficar na cabana para recolher minhas coisas; e então lá estava eu lá fora, achando uma rachadura na rocha para escondê-las. Eu não estava em minha maior lucidez. Eu tinha certeza que eu tinha que descer repetidas vezes. Mas eu sabia onde a piscina estava, e eu fui até ela. A água era terrível, tão fria, mas ela me acordou, e houve menos tontura, de algum modo, estar nadando era preferível a caminhar. Eu fiz isso de algum modo até a caverna, e de algum modo eu me puxei para dentro das rochas. E em seguida, na caverna, com os soldados gritando do lado de fora e meu corpo tão gelado que eu só pensei que eu poderia morder minha própria língua por meus dentes batendo – e eu a encontrei, Katsa.”

Ele parou de falar, e ficou quieto por tanto tempo que ela se perguntou se ele tinha esquecido o que tinha estado dizendo.

“O que você encontrou?”

Ele virou sua cabeça para ela, surpreso.

“Clareza.” ele disse. “Meus pensamentos clarearam. Não havia luz na caverna; não havia nada para se ver. E ainda assim eu sentia a caverna com minha Graça, tão vividamente. E eu percebi o que estava fazendo. Sentado na cabana, lamentando por mim mesmo, quando Leck estava em algum lugar lá fora e pessoas estavam em perigo. Na caverna me surpreendi do quão desprezível isso era.

A lembrança de Leck tinha trazido Po de volta para água, para fora da caverna e para a armadilha de peixes. De volta à cabana. Voltando a cabana para tatear, dormente com o frio, sob a luz da fogueira. Os próximos dias foram amargos.

“Eu estava fraco, tonto e doente. Eu caminhei, primeiro, nunca longe demais da armadilha.

Então com Leck em mente eu me empurrei para um pouco mais distante. Meu equilíbrio era aceitável, se eu estivesse imóvel. Eu fiz um arco. Com Leck em minha mente, eu comecei a praticar o tiro.

Sua cabeça baixou. O silêncio caiu sobre ele. E Katsa achou que entendeu o resto. Po tinha posto a idéia de Leck perto de si mesmo. Leck tinha dado a ele um motivo para atingir sua força. Ele tinha se colocado saudável e equilibrado. E depois eles retornaram a ele com a feliz notícia de que Leck estava morto. Po foi deixado sem um motivo. A infelicidade o sufocou de novo.

O próprio fato de sua infelicidade o fazia infeliz.

“Eu não tenho o direito de sentir pena de mim mesmo”, ele disse para ela um dia, quando eles tinham saído para uma tranqüila chuva de neve para buscar água. “Eu vejo tudo. Eu vejo coisas que não deveria ver. Eu estou nadando na auto piedade, quando eu não perdi nada.”

Katsa se agachou com ele diante da piscina.

“Está é a primeira coisa verdadeiramente idiota que você me disse.”

A boca dele se apertou. Ele pegou uma das pedras que eles tinham usado para bater através do gelo. Ele levantou a pedra sobre sua cabeça e a jogou, forte, na superfície congelada da piscina; e finalmente ela foi recompensada com um ruído baixo de algo que quase passava por uma risada.

“Seu modo de confortar carrega alguma similaridade de sua tática ofensiva.”

“Você perdeu algo”, ela disse, “e você tem todo o direito em sentir tristeza pelo que você perdeu. Elas não são o mesmo, a visão e sua Graça. Sua Graça lhe mostra as formas das coisas, mas ela não lhe mostra a beleza. Você perdeu a beleza.”

Sua boca se apertou de novo, e ele olhou para longe dela. Quando seu olhar voltou, ela achou que ele poderia estar prestes a chorar. Mas ele falou sem lágrimas, friamente.

“Eu não vou voltar para Lienid. Eu não vou para meu castelo, se eu não sou capaz de vê-lo. É difícil o suficiente estar com você. Este é o porquê que eu não disse a verdade. Eu queria que você partisse, por que machuca estar com você quando eu não posso vê-la.”

Ela empinou sua cabeça para trás e considerou sua expressão tempestuosa.

“Isso é muito bom”, ela disse. “Esta autopiedade é excelente.”

E então o ruído de sua risada de novo, e um tipo de impotente pesar em seu rosto que fez com que ela se aproximasse dele, o pegasse em seus braços, e beijasse seu pescoço, seu ombro coberto de neve, seu dedo não usando o anel, e cada lugar que ela podia encontrar. Ele a tocou no rosto gentilmente. Ele tocou seus lábios e a beijou. Ele descansou sua testa contra a dela.

“Eu nunca te seguraria aqui”, ele disse. “Mas se você pode suportar isto – se você pode me suportar me comportando desse jeito – eu realmente não quero que você se vá.”

“Eu não irei”, Katsa disse, “por um longo tempo. Eu não irei até que você queira que eu vá; ou até que você esteja pronto para ir por si mesmo.”

Ele tinha muito talento em atuar em parte. Katsa via isso agora, por que ela via a transformação agora, sempre que eles estavam sozinhos e ele parava de fingir. Para seu irmão e sua prima ele apresentava força, estabilidade, saúde. Seus ombros eram eretos, seu caminhar firme. Quando ele não podia esconder sua infelicidade, ele atuava com o mal-humor. Quando ele não podia encontrar energia para dirigir seus olhos para seus rostos e fingir vê-los, ele atuava como falta de atenção. Ele era forte, alegre – estranhamente

distraído, talvez, mas recuperando-se bem de um ferimento grave. Era uma atuação impressionante – e na maioria das vezes, parecia satisfazê-los. O suficiente, pelo menos, para que eles nunca tivessem razão para suspeitar da verdade do que sua Graça era, ultimamente, tudo o que ele estava tentando esconder.

Quando ele e Katsa estavam sozinhos, caçando, recolhendo água, ou sentados juntos na cabana, o disfarce caía silenciosamente dele. O cansaço puxava seu rosto, seu corpo, sua voz.

Ele colocava sua mão ocasionalmente numa árvore ou numa rocha, para se firmar. Seus olhos focados, ou fingindo focar, em nada, sempre. E Katsa começou a entender que, quando alguma parte de seu estado lastimável era atribuído a infelicidade comum, uma parte ainda maior disso originava-se de sua própria Graça. Pois ainda estava aumentando dentro dele; e agora que ele não tinha mais sua visão para ancorar sua percepção do mundo, ele era constantemente subjugado.

Um dia ao lado da piscina, durante uma rara pausa entre as tempestades de neve, ela observou ele apontar uma seta calmamente em seu arco e visar alguma coisa que ela não podia ver. A saliência de uma rocha? Um tronco de árvore? Ele levantou sua cabeça como se ele estivesse escutando. Ele liberou a seta, e ela cortou através do frio e golpeou dentro de um trecho de neve. “O que -” Katsa começou a dizer, e então parou quando um ponto de sangue molhou a superfície e coloriu a neve ao redor do eixo da seta.

“Um coelho”, ele disse. “Dos grandes.”

Ele começou a avançar na direção de sua caça enterrada, mas tinha andado pouco mais de um passo, quando um bando de gansos lançaram-se sobre sua cabeça. Ele colocou a mão sobre sua têmpora e caiu em um joelho. Katsa enfiou duas setas e atirou em dois gansos. Então ela puxou Po para cima. “Po, o que -”

“Os gansos. Eles me pegaram de surpresa.”

Ela balançou sua cabeça. “Você podia sentir animais antes, mas a sensação deles nunca te nocauteou.”

Ele bufou com a risada, e logo sua risada terminou em um suspiro.

“Katsa, tente imaginar quantas coisas agora minha Graça me mostra em cada detalhe da montanha acima de mim, e a queda para a floresta abaixo de mim. Eu sinto o movimento de cada peixe na piscina e cada pássaro nas árvores. O gelo esta crescendo de novo sobre nossa piscina.

Neve está se formando rápido nas nuvens, Katsa. Em um instante vou esperar que esteja nevando novamente.”

Ele virou seu rosto em direção a ela agora, urgente. “Skye e Bitterblue estão na cabana.

Bitterblue está ansiosa sobre mim, ela acha que eu não como o suficiente. E aqui está você, também, é claro – cada movimento seu, seu corpo, suas roupas, cada preocupação sua percorrendo através de mim. Os deficientes visuais podem concentrar seus olhos. Eu não consigo concentrar minha Graça. Como exatamente, quando eu estou ciente de tudo acima, embaixo, atrás, à frente e além de mim, eu posso manter minha mente sob meu controle?”

Ele se afastou dela e marchou em direção à mancha vermelha de sangue. Ele puxou de modo cansado a flecha da neve. Ela veio em sua mão, e a levantou com um grande, coelho branco ensangüentado. Ele caminhou pesadamente de volta para ela, o coelho na mão. Eles ficaram lá, considerando um para o outro; e então flocos de neve começaram a cair. Katsa não pôde se impedir – ela sorriu, para o cumprimento da previsão dele. Um momento depois Po estava sorrindo também – de má vontade; e quando eles se viraram para subir as rochas, ele segurou sua manga.

“A neve é desorientadora”, ele disse. Eles partiram através da encosta, e ele se firmou contra ela enquanto eles subiam.

Ela estava se acostumando ao novo modo que Po tinha de levá-la em conta, agora que ele não podia vê-la. Ele não olhava para ela, é claro. Ela supôs que nunca sentiria a intensidade do seu olhar de novo; ela nunca seria presa por seus olhos. Era algo que ela tentava não pensar.

Isso a fazia estupidamente, tolamente triste.

Mas o novo modo de Po com ela era também intenso. Era uma espécie de atenção no rosto dele, uma concentração em seu corpo, dirigida em sua direção. Quando isso acontecia, ela podia sentir uma

imobilidade no rosto e no corpo dele, em sintonia com ela. Ela achou que isso acontecia mais e mais, com o passar dos dias. Como se ele fosse se conectando a ela, lentamente, e a puxando de volta para dentro de seus pensamentos. Ele a tocava facilmente agora, também, como ele tinha feito antes do seu acidente – beijava suas mãos se ela estivesse por perto, ou tocava seu rosto quando ela estava em frente a ele. E Katsa se perguntava se era verdade, ou só sua imaginação, que ele estava prestando, completamente, mais atenção – a verdadeira atenção. Como se talvez ele estivesse menos sobrecarregado por sua Graça. Ou menos absorvido consigo.

“Olhe para mim”, ele disse a ela uma vez, uma das raras ocasiões em que eles tiveram a cabana só para eles mesmos.

“Katsa, parece que eu estou olhando para você?”

Eles estavam trabalhando com suas facas diante da fogueira, raspando a cortiça de galhos de uma árvore para fazerem setas. Ela se virou para ele e encontrou seus olhos, plenos, brilhando diretamente para os dela. Ela prendeu sua respiração e colocou sua faca abaixo, ruborizada com o calor, e se perguntou, brevemente, quanto tempo haveria antes que os outros retornassem.

E então a tentativa de Po de se manter sem rir fracassou, e a arrebatou de seu deslumbramento.

“Gata selvagem. Isso foi mais que uma resposta do que eu calculava.”

Ela bufou.

“Vejo que sua auto estima permanece intacta. E o que você estava esperando conseguir?”

Ele sorriu. Suas mãos voltaram para o trabalho deles, e seus olhos se esvaziaram novamente.

“Eu preciso saber como fazer com que as pessoas pensem, de forma conclusiva, que eu estou olhando para elas. Eu preciso saber como olhar para Bitterblue, assim ela vai parar de pensar que há algo estranho com meus olhos.”

“Ah. É claro. Bem, isso é necessário. Como você consegue?”

“Bem. Eu sei onde seus olhos estão. É principalmente uma questão de direção, e depois sentir sua reação.”

“Faça de novo.”

Seu propósito era científico desta vez. Seus olhos levantaram-se para os dela e ela ignorou a onda de calor. Sim, parecia como se ele a visse – embora agora que ela estudasse seu olhar, ela podia dizer que havia pequenas indicações do contrário.

“Diga-me.” Ele disse.

Ela o considerou.

“A luz dos seus olhos é estranha o suficiente, e distrai o suficiente, que eu duvido que alguém possa notar. Mas você não está muito... concentrado. Você está olhando para mim, mas é como se sua mente estivesse em outro lugar. Você entende?”

Ele concordou.

“Bitterblue capta isso.”

“Estreite um pouco seus olhos”, Katsa disse. “Traga suas sobrelanceiras para baixo como se você estivesse pensando. Sim – está bastante convincente, Po. Ninguém que você dirija esse olhar irá suspeitar de alguma coisa.”

“Obrigado, Katsa. Eu posso praticar com você, de vez em quando? Sem temer que você me jogue de costas e me force a tirar as roupas?”

Katsa gargalhou com aquilo e atirou a vara de uma seta nele. Ele a agarrou, habilmente, e riu; e ela pensou por um momento que ele parecia genuinamente feliz. E então, é claro, ele registrou seu pensamento, e uma sombra pairou sobre seu rosto. Ele voltou para seu trabalho.

Ela olhou para suas mãos, para seu dedo, ainda, faltando seu anel. Ela tomou fôlego e alcançou outro galho.

“O quanto Bitterblue sabe?” Ela perguntou.

“Só que eu mantenho em segredo alguma coisa dela. Ela sabe que minha Graça é mais do que eu disse. Ela sabe disso desde o início.”

“E sua visão?”

“Eu não acho que nem mesmo ocorreu a ela.” Po alisou o canto de uma vara com sua faca e a levou a uma pilha de lascas serradas no fogo. “Eu vou olhar em seus olhos com mais frequência”, ele disse, e então voltou de novo ao silêncio.

Po e Skye provocavam Bitterblue interminavelmente sobre seu séquito. Não eram apenas só os guardas. Ror estava tomando a posição real de sua sobrinha muito a sério. Soldados estavam sempre chegando, guiando cavalos pilhados com suprimentos, especialmente enquanto as tempestades de inverno começavam a enfraquecer. Verduras, pães, frutas; cobertores, roupas, vestidos para a rainha; e sempre cartas de Ror, pedindo a opinião de Bitterblue neste ou naquele assunto, a atualizando dos planos para a coroação, e indagando sobre a saúde de vários membros do grupo, particularmente Po.

“Eu vou pedir a Ror para me enviar uma espada”, Bitterblue disse um dia no café da manhã. “Katsa, você me ensinaria a usá-la?”

O rosto de Skye se iluminou. “Ah, Katsa, sim. Eu ainda não te vi lutar, e eu estou começando a pensar que nunca verei.”

“E você imagina que eu serei uma oponente excitante?” Bitterblue perguntou a ele.

“É claro que não. Mas ela teria que encenar uma luta de espada com alguns soldados, não teria, para mostrar a você como se faz? Deve haver alguns lutadores descentes ou dois entre eles.”

“Eu não vou encenar uma luta de espada com soldados desarmados.” Katsa disse.

“Que tal uma luta corporal?” Skye se sentou ereto e cruzou seus braços, uma presunção em seu rosto que fez Katsa pensar que devia ser um traço de família. “Eu mesmo não sou um lutador ruim.”

Po explodiu na gargalhada.

“Ah, lute com ele, Katsa. Por favor, lute com ele. Eu não posso imaginar um entretenimento mais divertido.”

“Ah, isso é engraçado, não é?”

“Katsa pode esmagar você no chão antes que você até mesmo levante um dedo.”

Skye ficou impassível.

“Sim, exatamente – isso é o que eu quero ver. Eu quero ver você aniquilar alguém, Katsa.

Você destruiria Po por mim?”

Katsa estava rindo.

“Po não é fácil de destruir.”

Po apoiou seus pés nas pernas da mesa e jogou sua cadeira para trás.

“Eu imagino que eu sou hoje em dia.”

“Mudando de assunto”, Bitterblue disse, um pouco severa. “Eu gostaria de aprender a usar uma espada.”

“Sim”, Katsa disse. “Muito bem então, envie uma mensagem para Ror.”

“Dois soldados não acabaram de partir?” Po perguntou. “Eu os alcançarei.” As pernas de sua cadeira bateram no chão. Ele se afastou da mesa e foi para fora. Três pares de olhos permaneceram na porta que fechou atrás dele.

“O tempo está parecendo menos invernososo agora,” Bitterblue disse. “Eu estou ansiosa para ir para minha corte e começar com as coisas. Mas eu não quero até eu me convencer que ele está bem, e francamente, eu não estou convencida.”

Katsa não respondeu. Ela comeu um pedaço de pão distraidamente. Ela se virou para Skye e considerou seus ombros, fortes e eretos como os de seu irmão; mãos fortes. Skye se moveu também. E ele era mais próximo em idade a Po; ele provavelmente lutou com Po um milhão de vezes.

Ela estreitou os olhos para o resto da refeição deles. Ela se perguntou como seria lutar sem enxergar, e distraída pela paisagem e os movimentos de cada criatura próxima.

“Pelo menos finalmente ele está comendo.” Bitterblue disse.

Katsa se sobressaltou. Ela olhou para a criança. “Ele está?”

“Ele estava ontem, e estava esta manhã. Ele parece bastante faminto, na verdade. Você não notou?”

Katsa deixou sair um suspiro. Ela empurrou sua própria cadeira para trás e se dirigiu para a porta.

Ela o encontrou de pé, diante da água, olhando sem ver para sua superfície congelada. Ele estava tremendo. Ela o observou em dúvida por um momento. “Po”, ela disse para ele de costas, “onde está seu casaco?”

“Onde está o seu?”

Ela se moveu para o lado dele.

“Eu estou aquecida.”

Ele inclinou sua cabeça para ela.

“Se você está aquecida e eu estou sem casaco, só há uma única coisa amigável para você fazer.”

“Voltar e pegar um casaco para você?”

Ele sorriu. Alcançando-a, ele a puxou para perto contra ele. Katsa envolveu seus braços ao redor dele, surpresa, e tentou esfregar calor para seus ombros trementes e suas costas.

“É isso, exatamente”, Po disse. “Você deve me manter quente.”

Ela riu e ele a abraçou mais forte.

Po disse, “Me deixe dizer algo que aconteceu”, e ela se inclinou para trás e olhou em seu rosto, porque ela tinha escutado algo novo em sua voz.

“Você sabe que eu tenho lutado com minha Graça todos esses meses”, ele disse, “tentando afastá-la. Tentando ignorar a maior parte do que ela me mostra e me concentrar no pouco que eu preciso saber.”

“Sim.”

“Bem, poucos dias atrás em uma adaptação, bem, a autopiedade. Eu parei.”

“Você parou?”

“De lutar com minha Graça, eu quis dizer. Eu desisti, eu deixei tudo me inundar. E você sabe o que aconteceu?” Ele não esperou por sua resposta. “Quando eu parei de lutar com tudo ao meu redor, todas as coisas que me cercavam começaram a vir juntas. Toda a atividade, e a paisagem, e a terra e o céu, e até mesmo os pensamentos das pessoas. Tudo tentando formar uma imagem. E eu pude sentir meu lugar nisso como eu não podia antes. Quero dizer, eu estou ainda sufocado. Mas nada como antes.

Ela mordeu seu lábio.

“Po. Eu não entendo.”

“É fácil, Katsa. É como se quando eu me abro para cada percepção, as coisas criam seu próprio foco. Quero dizer, pense em nós agora, parados aqui. Há um pássaro na árvore atrás de mim, você pode vê-lo?”

Katsa olhou por sobre o ombro dele. Um pássaro em pé em um galho, puxando as penas debaixo de sua asa.

“Estou vendo.”

“Antes, eu tentaria lutar com minha percepção do pássaro, como me concentrar no chão debaixo de meus pés e você em meus braços. Mas agora eu apenas deixo o pássaro, e tudo o mais que é irrelevante, me preencher; e as coisas irrelevantes perdem sua força um pouco, naturalmente. Logo você é todo o meu enfoque.”

Katsa estava experimentando uma sensação estranha. Ela era como uma dor irritante que tivesse subitamente se erguido e deixado ela com uma maravilhosa ausência da dor. Era um alívio e esperança juntos.

“Isso é bom.”

Ele suspirou. “É um grande conforto estar menos tonto.”

Ela hesitou, e então decidiu que ela poderia muito bem dizer, se é que ele já não sabia disso.

“Eu acho que é hora de você começar a lutar de novo.”

Ele sorriu levemente.

“Ah? É isso o que você acha?”

Ela se levantou nobremente em defensiva.

“E por que não? Ela vai trazer de volta a sua força, melhorar o seu equilíbrio. Seu irmão daria um perfeito oponente.”

Ele tocou sua testa na dela. Sua voz era muito calma.

“Acalme-se, gata selvagem. Você é a expert. Se você acha que é hora de que eu comece a lutar, então eu suponho que é hora de eu começar a lutar.”

Ele ainda estava sorrindo, e Katsa não pôde suportar isso, por que era o menor e o mais triste dos sorrisos do mundo. Mas enquanto ele levantava seus dedos para tocar seu rosto, ela viu que ele estava usando seu anel.

Capítulo Trinta e Nove



Tornou-se um tipo de escola. Katsa fazia os exercícios para Skye e Po, que eram antes de tudo, um desafio a força de Po. Skye estava satisfeito, pois os exercícios o favoreciam. Katsa estava satisfeita, pois ela podia ver os progressos de Po. Ela os colocava sempre para lutar, raramente lutas justas, e lembrava a Po constantemente, em sua mente e em voz alta, para forçar os músculos ao invés da Graça, sua saída a cada dificuldade.

Juntamente com os irmãos lutadores, Katsa ensinou Bitterblue a segurar uma espada, e em seguida a como bloquear com uma, e então a como golpear. Posição e equilíbrio, força e movimento, velocidade. A criança era tão inábil no início com a espada quanto ela tinha sido com a faca, mas ela treinou obstinadamente, e como Po, ela fez progressos.

E a escola de Katsa cresceu. Os guardas e mensageiros não podiam resistir ao espetáculo de lady Katsa ensinando esgrima a sua jovem rainha, ou os Lienids e seus irmãos lutando um com o outro no chão. Eles se juntavam ao redor, fazendo essa e aquela pergunta sobre um exercício que ela fazia para a princesa, ou um truque que ela ensinava a Bitterblue para compensar a falta de tamanho e força da rainha. Antes que Katsa soubesse, ela estava ensinando o truque a um par de jovens soldados da costa sul de Monsea, e a elaboração de um exercício para melhorar a mão oposta esgrimista dos guardas de Bitterblue. Katsa apreciava isso completamente. Era prazeroso observar seus alunos ficarem mais fortes.

E Po ficou mais forte. Ele continuava a perde a luta, mas cada derrota levava mais e mais tempo. Seu equilíbrio e seu controle

melhoravam. Os combates tornaram-se mais divertidos, em parte por que os irmãos estavam igualmente equilibrados e em parte porque com a neve que se derretia, o jardim se transformava em um atoleiro de lama. É claro que eles gostavam muito melar de lama o rosto um do outro. Se não fosse pelos olhos de Po, na maior parte dos dias, os irmãos teriam sido indistinguíveis.

Chegou o dia quando um dos príncipes cobertos de lama derrotou o outro no chão e gritou sua vitória e Katsa olhou para descobrir que o irmão que estava por cima era, pela primeira vez, Po. Ele saltou em pé, rindo, e atirou um sorriso perverso para Katsa. Ele enxugou a lama de seu rosto e entortou seu dedo para ela.

“Venha aqui, gata selvagem. Você é a próxima.”

Katsa inclinou-se sobre sua espada e riu.

“Levou meia hora para você prender seu irmão no chão, e você acha que está preparado para mim?”

“Venha lutar na lama comigo. Eu te achatarei como uma aranha.”

Katsa voltou para o exercício que ela estava ensinando a Bitterblue.

“Quando você puder vencer Skye facilmente, então eu lutarei na lama com você.”

Ela falou firmemente, mas ela não conseguiu esconder dele o seu prazer. Nem ele podia esconder o seu próprio. Ele consolou seu pobre irmão gemendo, que reconheceu, de seu ponto no chão, o começo do fim.

Katsa o achou mudado como um oponente – menos por causa da visão que ele tinha perdido e mais por causa da sensibilidade que ele tinha ganhado com sua crescente Graça.

Agora quando eles lutavam, ele podia sentir não apenas seu corpo e suas intenções, mas a força de seus golpes antes que eles o acertassem, a direção de sua intenção. Seu equilíbrio e desequilíbrio, e como converter isso. E ele não estava de volta a sua plena força ainda, e algumas vezes o próprio equilíbrio ainda o enganava. Mas havia vezes que ele a pegava de surpresa, algo que nenhum deles estava acostumado.

Ele estava se tornando tão bom lutador quanto ele tinha sido antes, senão melhor; e isso era importante. As lutas faziam Po feliz.

Bitterblue não permaneceu mais tempo após o início da primavera. Skye a seguiu algum tempo depois, convocado por seu pai para cidade de Leck, para ajudar com a iminente coroação.

E finalmente Katsa e Po fizeram a viagem, eles mesmos, para a cidade que em breve assumiria o nome de Bitterblue. Po suportou bem a viagem, um pouco como uma criança que nunca tinha viajado antes e descobrisse cada experiência fascinante, ligeiramente impressionante. E de fato, quando veio a viajar com sua nova maneira de perceber o mundo, Po era uma criança.

No quarto deles no castelo de Bitterblue, na manhã do grande evento, Katsa sofreu para por um vestido. Po, enquanto isso, deitado sobre a cama, sorria sem parar para o teto.

“Do que você está rindo?” Katsa exigiu pela terceira ou quarta vez. “Será que o teto está prestes a desabar sobre minha cabeça ou algo mais? Parece como se ambos estivéssemos à beira de uma enorme piada.”

“Katsa só você consideraria o desmoronar de um teto uma boa piada.”

Houve uma batida na entrada de seu quarto em seguida, e Po realmente começou a rir.

“Você esteve bebendo sidra”, Katsa disse acusadoramente enquanto ela ia a porta. “Você está bêbado.”

E em seguida ela jogou a porta aberta e quase caiu sentada no chão em espanto, por que diante dela na entrada estava Raffin.

Ele estava enlameado e cheirava à cavalo.

“Nós chegamos aqui a tempo para a comida?” Ele perguntou. “O convite dizia algo sobre tortas, e eu estou faminto.”

Katsa explodiu na gargalhada, e então em lágrimas, e uma vez que ela começou a abraçá-

lo ela não podia mais parar. Atrás de Raffin estava Bann, e atrás de Bann estava Oll, e Katsa os abraçou e chorou em cima deles também.

“Vocês não disseram que estavam vindo”, ela se manteve dizendo. “Vocês não disseram que estavam vindo. Ninguém nem mesmo me disse que vocês foram convidados.”

“E quem é você para falar em enviar mensagem”, Raffin disse. “Por meses nós não escutamos nada vindo de você – até que um dia o irmão de Po apareceu em nossa corte com uma história louca que nenhum de nós jamais tínhamos ouvido.”

Katsa fungou e envolveu seus braços ao redor de seu primo de novo.

“Mas você entende, não é?” ela disse ao seu peito. “Nós não queríamos vocês misturados a isso.”

Raffin beijou o topo de sua cabeça.

“É claro que eu entendo.”

“Randa está com vocês?”

“Ele não se importou em vir.”

“O Conselho está bem?”

“Indo de acordo com a maré. Devemos ficar aqui entupindo a entrada? Eu não estava brincando sobre estar morrendo de fome. Você parece bem, Po.” Raffin espreitou desconfiadamente o cabelo curto de Katsa. “Helda te enviou uma escova de cabelo, Kat. Será de muito uso.”

“Eu vou adorar ela.” Katsa disse. “Agora entrem.”

Como qualquer evento que requer roupas formais, a cerimônia de coroação foi tediosa, mas Bitterblue a suportou com apropriada seriedade e porte. A borda da grande coroa de ouro foi preenchida com algum material roxo grosso, para evitar que ela deslizesse para seu nariz. Ela parecia, Katsa pensou, como se pesasse tanto quanto a garota pesava.

Katsa não se importou com o tédio, pois Raffin estava de um lado dela e Bann no outro, e nem cinco minutos se passaram sem que eles se divertissem de algum modo. Quando Bann sussurrou para ela sobre a nova descoberta medicinal de Raffin que curava dor de barriga, mas causava dor nos pés, e sua subsequente descoberta que curava as dores nos pés, mas causava dor de barriga, Katsa riu. Ror chicoteou sua cabeça ao redor para olhar para ela.

“Esta não é uma festa Sunderan de rua.” Ele sussurrou com grande e digna reprovação. E os ombros de Po começaram a tremer com o riso, e foram várias as vozes sussurradas para Ror se calar,

mas então percebiam a quem eles estavam silenciando e emitiram um fluxo chocado de desculpas.

“Sim, tudo bem.” Ror se manteve dizendo, repetidamente e com aumento de volume.

“Verdade, está tudo bem.”

A interrupção aumentou para algo bastante grande e importuno, causando ao serviçal da coroação o tropeço em sua descrição dos governantes Monsean através do tempo. Bitterblue sorriu suavemente para o serviçal, e acenou para ele continuar. Depois daquilo, o que se falou através da multidão era que a jovem rainha era bondosa, e não uma que punia os pequenos erros.

“E como está Giddon?” Katsa murmurou para Raffin uma vez que as coisas se assentaram. Ela estava se sentindo gentil para com seu antigo pretendente, pois ela estava feliz e rodeada de amigos.

Atrás dela, Oll limpou sua garganta. “Ele fica um pouco deprimido sempre que seu nome é mencionado, lady. E não vou fingir que eu não sei o porquê.”

Raffin falou calmamente.

“Randa continua tentando casar ele, e Giddon continua se recusando. Ele passa a maior parte do tempo do que ele costumava passar em sua própria propriedade. Mas ele se dá completamente ao trabalho no Conselho. Ele é um precioso aliado. Eu ousou dizer que ele não se negaria a ver você algum dia. Se você quiser nos visitar na corte, você sabe, nós podemos encontrar um modo de encobrir você sem que Randa saiba. Se você desejar. Você não nos contou seus planos.”

Katsa sorriu calmamente. “Eu vou voltar para as montanhas com Po depois disso.”

Foi tudo o que ela disse de seus planos, por que no momento era tudo o que ela sabia.

Ela inclinou sua cabeça e a descansou contra o ombro de seu primo. A coroação passou em um borrão de contentamento.

Epilogo



Eles nadaram através do túnel, Katsa e Po, e romperam dentro do ar escuro da caverna.

Eles se içaram sobre as rochas e espremeram aquela água o melhor que podiam de suas roupas.

“Pegue minha mão”, Po disse. Ele a guiou por uma inclinação irregular sobressaltada por rochas. Katsa não podia ver nada na escuridão, nem mesmo a mais ligeira forma. Ela tropeçou e xingou.

“Onde exatamente nós estamos indo?”

“Para a praia”, ele disse.

Eles pararam e ele a levantou sobre algumas formações rochosas que ela não podia ver.

Quando ele a colocou abaixo, ela sentiu seus pés tocarem algo granuloso e suave.

Areia.

Do lado de fora as árvores eram verdes com o fim da primavera e o sol descongelava o mundo, mas por dentro desta caverna era sempre uma época de frio. Eles se sentaram na areia e se aconchegaram um contra o outro para se manterem quentes; e tremendo, começaram a brincar de empurrar, e se empurrando para uma luta infantil, e em pouco tempo eles estavam rindo e se cutucando no chão, seus cabelos molhados e as roupas cheias de areia. Finalmente, preso por ela, Po sussurrou sua rendição, correndo sua mão ao longo da parte de trás da perna dela de uma maneira que era distintamente não combatente. E a luta se tornou algo lento, gentil e suave, e eles ficaram quentes, e ocupados um com o outro, por algum tempo.

O som na caverna era estranho, molhado e musical. Eles se deitavam lado a lado, aquecidos onde seus corpos se tocavam.

"Eu inalei alguma coisa arenosa", Po disse, tossindo, "logo, você também, é claro, mas isso não parece estar incomodando você."

"Não", Katsa disse distraidamente, olhando para a escuridão. Seus dedos tateavam ao longo da cicatriz em seu ombro, e então a cicatriz em seu seio."Po?"

"Hmmm?"

"Você confia nos homens que serão os conselheiros de Bitterblue?"

"Na maioria."

"Eu espero que ela fique bem. Ela nunca fala sobre a morte de sua mãe, mas eu sei que ela ainda tem pesadelos."

"Eu não vejo como ela pode impedir os pesadelos", Po disse. "Ela é muito jovem, e ela tem tanto para compreender: uma mãe assassinada, um pai que era um louco."

"Você acha que ele era louco?"

Po hesitou.

"Eu na verdade não sei. Certamente ele era cruel, e perverso. Mas é difícil dizer onde ele terminava e sua Graça começava, você sabe o que eu quero dizer? E eu suponho que nós nunca saberemos agora de onde ele veio. Ou o que ele realmente queria."

Ele respirou para dentro e para fora lentamente.

"Pelo menos os sentimentos das pessoas estão mudando. Você sentiu isso? Ele não vai ser lembrado gentilmente."

"Isso ajudará Bitterblue."

"Sabe, ela se pergunta se eu sou um leitor de mentes. Ela se pergunta isso, Katsa, e ainda assim ela confia em mim e não me pressiona para cuspir meu segredo. É extraordinário."

Katsa escutou o silêncio que veio sobre a caverna quando Po parou de falar.

"Sim." Ela disse simplesmente. "Bitterblue não é como as outras pessoas."

"Na coroação Skye me acusou de recusar a casar com você", Po disse; e agora ela escutou um sorriso em sua voz. "Ele estava bastante indignado sobre isso."

Katsa suspirou.

“Oll veio até mim com a mesma coisa. Ele acha que é perigoso para nós deixarmos um ao outro tão livre e fazer esses planos vagos de viagem juntos no futuro, fazendo o Conselho funcionar, sem nenhuma promessa. Eu disse a ele que eu não vou me casar e me prender a você como um crustáceo, só para mantê-lo para mim e detê-lo de amar mais alguém.”

“Está tudo bem, sabe. As outras pessoas não têm que entender.”

“Eu estou preocupada sobre isso.”

“Não se preocupe. Nós nos ajustaremos. E há aqueles que entendem. Raffin entende, e Bann.”

“Sim”, Katsa disse. “Eu suponho que sim.”

Po estremeceu, e ela se achegou a ele para aquecê-lo. Um sentimento cresceu, de repente, nas bordas de seu coração. Ela sussurrou. “Você está determinado a ir para Lienid imediatamente?”

Levou um momento antes que ele respondesse. Ele não pôde conseguir completamente manter sua voz leve.

“Minha mãe irá chorar quando eu disser a ela sobre minha visão. Para ser honesto, eu temo isso tanto quanto qualquer outra coisa.”

“Eu irei com você.”

“Não, Katsa, eu estarei bem. Eu tenho que enfrentar esta coisa e estar pronto para isso. E eu não quero que você mude seus planos”, Katsa estava a caminho para a cidade de Bitterblue, para dar aulas de luta para garotas. Era uma coisa que ela tinha decidido que queria fazer, em todos os sete reinos, e depois da coroação Bitterblue tinha implorado para que ela começasse em Monsea. Po tinha encorajado isso, insistentemente, pois isso deu a Katsa uma desculpa para manter um olho no bem-estar de Bitterblue só por um pouco mais.

“Eu estarei em Monsea pelo menos uns poucos meses”, Katsa disse. “Mas eu prometo que as próximas lições eu darei em Lienid.”

“Então eu espero ver você no fim do outono. E vou fingir que não será um longo tempo.”

“Eu vou tomar a rota para o oeste”, Katsa disse. Ela hesitou, então fez uma confissão. “Eu vou para Middluns, Po. Há mais um rei que eu preciso enfrentar.”

Po soltou um pequeno e surpreso fôlego. “Mas você já o enfrentou.”

Katsa suspirou.

“Sim. Mas eu estava com medo de mim mesma. Eu estava com medo dele. Eu não estou mais. Po... eu preciso que Randa saiba que eu vou ir e vir o quanto eu quiser. Eu não irei me esconder como algum tipo de criminosa, e eu não estarei com medo de visitar meus amigos. Eu já sinto tanta falta de Raffin, e eu preciso ver Helda – eu quero convencê-la a ir para Monsea.

Bitterblue precisa dela.”

Os braços de Po vieram ao seu redor e a puxaram contra ele. Seus dedos limpavam a areia de seu cabelo.

“Tudo bem”, ele disse suavemente. “Tenha cuidado. Eu procurarei por você depois que você tiver enfrentado seu rei.”

Eles deitaram em silêncio juntos na escuridão. Katsa colocou sua cabeça contra o peito dele. Ela ouviu o bater da água e seu eco. Ela ouviu o pulsar do sangue dele através de sua pele.

“Sabe”, ele disse. “Eu queria que você visse essa caverna.”

“Como ela é?”

Ele pausou. “É... linda, de verdade.”

“Diga-me.”

E então Po descreveu para Katsa o que se escondia na escuridão da caverna; e lá fora, o mundo esperava por eles.

Notas

1 Winning hand é um termo do pôker – significa mão vencedora com cartas superiores as demais.

2 Sunderan – decidi desde o inicio não tentar traduzir ou aportuguesar a nacionalidade para não ficar estranho como suderiano, suderinese esse tipo de coisa.

3 Seabane – é uma planta tóxica e venenosa.

4 Carpideiras – mulheres pagas para chorarem em velórios. Ainda hoje existe essa prática.

5 Catfish são tipos de peixe sem escamas. Peixe gato se inclui na classificação.

6 Avó paterno, avô e avó materna. Deixei a tradução exatamente como ela disse, mas o significado é esse.

7 Berries-podem ser amoras, framboesas, groselhas...

8 Vi várias citações da forma como é descrita a folha de um pinheiro, é em formato de agulha.

9 Crutches – muletas, bengala ou apoio – como é de época preferi apoio.

10 Galley-Galera (embarcação) ou a cozinha de um navio

11 Sandstone – pedra de um tom de cor muito bonito. Lembra mármore.

